

Revista Brasileira

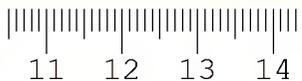
Biblioteconomia e Documentação

26/28

R. Bras. Bibliotecon. e Doc., São Paulo, v. 26/28, 1995/1997



Digitalizado
gentilmente por:



DIRETORIA 1996-1998.

Presidente: Selma Mendes Fontes Sodré

Vice-Presidente: Fátima do Nascimento

Secretária Geral: Shirley Dias da Silva

1ª Secretária: Maria das Graças Gonçalves da Silva

2ª Secretária: Georgiana Gentil Rodrigues

1ª Tesoureira: Felícia Musikman

2ª Tesoureira: Cristina Soares Mathias

Observador legislativo: Maria da Conceição Moreira Salles

Editor: Gracia Paula Rodrigues Akos

Diretor para assuntos de valorização profissional: Marcos Luiz Cavalcante de Miranda

Associações Filiadas:

Associação Paulista de Bibliotecários

Associação Riograndense de Bibliotecários

Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo

Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais

Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal

Associação dos Bibliotecários do Ceará

Associação Campineira de Bibliotecários

Associação Paranaense de Bibliotecários

Associação Bibliotecária do Paraná

Associação Catarinense de Bibliotecários

Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí

Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia

Associação de Bibliotecários do Estado de Mato Grosso

Associação Profissional dos Bibliotecários de Pernambuco

Associação Profissional dos Bibliotecários do Amazonas

Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado do Maranhão

Associação Profissional dos Bibliotecários da Paraíba

Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado do Rio Grande do Norte

Associação Profissional de Bibliotecários de Mato Grosso do Sul

Associação Profissional dos Bibliotecários do Espírito Santo

Associação Profissional de Bibliotecários de Goiás

Associação de Bibliotecários de Rondônia

Associação Profissional dos Bibliotecários de Minas Gerais

COMISSÕES PERMANENTES

Comissão Brasileira de Documentação Agrícola

Comissão Brasileira de Documentação Biomédica

Comissão Brasileira de Documentação Jurídica

Comissão Brasileira de Documentação Tecnológica

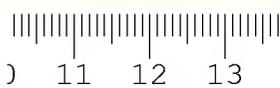
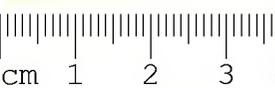
Comissão Brasileira de Documentação em Processos Técnicos

Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares

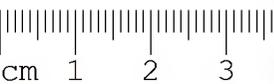
Sub-Comissão Brasileira de Bibliotecas Braille

Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias

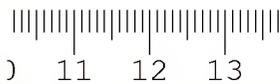
Comissão Brasileira de Documentação em Celulose e Papel

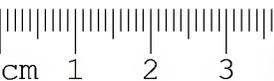


**REVISTA BRASILEIRA DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**
V.26/28

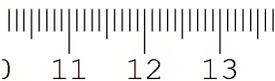


Digitalizado
gentilmente por:





Digitalizado
gentilmente por:

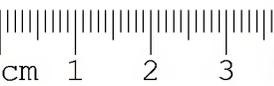


I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE

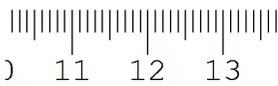
BIBLIOTECAS BRAILLE: OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

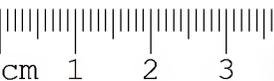
MARÍLIA MESQUITA GUEDES PEREIRA
Organizadora

João Pessoa
UFPB/Editora Universitária
1998

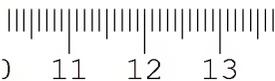


Digitalizado
gentilmente por:





Digitizado
gentilmente por:



ferramentas quando as coisas não saem certas." Um pouco mais tarde dirigi a conversa para os problemas gerais de mobilidade, e ele se queixou de que sua vista deficiente o fazia tropeçar nas coisas ao seu redor. Disse-lhe: "Um bom carpinteiro não põe a culpa nas ferramentas quando as coisas não saem certas." Ele me perguntou o que eu queria dizer com aquilo, e eu respondi que se ele queria fazer um bom trabalho ao caminhar, com segurança, precisaria usar a ferramenta correta para o trabalho. Ele disse que entendia o que eu pensava sobre o assunto.

A palavra "bengala" nunca foi mencionada. Na visita seguinte o Sr. H, pediu orientação e treinamento para se locomover com uma "ferramenta para se movimentar para toda parte."

A reformulação/reconstrução se efetuou ao se ligar o problema (Sr. H cria que o uso de uma bengala o tornaria um aleijado) a um contexto altamente valorizado (ferramentas). A própria lógica do Sr. H (anedota) foi usada para atingir o objetivo e dar-lhe uma nova perspectiva de "bengala" como um instrumento valorizado.

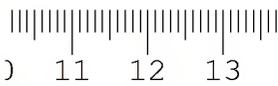
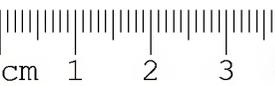
O caso seguinte ilustra o uso de intervenção metafórica a nível de identidade.

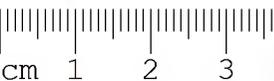
Sr^a G

Sr^a G, de 86 anos, ainda era forte, apesar de sofrer de câncer e ter passado por quimioterapia e, mais recentemente, cegueira. Ficou viúva recentemente, depois de 60 anos de casamento e de ter criado oito filhos adotivos. Vivia em uma cadeira de rodas, sozinha, no interior.

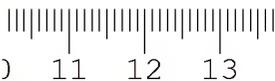
Foi uma boa aluna mas trabalhou muitíssimo e terminou internada em um hospital, várias vezes, com estafa própria de uma síndrome de pós-pólio. Enquanto falávamos sobre isto, e da necessidade dela de diminuir o seu ritmo de trabalho, a Sr^a G. começou a xingar o seu próprio corpo, referindo-se a ele como "um bocado de lixo". Mais tarde conversamos sobre coisas que ela valorizava e ela me contou como os seus amigos foram maravilhosos, visitando-a e ajudando-a. Ela disse que no interior as pessoas sempre se ajudam, e que ser amigo é tão importante quanto se ajudar um amigo.

Eu disse, "Sim, você tem o direito de ser grata aos amigos; você tem lutado muito na vida e os amigos estão aí, para ajudá-la, do mesmo modo como você os tem ajudado." Ela concordou, com certeza. Então eu





Digitalizado
gentilmente por:



orientação, mobilidade e colocação em empregos, também. Há provas de que as metáforas são destinadas a fins educacionais, para estudantes que apresentem problemas de aprendizagem, e que podem ser úteis na introdução de novos conceitos matemáticos e gramaticais, sem provocarem os antigos resultados desestimuladores (Kline, 1988).

A coleta de dados e as pesquisas dos métodos aplicados deveriam ser uma parte integral do uso de metáforas como um instrumento terapêutico, no campo de reabilitação de crianças e adultos com deficiência visual.

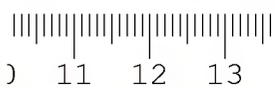
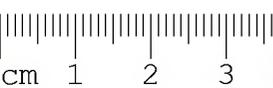
BIBLIOGRAFIA

COMBS & FREEDMAN, J. (1990) *Symbol, story and ceremony: using metaphor in individual and family therapy*. New York: W. W. Norton.

DILTS, R (1990). *Changing belief systems with NLP*, Cupertino, CA: Meta Publications.

GORDON, D. (1978). *Therapeutic metaphors*. Cupertino, CA: Meta Publications.

ROBERTS, A. H. (1984). *Bibliotherapy: a technique for counseling blind people* *Journal of Visual Impairment & Blindness*, 78, 197-199.

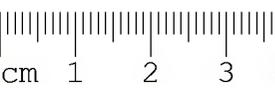


APRESENTAÇÃO

Os serviços para portadores de deficiência visual nas Bibliotecas sobrevivem, no Brasil, mais às custas de esforços pessoais de bibliotecários, funcionários e voluntários do que do apoio de órgãos governamentais, seja federais, estaduais ou municipais. Da mesma forma, o primeiro SENABRAILLE também nasceu do idealismo de um grupo de bibliotecários e frutificou graças à persistência, perseverança e audácia de sua Presidente MARÍLIA MESQUITA GUEDES PEREIRA que contou com o apoio da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB, do Escritório Regional da Federação Internacional de Bibliotecas e Instituições IFLA/LAC, e do Ministério de Educação e Desportos - MEC.

Quando aqui se fala em audácia, compreende-se verbas que prometidas antes da realização do evento que não se efetivaram, sendo que as mesmas foram concedidas algum tempo após o Seminário, o que causou não poucas preocupações aos seus organizadores. Após muitos esforços, foi conseguida aprovação de projeto que possibilitou a publicação destes Anais que consideramos, no momento, no Brasil, como das mais importantes fontes para o conhecimento e desenvolvimento das assim chamadas Bibliotecas Braille.

Um dos objetivos do Seminário, a troca de experiências, para aplicação, em outros locais, de projetos bem sucedidos, podem ser alcançada com a visão dos trabalhos: em Minas Gerais, das Bibliotecas Públicas Luiz Bessa de Belo Horizonte e da de Contagem, entre eles. A integração do deficiente visual à Universidade Federal de Minas Gerais, da Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina identificando o deficiente visual da grande Florianópolis, do Distrito Federal, em Taguatinga com o projeto Luz e Autor, com a integração do escritor com o deficiente visual; a produção do livro infanto-juvenil pela Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo, e, do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB.



Digitalizado
gentilmente por:



CALOUROS UNIVERSITÁRIOS INCAPACITADOS E NÃO-INCAPACITADOS: MAIS SEMELHANÇAS DO QUE DIFERENÇAS *

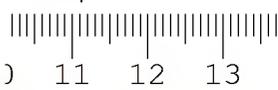
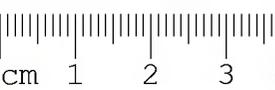
O número de estudantes universitários com incapacidade tem aumentado substancialmente nos últimos anos e na maioria das áreas suas atuações e preocupações são semelhantes àquelas de seus colegas não-incapacitados, de acordo com uma pesquisa feita pelo American Council on Education (Conselho Americano de Educação). Quase 1 em 11 de todos os calouros com tempo integral (8,8%) matriculados na Universidade, em 1991, declararam ter um tipo de incapacidade - um aumento considerável desde 1978, quando a proporção era de 1 em 38, ou 2,6 por cento.

COMPARAÇÕES

Ambos os grupos, os incapacitados e os não-incapacitados, apresentavam semelhanças nas proporções que mostravam quais eram os membros de minorias étnicas, nas proporções daqueles cujos pais viviam juntos e naquelas em que os pais eram separados ou divorciados. O nível educacional dos pais dos dois grupos também era semelhante. Igualmente se assemelhava à média de salário dos pais. Contudo, os alunos incapacitados tendiam a pertencer a famílias de renda mais baixa.

As experiências da escola secundária dos alunos incapacitados eram semelhantes às dos outros. A maioria havia freqüentado escolas públicas, mas uma percentagem menor de incapacitados tinha conseguido média A, e uma grande proporção havia conseguido as médias B e C. Os

* Reproduzido com permissão do JOURNAL OF VISUAL IMPAIRMENT AND BLINDNESS, publicado pela AMERICAN FOUNDATION FOR THE BLIND, situada no endereço 15 West 16th Street, New York 10011.



A divulgação de novas tecnologias e de recursos disponíveis para o desenvolvimento dos serviços foi efetuada pelas apresentações: da RENDE/USP - Rede eletrônica de informação; do Disque Braille/USP - Catálogo coletivo do Estado de São Paulo; Videotexto; Serviço de Doação e Biblioteca da Fundação Dorina Nowil - composição eletrônica, ou, edição através de disquetes das editoras; Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ - DOSVOX; e experiências de automação. Os trabalhos apresentados constituem parte importante desta obra.

Vários órgãos governamentais apresentaram suas políticas para o fomento das Bibliotecas Braille, entre eles a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e Desporto e FAE - Fundação de Assistência do Estudante, a isenção de taxas de Correios e Telégrafos do Estado da Paraíba.

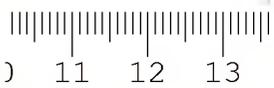
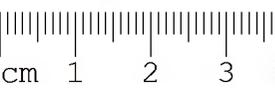
Fazendo-se necessário, também, no Brasil a doação da técnica biblioterapêutica, atitude mais eficiente e eficaz de proporcionar aos deficientes visuais (crianças e adultos) que perderam a visão, a sua reabilitação, contribuindo dessa forma para a melhoria das condições de adaptação a uma nova realidade os conferencistas americanos Garry e Jane Bowman apresentaram a experiência, na área, no estado de Illinois.

A informação e sua importância na luta pela cidadania foi objeto de mesa redonda, com a conferência base transcrita nos Anais.

Os serviços prestados pelo Clube da Boa Leitura, Rio de Janeiro, uma experiência única de um trabalho de grande valor Sócio-Cultural desenvolvido exclusivamente por voluntário foi apresentado por sua presidente e também está aqui incluído como modelo de atividade para a leitura ao portador de deficiência visual.

Uma análise sucinta da situação dos serviços existentes foi feita com base nos levantamentos efetuados pelo Serviço Braille - UFPB e Biblioteca Braille - São Paulo. A apresentação dos resultados destes levantamentos sobre a situação das bibliotecas e seus serviços indicará suas deficiências e foi objeto de discussões que se espera venham a redundar na adoção de medidas eficazes para o seu aperfeiçoamento.

Estão ainda incluídos nos Anais, o discurso de abertura pela presidente do Seminário, o Relatório Geral, elaborado por Elizabet Maria Ramos de Carvalho, gerente do Escritório Regional, IFLA/LAC e as Recomendações finais, aprovadas em plenário. O relatório final do



incapacitados tinham menos oportunidades de serem eleitos para os cargos de honra das sociedades acadêmicas.

Os motivos mais numerosos apontados pelos estudantes, para ingresso na Universidade, foram os mesmos para ambos os grupos. Mas os incapacitados deram mais peso a outros três motivos do que os outros alunos: o desejo de melhorar a habilidade de leitura/de estudos, o desejo de sair de casa e a dificuldade de achar um emprego. Três características sobre a escolha de uma Universidade foram mais significativas para os incapacitados do que para os seus pares: a oferta de programas especiais, aconselhamento por orientadores e conselhos emitidos por parentes.

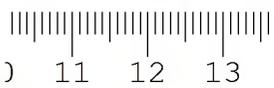
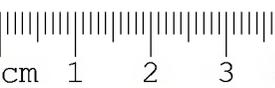
Os incapacitados eram considerados como aqueles que levariam mais tempo para atingir os seus objetivos educacionais. Também eram apontados como aqueles que mais provavelmente completariam um doutorado. O interesse por títulos profissionais era o mesmo nos dois grupos. Os incapacitados eram um pouco menos otimistas quanto ao seu sucesso futuro em acharem emprego em suas áreas específicas.

Uma proporção menor de incapacitados se auto-classificaram como acima da média em auto-confiança social e intelectual e em desempenho acadêmico; contudo, um percentual maior se identificou como aqueles que estão acima de média em habilidades mecânicas e artísticas.

Em muitas respostas recentes, as lacunas em relação a gênero eram mais amplas que as diferenças relacionadas a status de incapacidade. Por exemplo, tanto as mulheres incapacitadas como as não-incapacitadas eram mais passíveis de pertencerem a um grupo minoritário e serem mais velhas do que os homens. Elas também tendiam a obter notas mais altas na escola secundária, a pertencerem a uma família com apenas um dos pais, a freqüentarem uma faculdade que ficasse mais perto de suas casas, a virem de famílias de renda mais baixa e de receberem crédito educativo do governo federal.

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

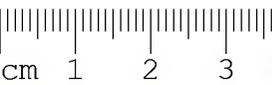
Aproximadamente um quarto (25,2%) dos calouros com deficiência declararam-se cegos, ou portadores de deficiência visual, o



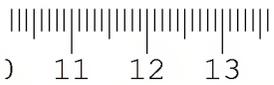
Seminário com resultados obtidos e as recomendações emanadas das discussões poderão servir de base para um plano de ação a nível nacional dos serviços de Bibliotecas para portadores de deficiência visual.

Um dos objetivos do Seminário foi a divulgação dos serviços prestados visando sensibilizar não só as autoridades governamentais, mas toda a sociedade quanto à necessidade de bibliotecas especializadas bem equipadas que agilizem o processo de comunicação da informação para seus usuários e esperamos que a publicação dos seus Anais venha a representar um grande passo neste sentido.

MAY BROOKING NEGRÃO
VICE-PRESIDENTE, I SENABRAILLE
ASSESSORA DO COMITÊ PERMANENTE IFLA/LAC.



Digitalizado
gentilmente por:



que os tornou o maior grupo, seguido de perto pelo grupo de estudantes, que apresentaram deficiências de aprendizagem, que perfaziam 24,9%. Em vários aspectos, os deficientes visuais eram os que mais se destacavam, em média. Eram mais capazes que os outros alunos, incapacitados ou não, por terem conseguido média A na escola secundária e por terem tido um membro de honra em uma sociedade acadêmica da escola secundária, entre os seus. Dentre os que eram portadores de incapacidade, os deficientes visuais estavam entre os que estariam freqüentando uma Universidade pelo período de quatro anos e que se classificavam como os que estavam acima da média, ou os que apresentavam os mais altos índices de habilidades acadêmicas e matemáticas e de saúde emocional. Eles eram os que menos precisavam de supervisão de tutores ou de trabalho suplementar, para sanar as dificuldades, e os que apresentavam o mínimo de incapacidade.

Para maiores informações, consultar "COLLEGE FRESHMEN WITH DISABILITIES: a statistical profile." (Calouros universitários com incapacidades: um perfil estatístico). Cópias podem ser oferecidas a \$ 10 cada, no Conselho Americano sobre Educação, Departamento FD, One Dupont Circle, Washington, DC 20036; 202-939-9320 ou 202-833-4760.

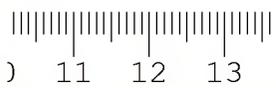
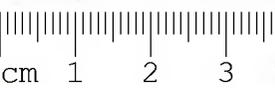
Material para ser distribuído no Curso de Psicologia Social.

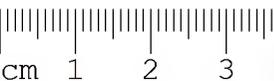
GUIA DE AVALIAÇÃO FUNCIONAL - CSVH

Nesta seção estamos tratando dos problemas funcionais do estudante, relativos à perda da visão e de algumas soluções para esses problemas.

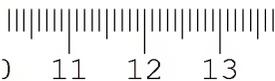
A adaptação emocional e física a uma deficiência visual estão tão inter-relacionadas que não podem ser separadas, a não ser com o objetivo de discussão.

A reabilitação de uma pessoa com deficiência visual envolve tanto as adaptações físicas quanto as reações emocionais por todo o processo. Seria difícil, na verdade, desenvolver um forte sentido de autoconfiança, para se lidar com situações pessoais, sociais e econômicas,





**Digitalizado
gentilmente por:**



sem as habilidades da comunicação escrita, orientação, locomoção, atividades da vida diária, etc.

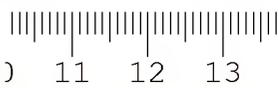
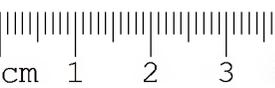
Por outro lado, uma pessoa, que não se sente plenamente confortável com sua deficiência visual, freqüentemente passa por stress emocional ao aprender a usar as habilidades da adaptação que a identifiquem como uma pessoa portadora de deficiência visual. A redução do stress emocional, criado pela perda da visão, pode facilitar a aprendizagem de habilidades de adaptação, e o sucesso no uso dessas habilidades pode facilitar a adaptação emocional à perda da visão. Como consequência, o professor de reabilitação deverá ser flexível ao assistir o estudante no seu trabalho de relacionar a discussão de técnicas de adaptação com as áreas de entrosamento emocional e social, quando da perda de visão, já apresentadas na seção anterior sobre reações emocionais à perda da visão.

A) ORIENTAÇÃO E LOCOMOÇÃO

Neste seção as questões têm como objetivo ajudar a identificar alguns dos sentimentos que limitam a aquisição e o uso das técnicas de orientação e locomoção pelos alunos. A fim de facilitar a instrução, pode haver a necessidade de uma discussão realista das preocupações dos estudantes. Por exemplo, quando alguém se perde, há a sensação esmagadora de não se estar no controle das coisas (por exemplo, medo). O instrutor poderia perguntar qual é a pior coisa que pode acontecer numa situação dessas. Depois que o estudante tivesse expressado suas preocupações, o professor poderia sugerir estratégias gerais que incluiriam o escutar para ouvir indícios auditivos e o mover-se vagarosamente, enquanto se faria uso de técnicas de proteção, até que se localizasse o conhecido ponto de referência.

NOTA DA TRADUTORA

A letra (I) que aparece ao lado das questões, que aparecem a seguir, significa IDENTIFICAÇÃO, e o (S), SOLUÇÃO.



**I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE
I SENABRAILLE**

JOÃO PESSOA, 18 A 20 DE OUTUBRO DE 1995

TEMA CENTRAL

BIBLIOTECAS BRAILLE: OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE: MARÍLIA MESQUITA GUEDES PEREIRA

VICE-PRESIDENTE: MAY BROOKING NEGRÃO

RELATORA GERAL: ELIZABET MARIA RAMOS DE CARVALHO

COMISSÃO DE SECRETARIA:

COORDENADORA: MARIA DE FÁTIMA COSTA

COMISSÃO DA SESSÃO DE POSTERS:

COORDENADORA: MARIA DO SOCORRO AZEVEDO

FELIX FERNANDES VASQUEZ

COMISSÃO DE CURSOS:

COORDENADORA: MARIA DO CARMO DE LIMA

COMISSÃO EDITORIAL:

COORDENADORA: MARÍLIA MESQUITA GUEDES PEREIRA

MARTHA MARIA BARRÊTO DE OLIVEIRA

COMISSÃO DE HOSPEDAGEM E ATIVIDADES SOCIAIS:

**COORDENADORA: GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E
SILVA**

COMISSÃO DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS:

COORDENADOR: TIMOTHY IRELAND

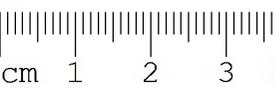
CONSULTORIA: JOSÉ ELIAS BARBOSA BORGES

MAY BROOKING NEGRÃO

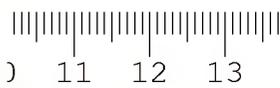
MARIA DO SOCORRO AZEVEDO FELIX

F. VASQUEZ

ANA MARIA GONÇALVES DOS SANTOS PEREIRA



Digitalizado
gentilmente por:



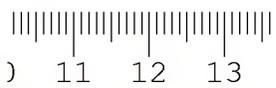
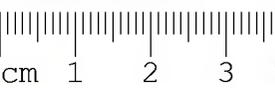
Por outro lado, o estudante pode se sentir auto-consciente e excessivamente dependente, quando estiver usando um guia com visão. Depois de ter especificado o problema, o professor pode verificar se as técnicas corretas estão sendo empregadas pelo estudante, e sugerir que a técnica usada possa ser integrada à auto-imagem. A sugestão de carregar uma bengala, enquanto se faz uso de um guia com visão, deixaria claro, para o público, que há a necessidade de segurar o braço do outro e também, de diminuir as preocupações do guia com visão e/ou da pessoa com deficiência visual.

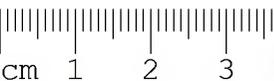
1. Você tem dificuldade em se movimentar dentro de sua casa sem ajuda? (I)
2. Alguma vez você se sente perdido, ou desorientado na sua casa ou vizinhança? (I)
3. Para onde você gosta de ir e para onde você tem que ir com uma pessoa que tem visão? (I)
4. Como você chegou lá? (I)
5. Como você chega aonde você quer ir agora? (I)
6. Gostaria de aprender algumas técnicas de adaptação que lhe possibilitariam locomover-se em sua casa, vizinhança e comunidade? (S)
7. Como se sente quando anda na companhia de uma pessoa com visão? (I)
8. Como se sente ao usar os acessórios de locomoção, tais como bengala ou um cão-guia? (I)

B) CONDOTA PESSOAL

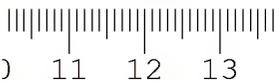
A inabilidade em realizar tarefas de conduta pessoal tende a criar sentimentos de dependência e pouca auto-estima. Aprender as técnicas de conduta pessoal freqüentemente elimina esses sentimentos e pode promover a auto-confiança e motivação para aprender outras habilidades de adaptação.

1. Sua perda de visão lhe provocou dificuldades para comer, tais como localização da comida, cortar carne, derramar bebidas,





Digitalizado
gentilmente por:



despejar líquidos, deixar cair comida sobre a mesa ou na sua roupa? (I)

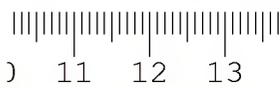
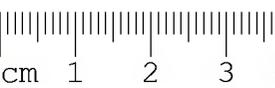
2. Tem dificuldade em identificar e fazer combinar as suas roupas? (I)
3. A sua visão deficiente interfere com o seu uso de cosméticos, com o fazer a barba, cuidados com os cabelos, ou cuidado com as unhas? (I)
4. Tem dificuldade em identificar moedas ou papel-moeda? (I)
5. Tem dificuldade em encontrar itens pessoais, tais como: escova de dentes, chaves de portas, remédios, jóias, e documentos importantes? (I)
6. Acha que há meios de superar essas dificuldades? (S)
7. Gostaria de ter ajuda para achar soluções para estes problemas? (S).
- 8.

C) COMUNICAÇÕES ESCRITAS

c) COMUNICAÇÕES ESCRITAS

Inicialmente o estudante pode se sentir incapaz de escrever à mão, e que aprender a escrever à máquina parece uma possibilidade remota, principalmente se a pessoa não sabia datilografia antes, quando tinha visão. Até mesmo depois de introduzidas as técnicas de escrita manual, o estudante pode sentir que sua escrita não é legível e que não reflete a sua personalidade, como antes. O ensino de técnicas e a retroalimentação proveniente da família ajudam a suscitar confiança e habilidade na área da expressão escrita. Poderia se sugerir que na área de datilografia o datilógrafo não olha para o teclado, habitualmente.

1. Tem dificuldade em escrever a sua assinatura? (I)
2. Quando tinha visão, você se correspondia escrevendo à mão ou à máquina? (I)
3. Como você se comunica com parentes e amigos agora? (I)
4. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe ajudassem a desenvolver estas habilidades? (S).



AGRADECIMENTOS

“Não se trata de saber o que a Nação pode fazer por nós, mas sim, o que cada um de nós do mais insigne ao mais humilde, pode fazer pela nação...”

John F. Kennedy

Neste espaço, registro as inúmeras contribuições recebidas, com as quais fomos privilegiadas, durante a realização do I SENABRAILLE, variando em seu caráter, extensão e intensidade, cada uma delas tornando-se pertinente e relevante e, em sua peculiaridade, foi absolutamente indispensável.

Instituições:

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ministério da Educação e Desportos, pelo suporte financeiro, permitindo viabilizar esta publicação através do convênio nº 00005737/96, FNDE/UFPB.

Vice-Presidência da República.

OEA - Organização dos Estados Americanos.

Ministério das Relações Exteriores - Agência Brasileira de Cooperação

IFLA / LAC

UNESCO

Ministério da Cultura

SEBRAE

FUNCETI - Fundação de Tecnologia Industrial da Paraíba

FAPESQ - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba

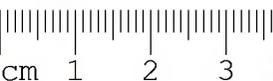
FBN - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.

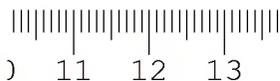
APBPb - Associação de Bibliotecários da Paraíba

CRB/4 - Conselho Regional de Biblioteconomia

UBC/ULAC-União Brasileira de Cegos/ União Latino-Americana de Cegos.



Digitalizado
gentilmente por:



D) BRAILLE

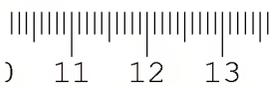
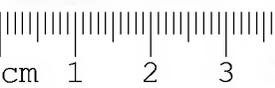
Estas perguntas exploram as possibilidades do uso de Braille como um substituto parcial da palavra impressa, e a reação do estudante à idéia de aprender Braille, assim como sua reação aos sentimentos dos amigos em relação a este assunto. O professor precisa estar consciente das preocupações em potencial dos estudantes, quanto ao uso de Braille, tais como: auto-percepção, sentimentos de isolamento, de ser diferente, ou sentir-se separado daqueles que têm visão; e o tempo envolvido na aprendizagem de Braille.

1. De que modo você usava o material impresso, ou manuscrito, quando você enxergava? (I)
2. Que acha de usar Braille como um substituto parcial para a escrita impressa? (S)
3. Você se sente auto-consciente ao usar os meios tácteis de leitura e de escrita? (I)
4. Como a sua família e seus amigos se sentiriam ao saber que você estava aprendendo Braille?

E) TAREFAS DOMÉSTICAS

Neste assunto, como em todas as outras áreas, o conhecimento das atividades do estudante antes da perda da visão vão orientar e dar ênfase ao planejamento do programa de reabilitação. Ocasionalmente a perda da visão causa uma alteração de papéis nas responsabilidades domésticas. Em tais casos, a aprendizagem de habilidades básicas e de adaptação na administração dos assuntos domésticos pode ser indicada. Em casos de troca de papéis (tais como o do mantenedor passar a fazer as tarefas do lar) o professor poderia perguntar como ele se sente com a mudança de papéis.

1. Quando você tinha visão você preparava as refeições, limpava, engomava, etc? (I)
2. Como uma pessoa com visão deficiente, você tem dificuldade em fazer as tarefas mais simples, do dia-a-dia, tais como:



LIGHT IFOCON TECNOLOGIA LTDA
VARIG
EBSCO Brasil Ltda.
SWEETS - Serviço para Bibliotecas Ltda.
APOIO TUR - AGÊNCIA OFICIAL
PB-TUR
ALCATEL TELECOMUNICAÇÕES / São Paulo
TELPA - Telecomunicações da Paraíba
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA PARAÍBA
GOVERNO DO ESTADO - CHEFIA DE GABINETE
ÁTICA EDITORA / Rio de Janeiro
UFPB - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITORIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ASSESSORIA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS
BIBLIOTECA CENTRAL

Agradecimento para as seguintes pessoas:

Profª Marilene Ribeiro dos Santos, Secretária de Educação Especial do MEC.

Profª Marilene Pedrosa, Gerente de Projetos da SEESP / MEC.

Profª May Brooking Negrão, Assessora do Comitê Permanente da IFLA / LAC.

Prof. José Elias Barbosa Borges - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB.

Cecília Malaguti - Gerente de Projetos da OEA junto ao Ministério das Relações Exteriores.

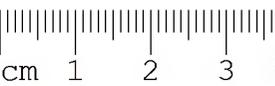
Antonio Barbosa - Assessor Técnico da Vice-Presidência da República.

João Carlos Gomes Ribeiro - Presidente da FEBAB (1993-1995).

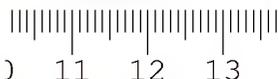
Profª Selma Mendes Fontes Sodré - Presidenta da FEBAB (1996 - 1998).

Profª Rosa Maria Godoy da Silva - Pró-Reitora de Pós-Graduação (Reconhecimento especial).

Paulo da Silva Chagas - Bibliotecário do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB.



Digitalizado
gentilmente por:



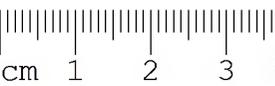
despejar líquidos, enfiar linha na agulha, forrar a cama, etc?
(I)

3. Como se sente, tendo perdido o seu papel de uma pessoa que faz as coisas dentro de casa? (I)
4. Os outros membros da família temem por sua segurança quando você faz algum conserto? (I)
5. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe permitissem fazer alguns consertos em casa? (S)

F) ATIVIDADES DAS HORAS DE LAZER

Alguns dos objetivos das atividades de lazer são: alcançar a sensação de se ter conseguido sucesso, aprender a reunir informações fornecidas pelo tato, e recuperar a finesse e a aceitação sociais. Nessas atividades de lazer, preocupamo-nos com dois tipos de funções; atividades individuais, tais como artesanato, e atividades sociais, tais como boliche ou jogos de cartas. Ao planejar um programa de hora de lazer o instrutor deve explorar juntamente com o seu aluno, os tipos de recompensas pessoais e sociais que são esperadas como decorrentes dessas atividades. Desde que muitas dessas atividades são consideradas sociais por natureza, o instrutor poderá recorrer à seção F, sobre a Avaliação das Respostas emocionais aos Cegos.

1. Como uma pessoa que podia enxergar você gostava de algumas atividades sociais tais como dançar, jogar boliche, jogar baralho e outros jogos? (I)
2. Prefere atividades individuais, físicas, tais como tricotar, fazer crochê, ou brincar num caça-níqueis? (I)
3. Você gostava de atividades físicas, como ciclismo, caminhada, natação ou equitação? (I)
4. Estaria interessado em ser informado sobre as partidas e jogos esportivos em que pessoas com deficiência visual podem participar, e na realidade participam? (S)



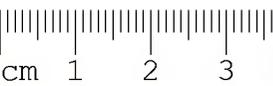
Babyne Neiva Gouvea Ribeiro - Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFPB.

Prof. Timothy Ireland - Assessor de Assuntos Internacionais.

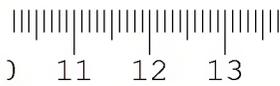
Às bibliotecárias Maria do Socorro Azevedo Felix F. Vasquez, Ana Maria Gonçalves dos Santos Pereira e Maria do Carmo Souza de Lima.

Aos conferencistas e debatedores.

E, especialmente, aos alunos do Curso de Biblioteconomia da UFPB. Maria de Lourdes Neta, Alba Lúcia de Almeida, Irene de Lima Jorge, Maria Meriane Vieira Ponce Leon e Josenildo Costa.



Digitalizado
gentilmente por:



5. Quais eram os seus passatempos quando você enxergava, e ainda se dedica a eles? (I)
6. Estaria interessado(a) em retomar passatempos anteriores ou aprender novos? (S)

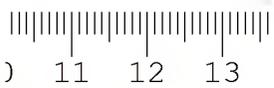
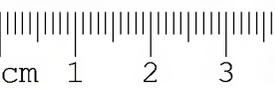
G) CONSERTOS EM CASA

A maioria das pessoas, em alguma ocasião, precisam de ter habilidades básicas para fazer consertos em casa, como trocar lâmpadas ou apertar trincos. A inabilidade nesta área pode produzir sentimentos de inferioridade e de dependência. Uma auto-imagem positiva e sentimentos de independência são, até certo ponto, recuperados quando uma pessoa domina as técnicas de adaptação nesta área.

1. Você trocava lâmpadas, substituía fios, pendurava quadros, etc? (I)
2. Quando é preciso, como você realiza estas tarefas agora, como uma pessoa que não vê? (I)
3. Quando está fazendo reparos em casa você tem medo de se ferir? (I)
4. Os membros de sua família temem pela sua segurança quando você faz reparos em casa? (I)
5. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe permitissem fazer consertos em casa? (S)

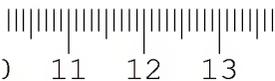
H) USO DE UMA VISÃO PARCIALMENTE DEFICIENTE

Muitas pessoas, com a visão deficiente, ainda têm um pouco de visão funcional. Eles se dão melhor com métodos visuais de funcionamento, e preferem continuar a realizar tarefas fazendo uso intensivo da visão. A fim de conseguir isto, é importante para o indivíduo compreender os princípios básicos de ampliação e aceitar o uso de técnicas de adaptação para o uso de visão restante. É um engano crer-se que uma pessoa que usa óculos vá ter condições de fazer as coisas do



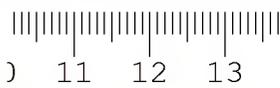
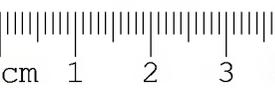


Digitalizado
gentilmente por:



mesmo modo que fazia antes de perder a visão. A velocidade na leitura, a paciência, e a distância em que o material que se está lendo, fica, do rosto, são aspectos que freqüentemente são afetados quando se faz uso da ampliação. O uso de materiais e de técnicas para a visão curta precisa estar associado à realização de tarefas específicas.

1. Gostaria de aprender a usar a sua visão restante para fazer coisas que você fazia antes? (I)
2. Em que a ampliação lhe ajuda a fazer coisas em casa e no trabalho? (S)
3. A sua aparência, enquanto você está usando recursos ópticos, lhe causa preocupação? (I) Se preocupa em ser visto(a) como sendo uma pessoa diferente, ao usar esses recursos? (I)
4. Está sentindo vontade de mudar seu modo de fazer as coisas, a fim de se adaptar à sua deficiência visual? (S)
5. Está com vontade de aprender a usar lentes de aumento (lupas), mesmo que este método para ler possa parecer mais difícil e que lhe faça parecer diferente? (S).



DISCURSO

Exmo. Senhor representante do Governo do Estado da Paraíba,
Dr. José Maranhão

Representante do Magnífico Reitor da Universidade Federal da
Paraíba, Jáder Nunes de Oliveira

Demais autoridades presentes

Prezados colegas, Senhores e Senhoras

Muitas mãos embarcaram na aventura do I SENABRAILLE onde procuramos vencer os desafios para realizar um evento de grande relevância para os portadores de deficiência visual.

Desejamos a todos os participantes uma convivência feliz durante as atividades programadas.

Navegar é preciso, viver dignamente é preciso!

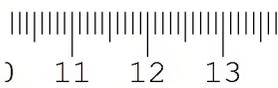
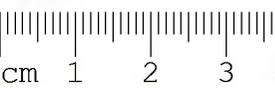
Esperamos desta maneira que este momento seja bastante significativo para todos, principalmente para os portadores de deficiência visual e os que trabalham em prol dessa categoria.

João Pessoa preparou-se com alegria para recebê-los. Em nome da hospitalidade damos as boas-vindas.

O I SENABRAILLE é o evento onde pela primeira vez no Brasil serão discutidos problemas referentes aos serviços de Bibliotecas para os portadores de deficiência visual.

Nessa ocasião serão tratados assuntos tais como: produção de livro infantil; gravação em fita de livros e revistas; novas tecnologias/uso de computadores; Biblioterapia, políticas de fomento para essas bibliotecas e/ou Setores Braille; importância da informação na luta pela cidadania e, finalmente, Bibliotecas Universitárias, investindo em Serviços Braille, nas Bibliotecas Públicas, oferecendo dessa forma serviços de extensão à comunidade local.

Precisamos romper a estigmatização de que são vítimas os deficientes visuais em razão da ignorância da sociedade em entendê-los e do descaso das autoridades e elites educacionais em atendê-los.



GUIA DE AVALIAÇÃO DE ACONSELHAMENTO - CSVH

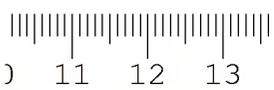
*Departamento de Serviços de Reabilitação de Illinois
7 de junho de 1994*

INTRODUÇÃO

Desde o advento do ensino de reabilitação têm ocorrido mudanças sutis no conceito do processo de instrução todo. Nos últimos anos, a direção do Bureau of Blind Services (Agência de Serviços para Cegos) tem se dedicado a definir o fator de aconselhamento que é inerente ao programa de instrução. Nossos pioneiros no campo do ensino de reabilitação ensinaram comunicações, artesanato, e algumas técnicas de locomoção. Estamos conscientes de que a relação estudante-instrutor também constitui uma oportunidade de aconselhamento. Cremos que a instrução e o aconselhamento se entrelaçam para formar o processo de ensino de reabilitação.

Quando se leva em consideração alguns dos elementos de aconselhamento, deve-se ter sempre em mente que o escutar com eficiência é essencial. Os estudantes em perspectiva podem sentir a necessidade freqüente de falar sobre eles próprios. Essa é uma oportunidade para falarem, com detalhes, sobre as circunstâncias que cercaram a perda da visão, tais como; a extensão da acuidade visual e perda do campo de visão, relacionamento com o oftalmologista, reação da família e dos companheiros, e as dificuldades encontradas no fazer das atividades diárias.

Estas descrições podem fornecer dados importantes para se avaliar as necessidades e para planejar o programa de aconselhamento para adaptação. Por meio de discussões, o estudante pode reconhecer que o instrutor/conselheiro pode ajudar a resolver seus problemas. Eles devem se sentir seguros quanto ao interesse demonstrado pelo conselheiro em solucioná-los. Um outro fator importante, para que se estabeleça um relacionamento favorável para a avaliação e o planejamento, é um clima harmonioso de solidariedade.



Tem a Biblioteca o compromisso social de mostrar as comunidades a importância de servir como elo aglutinador aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Além do seu compromisso natural com a informação, cultura e lazer, devendo o Bibliotecário ser um elemento vivo no processo de democratização do País.

Sua função social é de valorizar as pessoas enquanto indivíduos e seres humanos demonstrando-lhes interesse e indicando como se sentem, fortemente a ajudá-los, sempre com compreensão e preocupados pelos seus sentimentos, sem avaliações precipitadas às declarações do outro.

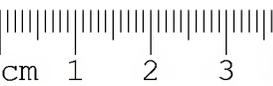
É ele o elemento mediador e catalisador desse diálogo da ação biblioterapêutica.

A nossa Constituição é bem clara quando afirma “informação é direito de todos”.

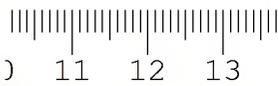
Muito obrigada pela atenção.

Marília Mesquita Guedes Pereira

João Pessoa / PB - outubro de 95.



Digitalizado
gentilmente por:



Isto pode ser feito/alcançado pela demonstração de preocupação genuína com o indivíduo.

A habilidade dos instrutores em reconhecerem os problemas, para os quais não estão profissionalmente equipados para tratar, é um elemento essencial no processo de avaliação.

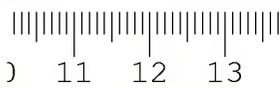
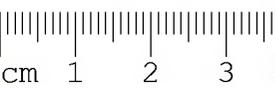
Este capítulo apresenta questões que facilitam a identificação de problemas de adaptação, enfrentados por uma pessoa que experimentou a perda da visão, e o desenvolvimento de um plano para tratar destes problemas. As perguntas, ou questões (identificadas com um "I", para identificação, e com um "S" para solução) podem, ou não, ser aplicáveis, dependendo da situação de cada estudante, individualmente. As perguntas são de natureza exploratória e são apenas roteiros que podem ser expandidos pelo instrutor.

AValiação DA RESPOSTA EMOCIONAL À PERDA DA VISÃO

As pessoas que têm visão recebem aproximadamente cinqüenta imagens visuais por segundo, as quais elas usam para orientá-las no desempenho de suas atividades físicas e sociais. A falta total ou parcial destas imagens visuais causa ruptura no funcionamento físico, e essa é geralmente acompanhada de stress emocional. Nesta seção estamos basicamente preocupados com os sentimentos da pessoa, em relação à sua deficiência visual. As perguntas explanatórias que se seguem podem ajudar, se esses sentimentos interferem ou aumentam a aprendizagem de habilidades pessoais e sociais.

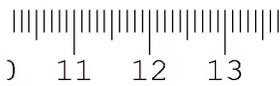
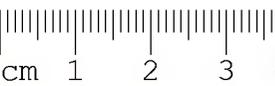
A. ATITUDES

Estas perguntas têm como objetivo assistir o indivíduo na identificação de atitudes em relação a eles próprios, como pessoas que são, portadoras de deficiência visual, e que podem limitar suas opções para se ajustar à perda da visão. Se uma pessoa determina que essas atitudes são permitidas para limitar as opções de se lidar com a perda da visão, o conselheiro de adaptação da cegueira pode precisar de avaliar a



SUMÁRIO

- 23 Conferência de Abertura do I SENABRAILLE
- 33 *Instituições Governamentais: Política de Fomento para Bibliotecas e/ou Setores Braille.* - Prof^ª Marilene Ribeiro dos Santos - Secretária de Educação Especial - MEC
- 36 *Isenção da taxa de correio para remessa em Braille* - Manoel Teixeira Neto - Assessor Técnico Regional da Paraíba
- Mesa Redonda 01
- 42 *Novas Tecnologias (Uso do Computador para os portadores de Deficiência Visual) RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de Deficiência* - José Valter Arcanjo de Ponte - Gerente de Rede da RENDE/USP/CECAE
- 43 *DISQUE BRAILLE/USP - Serviços de Bibliotecas e Documentação da Faculdade de Educação da USP* - Raimunda Miguelina Alves Flexa - Bibliotecária
- 49 *Automação no Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB* - Eduardo José da Silva Henriques - Especialista em Videotexto Marília Mesquita Guedes Pereira - Bibliotecária Serviço Braille BC/UFPB
- 59 *Experiência da Automação na produção livros em braille na Fundação Dorina Nowill para cegos/São Paulo* - Eng^o Minoro Nagahashi - Prof^ª Maria Cristina Godoy Cruz Felipe
- 67 *Experiência de Automação no Instituto Benjamin Constant* - Prof^ª Luzimar Alvino Sombra
- 69 *Acesso do deficiente visual ao livro escrito através do sistema DOSVOX* - Prof. José Antônio Borges - Núcleo de Computação Eletrônica/UFRJ



validade dessas atitudes e desprezar aquelas que interferem na realização de objetivos e aspirações.

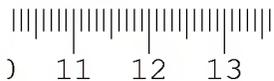
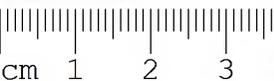
1. O que lhe causa mais frustração na perda da visão? (I)
2. Como você lida com isto? (S)
3. Acha que há uma maneira mais eficiente? (S)
4. De que você mais sente falta por não poder ver? (I)
5. Pode imaginar uma maneira de retomar o que você sente falta? (S)
6. Já havia visto ou conhecido alguém com deficiência visual, antes de você perder a sua vista? (I) Caso afirmativo, quais foram as suas impressões e seus sentimentos? (S)
7. Qual é a sua atitude ao aceitar os serviços prestados por uma agência que atende pessoas com deficiência visual? (I)
8. Como se sente sobre o uso de bibliotecas, parques, escolas e outras instalações públicas? (S).

B. MEDO E PENA

As perguntas nesta parte ajudam o estudante a explorar duas respostas em potencial à perda da visão - medo e pena. Deve-se ter em mente que há outras respostas em potencial, tais como culpa, raiva, dependência, e negação, que também necessita de tratamento.

O professor pode precisar de expandir uma certa resposta, de uma pessoa, sobre a perda da visão, a fim de ajudá-la a lidar com essa resposta. Por exemplo, se a pessoa expressa um medo de "ser excluída", uma discussão mais detalhada pode revelar que essa pessoa está reagindo a uma perda de segurança física e emocional, anteriormente assegurada pelo contacto visual, constante, com o ambiente. Nesse ponto, o instrutor pode querer introduzir técnicas não-visuais para avaliar o ambiente, daí reduzindo o isolamento sensorial. Por outro lado, se alguém com deficiência visual está limitando as opções de reabilitação, por causa da auto-piedade, mais discussão poderá ajudar a entender que essa atitude de limitação não necessita ser guardada.

1. O que mais lhe assusta na perda da visão? (I)



Mesa Redonda 02

- 72 *A Biblioterapia como elemento facilitador para a integração do portador de deficiência visual* - Prof. Garry Bowman e Prof^a Jane Bowman

Mesa Redonda 03

- 82 *A importância da informação em Bibliotecas e/ou Setores Braille na luta pela Cidadania dos Portadores de Deficiência Visual.* - Prof^a Joana Belarmino de Souza - Curso de Comunicação da UFPB.

- 89 *Produção do Livro Infanto-Juvenil na Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo* – Prof^a Ivani Pires da Silva

Mesa Redonda 04

- 97 *Formas de leitura para as necessidades do usuário cego: Livro e/ou texto falado* - *A experiência do Clube da Boa Leitura no Rio de Janeiro* - Prof^a Elôra de Souza Leão Andrade

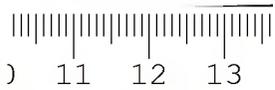
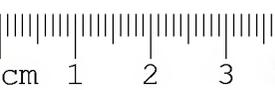
- 103 *Retrospectiva do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB* - *Marília Mesquita Guedes Pereira e Paulo da Silva Chagas* - *Bibliotecários do Serviço Braille da BC/UFPB*

110 *Trabalhos apresentados em Poster*

- 131 *Cursos de Reabilitação Psicossocial do Cego* - Prof. Garry Bowman e Jane Bowman

- 190 *Recomendações aprovadas na Sessão Plenária de encerramento do I SENABRAILLE*

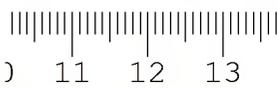
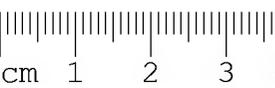
- 194 *Relatório Final do I SENABRAILLE*



2. Você tem medo de: (a) ficar sozinho, (b) sentir-se excluído (solidão); (c) o escuro; (d) queda; (e) falta de atratividade física? (I)
3. Quando você podia ver, sentia pena das pessoas que não enxergavam? (I)
4. Caso afirmativo, você achava que esses sentimentos eram normais? (S)
5. Acha que as pessoas sentem pena de você? (I)
6. Caso afirmativo, qual é a sua reação? (I)
7. É possível que o que você interpreta como pena possa ser também uma expressão verdadeira de preocupação e um desejo genuíno de ajudar? (S)
8. É possível que você às vezes interprete mal o comportamento e as atitudes de outras pessoas, em relação a você? (S)
9. Já pensou que as pessoas que têm visão possam ter uma concepção errada, ou estejam mal informadas sobre a perda da visão? (S)
10. É capaz de informar aos outros, quando for preciso, que você é um deficiente visual? Como você se sente com isto? Como você se beneficia dessa informação dada a outras pessoas? (S).

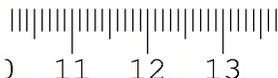
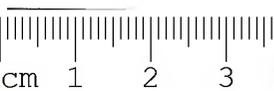
C. MOTIVAÇÃO

Seria útil para o instrutor entender se o estudante percebe a vida como sendo inicialmente controlada por forças externas e circunstâncias, ou por esforços pessoais (motivação externa ou interna). O problema de ser controlada por forças externas ou internas envolve um estilo básico de vida. O professor deve ouvir comentários como os seguintes: "A vida me deu um golpe cruel" ou "o que foi que eu fiz para merecer isto?" Todos estes tipos de comentários podem ser indicações de uma filosofia que diz, na sua essência, "Eu sou controlado por forças externas e tenho muito pouco, ou nada, a ver com isto. Já que é assim, não posso assumir responsabilidade alguma, por mim mesmo." Por outro lado, declarações começando com "EU", tais como: "Eu não sei o que vou fazer sem minha



"Sábios dizem que estamos dentro de uma bolha. É uma bolha na qual fomos colocados no momento do nosso nascimento. No início a bolha estava aberta, porém, a seguir, começou a fechar até selar-nos dentro. Tal bolha é a nossa percepção. Vivemos dentro dela toda a nossa vida. O que testemunhamos nas suas paredes arredondadas é o nosso próprio reflexo".

Don Juan Carlos
Castañeda



vista", podem indicar uma motivação interna. O método empregado num programa de reabilitação pode depender significativamente da motivação interna ou externa do estudante.

1. Como foi que você chegou até onde está, na vida? (I)
2. Habitualmente você faz o que quer, ou o que os outros querem? (I)
3. Você crê que as coisas acontecem a você, ou você as faz acontecer? (S)
4. Antes da sua perda visual, alguma vez você quis mudar alguma coisa, ou realizar alguma coisa, e conseguiu? (S)
5. Sente vontade de ter oportunidades de atingir uma meta? (S).

D. VALOR PESSOAL

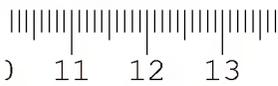
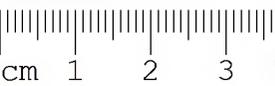
As perguntas daqui estão baseadas na suposição de que dois fatores são determinantes essenciais dos sentimentos de auto-conceito:

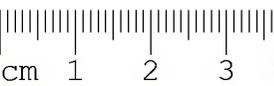
- (a) o auto-conceito é baseado na interpretação da pessoa, de como ela é avaliada pelos outros;
- (b) o auto-conceito é baseado na auto-avaliação de sua competência em lidar com outras pessoas e com o ambiente.

Se uma pessoa, deficiente visual, crê que a perda da visão reduziu sua habilidade de funcionar, a pessoa pode vir a concluir que os outros também desvalorizam o seu auto-conceito, porque vêem a pessoa deficiente como menos capaz de administrar o ambiente e realizar intercursos sociais.

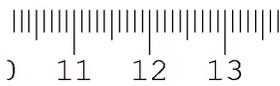
Em tais casos, o professor e o estudante podem discutir as estratégias e técnicas para restaurar a função social e física. Em alguns casos, o instrutor pode precisar de ajudar o estudante a avaliar sua habilidade de interpretar, como avaliar a si mesmo e como se é avaliado pelos outros.

1. O que você gostava de fazer quando era uma pessoa que enxergava? (I)
2. E fazia isso bem? (I)
3. E os seus amigos achavam que você se saía bem? (I)





**Digitalizado
gentilmente por:**

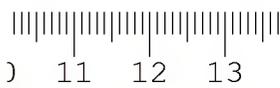
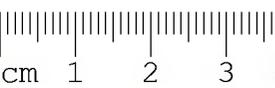


4. Você ainda pode fazer esta atividade? (I)
5. Você ainda pode fazer isto bem? (I)
6. Se você ainda está participando da mesma atividade, você parece ser diferente dos outros do grupo? (I) E é bom ser diferente? (S)
7. Você ainda tem muitos amigos, tantos quantos você tinha quando podia ver? (I)
8. Eles vão lhe ver com a mesma frequência que iam quando você tinha a visão? (I)
9. Você sempre os visita quando é possível? (I)
10. Quais são os sentimentos que você pensa que eles têm por você, como uma pessoa com a visão deficiente? (I)
11. Seus sentimentos sobre eles mudou desde que você perdeu a visão? (I)
12. Seus sentimentos sobre você mesmo mudou desde que você perdeu a visão? (I)
13. Se você acha que as pessoas lhe tratam diferente desde que você perdeu sua visão? (S).

RELACIONAMENTOS FAMILIARES

Estas perguntas visam ajudar o deficiente visual a verbalizar sua interpretação da resposta da família diante da perda de visão e de seus esforços em se reabilitar. Se a perda da visão criou barreiras na comunicação, e isto interfere na reabilitação, os membros de família podem estar envolvidos no processo de aconselhamento. Isto pode incluir discussões de atitudes que atrapalham a reabilitação e a demonstração de técnicas usadas para aliviar os problemas de comunicação criados pela perda da visão.

Outras razões para que uma família resista ao envolvimento do deficiente num programa de reabilitação são: (a) medo de ser ferido; (b) medo que os amigos pensem que a família o está forçando a fazer muitíssimo sozinho; (c) falta de confiança na eficácia das técnicas de adaptação.



CONFERÊNCIA DA ABERTURA

AS BIBLIOTECAS E/OU SETORES BRAILLE NO BRASIL: Reflexões sobre uma realidade

May Brooking Negrão, Bibliotecária/consultora
Assessora do Comitê Permanente IFLA/LAC

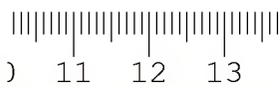
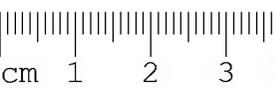
INTRODUÇÃO

A falta de dados estatísticos e de levantamentos que reflitam a situação das bibliotecas no Brasil impedem o conhecimento e a avaliação de uma realidade e a posterior adoção de diretrizes básicas para a prestação de serviços eficientes e eficazes. Normas mínimas de desempenho e procedimentos básicos são altamente desejáveis para o aperfeiçoamento de serviços.

Além disso, muitas vezes os dados existentes não são devidamente divulgados ou interpretados, dificultando assim, o conhecimento de uma situação que na maioria das vezes não é satisfatória.

Os serviços de bibliotecas para portadores de deficiências visuais no Brasil padecem dos mesmos problemas pois foram mapeados há 14 anos, 1981, pela bibliotecária Ivani Pires, da Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo com resultados publicados na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Maria Helena C. dos Santos, da mesma biblioteca, apresentou no Seminário Latino Americano e Caribenho de Serviços Bibliotecários para deficientes visuais em Países em desenvolvimento, realizado em Cuba, em Janeiro de 1993, uma visão sucinta da situação dos serviços de bibliotecas no Brasil.

Durante este mesmo Seminário vários países apresentaram a situação dos serviços de bibliotecas para deficientes visuais revelando que mesmo em países como o Brasil que apresentam alguns serviços já estruturados de produção e utilização de material impresso ou gravado, não existe uma coordenação de trabalhos que possibilite um trabalho integrado, o intercâmbio de experiências e de publicações com o melhor aproveitamento dos recursos e oportunidades existentes.



A exploração de atitudes e a demonstração de técnicas de adaptação são os métodos eficazes de reduzir essa resistência e contar com o apoio e a participação no processo de reabilitação.

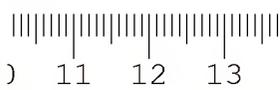
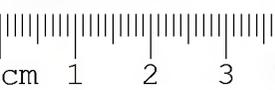
1. Como sua família se sente sobre a sua deficiência visual? (I)
2. Eles procuram lhe ajudar muito ou não? Como você se sente sobre isto? (I)
3. Você acha que em alguns casos de perda de visão a comunicação cria stress e ansiedade que não existiam antes? Caso afirmativo, como isto chega até você/lhe é transmitida? (I)
4. Já tentou discutir estes problemas com sua família? Caso sim, qual foi a reação deles? (S)
5. Você acha que talvez a comunicação visual poderia ser compensada por, no mínimo, aumento da verbalização e/ou gestos com uso do tato, tais como o toque de uma mão, etc? (S).

ATIVIDADES SOCIAIS

Os objetivos destas perguntas são: identificar as atividades sociais anteriores à perda da visão, determinar se a pessoa continua com essas atividades mesmo depois de ter perdido a vista, e saber se a retomada das atividades sociais anteriores é uma coisa desejada. As respostas podem revelar um desejo de retomar certas atividades sociais, mas com relutância em fazê-lo, mesmo depois de se ter aplicado as técnicas de adaptação. Em tais casos, mais discussão pode identificar a base dessa ambivalência.

A pessoa pode sentir que as técnicas de adaptação tornaram o problema de deficiência visual mais evidente. Pode sentir que, ao aceitar ajuda de companheiros que têm visão, para realizar atividades sociais, vai colocar mais ênfase na sua dependência, ou pode sentir que a sua simples presença vá interferir na alegria dos outros participantes.

Quando o instrutor e o aluno têm idênticas fontes de ambivalência em relação à retomada das atividades sociais, o instrutor pode precisar de dirigir a discussão para uma exploração de motivação e



Motivada pela necessidade de um conhecimento mais preciso da situação nos vários países da região, foi sugerido no evento, a aplicação, nos países da América Latina e Caribe, do questionário básico que tem como finalidade precípua a publicação da 4ª Edição do Diretório dos Serviços para Deficientes Visuais em Bibliotecas pela Seção Braille, da IFLA - Federação Internacional de Bibliotecas e Instituições, seção esta que se dedica ao desenvolvimento dos serviços para deficientes visuais, em bibliotecas, a nível mundial.

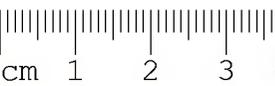
A adoção deste modelo, sua adaptação à nossa realidade e sua aplicação mereceram a especial atenção de duas instituições que, com grande esforço compartilharam a tarefa de tentar identificar a situação real desses serviços: a Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo (BB/CCSP), da Secretaria Municipal de Cultura e o Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Estas duas entidades, de comum acordo, aplicaram o questionário em duas regiões do Brasil, o Centro Cultural São Paulo, no Sul/Sudeste e o Serviço Braille - BC/UFPB - nas demais regiões.

Esta análise, uma síntese dos dois trabalhos resultantes do levantamento, deve ser considerada mais como uma reflexão sobre uma realidade, do que um preciso diagnóstico preliminar, face às dificuldades apresentadas para a tomada de dados (baixo índice de respostas, desconhecimento por funcionários dos serviços da linguagem utilizada, como especificado abaixo). Apesar das dificuldades apontadas, acreditamos que a apresentação dos resultados do levantamento possibilitará o conhecimento sobre a situação das bibliotecas e seus serviços, avaliará a situação dos serviços existentes e indicará suas deficiências. São apresentadas neste trabalho algumas propostas visando sanar alguns dos problemas identificados entre eles, a aplicação de novo questionário, num universo ampliado.

UNIVERSO DA PESQUISA

As duas entidades responsáveis pela aplicação do questionário utilizaram para o envio do mesmo a listagem de endereços da Fundação Dorina Nowill. O Serviço Braille/BC-UFPB ampliou sua pesquisa,

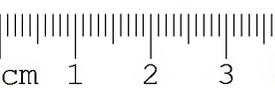


sentimentos de sua auto-estima (Seções C e D). A fim de colocar um alicerce na construção da auto-confiança, expressões válidas de tranquilização, enunciadas por participantes do grupo social, onde a participação é desejada, podem ser válidas para resolver a ambivalência sobre as atividades sociais.

1. O que você apreciava, como meio de diversão, quando podia ver? (I)
2. O que você aprecia agora? (I)
3. Você tinha uma participação ativa, quando podia enxergar, em atividades como votar, participar de atividades de um clube, etc? (I)
4. Gostaria de se envolver nesses tipos de atividades agora? (S)
5. Como uma pessoa que podia enxergar, você jantava fora com frequência? (I)
6. Você tem dificuldades em dominar técnicas como pedir/escolher uma refeição num restaurante, pagar com cheque, conversar com outras pessoas ao seu redor, aceitar ajuda durante a refeição, etc? (I)
7. Gostaria de aprender algumas técnicas que possam fazer com que as suas saídas, para jantar fora, sejam mais confortáveis e prazerosas para você? (S)
8. Pode fazer sugestões ao seu grupo social, ou indivíduos, de como a atividade pode ser adaptada, de modo que você possa participar? (S).

G. COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

Um componente vital de comunicação interpessoal está na forma de mensagens não-visuais (linguagem do corpo). A seguir vão alguns exemplos de como a deficiência visual tende a interromper a comunicação não-verbal: (a) a pessoa deficiente pode não receber mensagens transmitidas por gestos, postura, expressões faciais, estilo de roupas, etc.: (b) pessoas que enxergam podem experimentar frustração na comunicação não-verbal com aquelas deficientes visuais que não estão



incluindo 09 serviços que constavam da listagem fornecida pela Coordenadoria do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), subproduto de um levantamento sobre a situação das bibliotecas públicas brasileiras.

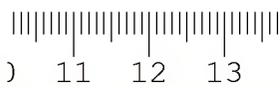
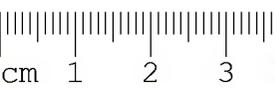
	Fundação D. Nowill	Fundação B. Nacional	TOTAL	Respostas
N, NE, CO	32	09	41	48,78%(20)
S, SE	72		72	42,6%(30%)
TOTAL	104	09	113	

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na avaliação geral dos trabalhos das duas entidades notou-se que:

- o número de respostas não atingiu 50%;
- existe uma diferença gritante entre a situação de algumas das instituições tradicionais e que prestam serviços eficientes e eficazes (F. D. Nowill, B. BRAILLE/CCSP, Biblioteca Pública Luiz Bessa, Belo Horizonte, SB/UFPB) e a dos demais serviços existentes. Tais situações não refletem a realidade do país, porém seus dados influem nos dados estatísticos;
- muitas das questões não são mutuamente excludentes;
- não foram aplicadas as fórmulas apropriadas de comparação de porcentagens para universos diferentes por ser um diagnóstico preliminar;
- que há uma falta de conhecimentos técnicos básicos por parte das pessoas que responderam os questionários. Na região S/SE, só 1/3 dos questionários foram respondidos por bibliotecários. Assim, muitos questionários não diferenciam o número títulos de obras de seus volumes, o que é um fato importante face ao elevado número de volumes, em Braille, de uma obra em tinta.

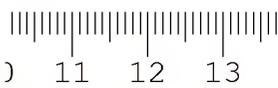
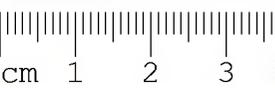
USUÁRIOS E SERVIÇOS



respondendo às mensagens visualmente transmitidas, tais como o contacto com os olhos; (c) às vezes as pessoas com deficiência visual transmitem mensagens não-verbais que estão em desacordo com a mensagem que pretendem comunicar.

As perguntas seguintes podem ajudar o instrutor e o aluno a identificar problemas em comunicação interpessoal e procurar soluções para eles através de aconselhamento e instrução. A pessoa visualmente deficiente pode aprender a usar dicas auditivas, tácteis e olfativas para receber a comunicação não-verbal. O aconselhamento com a família do estudante e seus companheiros pode capacitá-los a encontrar meios para compensar os aspectos não-verbais de comunicação.

1. Você sente que sua perda de visão afetou a comunicação entre você, sua família e seus amigos? (I)
2. Caso afirmativo, de que forma? (I)
3. Pode achar qualquer substituto para a comunicação visual? (S)
4. Sente-se confortável descrevendo sua condição visual a outras pessoas? (I)
5. Ajuda, em futuras comunicações, se a outra pessoa souber da extensão e natureza da perda da visão? (S).



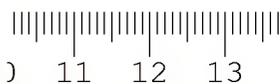
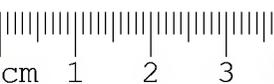
Em relação ao item usuários cadastrados devemos considerar que este é um dado relativo, pois não foi levantada a relação entre os usuários cadastrados e a demanda potencial, número de deficientes visuais da comunidade atendida. A frequência mensal nas Bibliotecas Braille é também um dado relativo pois muitas vezes o portador de deficiência não vêm à biblioteca, pois se efetua o atendimento domiciliar e o empréstimo por Correio. O baixo índice de empréstimo inter-bibliotecas pode indicar uma falta de integração entre os serviços existentes. Um dos motivos apontados para justificar a ausência de catálogos foi a falta de máquina datilografia Braille (Perkins)

USUÁRIOS CADASTRADOS	N / NE / CO %	S / SE %
1-130	70.0 (14)	40.0 (12)
150-166	10.0	
500-598	5.0	3.3
800		3.3
Não possuem, não resp.	15.0	53.4

FREQÜÊNCIA MENSAL	N / NE / CO %	S / SE %
1-50	70.0	
8 - 25		20.0
150 - 372		13.3
Não possuem, não resp.		66.7

EMPRÉSTIMOS INTERBIBLIOTECAS	N / NE / CO %	S / SE %
	10.0	14.7

INEXISTÊNCIA DE CATÁLOGOS	N / NE / CO %	S / SE %
	60.0	46.6



CONTANDO ESTÓRIAS QUE MUDAM VIDAS

Definição:

Metáfora terapêutica é uma estória, anedota ou expressão idiomática em que se expressa uma coisa, usando-se outros termos, a fim de dar uma nova compreensão à situação problemática. (Gordon, 1978).

Biblioterapia é um processo pelo qual um cliente escuta um material biográfico, ou auto-biográfico gravado, sobre pessoas cegas, com o objetivo de que ele/ela possa examinar sua situação de vida à vista do que foi lido (Roberts, 1984).

Estado Atual.....Estratégia.....Estado Desejado

DILTS (1990) NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

Identidade

Crença/Valores

Capacidades

Comportamentos

Ambiente

Uma metáfora terapêutica:

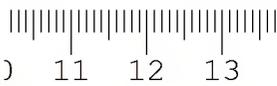
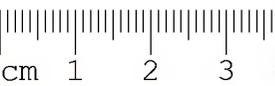
1. É estruturalmente semelhante à situação problemática
2. Dá um novo contorno à situação problemática.

ESTRUTURALMENTE SEMELHANTE quer dizer

1. As relações interpessoais dentro da situação-problema são mantidas dentro da estória
2. Os padrões atuais com que os clientes estão lidando são apresentados dentro da estória
3. O conteúdo e o contexto podem ser totalmente diferentes daqueles da situação-problema.

NOVO CONTORNO envolve

1. A utilização da 'situação problemática' ligando-a a uma idéia ou crença altamente valorizada, de uma maneira plausível.



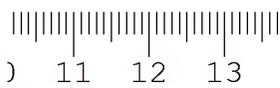
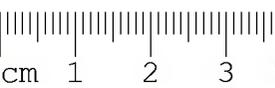
ACERVO

Nota-se em relação ao acervo que a grande maioria dos serviços possui um pequeno número de títulos: 15-62. Porém, esta análise está prejudicada pela já mencionada não diferenciação, em alguns casos, entre títulos e volumes de uma obra quando se sabe que em se tratando de Bibliotecas Braille, esta relação é significativa. Entretanto, pode-se verificar nas regiões N / NE / CO que 55% das bibliotecas que responderam corretamente a questão possuem até 254 títulos. As bibliotecas que possuem número significativo de títulos de obras nas regiões S / SE são as já citadas BB / CCSP, Biblioteca Pública Luiz Bessa e FDN que possuem inclusive um bom número de obras infanto-juvenis.

Nota-se em relação ao livro falado que o mesmo é mais utilizado na região S / SE o que compreende pela maior facilidade de acesso a recursos tecnológicos.

Como produção própria entende-se obras do acervo produzidas internamente e a produção do voluntariado, incluindo-se aqui livros de assuntos gerais, infanto-juvenis, livro falado, revista sonora, etc. No S / SE, as comunidades locais fazem, habitualmente, doação de fitas virgens para 13,3% das bibliotecas.

Livros (títulos)	N / NE / CO %	S / SE %
15-62		23.3
15-88	15.0	
139-240		20.0
130-254	40.0	
430-500		10.0
490-521	10.0	
800	5.0	
1286		3.3
5500		3.3
Não indicaram / dado desconsiderado	30.0	40.0



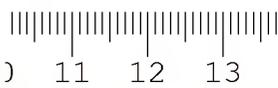
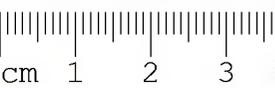
2. O fornecimento de uma solução passível de ser trabalhada com base no novo ponto de vista.

QUANDO SE CONTA A ESTÓRIA:

1. Se possível, usar uma linguagem (palavras ou expressões) que seja semelhante àquela usada pelo cliente normalmente
2. Adotar posturas semelhantes, assim como gestos, quando for possível e em situações adequadas.

REFERÊNCIAS

- COMBS, G. & Freedman, J. (1990). Symbol, story & ceremony: Using metaphor in individual and family therapy. New York: Norton & Co.
- DILTS, R.(1990). Changing belief systems with nip. Cupertino, CA: Meta Publications.
- GORDON, D. (1978). Therapeutic metaphors. Cupertino, CA: Meta Publications
- ROBERTS, A.H. (1984). Bibliotherapy: a technique for counseling blind people. Journal of Visual Impairment and Blindness, 78, 197-199.
- BOWMAN, G. (1992). Using therapeutic metaphor in adjusting counseling. Journal of Visual Impairment and Blindness, 86, 440-442.
- WIGLESWORTH, M. (1991). Developing metaphors for children. NLP Connection. V6, 1, 13-17.
- KLINE, P. (1988). The everyday genius: restoring childrens' natural joy of learning - and yours too. Great Oceans Publishers, Arlington, VA.



Livros Infanto-juvenis

Livros Infanto-Juvenis (Títulos)	N / NE / CO %	S / SE %
9-100		50.1
2-150	65.0	
711		3.3
8288		3.3
Não indicaram ou não possuem	35.0	43.3

Texto Ampliado

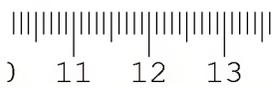
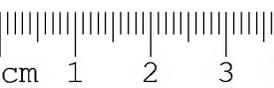
Texto Ampliado	N / NE / CO %	S / SE %
Não possuem revista	80.0	90.1
Não possuem partituras	45.0	66.8
Não possuem	85.0	90.1

Livro Falado

Livro falado	N / NE / CO %	S / SE %
21-41	25.0	13.3
52-80		10.0
300		3.3
352		3.3
402	5.0	
Não possuem	70.0	70.1

Produção Própria

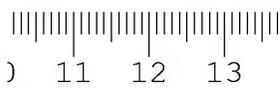
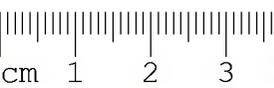
Produção Própria	N / NE / CO %	S / SE %
Possuem	35.5	23.4



ALFABETO MANUAL

A	B	C	D	E	F	G	H
I	J	K	L	M	N	O	P
Q	R	S	T	U	V	W	X
Y	Z						

Algumas pessoas surdas e cegas lêem este método



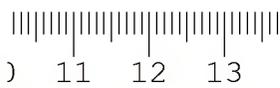
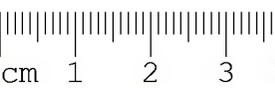
EQUIPAMENTOS

Nota-se que parte das Bibliotecas pesquisadas possuem computador e máquina de datilografia, apesar da mesma ter sido apontada como de grande necessidade nas regiões N / NE / CO, enquanto que nas regiões S / SE, a duplicadora de fita foi indicada como de grande demanda, assim como o computador e o sintetizador de voz.

É relevante a demanda por uma Imprensa Braille nas Regiões N / NE/ CO, o que pode indicar que por estar localizada em São Paulo, a FDN é mais acessível aos serviços do Sul e Sudeste.

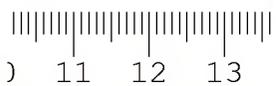
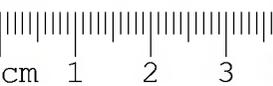
Possuídos pelas Bibliotecas	N / NE / CO %	S / SE %
Computador	15.0	10.0
Máquinas de Datilografia	30.0	46.6
Gravador	15.0	6.6
Sintetizador de voz	5.0	
Reglete	5.0	33.3

Proprietários para Aquisição	N / NE / CO %	S / SE %
Computador	5.0	
Comp.Sint,Voz, dupl. Fita		40.6
Sintetizador de voz	10.0	
Máquinas de datilografia	25.0	18.9
Gravador	10.0	10.8
Scanner	5.0	16.2
Reglete	15.0	13.5
Imprensa Braille	20.0	
Livros e outros equipamentos	5.0	



PREDICADOS DO SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO

<u>Visuais</u>	<u>Auditivos</u>	<u>Cinestésicos</u>	<u>Gustativos/Olfativos</u>
enevoado	ouvir	sentir	saborear
obsuro	escutar	aquecido	sabor
escuro	conversar	toque	gosto de
opaco	harmonia	manuseio	condimento
embaciado	barulhento	agarrar	com travo
perspectiva	chamar	macio	gostoso
escuridão	alto	apertado	ficar com o gosto de
foco	gritar	liso	odor
gravura	dito	rústico	cheiro
visionar	desafinação	firme	aroma
pressentir	ressonância	pressão	faro
visão	prestar atenção	tenso	pungente
ponto de vista	ampliar o som	concreto	fedor
cenário	cadência	ferido	catinga
aparência	trepidar	de forma imperfeita	localizar pelo cheiro
olhar fixamente	lamento	sem jeito	deixar um gosto
iluminar	choro	relaxado	ruim (na boca)
perceber por um instante	chiado	inchação	
ilustrar	gemido	tremer	
perceber	voz	calafrio	
observar	acústica	agitar	
	sons	penetrar	
	parecidos/de/ como se	absorver	
examinar de perto	fossem	tatear	
medir, vistoriar	grito	mexer	
visível	silêncio	agitado	
olhar de relance	melodia	cortante	
clarão	timbre	brilho incandescente	
olhar fixo	berro	rubor	
mostrar		coceira	
bonito/a		arrepios	
quadro			
claro			
brilho			
incandescente			



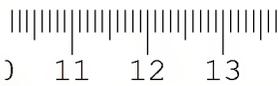
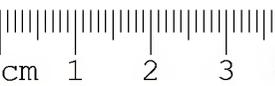
CONCLUSÃO

Do serviço das bibliotecas depende muitas vezes a formação e a atualização do conhecimento do deficiente visual. O voluntariado tem se dedicado à gravação e à transcrição de textos em Braille necessários ao estudante que frequenta as bibliotecas e estas favorecem a educação continuada e atuam como um centro de convivência e de atividades culturais para o deficiente.

Entretanto a análise dos resultados dos dois trabalhos básicos, inclusive das perguntas em aberto nos levam a concluir que:

- poucas bibliotecas estão com seus serviços estruturados (acervo adequado, equipamento apropriado, pessoal treinado) para atender as necessidades de leitura e informação do portador de deficiência visual;
- as bibliotecas e serviços sobrevivem à custa de esforços pessoais de bibliotecários, demais funcionários e idealistas;
- é evidente a falta de apoio dos programas de educação especial para os serviços de bibliotecas e de informação para o deficiente visual a níveis federal, estadual e municipal;
- o baixo índice de respostas poderia ser um reflexo da precariedade existente;
- há falta de conhecimento dos recursos existentes tanto em relação a formação do acervo, entidades de apoio, novas tecnologias, etc.;
- é pequena a cooperação entre os serviços existentes demonstrado pelo baixo índice de empréstimo interbibliotecas;
- a falta de um catálogo coletivo nacional resulta na duplicação de esforços (pessoas e entidades gravando, digitando e transcrevendo as mesmas obras);
- é baixa a produção própria de obras.

As informações complementares constantes dos questionários respondidos nas regiões N / NE / CO revelam que: vários setores estão em fase de organização e estruturação; algumas das bibliotecas que



Como se pode deduzir desta relação incompleta, nossa língua está cheia de predicados que estão diretamente ligados à descrição de tipos particulares de representações nos diferentes sistemas sensoriais.

O passo seguinte é ouvir esses predicados em contextos conhecidos. A seguir vão alguns exemplos. Numa ocasião ou outra já os ouvimos todos. Desta vez podemos reconhecer a comunicação falha, ouvindo-os sob um novo prisma, ao tempo em que o falante nos oferece informações sobre suas experiências internas e externas.

EXEMPLOS DE PREDICADOS EM CONTEXTOS

VISUAIS:

"Estou vendo o que você quer"

"Parece bom"

"Esta idéia não está clara"

"Estou um pouco confuso sobre isto" ("...sem ver direito...")

"Deu-me um branco por um instante"

"Vamos jogar luz neste assunto" (...esclarecer...)

"Precisa de uma nova perspectiva"

"Eu vejo desta forma"

"Olhando de novo para isto, parece ser outra coisa diferente"

"Foi um exemplo brilhante e colorido"

AUDITIVOS:

"Estou ouvindo você"

"Me deu um estalo"

"Me soa bem" ("Pelo som/barulho me parece bom")

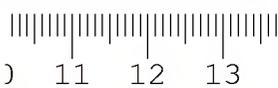
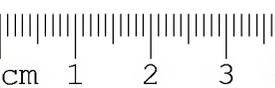
"Imediatamente tudo ficou claro" (porque me deu um estalido/click)

"Pergunte a si próprio" (Ouça sua própria voz)

"Esta idéia está rondando a minha cabeça" (...martelando na...)

"Alguma coisa está me dizendo para ter cuidado"

"Realmente posso me sintonizar com você".



constam das listagens básicas (FDN e BN) e que responderam ao questionário nem mesmo possuem acervo bibliográfico ou equipamento adequado; há bibliotecas que não atendem ao deficiente mas possuem algumas obras em Braille sem uso; setores ou bibliotecas com acervo significativo não são freqüentados por não haver demanda.

RECOMENDAÇÕES

1. Estabelecimento de um organismo coordenador dos setores/bibliotecas Braille o que possibilitaria um maior intercâmbio e troca de informação com representatividade das seguintes organizações

Órgãos federais

- Ministério da Justiça, Secret. Direitos Cidadania, Coord. Nac Integ. Pessoa Port. Def.) - CORDE

- Ministério da Educação e Desporto

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

FAE

Instituto Benjamin Constant

SESU

- Ministério da Cultura

Fundação Biblioteca Nacional

ONGS

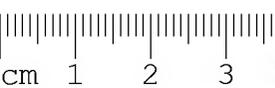
Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB),
CBBP.

Fundações: Dorina Nowill, Hilton Rocha

Associações de Portadores de Deficiência Visual

2. A continuidade do SENABRILLE e a realização de seminários regionais, para a partir de REFLEXÃO sobre o diagnóstico preliminar, traçar linhas de ação, metas, diretrizes, etc., e até mesmo identificar ou criar um organismo coordenador.

3. Intensificação da interação e de coordenação de esforços. Exemplificando: em Belo Horizonte, a Biblioteca Pública Luiz Bessa digita obras e a Fundação Hilton Rocha imprime;



CINESTÉSICOS:

"Se você sentir que está tudo bem, vá em frente"

"Não posso mexer nisso"

"Pegou o conceito básico?" (...entendeu...)

"Mantenha-se em contato" ("Fique ligado")

"Tenho um entendimento/compreensão sólida"

"Fico martelando neste problema" (insisto)

"Talvez você possa mudar/trocar de atitude/postura"

"Você é tão insensível"

"Tenho uma sensação de que você está certo"

"Estou encurralado num beco sem saída".

OLFATIVOS/GUSTATIVOS:

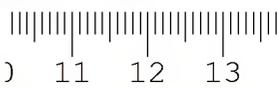
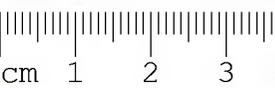
"Alguma coisa nisto me cheira bem"

boca) "O comentário que ela fez deixou-me com um gosto ruim" (na

"Gostaria de saborear este momento"

"Farejei a solução há um minuto atrás".

Antes de recorrer aos exemplos gravados no tape/fita, devemos alertá-lo da existência de uma quinta classe de predicados: os que não estão ligados aos sentidos, precisamente.



4. Integração Universidades/bibliotecas públicas. Apoio logístico das universidades em programas de educação do usuário e de formação de pessoal e de voluntários. Exemplificando, as aulas de dicção para pessoas que gravam obras são ministradas por órgão especializado na UFPB;

5. Catálogo Coletivo e Seção para Formatos Especiais na BIBLIOTECA NACIONAL, da Fundação Biblioteca Nacional;

6. Publicação do Guia Nacional de Bibliotecas e Serviços para os Portadores de Deficiência Visual pois o último, por iniciativa da B. Braille do Município de S. Paulo e coordenado por Ivani Pires é de 1981, publicado na R. Bras. Bibliot. Doc., 4 (3/4);

7. Estímulo à formação de Associações de Amigos da Biblioteca Braille;

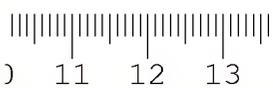
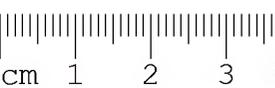
8. Ampliação do universo pesquisado e estudo de novo questionário a ser aplicado rotineiramente;

9. Relação mais eficiente com organismos internacionais de apoio.

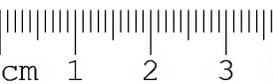
TRABALHOS CONSULTADOS

BIBLIOTECA BRAILLE. Centro Cultural São Paulo. *Levantamento preliminar para avaliação das necessidades dos serviços bibliotecários para portadores de deficiência visual na Região Sul e Sudeste do Brasil/* por Célia Narciso Gomes, Ivani Pires, Leda C. C. S. Timóteo, M. Helena C. dos Santos, M. Helena de Carvalho. São Paulo, 1995.

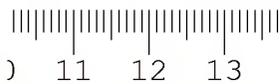
PEREIRA, MARÍLIA M. G. *Diagnóstico preliminar das bibliotecas e/ou setores Braille nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil.* João Pessoa, 1995.



CURSO: GRUPOS DE AUTO AJUDA
MINISTRANTE: PROF^a JANE BOWMAN



Digitalizado
gentilmente por:



Instituições Governamentais: Políticas de Fomento para Bibliotecas e/ou Setores Braille

*Prof^a Marilene Ribeiro dos Santos**

A educação de pessoas portadoras de deficiências não pode ser visualizada fora da perspectiva de direitos humanos, definida e explicitada, entre outras instâncias, na Convenção Internacional sobre Direitos Humanos de 1948 e nos acordos internacionais assumidos por diversos países, entre eles o Brasil.

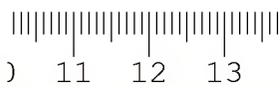
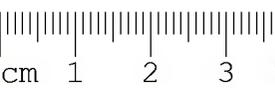
Como questão de direitos humanos, a integração dessas pessoas a partir da década de 70, vem norteando as políticas educacionais na maioria dos países, tornando-se meta a ser atingida. Entretanto, a efetiva integração dessas pessoas não pode ocorrer adequadamente. Sem se levar a cabo uma política que lhes garanta igualdade de oportunidades. Para apoiar e tornar efetivo esse princípio devem ser adotadas medidas paralelas e complementares nas áreas de saúde, assistência social, esporte e lazer, formação profissional e emprego.

Assim, tem sentido como parte do programa do Congresso, a presença neste painel, de diferentes órgãos governamentais, falando de suas políticas de fomento para bibliotecas e/ou Setores Braille, estratégias de atendimento ao portador de deficiência visual.

No Brasil, a política educacional para pessoas portadoras de deficiência visual vem enfatizando que o atendimento deve ser realizado, prioritariamente, no sistema regular de ensino, quer seja em classe comum com apoio de sala de recursos ou de professor itinerante ou em classe especial, com complementações curriculares específicas dadas pelo professor dessa classe ou por professor da sala de recursos.

No marco dessa política, as escolas especializadas existentes visam habilitar esses alunos para o ingresso no sistema regular de ensino,

* Secretária de Educação Especial - MEC



GRUPOS DE APOIO

A - Características pessoais de um líder efetivo do grupo

(Este material segue-se ao esboço da Parte II-A de Liderança de Grupo)

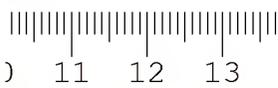
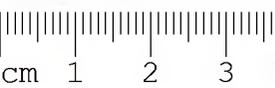
O líder de um grupo tem um papel importante na maneira como este funciona e na ajuda prestada para estabelecer um clima favorável aos encontros. Apesar da história educacional do líder, ele/ela precisa ter uma consciência plena das características pessoais de um líder de grupo eficiente. É meu objetivo que uma pessoa que esteja desejando iniciar um grupo de apoio examine esta lista e estude estas características com extremo cuidado e reflexão. A lista não apresenta seus itens em ordem de importância.

1. Estar com disposição para seguir um modelo - Um dos melhores caminhos para se aprender uma habilidade é observá-la enquanto está sendo moldada. O líder deverá estar com toda a disposição para demonstrar as habilidades e modelar o comportamento adequado ou os exemplos de linguagem quando a necessidade aparecer.

2. Coragem - Esta parte de coragem é a disposição para admitir e reconhecer aquelas áreas em que você cometeu um erro. Além disto, é essencial ter boa vontade para compartilhar seus sentimentos quanto ao grupo e como parte dele, para estar com eles fisicamente e emocionalmente enquanto lidam com os seus problemas.

3. Abertura - É importante para você estar aberto a novas experiências e a vê-las sob uma nova perspectiva. Ser cuidadoso no compartilhar experiências com o grupo e deixá-los saber que você é uma pessoa real/de verdade. Não é necessário você se revelar a cada situação que ocorra.

4. Presença - Esta característica envolve o estar presente emocionalmente no grupo. Experimentar e dividir as alegrias, tristezas, altos e baixos com eles. Embora você esteja vivenciando suas emoções, tenha cuidado e não se identifique demais com elas; mantenha sua objetividade.



oferecendo, ainda, atendimento complementar específico, como apoio aos alunos já integrados ou a seus professores.

Apesar dos avanços conseguidos nos últimos anos, constata-se ainda inúmeras dificuldades no processo educativo desses alunos, prejudicando o saber pedagógico e conseqüentemente, o seu progresso na educação acadêmica. Cabe aqui, por sua relevância e consonância com a temática deste Congresso, ressaltar duas delas:

- a falta do livro didático em Braille, de literatura e demais impressos no sistema Braille;
- a escassez de serviços de apoio pedagógico e de bibliotecas Braille em todos os Estados do País.

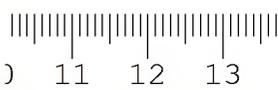
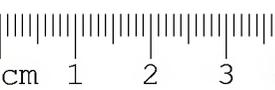
Constatados tais problemas, o Ministério da Educação e do Desportos planejou e vem implementando uma série de medidas para minimizá-los. Poderíamos destacar:

- a inclusão desse alunado no Programa de Material Didático da Fundação de Assistência ao Estudante do MEC, com a concessão de kits de materiais didáticos. Os kits serão compostos de bengala, sorobã, reglete, punção, assinador e papel Braille. Beneficiando, inicialmente aos alunos de 1ª a 4ª série, a meta é atingir a 100% dos alunos atendidos pelo sistema educacional brasileiro:

- a criação de Centros de Apoio ao Deficiente Visual em cada unidade da federação. Nestes centros funcionarão núcleos de produção Braille, como forma de solucionar o problema do livro didático. Como o processo de escolha desse livro encontra-se descentralizado para estados e municípios, foi preciso encontrar uma estratégia que atendesse “in loco” a toda a demanda.

Essa proposta de trabalho, consagrando os objetivos e diretrizes estabelecidas na Política Nacional de Educação Especial viabilizará o acervo ao conteúdo programático desenvolvido na escola comum, o acesso à literatura, à pesquisa e à cultura, utilizando equipamentos da moderna tecnologia (informática) e agilizando a impressão do livro em Braille.

Além dessas ações, o Ministério através do FNDE e da FAE poderá apoiar projetos oriundos das unidades federadas, objetivando a implantação de setores Braille nas bibliotecas escolares, universitárias ou comunitárias.



5. Boa vontade e carinho - Seja honesto em seu interesse por eles. Se não for autêntico, isto vai ser percebido. Uma atitude de carinho vai promover confiança. Mostrar a uma pessoa que você está com ela emocionalmente e lhe dar a liberdade de decidir até que ponto ela pode compartilhar com satisfação os seus problemas, vai demonstrar boa vontade para com o grupo inteiro.

6. Crença no processo de grupo - Você precisa acreditar no que está fazendo.

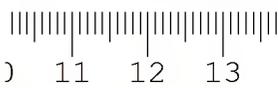
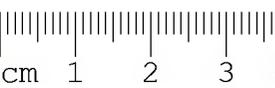
7. Não ficar na defensiva ao lidar com ataques - A maioria vai ter que possivelmente experimentar crítica até certo ponto. Admita-a e examine abertamente e honestamente. As características da coragem e tolerância vão ser refletidas nesta hora.

8. Poder pessoal - Esta parte tem dois componentes a serem considerados. Como um líder, os membros de um grupo vão vê-lo como modelo e isto vai acarretar uma certa quantidade de influência sua sobre eles. Tenha ética e não os manipule para obter seus próprios objetivos. A segunda área envolve sua personalidade, o quão confortável você se sente consigo próprio e o seu grau de confiança pessoal. Seja honesto consigo mesmo e examine seus pontos fortes e os seus fracos, tenha a disposição de compartilhar isto com o grupo.

9. Resistência - Tenha consciência dos altos e baixos ao liderar um grupo e mantenha um ritmo para as necessidades e estágios de um trabalho com ele; isto vai lhe ajudar a ter força de liderança e manter-se consistente por toda a existência do grupo.

10. Disposição para buscar novas experiências - As experiências que nós temos influenciam e moldam os nossos valores, crenças, caráter e personalidade. Quanto mais experiências temos, mais vamos querer narrá-las e nos identificar com o grupo. Nessas experiências temos limitações mas, assumindo a postura de quem quer aprender alguma coisa, podemos intensificar a nossa liderança. Lembre-se que você está tentando fazer com que os membros do grupo aprendam novas habilidades; assim, estar com vontade de aprender é modelar uma habilidade que você quer que eles aprendam.

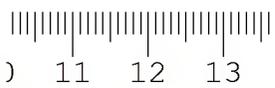
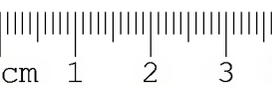
11. Auto-consciência - Pense em todas as coisas que o tornam único. Isto inclui sua identidade, objetivos, valores, experiência cultural,



Finalizando, ressaltando o imenso prazer de estar participando do Seminário, quero dizer que a questão que se coloca nesse painel: a ação governamental na execução da política de fomento para bibliotecas e/ou setores Braille, como de resto para qualquer ação governamental que garanta igualdade de oportunidades para todos, para ter sucesso, implica necessariamente na trama das relações sociais estabelecidas e sedimentadas entre os grupos envolvidos no processo, quer seja os que fazem parte de equipes governamentais, a sociedade e os próprios portadores de deficiência. É esse o papel do conjunto da sociedade brasileira: lutar para melhorar as ações públicas no sentido de facilitar oportunidades para que as pessoas portadoras de deficiência possam demonstrar seu desejo e capacidade de serem mais independentes, mais produtivas e mais integradas na sociedade em geral. Só assim estaremos construindo juntos para o século XXI um novo paradigma de desenvolvimento social que coloque o ser humano no centro de si mesmo, possibilitando que todas as pessoas ampliem sua capacidade humana e usufruam dos bens e serviços que a sociedade oferece a todos os seus cidadãos.

Muito obrigada pela atenção.

Marilene Ribeiro dos Santos
João Pessoa/PB, outubro 95.



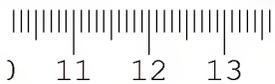
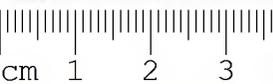
motivações, fraquezas, força, necessidades, sentimentos e problemas. Você pode realçar seu auto-conhecimento, ao se tornar parte de um grupo de terapia, como indivíduo ou como parte de um grupo. Sua filosofia pessoal e motivação para querer liderar um grupo precisam ser examinadas.

12.Senso de humor - Senso de humor sobre você mesmo é de muita valia no trabalho com o grupo. Ser capaz de ver a si mesmo por diferentes perspectivas e de ver o lado humorístico da natureza humana podem ser um instrumento valioso de ensino e aprendizagem.

13.Espírito inventivo - Seja criativo e flexível! Às vezes, e usualmente no início, os membros do grupo ficam hesitantes e cautelosos ao se expressarem. Eles também podem não ter a habilidade de saberem comunicar suas idéias e sentimentos. É essencial que o líder os ouça com atenção e os ajude a aprenderem a se expressar de diferentes formas. A criatividade produz a aprendizagem. Tenha cuidado para que o seu grupo não se torne previsível e rígido na forma.

HABILIDADES DE LIDERANÇA DE GRUPO HANDOUT PARA A PARTE II - B

Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Escuta ativa	Encarregar-se de aspectos verbais e não-verbais sem julgar nem avaliar.	Encorajar confiança, auto-revelação/transparência e estudo/exame.
Reformulação	Dizer, usando palavras ligeiramente diferentes o que um participante tem de dizer para tornar claro o seu significado.	Determinar se o líder entendeu claramente a declaração do cliente; dar apoio e esclarecer.
Esclarecimento	Dominar a essência de uma mensagem, tanto no nível de sentimento quanto no de pensamento; simplificar as declarações dos clientes, focalizando o centro da mensagem.	Ajudar o cliente a resolver conflitos e sentimentos e pensamentos confusos; chegar a uma compreensão, significativa do que se está comunicando.



INSENÇÃO DA TAXA DE CORREIO PARA REMESSAS EM BRAILLE

Divulgação do serviço CECOGRAMA dos Correios, feita pelo Assessor Técnico Regional da Paraíba Manoel Teixeira Neto.

Cumprimentos...

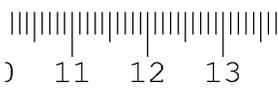
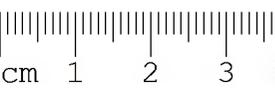
Vimos atender o honroso convite, apresentado a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, para proferir esta breve palestra, que tem como finalidade divulgar informações sobre os procedimentos relativos ao serviço de Correios previstos para a remessa de objetos impressos em Braille: o serviço de Correios de que os Senhores necessitam.

Iniciamos por reafirmar que o propósito da Empresa de Correios é fazer com que este serviço que lhes é oferecido não só atenda as expectativas de todos os Senhores, mas ao mesmo tempo, se torne também uma satisfação sua enquanto cliente nosso.

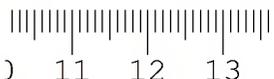
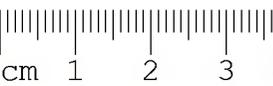
Dizer também que mesmo após a realização deste encontro, estarão nas nossas agências os nossos assistentes, preparados para prestar-lhes todas orientações de que necessitam.

Nos últimos tempos tem aparecido freqüentemente na mídia em geral a menção que mostra o Correio como um bom exemplo do esforço de se buscar a melhoria da qualidade no setor das empresas públicas. O Correio brasileiro vem formando assim um novo conceito de empresa pública, ao se transformar em um verdadeiro Banco de Serviços, saindo de sua estrutura tradicional, para voltar-se ao atendimento de outras necessidades da população, sem prejuízo do desempenho de suas funções sociais já conhecidas.

Neste Seminário vamos enfocar mais especificamente o braço social do Correio que atende de forma direta aos Senhores; um serviço denominado CECOGRAMA - e que é gratuito. Um serviço que os



Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Resumo	Reunir os elementos importantes de uma interação ou sessão.	Evitar a fragmentação e dar um direcionamento à sessão; promover a continuidade e a significação.
Questionamento	Fazer perguntas que sejam abertas e que levem à autoexploração / ao auto-exame do "que" e do "como" do comportamento.	Promover mais discussões; conseguir informação; estimular o pensar; aumentar a clareza e o foco; propiciar um auto-exame mais completo.
Interpretação	Oferecer certas explicações para certos comportamentos sentimentos e pensamentos.	Encorajar um auto-exame profundo; fornecer uma nova perspectiva para se estudar e compreender o comportamento.
Confrontação	Desafiar os membros (o grupo a encarar as discrepâncias entre suas palavras e ações ou mensagens verbais ou corporais; apontar informações conflitantes, ou mensagens contraditórias.	Encorajar uma auto-investigação honesta; promover uso total de potenciais; propiciar a conscientização das auto-contradições.
Reflexão sobre os sentimentos	Comunicar a compreensão do conteúdo dos sentidos.	Fazer com que os membros do grupo saibam que eles são ouvidos e entendidos além do nível de palavras.
Apoio	Promover encorajamento e reforço.	Criar uma atmosfera que encoraje os membros a continuarem comportamentos desejados; ajudar os clientes quando estiverem enfrentando batalhas difíceis; criar confiança.



Correios prestam, isento de qualquer pagamento, pois goza de franquia postal.

A FRANQUIA POSTAL é um benefício, assegurado por convenções internacionais, de isenção do pagamento de preços e taxas para o uso de serviço de Correio. É admitida somente para alguns organismos internacionais que são agências especializadas das Nações Unidas e para os CECOGRAMAS.

São classificados como tal (Cecogramas) os objetos de correspondência remetidos e/ou endereçados a instituições oficialmente reconhecidas, que se relacionem com deficientes visuais, impressos, em relevo, pelo sistema cecográfico (BRAILLE).

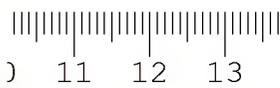
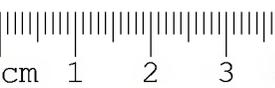
Aos que ainda não se utilizam desse serviço, fazemos aqui algumas observações: para serem admitidas e despachadas as correspondências precisam atender determinadas especificações de peso, dimensões, acondicionamento, endereçamento, além de NÃO conterem objetos proibidos, que estão definidos em Lei, como exemplo, substâncias explosivas, cujo manuseio ou transporte constitua perigo e possa causar danos; cédulas, moedas ou alguma coisa preciosa representativa de valor ao portador; entorpecentes, psicotrópicos, drogas etc.

No tocante ao peso e dimensões das remessas, existem alguns limites. Esses limites são estabelecidos em razão dos equipamentos, containers e múltiplas formas de triagem e expedição adotados pelos Correios. O peso máximo admitido é de 7 Kg e as dimensões, dependendo do formato, são:

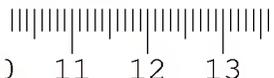
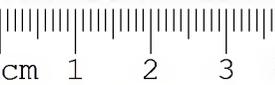
Envelope: min. 10 cm, máx. 60 cm; Rôlo: mín. - 10 cm, máx. 90 cm; Pacote: comp+larg+espessura=1,5m.

Quanto ao acondicionamento dos objetos, deve ser feito de maneira a resistir ao seu peso, forma e natureza do conteúdo. Também, que possa resistir aos atritos dos meios de transporte, sem colocar em risco a integridade dos demais objetos que vão estar sendo despachados juntos.

O endereçamento, de igual forma deve seguir algumas regras, para que o objeto não esteja susceptível de trocas, erros ou demora no seu curso. Os endereços do destinatário e do remetente devem estar completos, com todas as informações possíveis. Lembrar que o



Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Empatia	Identificar-se com os clientes, aceitando suas estruturas de referência.	Favorecer a confiança no relacionamento terapêutico; transmitir compreensão; encorajar os níveis mais profundos de auto-exploração / exame / análise.
Facilitação	Abrir uma comunicação direta e clara dentro do grupo, ajudar os membros a assumir responsabilidade pela direção do grupo.	Promover comunicação eficaz entre os membros; ajudá-los a alcançar seus próprios objetivos no grupo.
Iniciação	Promover a participação do grupo e introduzir novos direcionamentos no grupo.	Evitar perda de tempo e de ação dentro do grupo; aumentar o ritmo do processo.
Fixação de objetivos	Planejar objetivos específicos para o processo de grupo.	Dar direcionamento às atividades de grupo; ajudar os membros a selecionar e tornar os objetivos.
Àvaliação	Avaliar o andamento do processo do grupo e a dinâmica individual e de todo o grupo.	Promover uma melhor auto-conscientização e compreensão do movimento e direção do grupo.
Retro-alimentação	Expressar reações concretas e honestas com base no comportamento observado.	Oferecer uma visão externa de como uma pessoa parece ser, aos olhos de outras; aumentar a auto-conscientização do cliente.
Sugestões	Oferecer conselho, informação, direção, e idéias para um novo comportamento.	Ajudar os membros a desenvolverem caminhos alternativos para o pensamento e a ação.
Proteção	Salvaguarda dos membros de riscos psicológicos desnecessários no grupo.	Prevenir os membros de possíveis riscos na participação do grupo; reduzir estes riscos.



endereçamento compõe-se de: nome, rua, nº da casa/apartamento, bairro e o Código de Endereçamento Postal, o CEP, todos indicados de forma legível. O endereço do remetente deve sempre ser anotado no verso do envelope, vez que, na impossibilidade de entrega da correspondência ao destinatário, a omissão impede sua devolução ao remetente.

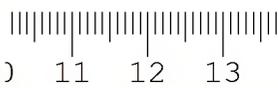
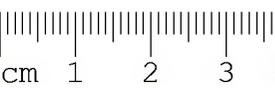
Importante informar que, além da correspondência impressa em relevo pelo sistema BRAILLE, como disse, também os clichês e registros sonoros expedidos ou endereçados a instituições oficialmente reconhecidas, são da mesma forma classificados como CECOGRAMAS.

Os objetos assim despachados, terão a prioridade como de 1ª categoria, conferindo-lhe a mesma urgência dada aos objetos expressos. Poderão ser feitas remessas no regime Nacional ou Internacional e devem ser apresentadas nas agências dos Correios, sempre acompanhadas do formulário **RELAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA DE FRANQUIA** (anexo), preenchido em uma via, para os objetos simples, e em duas vias, se registrados. Deixar para fechar a correspondência na agência, diante do funcionário atendente. No ato da postagem, é facultado solicitar alguns serviços adicionais, como Registro Aviso de Recebimento ou Mão Própria.

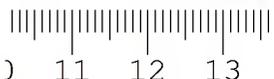
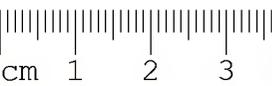
Assim espero ter conseguido interpretar as expectativas e necessidades dos Senhores, no que se refere a divulgação da isenção da taxa de Correio no serviço de remessa dos objetos escritos em BRAILLE. E, ao mesmo tempo, ter conseguido transmitir, ainda que rapidamente, uma noção da existência de uma Empresa de Correio que é grande, moderna e ágil. Mais que um serviço público, um Banco de Serviços com eficiência comprovada.

Também testificar para os Senhores o quanto o Correio do Brasil vem se transformando em uma organização profundamente voltada para a administração da qualidade de todos os seus serviços e, principalmente, do esforço desta Empresa para garantir a plena satisfação de seu público usuário.

Pela atenção dos senhores, o meu muito obrigado!



Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Auto-revelação	Revelar as reações dos eventos de aqui e agora no grupo.	Facilitar níveis mais profundos de interação de grupo; angariar confiança; estabelecer meios de revelar-se aos outros.
Modelo	Demonstrar o comportamento desejado através de ações.	Dar exemplos de comportamento desejável; inspirar os membros para que desenvolvam plenamente seus potenciais.
Ligação	Conectar o trabalho que os membros realizam sobre um tema comum no grupo.	Promover interações de membro a membro; encorajar o exercício de coesão.
Bloqueio	Intervir para fazer parar um comportamento contra-produtivo no grupo.	Proteger os membros; aumentar o fluxo do processo de grupo.
Conclusão	Preparar o grupo para o fechamento de uma sessão ou de sua existência.	Ajudar os membros a assimilar, integrar e aplicar a aprendizagem adquirida no trabalho do grupo à vida cotidiana.



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

DIRETORIA REGIONAL..... AGÊNCIA POSTAL.....

RELAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA DE FRANQUIA

Nº ordem	Classificação da correspondência	Remetente	Destinatário	Identificação	Nº R.G.	Destino	Peso	Valor não arrecadado R\$

Obs: A coluna "IDENTIFICAÇÃO" deve ser preenchida pelo remetente que indicará a característica da franquia ou ato que a concedeu, como por ex. Cecograma, Prisioneiro de Guerra, Decreto nº, etc.

Recebi _____ objetos **CARIMBO DA ECT**

Ass. e função do empregador postal _____



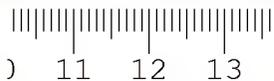
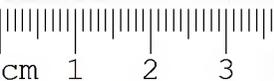
GRUPOS DE APOIO

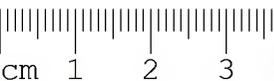
(Este material fotocopiado - que deve ser distribuído - segue-se ao esboço da Parte III das Considerações Éticas)

A. Sigilo é o resultado de uma conversa compartilhada numa relação de confiança. Ambas as partes têm participação na relação, mas os detalhes específicos pertencem ao cliente. Nas sessões de grupos, o líder enfatiza a necessidade de sigilo e informa ao grupo que ele/ela espera sigilo total de todo e cada um dos participantes. Nos ambientes de reuniões de grupos o sigilo não pode ser assegurado.

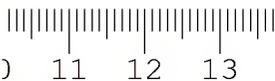
B. Assuntos éticos, relevantes ao aconselhamento de grupos, envolvem o consentimento declarado, o sigilo, os direitos dos clientes e as responsabilidades dos líderes nas sessões de grupos. O consentimento declarado ocorre quando o conselheiro comunica ao aconselhado informações que são pertinentes ao grupo e suas práticas. Esses tópicos devem incluir:

- o tipo de grupo e seu objetivo
- expectativas reais sobre o grupo
- treinamento e qualificações de líder / líderes
- taxas e pagamento programado (calendário de pagamento)
- lugar, tempo e local de sessões, assim como sua duração
- procedimentos que podem ser aplicados
- disponibilidade do líder para consultas entre uma sessão e outra
- o direito do aconselhado de se retirar do grupo
- o direito do aconselhado de compartilhar, ou não, das informações particulares
- os direitos, papel e responsabilidades do aconselhado como membro
- restrição de abuso verbal ou físico
- informação ao cliente de que existem riscos dele se sentir desafiado e desconfortável, por causa dos assuntos trazidos à baila pelo grupo, ou por lembranças que eles possam suscitar
- limitações de sigilo e exceções e as responsabilidades do líder do grupo





**Digitalizado
gentilmente por:**



- se as sessões serão usadas para quaisquer fins; se serão observadas por outros; se servirão para pesquisas ou gravadas
- se menores estão envolvidos, e os direitos do conselheiro de proteger e de trabalhar na defesa de seus mais legítimos direitos
- o conselheiro deve respeitar a privacidade do grupo e manter-se à distância, quando fora do grupo. Não é permitido contacto sexual
- ao conselheiro solicita-se que esteja consciente das leis e práticas instituídas no estado e na localidade onde ele/ela está atuando.

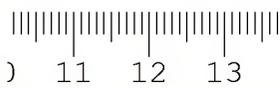
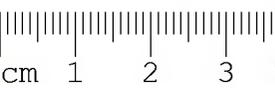
GRUPOS DE APOIO

(Este material fotocopiado segue-se ao esboço da Parte IV de "Começo do Fim")

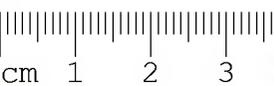
1. Quando um conselheiro forma um grupo há várias áreas a serem levadas em consideração. Separei as sub-divisões em quatro categorias: planejamento, pré-grupo, sessões do grupo atual e avaliação. No planejamento o conselheiro tem muitas perguntas a serem respondidas.

Estágio de Planejamento:

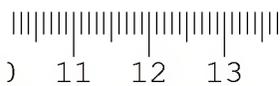
1. Que assuntos as suas propostas vão esclarecer, ou responder?
2. Que tipos de clientes, ou grupos, vão ser escolhidos para que neles se concentre o trabalho?
3. Que objetivos, ou alvos, você espera atingir?
4. Os objetivos são mensuráveis?
5. São realistas?
6. Onde serão realizados os encontros?
7. A que horas serão os encontros?
8. Com que frequência serão realizados?
9. Quanto tempo eles vão durar?
10. Você tem um plano para alcançar os seus objetivos?
11. Como você vai avaliá-los quando atingi-los?



MESA REDONDA: Novas Tecnologias (Uso do Computador para os Portadores de Deficiência Visual)



Digitalizado
gentilmente por:



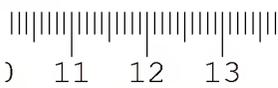
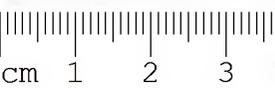
12. Você vai ter um vice-líder? Caso afirmativo, como ele/ela se sente em relação aos itens acima?

13. O grupo vai ser aberto ou fechado?

Estes itens devem ser bem elaborados, de modo que possam ser escritos/ anotados e apresentados a quem quer que seja. No estágio do pré-grupo, o do planejamento precisa ser posto em prática. Além disto, estas áreas devem ser trabalhadas e implementadas.

1. Como conseguir clientes: Como você vai fazer a propaganda?
2. Como selecionar clientes: você precisa ter algumas diretrizes para saber quem vai, ou não, beneficiar-se do tipo de grupo que está se formando.
3. Que tipo de prática, ou método, está usando para introduzir o consentimento declarado?
4. Você permite que os possíveis membros lhe avaliem? Está lhes dando as informações que eles precisam?
5. Você está fornecendo aos membros as informações que eles precisam para conhecer o grupo atual? Seus objetivos? Sua duração? Seus direitos e deveres?
6. O que os membros podem, ou não, esperar do grupo?
7. Espera-se que se guarde sigilo, mas não se pode garanti-lo
8. Possibilidade das sessões serem observadas por outros, usadas em pesquisas e/ou gravadas
9. A responsabilidade dos membros, o que se espera deles/que eles façam ou qual a sua contribuição.

O ambiente e o tipo de grupo vão determinar os tipos de respostas às perguntas anteriores. Algumas dessas coisas precisam ser escritas/ anotadas como informações a serem portadas pelos clientes. Planejamento cuidadoso e reflexão vão minimizar as surpresas. Assegure-se de que as regras básicas sejam entendidas. Alguns assuntos podem envolver a participação do grupo nos primeiros encontros. Poderão surgir perguntas dos membros do grupo, ou informações que



RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de deficiência

*José Valter Arcanjo da Ponte**

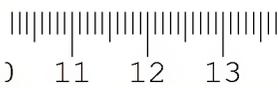
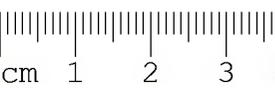
Resumo: A RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de Deficiência, um projeto coordenado pela Universidade de São Paulo, através da CECAE, Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais, inserido no âmbito do Programa de Cooperação Universidade-Comunidade, é uma rede eletrônica de comunicação e informação de/para portadores de deficiências. A RENDE dissemina informações sobre todas as deficiências. Ela se constitui enquanto fórum privilegiado de discussão para os portadores de deficiência e seus familiares, profissionais da área, poder público.

Atualmente a RENDE dispõe de base de informações com aproximadamente 3.000 registros bibliográficos, contendo os localizadores, index por palavras-chaves e resumo, cobrindo todas as áreas da deficiência, com publicações em português, espanhol, francês e inglês de diversos países.

A RENDE tem mapeado centenas de endereços eletrônicos na Internet, estando apta a realizar pesquisa sobre qualquer domínio ligado à deficiência.

A RENDE pode ser acessada de maneira pública e gratuita por qualquer portador de deficiência, familiar, profissional da área que se cadastre e assuma os compromissos éticos inerentes ao uso de rede eletrônica, como advogado para a Internet.

* Gerente da Rede de RENDE/USP/CECAE



precisem de esclarecimentos. É melhor ser aberto e franco com todos, numa tentativa de reduzir ou eliminar, quaisquer mal-entendidos.

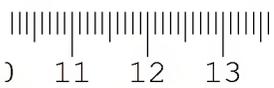
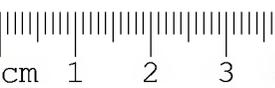
As atuais sessões de grupo se sobrepõem/coincidem parcialmente com o estágio de pré-grupo, porque a fundamentação estabelecida nesse estágio vai afetar muito o restante dos encontros do grupo. Os estágios das sessões de grupo são: Inicial, Transição, Estágio de Trabalhos/Funcionamento e Encerramento de um grupo; eles não são claramente definidos, mas se desenvolvem livremente.

C.1. As funções da liderança durante o estágio inicial de um grupo incluem Modelo/Padrão, Ensino, Responsabilidade e Estrutura. O comportamento demonstrado pelo líder no estágio inicial ajuda a determinar o nível de confiança e de coerência em que o grupo vai funcionar. As áreas de modelo/padrão são verbais e não-verbais, e é vital que não haja discrepâncias entre o que se diz e a linguagem do corpo que se está descrevendo/retratando.

Ser autêntico e coerente são habilidades que precisam ser observadas e aprendidas pelos membros do grupo. O modelo pode ser efetivamente visto, à medida que você escuta com atenção o que se diz, observando o que se diz verbalmente, juntamente com a linguagem corporal não verbal e com o que não está sendo dito. Ouvir e responder com modos que demonstrem respeito, ausência de julgamento, aceitação de valores, os quais são considerados sensíveis e genuínos/autênticos. Outros modelos, digo, outras formas de modelo envolvem a maneira pela qual você mostra ter empatia e o uso apropriado da auto-transparência. Os membros do grupo também precisam observar o conselheiro, em que ele/ela tenha que demonstrar ação imediata e confrontação, de uma forma, cuidadosa e sensível.

O líder precisa ajudar os clientes a reconhecerem muitas destas habilidades, provendo uma retro-alimentação adequada e direta. Ele/ela pode também destacar as inconsistências daquilo que o grupo está dizendo, de uma forma carinhosa. Isto vai ajudar os outros membros do grupo a identificarem outras formas de se responder corretamente.

Responsabilidade é uma outra função que tanto precisa ser modelada pelo líder como aprendida pelo grupo. A responsabilidade precisa ser compartilhada por todos, para que se tenha um grupo ativo, em que todos os participantes alcancem os objetivos que estabeleceram



DISQUE BRAILLE/USP

*Raimunda Miguelina Alves Flexa**

1. HISTÓRICO

O Projeto DISQUE-BRAILLE é resultado de iniciativa do Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI), da Universidade de São Paulo, a partir da experiência de manutenção de Catálogo Coletivo de Livros do Estado de São Paulo, desde 1954, oferecendo serviços de localização de publicações ao público em geral.

No intuito de também abranger uma parcela da população portadora de deficiência visual, foi proposto o desenvolvimento do Projeto em questão, juntamente com a Secretaria de Cultura do Município de São Paulo. Estando ligada a essa Secretaria a Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo, que vem se dedicando ao atendimento de portadores de deficiência visual, a mesma foi designada para participar do presente Projeto.

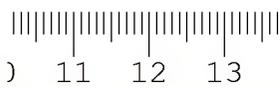
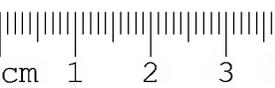
Quanto à Universidade de São Paulo, o Departamento Técnico do SIBI realizou entendimentos com a Faculdade de Educação da USP, para sediar o atendimento do Projeto DISQUE-BRAILLE na Biblioteca, por haver, naquela Unidade, uma habilitação de Ensino do Deficiente Visual.

Assim, em dezembro de 1992, foi firmado Convênio entre a Universidade de São Paulo e a Prefeitura do Município de São Paulo, para tornar realidade essa proposta, a seguir comentada.

O primeiro Posto de Atendimento do Projeto Disque Braille foi inaugurado no dia 24 de outubro de 1994, no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Durante todo esse período, foram feitas divulgações desse Programa através de comunicações e seções de posters em Seminários

* Bibliotecária do Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo



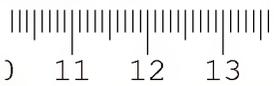
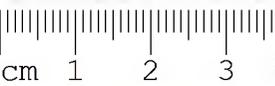
para eles próprios. Ligado à responsabilidade está o grau de estrutura que o líder fixa, e que deve ser mantido. Estrutura em excesso pode inibir o fluxo do grupo; pouquíssima estrutura pode causar erros. O líder precisa avaliar, continuamente, a dinâmica e os objetivos do grupo, durante a sua existência. Nem todo estágio de processo do grupo vai exigir a mesma quantidade de estrutura e, por volta da última etapa do grupo, os seus membros precisam ter mais responsabilidades e envolvimento no processo. Eles precisam seguir os padrões comportamentais do líder, até certo ponto, no seu relacionamento com os seus companheiros.

Finalmente, o modo como o líder abre e fecha os encontros de grupos influencia a produtividade de cada um deles; deve haver uma orientação para a abertura de uma sessão, para se descobrir o que os membros desejam discutir, ou em que vão trabalhar. Uma maneira de se resumir o que acontece em uma sessão é benéfica ao processo de aprendizagem e os ajuda a focalizar o que eles querem e precisam, como dever de casa.

2. Estágio de Transição: Durante o período de transição de um grupo a sua dinâmica está em processo de mudança, desde o estágio inicial. A confiança está sendo construída neste período, por esta razão, mais transparência se verifica, pois os membros estão querendo se expor cada vez mais. No diagrama de Johari o nível de risco/confiança, envolvendo o lado dos cegos que está surgindo, pode mudar a auto-imagem. A princípio, isto pode produzir auto-defesa, negação, silêncio, e até mesmo mentira. Confrontar é emergir e crescer no estágio de transição, e isto pode ser usado com eficácia nos assuntos em que uma pessoa cega pode estar envolvida.

Os membros estão se envolvendo e se comunicando de uma maneira menos defensiva e hostil. Estão usando habilidades que foram usadas e ensinadas pelo líder. Um exemplo disto pode ser constatado quando ele/ela lhes pede que repitam comentários que fizeram, ou quando um membro faz declarações, sem usar a primeira pessoa do singular, EU, nem fala se dirigindo diretamente a um outro membro do grupo.

Este é um exemplo de como aprendemos a nos expressar, de forma que os outros nos escutem e não fiquem na defensiva.



especializados, tais como o IV Simpósio Internacional sobre Mapas e Gráficos para Deficientes Visuais, de 20 a 26 de fevereiro de 1994, realizado na Universidade de São Paulo, e o III Seminário Nacional Bibliotecas Universitárias, realizado na Unicamp, de 7 a 11 de novembro de 1994.

O DISQUE-BRAILLE surge, portanto, como mecanismo facilitador da disseminação e acesso às informações contidas nos acervos especiais, destinados aos portadores de deficiência visual, inicialmente na cidade de São Paulo, com a finalidade de reunir esforços e recursos no atendimento a essa população.

2. OBJETIVOS

Formação de um Catálogo Coletivo Central Informatizado, destinado ao atendimento de portadores de deficiência visual, reunindo informações sobre Livros em Braille e livros falados, existentes nos acervos das Bibliotecas e instituições abertas ao público e localizadas na Grande São Paulo, pretendendo-se uma expansão a outras regiões do Estado a médio prazo.

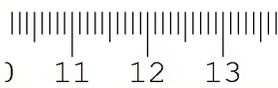
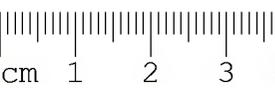
3. OPERACIONALIZAÇÃO DO DISQUE BRAILLE

3.1. Contatos com instituições para localização de acervos

Foi feito um levantamento de instituições públicas e privadas para identificar a existência de materiais bibliográficos em Braille e livros falados disponíveis ao público, e verificando o interesse das mesmas em participarem do projeto.

Inicialmente, seis instituições compuseram o núcleo inicial do Projeto, a saber:

- BIBLIOTECA FRANCISCO PATI
- BIBLIOTECA MORA GUIMARÃES
- BIBLIOTECA PÚBLICA NUTO SANTANA
- CENTRO CULTURAL SÃO PAULO - DIVISÃO DE BIBLIOTECA BRAILLE - Prefeitura do Município de São Paulo



O líder pode ficar sob o ataque do grupo neste estágio, principalmente se há problemas associados ao grupo. Medo é um elemento importante na dinâmica do grupo. Está ligado a risco e auto-transparência/abertura/revelação.

Os fatores são: arriscar minha identidade; como os outros vão me julgar; medo de rejeição; medo de mudanças na vida; medo de intimidação; de intimidade e de ser magoado.

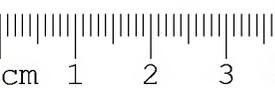
Livrar um membro de uma catarse ou interferir quando um estiver se sentindo triste ou infeliz, interfere no crescimento do indivíduo. Os membros devem estar lá, com ele, para apoiá-lo, sem se afastarem, ou tentarem dar um basta à sua tristeza.

3. Estágio de Trabalho/Funcionamento: A dinâmica de grupo neste estágio envolve bem menos o líder. Os membros participam mais da responsabilidade e do controle. Há um nível maior de confiança, interação e honestidade. O risco é relativamente alto no que concerne ao nível de rejeição. Os membros vão aumentar suas respostas espontâneas. O conflito é reconhecido e discutido. Pode-se lidar com ele e resolvê-lo, mesmo que seja apenas para concordar ou discordar. Os membros vão se confrontar mutuamente, quanto à maneira como reagem, assim como quando demonstram inconsistência, ou incoerência, entre o que fazem e o que dizem.

As habilidades de comunicação progredem, ou estão progredindo, para um nível mais alto e mais direto do que nos estágios anteriores. Isto envolve declarações mais diretas, o ouvir e o atender, o concentrar-se no aqui e agora. As habilidades de resposta estão aumentando, com a progressão da honestidade e a eliminação dos ataques pessoais e dos rótulos.

Uma outra característica do grupo de trabalho é quando os membros são capazes de receber um feedback do próprio grupo, filtrando o que se diz e não ficar simplesmente na defensiva.

Os objetivos são fixados pelos membros e podem ser compartilhados e avaliados pelo grupo todo. Os participantes estão querendo trabalhar fora do grupo e se sentem apoiados para experimentar novos comportamentos. O nível de coerência aumenta juntamente com o senso de participação e afeto, empatia, conveniência e posse. Os membros baseiam-se na filosofia que trata do conhecido versus



- BIBLIOTECA MUNICIPAL LAIR LACERDA - Município de Santo André (Grande São Paulo)
- SHALON LIGA ISRAELITA DO BRASIL (em São Paulo)

3.2. Assessoria de Informática

Para a obtenção do Catálogo informatizado, foi escolhido o software Ortodocs, por se adequar às necessidades exigidas para a elaboração do Banco de Dados, com suporte de informática do Departamento Técnico do SIBI/USP

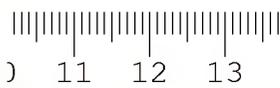
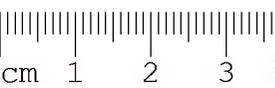
3.3. Levantamento Bibliográfico

Foi formada uma equipe responsável pelo desenvolvimento do Projeto, incluindo a busca, seleção e cadastramento dos registros de material que formaria o Banco de Dados, composta por bibliotecárias e monitores (alunos da USP).

4. FUNCIONAMENTO E ACESSO

O Posto de Atendimento da USP conta com um microcomputador e um telefone instalados na Biblioteca da Faculdade de Educação. O atendimento ao Serviço é de 2ª a 6ª feira, das 10:00 às 17:00h. O micro contém a base de dados Disque Braille com 1600 informações sobre obras em Braille e livros falados.

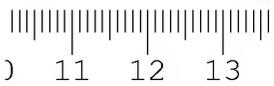
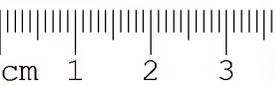
Para localizar um livro em Braille ou falado, basta telefonar para o número (011) 818-3433 ou enviar fax para o número (011) 818.3148. O atendente fará a busca no computador, pelo nome do autor, pelo título do livro ou ainda por assunto. Localizada a obra, será fornecido o nome da biblioteca que possui este título, o horário de seu funcionamento e se ela permite o empréstimo ou apenas a consulta local da publicação.



conhecedor. O conhecido é o que eu sei sobre mim, minha aparência física e meu comportamento. O conhecedor é minha filosofia sobre quem eu sou realmente em meu espírito, e que não posso ser violentado, rejeitado, ferido, etc. Altruísmo e universalidade estavam presentes em outros níveis e permanecem também no estágio de trabalho e funcionamento. Estas coisas, você as pode e, igualmente, dá-las ao grupo para aumentar a sua dinâmica.

4. O papel do líder e as responsabilidades envolvidas no término do grupo podem ser vistas como um processo de conclusão, e isto não ocorre de repente. Enquanto o grupo de trabalho está envolvido nas suas atividades, o líder tem um papel menos ativo. Agora, que se aproxima a hora de encerrar os trabalhos do grupo, o líder começa a assumir um papel mais ativo. Este é diferente daquele assumido no início dos estágios. Uma área é para preparar o indivíduo para processar as emoções que está experimentando. Essas, quer sejam tristezas, medo, perda, sentimento de vazio, dor, alívio e/ou raiva, são todas permitidas, assim como é permitido manter-se em contacto com esses sentimentos. Uma outra área pode ser um negócio não concluído. Isto poderá ser algo entre os seus membros, entre esses e o líder, ou mesmo envolvendo um assunto. É preciso haver um tipo de fechamento desse negócio não-concluído. Não é o caso em que todos sejam forçados a concordar, mas que todos respeitem uns aos outros, seus direitos, suas opiniões, e que nem sempre tenham que concordar, inteiramente, em determinados assuntos.

É preciso haver integração e consolidação da experiência de aconselhamento para o membro. Ele deve pensar no que a experiência significa e como poderá fazer uso dela, cognitivamente, ou o que ele aprendeu para usar no futuro. O líder pode reforçar as mudanças que os membros têm realizado e ajudá-los a perceberem que tem informações e recursos que os capacitam a promovê-las no futuro, pode ser possível desenvolver um contrato, experimentar novos comportamentos e realizar novas tarefas. Essas podem ser maneiras práticas de promover mudanças. Pensar seriamente o que será fazer todas essas coisas, e outras mais, sem contar com o apoio do grupo. Os membros vão se retirar emocionalmente do grupo. Precisam saber reconhecer e discutir esses assuntos.



5. RESULTADOS E ESTATÍSTICA

Com o acompanhamento das consultas realizadas, detectou-se alguns parâmetros de maior incidência de solicitação, conforme abaixo:

1. Tipo de pessoa que consultam o serviço:
 - a) mães de deficientes (maior volume)
 - b) aposentados
 - c) estudantes deficientes visuais

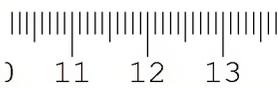
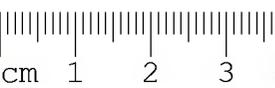
2. Materiais mais procurados:
 - a) Literatura (maior volume)
 - b) Direito

3. Tipo de material mais procurado:
 - a) em BRAILLE (maior volume)
 - b) Livro falado

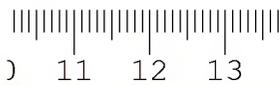
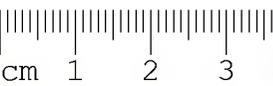
4. Origem das chamadas:
 - a) Cidade de São Paulo (maior volume)
 - b) interior de São Paulo
 - c) outros Estados

5. Autor mais solicitado
 - a) Jorge Amado

6. Perguntas complementares ao Disque-Braille:
 - a) Sobre instituições que trabalham com deficientes (maior volume)
 - b) Sobre máquinas de escrever, impressora, etc. Em Braille (Equipamentos)
 - c) Sobre cursos em Braille



O acompanhamento e a avaliação são as últimas coisas a ocorrer. Pode ser possível a realização de sessões de acompanhamento, três ou seis meses mais tarde. Isto poderá ser um grande impulso para o grupo e uma boa oportunidade para se verificar como estão se saindo os membros, na realização de seus contratos. Alguns podem até precisar de aconselhamento particular, em condições limitadas, depois que o grupo tiver concluído o seu trabalho. O líder deve estar consciente dos recursos de referência, para que os membros façam uso deles, quando se fizer necessário.



DISQUE BRAILLE ESTATÍSTICA DE CONSULTA - 1994

MESES/ANO	CONSULTAS
OUTUBRO	102
NOVEMBRO	97
DEZEMBRO	76
TOTAL	275

ESTATÍSTICA DE CONSULTA - 1995

MESES/ANO	CONSULTAS
JANEIRO	63
FEVEREIRO	52
MARÇO	82
ABRIL	121
MAIO	118
JUNHO	63
JULHO	37
AGOSTO	43
SETEMBRO	51
TOTAL	630

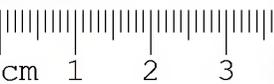
Do total da demanda, verificou-se atendimento positivo para uma faixa de 60 a 70% das consultas.

6. EXTENSÃO

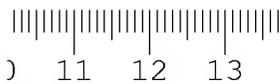
A partir da utilização do programa DISQUE BRAILLE, há muitos pedidos dos usuários sobre a possibilidades de atendimento especial à leitura dos deficientes visuais. Assim, visando abranger essa população está sendo elaborado um novo Projeto, como extensão do DISQUE BRAILLE, para a obtenção de equipamentos especiais de apoio à leitura.



**RECOMENDAÇÕES APROVADAS NA SESSÃO
PLENÁRIA DE ENCERRAMENTO DO I
SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS
BRAILLE, PROMOVIDO PELO SERVIÇO
BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB**



Digitalizado
gentilmente por:



7. METAS A ATINGIR

a) Fornecer informações impressas ou gravadas, de natureza científica e acadêmica, a docentes, alunos e funcionários da Universidade e comunidade em geral.

b) Contatos com outras instituições que possuam acervo bibliográfico em Braille e livro falado, para fazer parte do Banco de Dados (as instituições interessadas poderão também contactar o Posto de Atendimento da USP).

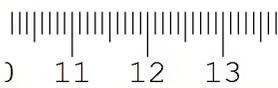
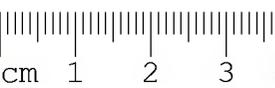
c) Abranger o Estado de São Paulo e posteriormente outras regiões do Brasil.

d) Obter apoio financeiro para implementação dos projetos.

8. O QUE REPRESENTA O DISQUE BRAILLE PARA A USP

Dentre os objetivos da USP, de desenvolvimento de Pesquisa, Ensino e Extensão de Serviços à Comunidade, o Programa DISQUE-BRAILLE apresenta-se como mais um dos relevantes serviços prestados.

A experiência de um ano com o programa, já permite confirmar o interesse e a aceitação do serviço, justificando assim, a sua continuidade e implementação, através de ampliação do número de Bibliotecas participantes e da obtenção de equipamentos especiais.



RECOMENDAÇÕES APROVADAS NA SESSÃO PLENÁRIA DE ENCERRAMENTO DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE, PROMOVIDO PELO SERVIÇO BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, NO PERÍODO DE 18 A 20 DE OUTUBRO DE 1995, NO CENTRO DE CONVENÇÕES DO HOTEL TAMBAÚ NA CIDADE DE JOÃO PESSOA.

Considerando-se o diagnóstico preliminar dos serviços bibliotecários oferecidos aos portadores de deficiência visual no Brasil que demonstrou a necessidade do aperfeiçoamento desses serviços e a importância da leitura e informação para o exercício da cidadania, os participantes do I SENABRAILLE, reunidos em Assembléia, recomendam a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que divulgam entre as lojas franqueadas, as disposições legais referentes aos cecogramas para se evitar constrangimentos às entidades prestadoras de serviço e aos usuários portadores de deficiência visual.

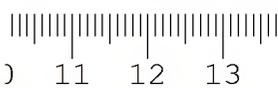
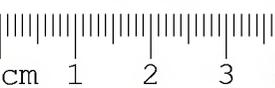
À Associação Brasileira de Escola da Biblioteconomia e Documentação que estimule as escolas a incluir em seus programas de educação de graduação e pós-graduação os serviços para os portadores de deficiência visual.

Para que se encaminhe aos Cursos de Biblioteconomia do país a recomendação de que sejam incluídas, nos conteúdos programáticos, questões relativas ao acesso à informação à Biblioterapia e ao atendimento ao usuário portador de deficiência visual, bem como as demais deficiências, nos diversos tipos de unidades de informação.

À Fundação Biblioteca Nacional que envide esforços no sentido de publicar uma listagem dos livros em Braille e livros falados constantes dos cinco últimos anos da bibliografia nacional para distribuição pelas bibliotecas do sistema que possuam serviços para portadores de deficiência visual.

- Que o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional:

1) Colabore com o Disque Braille, incentivando a coleta e o uso de informações referentes aos acervos dos serviços Braille das bibliotecas públicas visando a formação do catálogo nacional de livros



AUTOMAÇÃO NO SERVIÇO BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB

Eduardo José da Silva

*Henrique**

*Marília Mesquita Guedes Pereira***

1. JUSTIFICATIVA

É oportuno alertar, primeiramente, para o que consiste o Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB, subordinada a Seção de Coleções Especiais da Divisão de Serviço ao Usuário - DSU, o qual tem sido apontada como órgão auxiliar e facilitador na integração social de deficiente visual.

É conveniente ressaltar a sua importância considerando o seguinte princípio de que “toda pessoa tem direito à educação, ao ensino e à pesquisa”. O Serviço Braille vem se empenhando nesta luta, pois sempre está revendo o seu papel de mediador no processo de transformação social passando dessa forma a atuar decisivamente na superação de preconceitos. É nosso dever como cidadão lutar pela integração do deficiente visual no contexto social.

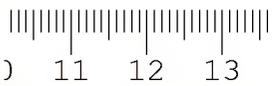
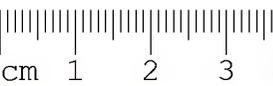
Destaque para as atividades oferecidas pelo Serviço Braille a saber:

1 - atendimento da clientela cega “in loco”;

2 - atendimento e/ou aconselhamento nas residências das pessoas deficientes que não tem maiores condições de acesso ao Campus Universitário;

* Especialista em Videotexto

** Bibliotecária Serviço Braille - UFPB



em Braille e livros falados destinados aos portadores de deficiência visual, com atenção especial a produção própria das bibliotecas;

2) Publique o diretório dos serviços de bibliotecas para portadores de deficiência visual.

À Universidade de São Paulo, que possibilite a ampliação da ação do Disque Braille para a formação do catálogo coletivo nacional e que este catálogo se torne acessível via RENDE.

Ao Ministério de Educação e Desporto que através da FAE e Secretaria de Educação Especial - SEESP que elabore uma política de publicação de obras prioritárias em formatos adequados para estudante de 1º, 2º e 3º Graus.

Que se crie uma forma de divulgação e comunicação sobre fatos, eventos, encontros, seminários, acontecimentos relacionados aos deficientes visuais.

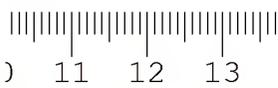
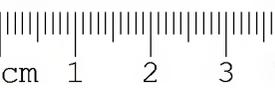
Aos órgãos federais de educação específica para os portadores de deficiência visual - Coordenadoria Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, do Ministério da Justiça e a Secretaria de Educação Especial - MEC, envidem esforços no sentido de tomar medidas que visem o aperfeiçoamento dos serviços existentes e definição de uma política dos serviços de bibliotecas, leitura e informação do portador de deficiência visual.

À Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB que estimule a implantação de uma Sub-Comissão Brasileira de Bibliotecas em Braille com a finalidade de coordenar a comunicação entre os serviços existentes e que se publique na Revista da FEBAB os Anais do I SENABRILLE.

À Câmara Brasileira do Livro que incentive às editoras associadas a agilizar o processo de autorização de transcrição em Braille ou gravação em fitas de obras ou partes delas para utilização do deficiente visual.

Que seja feito, via Ministério de Educação e Cultura, Secretarias Estaduais de Educação um levantamento do número de deficientes visuais a níveis de unidades federadas, para que tenhamos dados quantitativos reais dessa população no Brasil.

Que a Fundação Dorina Nowill para Cegos de São Paulo mantenha atualizado o catálogo de livros reais de cada biblioteca



3 - Contactos com Instituições Nacionais e Estaduais no sentido de uma maior integração e divulgação do mesmo, uma vez que não podemos trabalhar isoladamente;

4 - gravação de livros, periódicos e textos das necessidades imediatas do deficiente visual;

5 - empréstimo de acervo bibliográfico junto à comunidade cega universitária e/ou local, com referência a livros e periódicos.

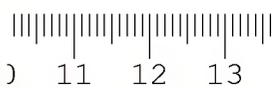
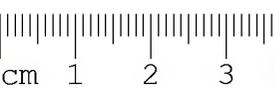
Face ao exposto e, considerando que o Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB, não deve ser uma instituição fechada em si mesma, que apenas produz e fornece material ao usuário passivo, devendo ser um instrumento vivo e ativo de informação à comunidade universitária (professores e pesquisadores cegos), é que estamos conscientes de que os serviços supra citados, oferecidos a essa clientela portadores de deficiência visual, deixam lacunas a preencher, sendo que com a automação os serviços poderão atender de forma satisfatória. Destaca-se, por exemplo, a demanda de artigos de periódicos solicitados por uma aluna deficiente de pós-graduação em Comunicação Social da UFPB, com o serviço de automação, oportunizará ao deficiente visual a ter a informação ao seu alcance de maneira rápida.

Portanto a consecução do surgimento de novas tecnologias como responsável pelo fim dos processos manuais implicaria dessa forma no rompimento de estruturas arcaicas, possibilitando o crescimento do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB, ao mesmo tempo procurando atender ao usuário cego nas necessidades do momento atual. É importante ressaltar que no SISTEMOTECA - Sistema de Bibliotecas da UFPB, já existe programas de automação de livros, periódicos e empréstimos do material bibliográfico, sem ênfase para o Serviço Braille.

O Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB vem tentando implantar a automação a fim de contribuir para a melhoria de atendimento da pesquisa a 300 (trezentos) deficientes visuais, que terão benefícios substanciais, tais como:

- rapidez no atendimento do material bibliográfico;
- facilidade de acesso a informação;
- maior afirmação na busca de informação solicitada.

Com relação aos softwares da Central de videotexto serão os já utilizados pela Central da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba-EPTPb.



cadastrada como também uma divulgação das obras impressas pela Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Que seja encaminhado através do Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, um projeto ao Ministério de Educação e Desporto - Secretaria de Educação Especial/SEESP, com vistas a publicação dos Anais, assim como trabalhos selecionados deverão compor a Revista Integração.

Ampliação do universo pesquisado e aprofundamento dos dados levantados, assim como, estudo de novo questionário a ser aplicado para o levantamento de dados que permitam tomadas de decisões em relação a políticas para os serviços de bibliotecas e informações para o portador de deficiência visual.

Desenvolver um intercâmbio com organismos internacionais de apoio às Bibliotecas Braille.

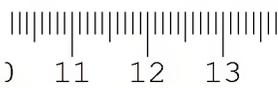
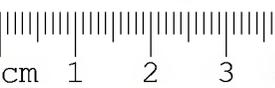
Promover estudos conjuntos entre os Ministério da Educação e Desportos, Ministério da Cultura, Coordenadoria Nacional de Integração da Pessoa Portadora da Deficiência, e pelo menos quatro instituições especializadas na educação de portadores de deficiência visual, a fim de que se proponham medidas disciplinadoras para importação de aparelhos, equipamentos e recursos voltados à integração educacional, cultural e profissional das pessoas acima referidas.

Que se crie em cada região do Brasil uma Imprensa Braille com o objetivo de facilitar a informação rápida e precisa para o portador de deficiência visual.

Às organizações nacionais não governamentais de portadores de deficiência visual que apoiem e aperfeiçoem os serviços de suas bibliotecas.

Que seja realizado um convênio entre o Programa de Intercâmbio UFPB/Illinois Department of Rehabilitation Services.

Enviar ao Congresso Nacional a alteração da Lei ordinária nº 5980 de 14/12/73, que trata dos direitos autorais, autorizando a transcrição das obras literárias para o Braille e a distribuição pelas instituições sem fins lucrativos produtoras desta modalidade de impressão.



No que se refere a operacionalidade prática será da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba - EPTPb, cujo serviço já está no ar desde outubro de 1993. Nesta Central videotexto serão colocados:

- um banco de dados bibliográficos sobre deficientes e outras informações;
- o correio eletrônico videotexto, que integrará todas as instituições para deficientes no Brasil;
- e as telas (ou páginas) interativa onde os deficientes estarão em fórum constante à distância do local.

Pode-se afirmar, que os cegos operarão os terminais com o auxílio de outras pessoas. E, que outros portadores de deficiência como os surdos, e paraplégicos poderão também auxiliar nestas operações.

Quanto a prestação de serviços com os terminais videotexto ALCATEL é necessário enfatizar, que as consultas e a “conversação” on-line entre os cegos do País será possível com facilidade. O audiovideotexto ainda não chegou ao mercado, mas será um terminal de voz e textos, com recursos especiais para deficientes visuais.

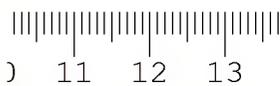
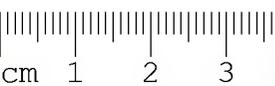
Os softwares para a estação de trabalhos serão do tipo SOUND-BLASTER e MODEM's com sintetizador de voz. No caso, os hardwares é que serão partes principais, tais como:

- impressora Braille;
- CD - ROM;
- caixas acústicas;
- scanners, etc.

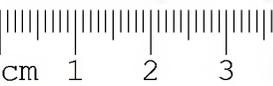
A impressão em Braille pode receber dados diretamente do terminal ALCATEL, através de conector multiperiférico deste tipo de terminal.

Assim, considerando o que acima se expôs, a comunidade deficiente visual se estimulará a montar “redes próprias privadas”, cujas informações poderão ser comercializadas e proporcionará receita para os portadores de deficiência.

Considere-se, que isto já existe na Europa.



RELATÓRIO FINAL DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE



Digitalizado
gentilmente por:



2. ESTRATÉGIA

O projeto ficará sob a Coordenação do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB, envolvendo na sua execução os recursos humanos que atuam na Fundação Parque Tecnológico da Paraíba / Governo do Estado / Prefeitura Municipal e Universidade Federal da Paraíba. Objetivando-se a plena execução deste projeto, há que se buscar financiamento na Fundação Banco do Brasil, através de convênios entre o Serviço Braille /BC/UFPB e a Fundação Banco do Brasil.

Dada a própria natureza da meta proposta, far-se-á necessário estabelecer um efetivo contacto entre a Fundação Banco do Brasil e demais órgãos congêneres, alertando sobre o trabalho que será desenvolvido.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

3.1.1. Implantar o sistema automatizado do Serviço Braille/BC/UFPB, com apoio da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba/ Governo do Estado/ Prefeitura Municipal e Universidade Federal da Paraíba.

3.2. Objetivos Específicos

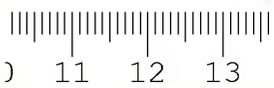
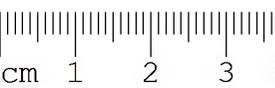
3.2.1. Operacionalizar videotexto e audiovideotexto direcionados para a educação, a cultura, a informação e o lazer;

3.2.2. Promover uma variada gama de serviços e técnicas inovadoras;

3.2.3. Estimular a implantação de serviços automatizados, racionalmente, estruturados em toda a comunidade paraibana;

3.2.4. Prover o Serviço Braille/BC/UFPB de uma padronização dos Serviços automatizados;

3.2.5. Incentivar a extensão dos serviços computadorizados Braille.



Realizou-se o I Seminário Nacional de Bibliotecas Braille - I SENABRAILLE no período de 18 a 20 de outubro de 1995 no Centro de Convenções do Hotel Tambaú, João Pessoa - Paraíba.

Tema: Bibliotecas Braille: Os desafios do século XXI

A Sessão de abertura contou com as presenças de:

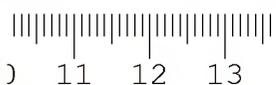
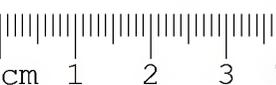
- Professora Carmen Isabel Ribeiro Silva, Sub-Secretária de Educação, representando o Governador do Estado, sua Excia. José Maranhão e o Secretário da Educação e Cultura, Prof. Iveraldo Lucena. A Sub-Secretária de Educação e Cultura trouxe mensagem do Governador e do Secretário ressaltando o interesse de ambos em apoiar as atividades relativas ao deficiente visual e a importância das Bibliotecas Especiais como as mantidas pela Universidade Federal da Paraíba.

- Professor Jáder Nunes de Oliveira, representando o Magnífico Reitor da Universidade Federal da Paraíba, Prof. Neroaldo Pontes de Azevedo. O Professor Jáder Nunes de Oliveira discorreu sobre a importância da realização do Seminário na Paraíba e abordou a dificuldade de acesso de alunos à Universidade, em especial, dos alunos com deficiência visual. Ressaltou o perfil da Biblioteca Braille na Universidade e o papel que presta aos deficientes visuais no Estado.

- O Diretor de Ação Social da FAE - Federação de Assistência ao Estudante de Brasília, Dr. Fernando Barreiros, discorreu o papel da FAE no apoio complementar às atividades de ensino e aquisição de livros didáticos. Ressaltou a importância de trabalhar em conjunto com as entidades voltadas para o deficiente visual na produção de livros em Braille e fitas gravadas.

- A Professora e Jornalista da Universidade Federal da Paraíba, Joana Belarmino, discorreu sobre o Estado da Paraíba dentro do cenário geopolítico brasileiro. Enfatizou o acesso de deficientes visuais aos altos escalões da sociedade civil organizada. Ressaltou a necessidade de modernização dos produtos em Braille e a maior participação dos deficientes visuais na produção de livros em Braille ou falados para os portadores de deficiência visual.

- A Presidenta do I SENABRAILLE, Marília Mesquita Guedes Pereira deu as boas vindas aos participantes, falou da importância da realização pela primeira vez no Brasil de tal evento, onde seriam



4. OPERACIONALIZAÇÃO

4.1. Requisitos Institucionais

4.1.1. Cumprimento do convênio Fundação Banco do Brasil

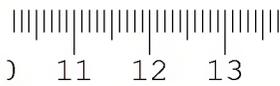
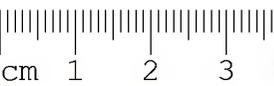
4.2. Recursos Humanos

Os recursos humanos estão relacionados no QUADRO 1.

QUADRO I

RECURSOS HUMANOS - 1994
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS (Pessoa Física)
Em R\$ 1,00

Discriminação	Quantidade	Remuneração Mensal	Encargos Sociais	Custo Mensal	Custo Anual
Supervisor	01	218,18	43,64	261,82	3.403,66
Coordenador	01	218,18	43,64	261,82	3.403,66
Digitador	01	109,09	21,82	130,91	1.701,83
Alunos de Biblioteconomia	02	145,45	29,09	174,54	2.269,02
Alunos de Informática	02	145,45	29,09	174,54	2.269,02
Auxiliar de Biblioteca	02	109,09	21,82	130,91	1.701,83
TOTAL		945,44	189,10	1.134,54	14.749,02



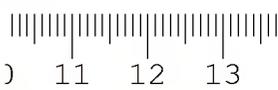
discutidos os problemas referentes aos serviços de Bibliotecas para portadores de deficiência visual, a troca de experiência e a sedimentação de ações que venham otimizar as Bibliotecas Braille, com os desafios do século XXI. Enfatizou que há necessidade de se fomentar uma política nacional para o portador de deficiência visual. Destacou que a Biblioteca Braille tem o compromisso social de mostrar à comunidade sua importância como elo aglutinador dos programas de ensino, pesquisa e extensão e seu compromisso natural com a informação, a cultura e o lazer. Deve, portanto, o bibliotecário ser o elemento vivo no processo de democratização do país. É ele o elemento mediador e catalizador de diálogo da ação biblioterapêutica. Finalizou afirmando ser a informação "direito de todos".

- A relatora, Elizabet Maria Ramos de Carvalho, como Presidente de Mesa, abordou a função do Bibliotecário no atual contexto informacional brasileiro, que deve ser livre, aberto, democrático, possibilitando a formação de massa crítica e ativa e ainda a efetiva participação de todos os segmentos da sociedade e de todo tipo de usuários.

Após o encerramento foi apresentado o Vídeo do Centro Cultural de São Paulo da Biblioteca Braille.

Na sessão da tarde do primeiro dia foi proferida a Conferência "Diagnóstico Preliminar das Bibliotecas e/ou Setores Braille" pela senhora May Brooking Negrão, Vice-Presidente do I SENABRILLE e Assessora do Escritório Regional da IFLA para América Latina e Caribe. Discorreu sobre a Metodologia de aplicação e tabulação de questionário para o levantamento dos dados e analisou alguns aspectos importantes do levantamento, a saber:

- Existência de duplicidade de esforços.
- Falta de órgãos coordenadores a nível nacional, estadual e local.
- A inexistência de Catálogo Coletivo Nacional de obras em Braille.
- Realidade das Bibliotecas Braille, algumas não possuindo sequer máquinas de datilografia Braille para fazer seus cadastros.
- Falta de registro de frequência, cadastro de usuário.

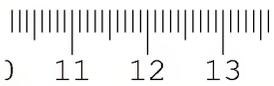
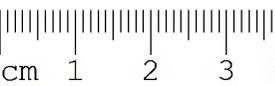


5. MATERIAL PERMANENTE

Com relação ao Material Permanente constam no QUADRO 2, abaixo discriminado:

QUADRO 2
MATERIAL PERMANENTE

DISCRIMINAÇÃO	QUANTI- DADE	PREÇO TOTAL
Microcomputador 486 D x 2 - 66 MHZ 7 Mbyte de memória RAM Winchester de 210MB 3 ^{1/2} Drive 5 ¼ 1.2 MB Drive 3 ½ 1.44MB 02 saídas seriais padrão RS 232C 01 saída paralela padrão centronics Monitor 5 VGA - color. 28 Dtp Teclado padrão AT		
Gabinete mini-torre c/display digital	01	2.749,09
Estabilizador de tensão 1KVA	01	101,82
Impressora Epson LX 810	01	356,36
Sound Blastors 16 Bits c/Kit Completo + CDROM + 4 CDS + caixas	01	865,45
Hand - Scanner 256 tons de cinza Logitech	01	407,27
Impressora Braille Versapoint 40BP10	01	407,27
Impressora Matricial comum	01	407,27
Sistema táctil Navigator	01	407,27
Sistema de voz sintetizada	01	407,27
TOTAL		6.109,07



- Baixo índice de empréstimo inter bibliotecas Braille.
- Ausência de estatística.

Finalizou sua exposição nomeando alguns pontos de reflexão que fazem parte do elenco de recomendações deste Seminário.

O Dr. Francisco Sérgio Menezes Lucena, Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos da Paraíba, esclareceu sobre a franquia postal e procedimentos para sua utilização, divulgando assim a isenção de taxas de correio para a remessa de livros em Braille.

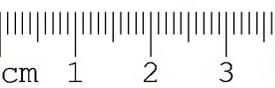
Dia 19/10

Mesa Redonda - Novas Tecnologias (uso de computadores para os portadores de deficiência visual)

• O primeiro conferencista foi José Valter Arcanjo Ponte. O mesmo discorreu sobre a RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de Deficiência, um projeto coordenado pela Universidade de São Paulo, através da CECAE - Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais, inserido no âmbito do Programa de Cooperação Universidade-Comunidade. É uma rede eletrônica de Comunicação e Informação de / para portadores de deficiências. A RENDE dissemina informações sobre todas as deficiências, sendo um forum privilegiado de discussão para os portadores de deficiências e seus familiares, profissionais da área e o poder público. Atualmente a RENDE dispõe de base de informações com aproximadamente 3.000 registros bibliográficos, contendo os localizadores, índice por palavras-chaves e resumos abrangendo todas deficiências, com publicações em português, espanhol, francês e inglês de diversos países.

A RENDE tem mapeado centenas de endereços eletrônicos na Internet, estando apta a realizar pesquisa sobre qualquer domínio ligado à deficiências. Dissemina a Mensagem de Agência do Estado de São Paulo. Possui Núcleo de Demonstração DOSVOX, Letra VOX e Disco VOX.

Distribui formulário de solicitação de adesão a RENDE. Os usuários têm como obrigação arcar com os custos de comunicação e se comprometer a não cobrar pelo acesso das informações disponíveis pela Rede.



6. PREVISÃO DE RECURSOS

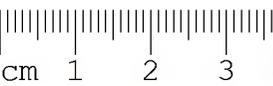
Os recursos financeiros necessários para a execução do presente projeto englobam um total de R\$ 20.858,09 (Vinte mil, oitocentos e cinquenta e oito reais e nove centavos) que estão relacionados no QUADRO 3, conforme discriminação abaixo:

QUADRO 3

PLANO DE APLICAÇÃO

Em, R\$ 1,00

DESPESAS CORRENTES	
Outros serviços de terceiros - Pessoa Física	14.749,02
DESPESAS DE CAPITAL	
Equipamentos e Material Permanente	6.109,07
TOTAL	20.858,09



• A segunda palestrante da Mesa Redonda foi Raimunda Miguelina Alves Slexa da Faculdade da Educação da USP, Disque-Braille. Este serviço se propõe a atender consultas por telefone, correspondência ou pessoalmente para localização de informações bibliográficas dos acervos das bibliotecas e instituições da cidade de São Paulo, através de uma Central automatizada. Discorreu sobre a sua implantação e, instituições participantes, esclarecendo que possui 1600 informações sobre obras em Braille e livros falados. Citou as consultas mais comuns: instituições que trabalham com deficientes, equipamentos e treinamento (Cursos e Escolas). Demonstrou a importância de integração Biblioteca Pública X Comunidade.

A terceira exposição foi a do Prof. Eduardo José Henrique da Silva sobre o Videotexto no Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba.

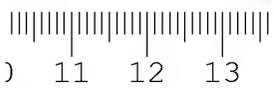
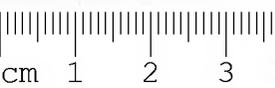
Expôs sobre as facilidades do sistema Videotexto, desenvolvido na França, pelo Minitel, sua tecnologia e aplicação práticas, ressaltando as facilidades de implantação e consulta por não serem necessários conhecimentos específicos de computação para sua utilização.

Nomeou as Instituições que utilizam o Videotexto no Brasil e o estímulo da Embaixada da França para educação à distância, e o convênio com a TELEBRÁS.

Apresentou um novo aparelho de Videotexto com preço acessível na França, com possibilidade de acoplamento de sintetizador de voz. O Videotexto está sendo implantado como Projeto Piloto no Parque Tecnológico de Campina Grande, Paraíba.

A quarta exposição foi da Professora Maria Cristina Godoy Cruz Felipe - Coordenadora do Serviço de Doação e Biblioteca da Fundação Dorina Nowill de São Paulo sobre a Experiência da Automação da Fundação Dorina Nowill em São Paulo.

Enfateizou a evolução da Imprensa Braille, hoje computadorizada, desde sua criação em 1946 até a data de hoje. A fundação conta com a Assessoria Técnica do Dr. John M. Gill, Gerente do Departamento Técnico de Pesquisa, Royal National Institute for the Blind, Londres, Inglaterra, para atualizar e aperfeiçoar o sistema de transcrição, tornando-o mais rápido e eficiente através de conversores Braille. A Fundação contou também com o apoio da Imprensa Oficial do Estado na



7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

As atividades serão desenvolvidas de acordo com o Cronograma estabelecido no QUADRO 4.

QUADRO 4

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

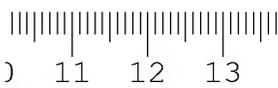
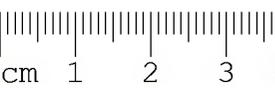
Cronograma de Atividades	1995											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Planejamento, estudo e pesquisa												
Elaboração												
Aprovação												
Execução												
Acompanhamento, avaliação controle												
Comunicação e Difusão												

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEGOS franceses ganham sala com livros sonoros. **Correio Brasiliense**.: ciência e tecnologia. Brasília, 8 out. 1991. p. 13.

CHEN, J.G., How, C.A. A computerized system for workersplace desing for visually impaired workers. **Journal of Visual Impairment and Blindness**, v. 85, n. 5. p. 232-233, may 1991.

FERRAZ, Silvio Computador lê para cegos. **Revista Brasileira para Cegos do Instituto Benjamim Constant**. Rio de Janeiro, v. 2. Jul/dez. 1989.



elaboração de um programa conversor que transforma automaticamente, textos fornecidos pelas Editoras em disquetes, para o sistema Braille, padrão utilizado no Brasil, com a finalidade de produção das matrizes, otimizando o processo de transcrição.

Atualmente a Fundação em colaboração com a SONIX está aprimorando o programa conversor Braille, e continua contando com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo para a manutenção dos equipamentos especiais para a impressão Braille.

Discorreu sobre equipamentos, programas e sistemas de produção de livros Braille e os serviços oferecidos com a nova tecnologia. Apresentou produção e distribuição dos livros em Braille em 1995, compreendendo 51 títulos, 19.382 exemplares, 26.191 volumes, num total de 2.404.154 páginas impressas, obras didáticas e literatura.

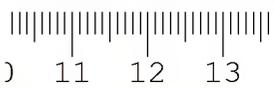
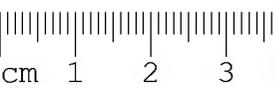
A Fundação Dorina Nowill de São Paulo mantém um cadastro de 660 organizações e um cadastro de 3.580 leitores deficientes visuais.

Abordou como último aspecto a perspectiva para o deficiente visual com as novas tecnologias nomeando o sintetizador de voz, o display Braille, agendas eletrônicas, impressoras Braille, aparelhos conjugados e software aplicados à informática, recursos que possibilitam e facilitam o acesso de pessoa deficiente de visão ao mundo de computação e o acesso a redes remotas.

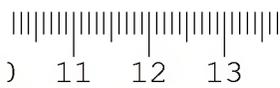
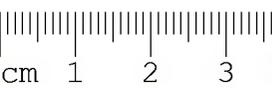
A Fundação Dorina Nowill grava, em fita cassete, a Revista VEJA, que é distribuída para os usuários semanalmente. O atendimento é para 117 leitores, que recebem em suas residências, as fitas gravadas.

A quinta exposição foi a do professor Luzimar Alvino Sombra, que discorreu sobre a Experiência da Automação no Instituto Benjamin Constant. Apresentou histórico sobre o Instituto, o mais antigo da América Latina, e enfatizou a implantação da automação na Imprensa Braille daquele Instituto, incluindo a aquisição de equipamentos, os problemas enfrentados na instalação, a utilização das máquinas que vieram sem software, a divergência de compatibilidade, formatação e linguagens, tipo de papel necessário para impressão em Braille e outros.

Informou sobre a Lei 9.045 de 18/05/95 que garante o direito de transcrição em Braille dos livros editados no Brasil, sem fins lucrativos. O material gravado (livro gravado) não é coberto pela lei.



- GHENOV, André. O videotexto. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 2, p. 349-396, jul/dez. 1989.
- GIANNINI, Silvio. Tecnologia a mina eletrônica: inteligência artificial. **Veja**. São Paulo, v. 26, n. 34, p. 64-68. 1993.
- HOOKE, Fran. Computerized Braille; the boulder story. **Wilson Library Bulletin**. v. 58, n. 8, p. 5270-5273. apr. 1985.
- ROBREDO, Jaime. Informação e transformação: reflexões sobre o futuro da biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 14, n. 1, p. 51-69, jan/jun. 1986.
- SANSPREE, M.J. et al. The vision outreach project: a pilot project to train teachers of visually impaired students in Alabama. **Journal of visual Impairment and Blindness**. v. 85, n. 5, p. 222-225, may, 1991.
- SHIMADA, Ana Márcia Sizuko. Introdução às novas tecnologias, com enfoque especial em viodetexto. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 25, n. 1/2, p. 54-79. jan/jun. 1992.
- THIELE, Paul E. New technologies for the blind reading community. **Canadian Library Journal**. v. 41, n. 3, p. 131-144, 1984.



Dia 19/10 - Sessão da Tarde

Mesa Redonda: A Biblioterapia como elemento facilitador para a integração do portador de deficiência visual. Conferencista Prof. Garry Bowman, professor do Departamento de Reabilitação e de Serviços de Comunidade, Illinois, Estados Unidos.

Expôs sobre a importância de leitura e a necessidade do conselheiro conhecer bem as obras que indica para os deficientes visuais.

Relatou estudos de casos e abordou as resistências apresentadas pelos pacientes.

Dia 20/10

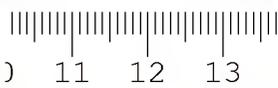
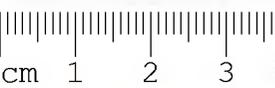
Mesa Redonda: A Importância da informação em Bibliotecas e/ou Setores Braille na luta pela cidadania dos portadores de deficiência visual.

A palestrante Prof^a Joana Belarmino antes de discutir a especificidade da temática contextualizou-o dentro de um fenômeno bem mais amplo: a sociedade industrial e a sua mais nova viagem (a sociedade pós-industrial).

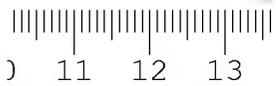
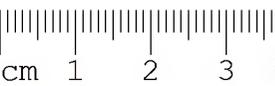
O acesso à informação escrita a partir da invenção e adoção do sistema Braille, essa foi, de fato, a chave que permitiu nos indivíduos cegos uma perspectiva de vida dentro das fronteiras da "normalidade". Essa é a chave que os têm conduzido (em pequeno número, é bem verdade) ao núcleo da sociedade pós-industrial, no contato com sua matéria mais básica e mais importante: a informação.

Depois questionou o que é cidadania. O que é ser cidadão na contemporaneidade? Mostrou que além de todos os direitos que a cidadania envolve ao nível da lei (os direitos civis, os direitos políticos e o amplo capítulo dos direitos sociais), o ser cidadão, na atualidade, envolve ainda o direito de se poder influir livremente na informação, matéria mais básica e mais importante das sociedades moderna, complexas em seu mais recente desenvolvimento.

Para os deficientes visuais, a informação trafegando nessas gigantescas ondas cibernéticas, coloca-se como uma espécie de "primeira visão" da história, da ciência, e da cultura em geral.



ABSTRACT: This study presents some considerations about the implementation of automation in the Braille Service of the Central Library – Federal University of Paraíba. The main objective of the study is to make fully operational videotext and audiovideotext system aiming at the improvement of Education, Culture, Information and Leisure.



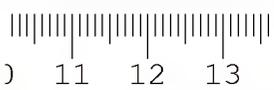
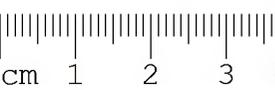
Como debatedor contou-se com a participação do Dr. Jório Machado, Secretário de Cidadania, Justiça e Meio Ambiente da Paraíba. Discorreu sobre "Cidadania, ou seja, como consciência, como indivíduo dos seus direitos e deveres na sociedade".

Comunicou que foi iniciado o Programa Cidadania, na Paraíba, que pretende distribuir de 400 a 500 mil documentos para esclarecer o papel do cidadão no seu Estado. Não se pode chamar de cidadão quem não tem documento, quem não tem saneamento básico, quem não tem emprego. A consciência do cidadão de que tem este direito de que necessita lutar pelas suas conquistas e trabalho que deve ser feito.

Abordou que a tecnologia tem contribuído para evitar a segregação do deficiente visual e que o sistema Braille foi uma revolução para o mundo e a abertura do espaço do deficiente visual na sociedade. Ressaltou o brilhantismo da Profª Joana Belarmino ao expor a sua conferência.

Informou que o Estado da Paraíba está desenvolvendo "Plano de desenvolvimento sustentável" e sugeriu que a Presidente do Seminário encaminhasse projetos para incluir recursos destinados a favorecer os deficientes visuais. Este Projeto deve ser encaminhado à Secretaria de Cidadania para ser incorporado ao Plano.

O segundo debatedor, Senhor Ironides Dias de Barros, da Companhia das Américas, relatou a experiência de sua convivência, quando garoto, com uma tia que era cega desde os 5 anos de idade. Ela não usufruiu do direito de dizer que era cega e se como possuindo visão normal e não discutia o seu problema. Ela se destacava sob muitos aspectos quando ela mudou-se para uma nova casa questionava porque da instalação da energia elétrica. Fazia cálculos de memória com extrema facilidade, dizia o dia da semana e qualquer data, as fases da lua, identificava as pessoas com maior facilidade, as roupas e até a cor era identificada. Imaginou quanto esta senhora teria se desenvolvido se contasse com a oportunidade de utilizar os meios de comunicações atuais para deficientes visuais. Daí ver o crime que cometem as autoridades de não cuidar dos portadores de deficiência, que possuem um potencial enorme. O debatedor relatou que colaborou nos primeiros estudos da Fundação de Portadores de Deficiência - FUNAD. Como engenheiro discutiu o projeto e trouxe em 1989 um especialista em Educação



EXPERIÊNCIA DA AUTOMAÇÃO NA PRODUÇÃO DE LIVROS EM BRAILLE NA FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS - SÃO PAULO.

*Engº Minoro Nagahashi
Profª Maria Cristina Godoy Cruz Felipe*

I. EVOLUÇÃO DA IMPRENSA BRAILLE COMPUTADORIZADA

1946 - Criação da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, hoje Fundação Dorina Nowill para Cegos com o objetivo de produzir, divulgar e distribuir livros em Braille para pessoas deficientes da visão, escolas, bibliotecas e organizações que atendam deficientes da visão.

DE 1974 A 1982

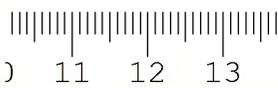
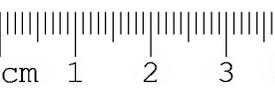
1974 - Os primeiros ensaios para a automatização do processo da produção de livros em Braille foi com o projeto SELBRAC, e apoio da IBM do Brasil. Foram usados, para esse projeto, os seguintes equipamentos:

- Unidade Leitora/Prefeitura IBM 029
- Computador IBM 1130
- Impressora Braille PUMA ES da Blista EHG

A pesquisa foi direcionada para o desenvolvimento de subsistemas (transição, correção e formatação), modificação e adaptação dos equipamentos. Foi necessário desenvolver novos equipamentos para compatibilizar os já existentes. Por esse motivo, o projeto tornou-se inviável financeira e tecnicamente.

DE 1983 A 1988

Em 1983, com a tecnologia do microcomputador PC, a doação do SISTEMA 700 da Prológica, e apoio técnico do Laboratório de Subsistemas Integráveis (LSI) da Escola Politécnica da USP, foi possível a transcrição de textos nesse sistema. Em 1987, foi acoplado ao sistema uma impressora Braille de textos TED - 600 da Enabling Technologies Co. ...



Especial dos EUA, Dr. Briggs. Realizou, naquela ocasião, um Seminário e ficou surpreso com a existência de 15 instituições que cuidavam de portadores de deficiência no Estado. Foi feito um levantamento das necessidades dessas instituições para servir como subsídio para a Fundação (FUNAD) que congrega as políticas públicas do Estado (Saúde, educação e profissionalização dos portadores de deficiências).

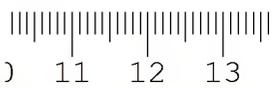
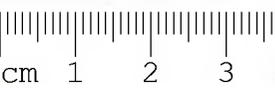
O outro debatedor - Rubens Nóbrega, Jornalista, Assessor de Comunicação Social da UFPB, afirmou que o Estado da Paraíba deveria prover as necessidades do deficiente visual, sem apoio. Concordou com as colocações da conferencista, especialmente no que se refere ao acesso à informação.

A Presidente da mesa, Prof^a Maria Helena Costa de Barros enfatizou que as Universidades dão acesso a todos os indivíduos, entretanto a maioria delas não possui nenhuma estrutura e nem bibliotecas com acervo em Braille para o deficiente visual. Ressaltou a necessidade do envolvimento das Escolas de Biblioteconomia com o problema dos portadores de deficiência visual.

A conferencista Ivani Pires da Silva, Bibliotecária da Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo apresentou a palestra sobre Produção do Livro Infanto-Juvenil relatando experiências pessoais e que o trabalho vem sendo utilizado desde 1991 com ilustração em relevo dos livros infantis. Demonstrou que existe interesse e demanda desses livros ilustrados de usuários das pré-escolas e 1^a série. Abordou que em 1991 foi lançada a coleção de livros infantis em relevo. Manhã de autógrafos e o entusiasmo das crianças cegas foi total. O acesso de coleção ilustrada produzida pela Biblioteca consta de 27 títulos. Possui também 21 títulos de obras infantis com ilustração em relevo pontilhado doado pela Fundação Dorina Nowill para cegos. Sempre que possível é feita a transcrição do texto em Braille.

Concluindo, afirmou que há um resultado bastante significativo em relevo de livros infantis e sugeriu que o caminho a seguir é explorar ao máximo o recurso de estimulação tátil.

A professora Elôra de Souza Leão Andrade, conferencista, discorreu sobre a sua experiência no Clube da Boa Leitura, no Rio de Janeiro, enfatizando que foi fundado por um cego aposentado do Instituto Benjamin Constant.



DE 1989 A 1995

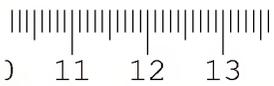
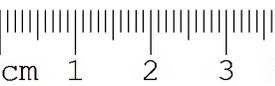
Em 1989, diante da baixa velocidade, baixa capacidade de armazenamento e dificuldades de compatibilizar o sistema 700 à impressora procurou-se equipamentos compatíveis e de mesma capacidade para atender as nossas necessidades. Assim, foi escolhido microcomputador PC, padrão IBM-PC e impressora Braille com interface ambientado para o padrão IBM-PC ou similar. Esse sistema é composto de 4 microcomputadores IS30 PLUS da ITAUTEC, e 3 impressoras Braille alemãs modelo PUMA V B e uma impressora Braille TED600 americana. Esta face a FDNC contou com apoio do Governo Federal, Latein American Zentrum Alemã, Banco Itaú e ITAUTEC. Para formalização desse projeto com todas as fases de desenvolvimento, contamos com a assessoria técnica e orientação do Dr. John M. Gill, Gerente do Departamento Técnico de Pesquisa da Royal National Institute for the Blind, Londres, Inglaterra, que possui grande experiência em Imprensas Braille computadorizadas dos principais países do mundo a fim de atualizar e aperfeiçoar o sistema informatizado de produção de livros em Braille e otimizar o sistema de transcrição, tornando-o mais rápido e eficiente, através dos conversores Braille.

Para o desenvolvimento e implantação desse sistema computadorizado através de micros, a MICROSOFT e ITAUTEC doaram vários programas e ofereceram suporte técnico.

A Fundação contou também com apoio da Imprensa Oficial do Estado, na elaboração de um programa conversor, que transforma automaticamente textos fornecidos pelas Editoras em disquetes, para o sistema Braille padrão utilizado no Brasil, com a finalidade de produção das matrizes, otimizando o processo de transcrição.

Atualmente a Fundação Dorina Nowill para Cegos em colaboração com a SONIX está aprimorando o programa conversor Braille pois, embora já existam conversores no mercado, nenhum possui as características básicas do sistema Braille padrão no Brasil.

No que se refere a manutenção dos equipamentos especiais para impressão Braille, contamos com apoio do Departamento Eletromecânico da IMESP - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.



É uma entidade sem fins lucrativos, não possuindo taxa de inscrição, sendo mantida por um grupo de colaboradores possuindo um total de 2.256 fitas gravadas. O clube dispõe de poucas obras didáticas, mas oferece seus préstimos para fazê-lo.

Já a bibliotecária Marília Mesquita Guedes Pereira relatou todo o trabalho que vem fazendo junto ao Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. Fez toda uma retrospectiva das atividades em Braille oferecidas à comunidade universitária e/ou local.

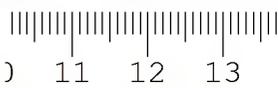
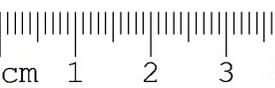
A Professora Marilene Ribeiro dos Santos, Secretária de Educação Especial do MEC na sua palestra sobre "Instituições Governamentais: Política de fomento para Bibliotecas e/ou Setores Braille" enfatizou que a missão da Secretaria de Educação Especial do MEC que coordena é garantir a educação especial a todos os portadores de deficiência, mostrando que a política do MEC compreende sete linhas de ação.

Abordou que apesar dos avanços conseguidos nos últimos anos, constata-se que existe falta de livro didático em Braille, de literatura e demais impressos no sistema Braille, e, também, a escassez de serviços de apoio pedagógico e de Bibliotecas Braille em todos os Estados do País. Entretanto a SEESP-MEC vem implementando uma série de medidas para minimizá-los, tais como:

- A inclusão desse alunado no Programa de Material Didático da FAE - Fundação de Assistência ao Estudante, com a concessão de kits de materiais didáticos. Esses kits são compostos de bengala, sorobã, reglete, punção, assinador e papel Braille, beneficiando aos alunos de 1ª a 4ª séries. A meta é atingir 100% dos alunos atendidos pelo sistema educacional brasileiro.

- A criação de Centros de Apoio ao Deficiente Visual em cada unidade da Federação.

Além dessas ações a Profª Marilene Ribeiro dos Santos enfatizou que o Ministério de Educação e Desportos através do FNDE e da FAE poderá apoiar não só projetos de ação comunitária, como também projetos oriundos das unidades federadas, objetivando a implantação de Setores Braille nas bibliotecas escolares, universitárias ou comunitárias.



II. EQUIPAMENTOS, PROGRAMAS E SISTEMAS NA PRODUÇÃO DE LIVROS EM BRAILLE

A Fundação Dorina Nowill para Cegos possui os seguintes equipamentos para a produção de livros em Braille.

- Microcomputador PC-XT, PC 386 e PC 486
- Impressoras (Eletrônicas). Matriciais e Laser
- Impressoras Braille TED 600 e VERSAPOINT
- Impressora Braille em matriz PUMA V B
- SCANNER de mesa - mod. Scan Jet IIC colorido
- Sintetizador de voz VERTPLUS
- Corretoras manuais
- Guilhotinas manual e elétrica
- Impressora Minerva - corte e vinco
- Impressora para Tipografia - CADU - Minerva manual 3/8"
- Offset - ADAST - Dominant - 725P(alemã)
- Furadeiras
- Grampeadeiras

Programas instalados na automação:

- Editores de textos:

KEDIT, REDATOR E WORD 5.0

- Programas O.C.R. (Reconhecimento Óptico de Caracteres):
MULTIREADER, RECOGNITA E OSCAR

- Sistemas de Voz:

VERTPLUS, DOSVOX, BRAILLE HABLADO

Sistemas utilizados no processo de produção:

1. Transcrição

- a) Digitação (Texto em tinta)
- b) Digitalizado (Scanner)
- c) Disquete (Editores)

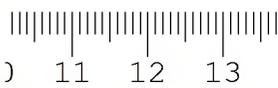
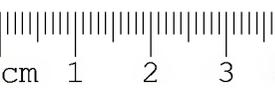
2. Revisão e Correção

3. Impressão das matrizes

4. Tipografia (impressão da capa em tinta)

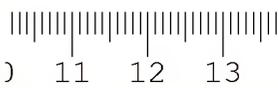
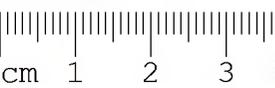
5. Impressão em Braille da obra

6. Paginação/Encadernação/Distribuição



Finalizando, ressaltou o imenso prazer de estar participando do Seminário, dando ênfase para o pleno sucesso.

Após a Conferência da Prof^a Marilene Ribeiro dos Santos foi apresentada pela Presidenta do I Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, Marília Mesquita Guedes Pereira as recomendações aprovadas na Sessão Plenária de encerramento do I SENABRAILLE.



1. Transcrição

a) Digitação:

Sistema convencional de transcrição, usando os editores de texto REDATOR da Itautec e WORD 5.0 da Microsoft, devidamente adaptados (Desenvolvido Drivers especiais para as impressoras Braille).

Características:

- Editores voltados para língua portuguesa com hifenização automática, caracteres acentuados da língua portuguesa, corretor ortográfico e de fácil manuseio.

- Esse sistema requer digitadores com conhecimento prévio do Braille pois, é necessário digitar os símbolos Braille tais como: sinais de maiúscula, sinal de número ou regras específicas.

- Na transcrição de obras didáticas que possuem desenhos, gráficos ou mapas, a confecção é feita de forma convencional ou seja, manualmente.

- O formato da página Braille na digitação é 40 caracteres por linha e 29 linhas por página.

b) Digitalizado - SCANNER

Neste sistema o texto ou figura é transferido pelo Scanner para o computador. Essa imagem é tratada por um software OCR (Reconhecimento óptico de caracteres), específico para os textos. As figuras ou gráficos podem ser tratados por um programa gráfico e impressos em Braille.

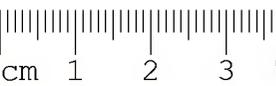
Características:

- Esse sistema requer boa qualidade do texto impresso em tinta, para evitar erros no reconhecimento pelo OCR.

- O sistema necessita uma rediagramação do texto digitalizado e a sua conversão para o formato Braille.

Esse sistema reduz o período de revisão devido a uma melhor confiabilidade na transcrição do texto, pois evita erros de digitação.

c) Disquetes - EDITORES



Esta publicação é fruto do nosso trabalho à frente da SUB-COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS BRAILLE, subordinada à Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas da FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.

SUB-COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS BRAILLE

Presidente: Marília Mesquita Guedes Pereira

Vice-Presidente: Raimunda Miguelina Alves Flexa

Secretária: Maria de Fátima Costa

Tesouraria: Gláucia Silveira Silva

Consultoria: José Elias Barbosa Borges

May Brooking Negrão

Roseli Cecília Rocha de Carvalho Bonmel

Ana Maria Gonçalves dos Santos Pereira

ENDEREÇO:

Universidade Federal da Paraíba

Biblioteca Central

Divisão de Serviço ao Usuário

Seção de Coleções Especiais

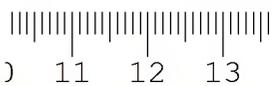
Serviço Braille

Cidade Universitária

CEP 58.051.900 - João Pessoa - Paraíba

Telefone: (083) 216-7101

Marília@bc.biblioteca.ufpb.br



Nesse sistema as Editoras fornecem a obra digitada em disquetes. Essa obra digitada, sofrerá as transformações necessárias para impressão Braille como: formatação, conversão e adaptação de gráficos, tabelas ou figuras se houver.

Características:

- Necessidade de compatibilização dos programas entre a Editora e a Fundação, ou que exista a possibilidade de transformar (exportar ou importar) essa obra digitada nos sistemas da Fundação ou seja, WORD 5.0 ou REDATOR.

- Se faz necessário uma revisão Braille para verificar a diagramação e formatação especial.

2. Revisão e Correção

A Fundação Dorina Nowill para Cegos utiliza 3 revisões, além da revisão em tela através do corretor ortográfico. Todos os sistemas de transcrição em Braille passam por essa etapa.

A facilidade no processo de revisão dependerá do sistema que foi utilizado na transcrição Braille.

Regularmente são realizadas 2 revisões em Braille com acompanhante voluntária.

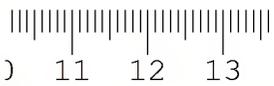
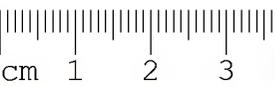
A última revisão Braille é realizada somente por uma pessoa deficiente da visão, após correção e impressão em matriz.

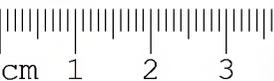
Com a implantação dos programas previstos como conversor e digitalização de textos, o processo de revisão e correção, será facilitado e agilizado.

Um dos projetos a serem analisados é o da revisão no próprio Microcomputador pela pessoa cega através do uso de periféricos especiais como o teclado Power Braille 40, Braille Hablado.

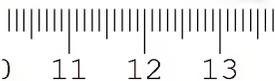
3. Impressão das matrizes

Utilizando o mesmo Editor de texto, com o texto revisado e corrigido é realizada a impressão automática nas impressoras





Digitalizado
gentilmente por:



(eletrônicas) Braille em matriz - PUMA V B ou, de texto - VERSAPOINT.

Até a etapa da impressão das matrizes, o sistema está automatizado, trazendo economia de matéria-prima e de tempo, com melhoria da qualidade.

4. Tipografia (impressão da capa em tinta)

A Fundação Dorina Nowill para Cegos utiliza o processo de composição manual tipográfica do texto a ser impresso em tinta, tanto na capa como na folha de rosto do livro, com a identificação em tinta da obra.

Com as novas tecnologias de impressão Laser e em Offset iniciamos a automação da etapa de impressão de capas e encadernação, possibilitando atender as conclusões e convenções internacionais sobre livros em Braille, incluindo recomendação da UNESCO, de que os livros em Braille principalmente os infanto-juvenis e didáticos devem trazer impressos coloridos de desenhos e gráficos, permitindo uma apresentação mais alegre do livro em Braille, tanto para pessoas com visão subnormal como também orientação às pessoas videntes sobre os conteúdos dos livros.

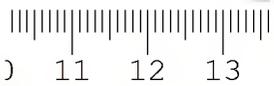
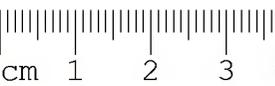
5. Impressão em Braille

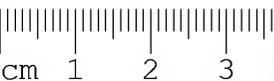
O papel mais utilizado na Imprensa Braille é de gramatura 120, no sistema de página dupla interpontado.

A tiragem é estabelecida de acordo com as necessidades e pedidos dos livros.

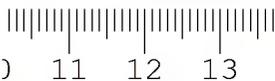
6. Paginação / Encadernação / Distribuição

Após a impressão Braille é realizada a paginação dos livros por pessoas cegas, que vincam manualmente as folhas, separando-as em blocos para encadernação, A encadernação é feita de acordo com a espessura do livro, podendo ser brochura ou capa dura.





**Digitalizado
gentilmente por:**



A distribuição é gratuita atendendo às solicitações dos livros, tanto para pessoas cegas como para organizações, escolas e bibliotecas de todo o território nacional.

Para atender necessidades de pedidos de transcrição em Braille especiais, é cobrado o preço de custo, quando a pessoa deficiente da visão tem condições de pagar.

III - SERVIÇOS OFERECIDOS COM A NOVA TECNOLOGIA

- Transcrição Braille em cópia única

A Fundação Dorina Nowill para Cegos possui um Centro de Transcrição Braille com a finalidade específica de transcrever obras em cópias únicas, atendendo estudantes que fazem pedidos especiais.

O Centro possui máquinas de datilografia PERKINS elétricas, um Microcomputador, uma Impressora Braille VERSAPOINT e utiliza os programas similares ao da Imprensa Braille.

Esse serviço é realizado por voluntários qualificados que receberam treinamento no sistema Braille.

- RENDE/DOSVOX - Sistema de Voz

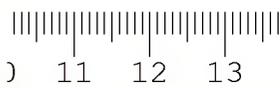
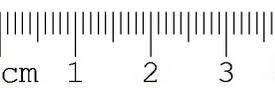
A Fundação coloca à disposição dos deficientes visuais como um dos pontos interligados à RENDE, um serviço de consulta sobre acervos bibliográficos e leitura diária do Newspaper publicado pelo Jornal "O Estado de São Paulo", utilizando o sistema DOSVOX:

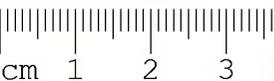
O programa foi desenvolvido na USP - Universidade de São Paulo, pela RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de Deficiência, com o patrocínio da VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social.

Além da Fundação, há outros pontos instalados em organizações e bibliotecas que atendem pessoas cegas em São Paulo.

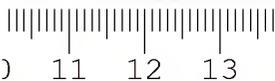
IV. PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS BRAILLE EM 1995

A abrangência da Produção e Distribuição de livros em Braille da Fundação Dorina Nowill para Cegos, atingiu todas as Unidades da





**Digitalizado
gentilmente por:**



Federação e alguns países da América Latina, de acordo com as necessidades locais e possibilidade de produção.

Durante estes primeiros nove meses deste ano foram produzidos e distribuídos 51 títulos, 19.382 exemplares, 26.191 volumes em Braille num total de 2.404.154 páginas impressas, incluindo obras didáticas, literária, música, boletins e outros.

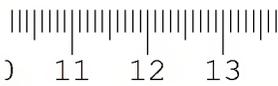
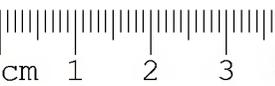
A Fundação Dorina Nowill para Cegos mantém um cadastro de 660 organizações incluindo serviços estaduais e municipais de Educação Especial, escolas oficiais e particulares, bibliotecas, universidades, associações de deficientes visuais e organizações de todo o território nacional. De alguma forma, todas essas organizações mantêm contato com a Fundação para solicitação de informações técnicas, de bibliografia especializada e pedido de doações de livros em Braille.

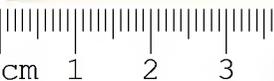
Além das organizações a Fundação Dorina Nowill para Cegos mantém o cadastro de 3.580 leitores deficientes visuais, os quais também solicitam informações e pedidos de livros em Braille.

V. PERSPECTIVAS PARA O DEFICIENTE VISUAL NA NOVA TECNOLOGIA

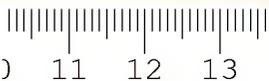
Com a constante evolução e a popularização dos microcomputadores e a tendência ao surgimento de novas tecnologias integradas e novos acessórios, as oportunidades para as pessoas deficientes da visão utilizarem a tecnologia da computação, deixa de ser um obstáculo.

A sintetização da voz, o Display Braille, agendas eletrônicas, Optacon II, impressoras Braille, aparelhos conjugados e Software aplicados à informática, são recursos que possibilitam e facilitam o acesso da pessoa deficiente da visão, no mundo da computação, inclusive na nova tendência das redes internacionais ligadas por computador que oferecem serviços e informações antes não disponíveis.





Digitalizado
gentilmente por:



EXPERIÊNCIA DE AUTOMAÇÃO NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Prof. Luzimar Alvino Sombra

1. HISTÓRICO

O direito à informação é assegurado pela constituição da República Federativa do Brasil, nos seguintes termos:

Art. 5º, inc. XIV: “é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”.

O Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant, iniciou a impressão de material em Braille, na América Latina, com uma imprensa de tipos móveis, em 1863. A partir de 1902, começou a trabalhar com Máquinas de Estereotipia Braille de origem francesa. Posteriormente, passou a utilizar Máquinas de Estereotipia Braille de fabricação inglesa.

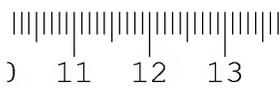
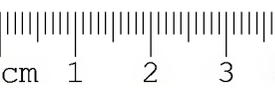
No início da década de 80, importou três máquinas alemãs, conhecidas como Máquinas de Estereotipia Braille de Marburgh. Todas essas máquinas de Estereotipia Braille, fabricadas na França, Inglaterra e Alemanha, produzem clichês em alumínio ou material semelhante.

Em 1991, a Direção-Geral do Instituto Benjamin Constant tomou as providências iniciais, visando à modernização da Imprensa Braille da Instituição. Optou, então, pelo processo de automação da referida imprensa. Esse processo completou-se apenas em setembro de 1994.

A Imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant, com financiamento do FNDE, possui hoje:

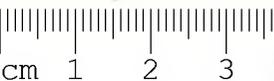
- Duas Máquinas de Estereotipia Braille BETA-X10
- Duas Máquinas de Estereotipia Braille BETA-X3
- Quatro computadores PC 486
- Um Scanner de mesa

- Deve-se criar um catálogo único de materiais em Braille e auditivo, na América Latina, com assistência das organizações internacionais.

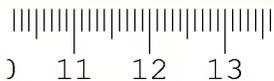




UFPA/Editora Universitária



Digitalizado
gentilmente por:



- Uma imprensa e instalações de produção de Braille devem estabelecer-se na região centro-americana.

- Deve-se criar um programa especial para o intercâmbio de música em formato Braille.

- Que as organizações nacionais façam esforços para a estandarização das abreviaturas em Braille em toda a região.

2. SITUAÇÕES QUE DEMANDAM CUIDADOS ESPECIAIS

a) definição de políticas nacional, estaduais e municipais da produção de material em Braille e em tipos ampliados para pessoas cegas e portadoras de visão subnormal;

b) designação de órgãos federais, estaduais e municipais, responsáveis pela execução dessas políticas;

c) especificação dos órgãos financiadores da produção de materiais em Braille e em tipos ampliados;

d) definição das funções das Instituições de Ensino, inclusive Universidades, na transcrição do material em Braille e elaboração de textos em tipos ampliados;

e) definir o papel da iniciativa privada, pessoas e entidades;

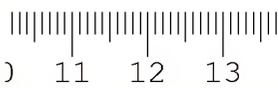
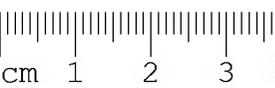
f) elaboração de programações nacional, regionais e locais de publicações em Braille e em tipos ampliados, visando a evitar a duplicação de esforços e a pulverização de recursos;

g) especialização de recursos humanos para manutenção de computadores, Impressoras-Braille e outros equipamentos, digitação e formatação de textos a serem impressos em Braille ou em tipos ampliados.

3. CONCLUSÕES

- O Instituto Benjamin Constant vem, há 132 anos, imprimindo material em Braille para leitura de pessoas cegas.

- A elaboração de um sistema de produção de material em Braille e em tipos ampliados requer esforço conjunto do Governo, das Instituições de Ensino e Entidades particulares.



ACESSO DO DEFICIENTE VISUAL AO LIVRO ESCRITO ATRAVÉS DO SISTEMA DOSVOX

*José Antônio Borges**

1. INTRODUÇÃO

Foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro um sistema computacional que permite que uma pessoa cega possa utilizar um computador convencional com bastante fluência. Este sistema faz uso de um pequeno sintetizador de baixo custo, acoplável a qualquer computador tipo IBM/PC, e através dele pode realizar um sem número de tarefas, como a datilografia de textos, cálculos, cadastramento de dados pessoais e até mesmo jogos.

O sistema realiza a leitura em língua portuguesa, com razoável precisão. A fala é bastante inteligível, o que torna o DOSVOX utilizável desde crianças ou pessoas com pouquíssima cultura. Isso posto, é possível transcrever textos impressos para um disquete, para que depois este material seja lido pelo sistema DOSVOX.

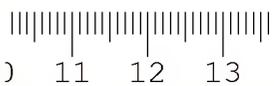
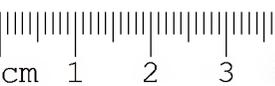
Descreveremos a seguir como isso pode ser realizado.

2. TÉCNICAS PARA QUE UM CEGO POSSA LER UM LIVRO ESCRITO

O equipamento envolvido na leitura é o seguinte:

- a) computador estilo IBM/PC 386 ou superior
- b) sistema DOSVOX
- c) Scanner de mesa “flatbed”
- d) programa comercial de reconhecimento ótico de caracteres (Omnipage PRO ou Recognita PLUS)

* Universidade Federal do Rio de Janeiro - Núcleo de Computação Eletrônica - Projeto DOSVOX



A pessoa cega aciona o sistema DOSVOX e inicia o programa de reconhecimento ótico de caracteres. Coloca o livro no scanner, e ao apertar uma tecla (Enter), cada página do livro é reconhecida pelo programa e armazenada na memória do computador. Uma seqüência de teclas promove finalmente o armazenamento definitivo do texto em disquete.

O texto armazenado pode então ser lido pelo DOSVOX, em português. O programa de leitura oferece diversas opções, tais como soletragem de palavras de difícil compreensão, busca de textos e alteração na velocidade da fala. Opcionalmente, o material pode ser editado ou alterado, uma vez que freqüentemente o programa de reconhecimento de caracteres comete erros na transcrição, em especial quando o material lido não é de boa qualidade gráfica (em especial esses programas não conseguem ler bem cópias Xerox).

Opcionalmente, o texto pode ser depois transcrito para uma impressora Braille, se houver uma disponível. Entretanto, a grande maioria dos usuários prefere ler diretamente no computador.

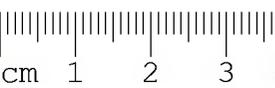
O treinamento do usuário deste processo é extremamente rápido: com cerca de 1 hora de treinamento, o usuário já estará apto a transcrever e ler.

3. CONCLUSÕES

A qualidade de fala do sistema DOSVOX não favorece a sua utilização em textos muitos longos, uma vez que a leitura se torna bastante cansativa para o usuário. Entretanto, experiências feitas na Universidade demonstram que textos até 5 páginas datilografadas são lidos sem nenhum cansaço pelos usuários.

Desta forma, o DOSVOX não é indicado para leitura de lazer, porém é extremamente útil em leituras didáticas ou pesquisa bibliográfica, uma vez que o programa leitor fornece opções de busca de texto extremamente rápidas. Deve-se para o caso do lazer utilizar uma outra opção, como fitas cassetes de áudio gravadas (livro falado)

Diversas bibliotecas do Brasil, incluindo a Biblioteca de Curitiba (a pioneira), as bibliotecas de diversas Universidades Federais, em especial da Paraíba e do Pará, diversas bibliotecas da cidade de São



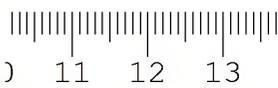
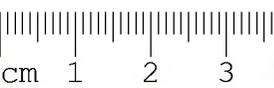
Paulo e recentemente a Biblioteca Nacional, estão incorporando o DOSVOX para uso experimental. Entretanto, o maior uso deste método, em virtude de seu projeto DOSVOX, com base em entrevistas realizadas com os usuários que dentro de 2 anos, cerca de 30 por cento dos usuários cegos de computador deverão ter em casa um scanner para realizar transcrições.

Além das bibliotecas está sendo incentivada a criação de centros de atendimento, especializados em transcrição, tal como ocorre na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que conta com um serviço como este, operando por pessoas cegas, com um índice de transcrição médio de dois livros por dia.

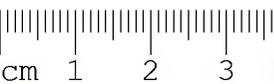
REFERÊNCIAS

BORGES, J. A. Home page do sistema DOSVOX na Internet, <http://www.nce.ufrj.br/aau/dosvox>.

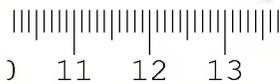
BORGES, J. A. DOSVOX, um novo acesso do deficiente visual à cultura e ao trabalho, in "Revista Benjamin Constant", nº 3/1996.



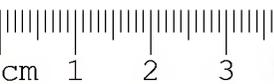
**MESA REDONDA: A BIBLIOTERAPIA COMO
ELEMENTO FACILITADOR PARA A
INTEGRAÇÃO
DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA VISUAL.**



Digitalizado
gentilmente por:



**EXPERIÊNCIA EM BIBLIOTERAPIA PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL
NOS ESTADOS UNIDOS**



**Digitalizado
gentilmente por:**



Bibliotherapy: a Technique For Counseling Blind People

Garry Bowman*

This lecture was presented at the First National Seminar of Braille Libraries at Joao Pessoa, Brazil, October, 1995.

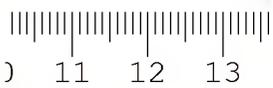
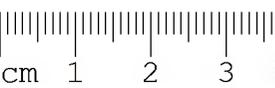
INTRODUCTION:

Since antiquity, books and especially biographies, have been used for transmitting hard-learned lessons about life from generation to generation. From the days of Plato, the life of Socrates has been used to teach philosophical concepts. Another Greek, Plutarch, wrote a series of biographies of famous Greeks, such as Alexander the Great, which is, still valuable for the instruction of young people preparing for leadership roles.

Cicero's "Essay on Old Age" offered the Romans advice about preparing to make their declining years happy, if they were fortunate enough to reach old age. Cicero advised his readers to cultivate a variety of interests, including some that were not strenuous, that could be either practiced or remembered in old age. The life of Jesus as set forth in the Gospels has formed the foundation of ethical and moral instruction of Christian youth for almost two thousand years.

The foregoing examples illustrate the use of books for transmitting culture, but they do not illustrate bibliotherapy. To do this, the use of these books for some type of treatment or healing would have to be described.

* Illinois Department of Rehabilitation Services - #1 Doctors Park, Mt. Vernon, Illinois 62864, phone 618-244-2650, fax 618-244-6843, e-mail cbowman@midwest.net.



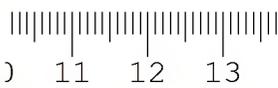
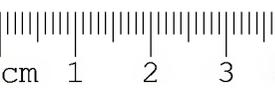
BIBLIOTHERAPY DEFINED:

Bibliotherapy can best be described as a process whereby the blind person reads biographical or autobiographical material about other blind and sighted persons for the purpose of examining his own life situation in view of what he has read. Bibliotherapy is a use of books to assist persons in the treatment of problems in their lives, resolving intra or interpersonal conflict, handling grief or other strong emotions, or coping with unsettling life changes. Although the Bible has been used to prepare young people for life, it has also provided comfort and spiritual healing to people confronted by tragic circumstances. The person who, grieving for a lost spouse, turns to the Bible for words of comfort is practicing self-bibliotherapy.

HISTORY OF BLIND READING MATERIALS IN THE UNITED STATES:

To understand how bibliotherapy evolved in the United States, a little history regarding the development of blind reading materials may be helpful. Bibliotherapy as currently practiced did not have its beginnings until after the 1900's. The reason is that before 1900, books for the blind were very rare and expensive to make, consisting mostly of embossed raised type rather than Braille. Although Braille was an accepted format there were several Braille formats in use at the time, but no agreed upon Braille standard. So even if a book were available in Braille, it had to be in the type of Braille the reader understood. It was not until the 1930's that the Uniform Braille Code was adopted.

After the 1900's many changes started taking place, due mostly to the efforts of local libraries. Libraries started aggressively trying to serve the reading needs of the blind. Because of their efforts, several organizations for the blind and the Federal Government became involved in producing and financing Braille books. A major breakthrough came in 1904 when the Federal Government extended free mailing privileges to Libraries wishing to mail to sightless borrowers. Before this, even the



books that were available were difficult for blind people to get because of distance and lack of transportation.

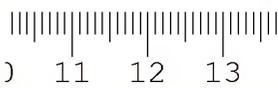
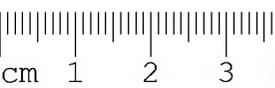
During this time period, Frank Hall from the Illinois School for the Blind at Jacksonville which is just a few kilometers from where I live, developed a practical Braille writer based on the 6 dot system. This device was refined by the Perkins School for the Blind into what is now known as the Perkins Braillewriter.

The Illinois School for the Blind also developed the first Braille press capable of mass producing interpoint Braille on a large scale and began publishing a self teaching Braille series designed to enable people to learn Braille at home as well as in schools, institutions and local libraries. Print books which corresponded to the Braille books were made available to help sighted teachers and others with little Braille knowledge to assist their students in learning Braille.

The idea for producing sound recorded books or “talking books” for the blind was first attempted by Thomas Edison in 1877. At that time he filed his first patent on a talking machine called a “Tinfoil Phonograph”. He stated in his patent that “Books may be read by the charitably inclined professional reader, or by such readers especially employed for that purpose and the record of such book used in the asylums of the blind”. He never followed up on the idea however because he saw no commercial benefit from this application of sound recording for the blind. It was not until 56 years later in 1934 when the technology had sufficiently matured and became affordable that The American Foundation for the Blind began formally producing and distributing talking books in the United States.

The number of borrowers of blind reading materials more than doubled in a few years after the advent of talking books. It is interesting to note that there was great opposition to talking books at that time from the Braille publishers who feared loss of government and private revenues. This never came to pass, and both formats, Braille and sound recorded books co-exist today in harmony. Today, all the libraries for the blind in the United States handle both Braille and talking books as well as the newer audio captioned video cassettes.

Technically at least, bibliotherapy for the blind became more practical because of the two previous discussed developments. One, the



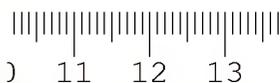
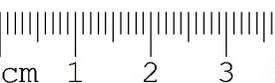
standardization of the Braille code provided a uniform publishing standard, and two, recorded or “talking books” were officially recognized by the Federal Government and granted free mailing privileges and financing to produce them.

HOW BIBLIOTHERAPY STARTED:

Teachers and other workers for the blind had for years recognized that telling stories about ones or others experience with blindness was an integral part of blindness adjustment counseling. The effectiveness of the story however was often depended on the skill of the worker telling the story. This is true for most people, sighted or otherwise. With the advent of readily available Braille and talking books, the story telling skill of the teacher or worker was not as critical since the book told the story in a consistent manner. As a result, teachers and workers for the blind who did not have good story telling skills could be as effective as those who did.

Bibliotherapy for the blind can be traced formally in the literature in the United States to the pioneering work of Alvin Roberts in his book entitled “Psychosocial Rehabilitation of the Blind” published in 1973 and to an article published in the 1984 Journal of Visual Impairment and Blindness (JVIB), entitled, “Bibliotherapy: A Technique for Counseling Blind People”.

As a protégé of Mr. Roberts, I have published numerous articles covering different aspects of Bibliotherapy for the blind such as “Using Therapeutic Metaphor in Adjustment Counseling” in the 1992 issue of JVIB, “Reframing Blindness” in the December, 1992 issue of Anchor Point, and “Helping the Blind to ‘See’ with NLP” in the October, 1996 issue of Anchor Point. I mention these not to be self serving, but because there is so little published on so helpful a therapy. I am particularly pleased to note Marília Pereira’s of Universidade Federal da Paraíba. Biblioteca Central. Serviço Braille important contributions and work in this field.



DEVELOPMENT OF AN ANNOTATED BIBLIOGRAPHY:

Because of a increasing number for requests descriptive book lists from workes for the blind, it became necessary to develop a comprehensive list of the biographies, autobiographies, and fictional works about blind people that are available throughout the United States. This list was last published in 1982. I am currently working with the Library of Congress to update this list and will furnish a copy if you request.

COMPONENTS OF BIBLIOTHERAPY:

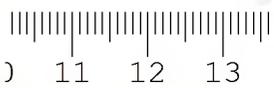
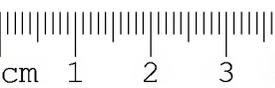
The process of bibliotherapy as we practice it contains three essential components:

- A. People with problems
- B. A need for a therapeutic agent
- C. Books that have therapeutic value.

The component that makes bibliotherapy a counseling technique is of course a counselor who may be a teacher or other worker with the blind who prescribes specific material to assist a client in resolving a specific problem. If this technique is to work effectively, the counselor must possess some important qualifications. These include

- A. Athorough undersrtanding of the psychological nature of the problem being encountered by this blind person.
- B. An understanding of the way this particular problem is treated in the prescribed book selection.
- C. The ability to formulate hypotheses regarding the impact this material will have on the client's positive resolution of his or her problem.

As a general rule, books used for Bibliotherapy deal with the subject of blindness in some manner. It should be noted however, that books which do not deal with blindness can sometimes be used effectively. The problem in using a book which is not about blindness is that the blind reader, may not be able to sufficiently empathize or



relate to the sighted protagonist to gain benefit. It is not uncommon for a newly blinded person to think that' only another blind person can understand his/her situation. While there is some merit to this view, it is not universal true and can be detrimental to the rehabilitation process. However, we have to work with people where they are in their psychological development. If a person believes this way, no amount of persuasion by a sighted person will usually dissuade them. It will only be through another blind person's experience that they will be able to relate. For this reason, Bibliotherapy can be particularly useful to a sighted worker of the blind.

It is wise to select books that will also be of general interest to the blind person in areas other than blindness. For example, a young person planning to enter college might be assigned an autobiography of another person without sight who has just completed college. A former school principal might be interested in a history of residential and day schools for the blind. On the other hand, a former law officer may find a novel about a blind detective fascinating. A nurse or doctor might be interested in a story about a blind person in the medical profession.

BIBLIOTHERAPY PRESCRIPTIONS:

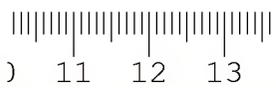
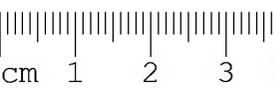
The following criteria should be considered in selecting material for Bibliotherapy:

A. What are the client's reading preferences? If, for example, if strong language is offensive, Brother Ray, the autobiography of Ray Charles (RC 16618) should not be considered, although it is interesting and insightful written.

B. A person's religious beliefs should be considered as they may be offended by materials which are not offensive to you.

C. What about the reader's education and work history? Going Blind (RC10715), the fictional account of an English professor experiencing progressive blindness, might be a good choice for a high school teacher in similar circumstances.

D. What is the prognosis for the reader's visual condition? A person who slowly loses their sight will react differently than a person



who loses their sight suddenly as will a person who is born blind. These are all three very different experiences, even though they lead to the same condition.

E. What is the nature of the adjustment problem being encountered by the reader. Lack of acquaintance with blind persons? Denial of visual disability? Overt protection by relatives and associates? For instance, if the reader is very depressed about blindness, a wrong choice would be *The Light that Failed* (TB 1141) by Kipling which ends with the self-destruction of the protagonist, because this would no doubt intensify the readers's depression.

The overriding consideration, of course, is the competence of the worker to select and make effective use of the right book. Experience has shown that the worker must have personally read a book or be familiar with it before prescribing it in order to do successful Bibliotherapy.

APPLICATION AND FOLLOW UP.

This phase can be a learning experience for the worker for the blind as well as the client since valuable information can be gathered concerning the Bibliotherapy intervention. The worker can use questions such as the following to aid the client in comparing and delineating his situation from those of blind people he/she has read about.

A. What did you read that was particularly encouraging or useful?

B. What did you read that was distasteful, morbid, or depressing?

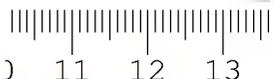
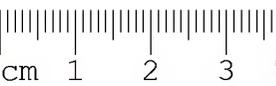
C. What character in the book did you find most like Your self Why?

D. What were the most difficult problems faced by the blind character or characters in this book?

E. How did the blind characters solve their difficulties?

F. What were the most difficult problems encountered by their relatives and friends and how did they solve their problems?

G. How does the information you have derived from reading and thinking about his book apply to your own situation?



This process of questioning can be therapeutic in nature as well as for gathering information. Because the stories usually involve somewhat different circumstances than that of the client's, they tend to bypass the client's conscious reflexive objections to ideas, solutions or problems. Clients can often find meaning and a solution in the story by reflecting on their own experience and understanding and forming new associations which can be used to resolve their current difficulties. Since the client comes up with the solution on the basis of their own understanding, they are more likely to accept it.

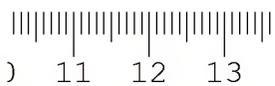
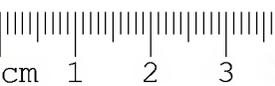
This process is similar to the Socratic method used by Socrates in which students are asked questions that lead them to use their imagination and knowledge to discover new ideas by forming new associations.

Bibliotherapy is similar in this sense to most forms of psychotherapy because its intention is to help the client find a new or different way of perceiving or working with a current problem.

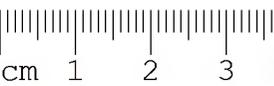
CONCLUSION:

The right book at the right time can often enhance adjustment to blindness. The blind reader may be relieved to learn that another blind person also felt isolated, helpless, and misunderstood by loved ones during the early stages of adjustment. The author may formulate the client's un verbalized feelings about blindness into poignant and concise phrases, as when a newly blinded man expressed his helpless feelings to his counselor by saying, "This blindness makes me feel like I'm back in babyhood".

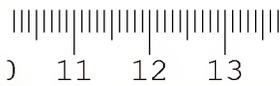
Often the protagonist will relate personal experiences in coping with blindness that present potential solutions to the reader's own problems. The saying "forewarned is forearmed" has great significance for persons facing blindness; to illustrate, many people have been relieved by reports from totally blind persons that their world is not continuously black. Finally, we must never underestimate the hope for a constructive and rewarding life conveyed through the writings of successful blind people.



**MESA REDONDA: A Importância da Informação em
Bibliotecas e/ou Setores Braille na Luta pela
Cidadania dos
Portadores de Deficiência Visual.**



Digitalizado
gentilmente por:



A Importância da Informação na Luta pela Cidadania dos Indivíduos Cegos

Joana Belarmino*

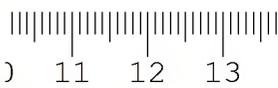
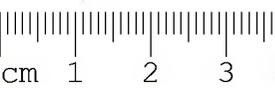
Cidadania e informação. Esses são dois conceitos da atualidade dando corpo a duas realidades contemporâneas. Nós não poderíamos discutir a especificidade da nossa temática com respeito à informação e à cidadania, sem antes contextualizá-la dentro de um fenômeno bem mais amplo: a sociedade industrial e a sua mais nova viragem (a sociedade pós-industrial), a qual muitos pesquisadores já preferem classificar de “sociedade informacional”, ou “sociedade midiática”.

De fato, eu gosto de apreciar a história dos grupos humanos e o seu desenvolvimento, lançando mão de uma síntese bastante arbitrária onde estabeleço um marco provisório para dois períodos distintos dessa história e desse desenvolvimento: num primeiro período que pode estender-se até o Século XIX, situo aquelas sociedades que poderiam vivenciar suas experiências por sua própria conta, tendo na comunicação interpessoal o fenômeno básico no processo de interação social. Num segundo período (diga-se de passagem, muito recente), situam-se aquelas sociedades que inaugurarão no Século XX e Era dos meios audiovisuais, ou seja, a época das sofisticadas tecnologias de armazenamento, transmissão e distribuição da informação, meios esses que vão alterar de modo profundo, as formas de ser, pensar e perceber o mundo por parte dos indivíduos e grupos sociais.

Ora, dentro desse esquema extremamente amplo, onde situar a história das pessoas cegas, seu desenvolvimento, sua luta pela cidadania que é, sobretudo, uma luta pelo acesso à informação?

Para pensar essa particularidade recorro novamente ao artifício da síntese, desta feita, mais realista. A história do desenvolvimento das pessoas cegas pode ser dividida em duas grandes épocas: a primeira,

* Professora de “Teoria da Comunicação” no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB



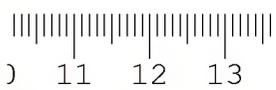
milénar, marca um longo período em que esses indivíduos eram, na verdade, “não pessoas”, “estranhos”, “marginais”, “desviantes”, em relação às suas próprias famílias e comunidades. Um segundo período, principiado a partir da terceira década do Século XIX abre a trilha de perspectivas que conduzirá o cego no caminho da construção de uma história real, palpável, que lhe permitirá a emergência de um processo de conscientização e politização e de integração social.

O acesso à informação escrita a partir da invenção e adoção do sistema Braille, essa foi, de fato, a chave que permitiu aos indivíduos cegos uma perspectiva de vida dentro das fronteiras da “normalidade”. Essa é a chave que os têm conduzido (em pequeno número, é bem verdade) ao núcleo da sociedade pós-industrial, no contato com sua matéria mais básica e mais importante: a informação.

Mas, por que estamos tomando a informação como a ferramenta indispensável na conquista da cidadania pelos indivíduos cegos? Para compreendermos tal importância temos que recuar aos primórdios da história conhecida desses indivíduos, a um tempo em que eles não dispunham de qualquer instrumento de acesso à informação e onde achavam-se, por assim dizer, submersos em devãos de mundos, relegados à miséria, ao alheamento, expropriados dos direitos fundamentais, despossuídos sobretudo, de um código comum que lhes permitisse transitar por todos os interstícios da vida cultural, ou seja, o código das trocas culturais que dá substância e solidifica o terreno próprio à comunicação e à interação social.

Nesses devãos de mundo restava, pois, à maioria dos cegos, uma sobrevida, ou como sugere o filme de produção chinesa “A Vida Sobre Um Fio”, a própria morte em vida.

Esse panorama modificar-se-á completamente quando o cego começar a partilhar das mais variadas fontes de saber sobre o mundo, a partir do seu contato pessoal com o registro das produções sobre arte, sobre as várias ciências, a religião e a cultura em geral. Dizendo de outro modo, esse panorama de completa desvantagem do cego em relação a outros grupos sociais, sofreu uma transformação profunda a partir do momento em que ele pode fazer pleno uso desse saber acumulado, enriquecendo sobremaneira o seu universo cultural, a sua experiência pessoal de percepção do mundo, rompendo-se ou minimizando-se, em



grande medida, o fosso que se havia erigido entre si e o processo mais amplo de socialização.

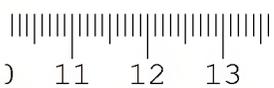
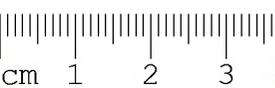
Gutenberg, no Século XV, com a sua Invenção dos tipos móveis de metal, criara as possibilidades para uma ampla democratização de “uma cultura escrita”. Nossa história nesse terreno começou com certo atraso: terceira década do Século XIX. Conquistamos o Braille, conquistamos formas rudimentares de impressão e, agora, em plena virada do século, acompanhamos com razoável performance as novidades tecnológicas no campo da impressão eletrônica.

E aí, retomo a questão básica que preside toda essa discussão: **o que é cidadania? O que é ser cidadão na contemporaneidade?** Além de todos os direitos que a cidadania envolve ao nível da lei (os direitos civis, os direitos políticos e o amplo capítulo dos direitos sociais), o ser cidadão, na atualidade, envolve ainda o direito de se poder usufruir livremente da informação, matéria mais básica e mais importante das sociedades modernas, complexas em seu mais recente desenvolvimento.

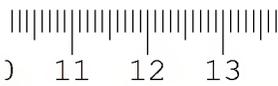
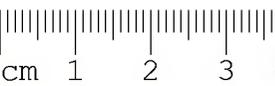
Para os indivíduos cegos, tal como para qualquer outro cidadão, a informação trafegando nessas gigantescas ondas cibernéticas, coloca-se hoje como uma espécie de “primeira visão” da história, da ciência e da cultura em geral. No entanto, qual a nossa posição em termos de poder de uso dessas novas tecnologias de informação? Sem sombra de dúvidas, estamos em uma posição bastante acanhada. No Brasil, como de resto em todo o mundo, a maior parte das pessoas cegas vive um déficit informacional muito amplo que os coloca no lugar de “cidadãos subalternizados”. Essa carência tão profunda de acesso à informação, constitui-se, de fato, numa grave ameaça à conquista da cidadania plena por parte dos indivíduos cegos.

Nas ruas, nas repartições públicas, nos bancos, nos restaurantes, as casas de espetáculos ou mesmo nas instituições e serviços especializados, em todo lugar, estamos quotidianamente nos defrontando com essa grave ameaça à nossa cidadania, à nossa independência, à nossa emancipação social.

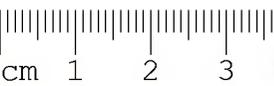
No campo da produção científica e cultural, há uma imensa lacuna a ser preenchida. Estamos, pois, diante de um debate extremamente emergente e atual que promete trazer à tona inúmeras polêmicas, múltiplos desenvolvimentos.



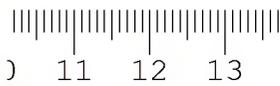
Tanta coisa foi dita aqui que bem poderia servir como fecho dessa minha explanação. Do Professor Sombra, retenho o alerta que bem ilustra essa polêmica em torno do uso dessas novas tecnologias de informação para as pessoas cegas: “Deixem que nós próprios digamos qual é o Braille que queremos”. Da Professora May, ressalto as sugestões feitas a este SENABRILLE, pela sua pertinência e oportunidade. De fato, é preciso que todos se envolvam nessa luta pelo acesso à informação por parte das pessoas cegas, sejam os serviços especializados, sejam as pessoas cegas através de suas entidades de representação. Quero concluir, como fez Marília em seu discurso de abertura desse evento, parafraseando Caetano Veloso: “Navegar é preciso, viver dignamente também é preciso”.



PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTO-JUVENIL



Digitalizado
gentilmente por:



A Produção do Livro Infanto-Juvenil na Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo

*Ivani Pires da Silva**

1. INTRODUÇÃO

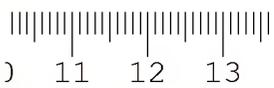
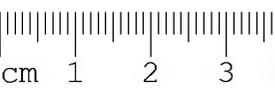
Em 1989, com a responsabilidade da coordenação do Setor Infanto-Juvenil da Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo, estabeleci como metas principais no meu plano de trabalho, aumentar a frequência infantil na biblioteca e incentivar a leitura recreativa, isto devido à consciência bem viva em mim da importância que a biblioteca infantil tem no processo de desenvolvimento de uma criança portadora de deficiência visual.

Esta conscientização, eu consegui formar através dos 26 anos de experiência profissional atuando, sempre, na área de atendimento exclusivo à criança e adolescente cegos e com visão reduzida, na Biblioteca Braille que anteriormente, funcionava apenas como uma seção Infanto-Juvenil.

Durante esse período de experiência tive a oportunidade de observar e registrar mentalmente muitas informações extraídas das mais diversas situações, inter-relacionamentos e reações conseqüentes. A essas informações juntei as que obtive na troca de experiências com outros profissionais da área e acrescentei ainda, as que colhi de reflexões sobre minha experiência pessoal de criança cega, em fase de alfabetização e iniciação à leitura, lembranças muito claras da minha primeira cartilha e das primeiras dificuldades vividas nesse período de minha vida.

Assim, no decorrer desse tempo, fui amadurecendo uma idéia e uma vontade firme e certa foi se fortificando: eu queria trabalhar e contribuir para que o maior número possível de crianças cegas pudesse adquirir o gosto pela leitura e usufruir dos benefícios proporcionados

* Bibliotecária da Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo



por uma biblioteca infantil através de suas atividades sócio-culturais e recreativas.

A experiência já havia me provado também que, as dificuldades a serem enfrentadas eram muitas: a dependência total, a disponibilidade dos familiares, as condições econômicas, as distâncias, a concorrência com a prioridade das terapias às quais normalmente se submetem os cegos na fase pré-escolar até a adolescência e a própria compreensão quanto à importância de freqüentar uma biblioteca Braille.

Ainda assim, eu estava certa de que, mesmo a longo prazo, com muita paciência, perseverança e a colaboração de algumas pessoas com a mesma vontade e a mesma certeza, haveria de chegar a um resultado positivo e gratificante.

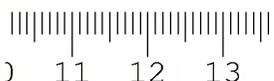
2. INCENTIVO À LEITURA

Nos dias de hoje tem sido um desafio para professores e pais motivarem as crianças para a leitura. Os recursos da tecnologia atual, com os quais elas podem contar para obter as informações de que necessitam, e a gama de atividades diárias para as quais são empurradas naturalmente, são fatores responsáveis por esta falta de motivação. As crianças não chegam a sentir a mínima necessidade do exercício da leitura e não sabem o prejuízo que isso lhes acarreta.

O fato ocorre igualmente com todas as crianças: portadoras de visão normal ou com deficiência visual. Quando na biblioteca infantil, o bibliotecário pergunta: - o que você gostaria de ler? A resposta é padrão: "Gostaria de um livro pequeno".

Todavia considerando o problema para a criança que não enxerga, temos que reconhecer e admitir que ela não conta com o recurso natural da visão, que leva as pessoas naturalmente ao aprendizado das coisas ou dos elementos que compõem o universo da vida, estejam eles ou não ao alcance das suas mãos.

A criança deficiente visual depende da sua curiosidade e precisa ser levada até esses elementos para conhecê-los ou até para saber que existem. Ela depende totalmente da motivação, maior ou menor, que recebe de sua família desde a primeira infância, para chegar na fase de alfabetização e iniciação à leitura com mais desenvoltura. Como



conseqüência disso terá mais facilidade ou mais dificuldade em seu aprendizado e um maior ou menor entusiasmo pelo exercício da leitura.

Outro detalhe a se considerado é a pouca disponibilidade de livros em Braille.

A pessoa de visão normal, para qualquer lado que se volte encontrará um livro, uma revista ou um cartaz que a desperta para a leitura, estímulos com os quais a pessoa cega não pode contar.

Há algum tempo que as editoras vêm publicando obras de literatura infantil e mesmo paradidáticas com ilustrações que muitas vezes, por si só, contam a história do livro.

Essas publicações são produzidas com um direcionamento certo, para cada nível de aprendizado. Quanto mais coloridas e mais originais, maior aceitação.

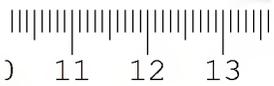
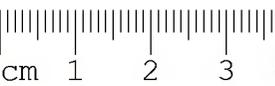
As lindas histórias, de longos textos, de leitura mais atenta, ainda permanecem nas estantes, à espera que mães, pais, tios ou avós, as leiam para suas crianças com visão normal.

Também, os deficientes visuais na faixa de 05 a 10 anos de idade, continuam tendo à sua disposição para o exercício de leitura e recreação, um acervo bem selecionado de lindas estórias do clássico da literatura infantil e outras mais modernas, mas, todas com textos longos que desanimam e fazem com que desistam da leitura nas primeiras páginas do livro.

Assim, a problemática do incentivo à leitura para a criança cega, sempre se afigurou, a nós profissionais da área da educação e cultura, de uma maneira crônica e de difícil solução. Mas, eu sempre pude perceber uma pequena luz brilhando muito no fim do túnel. E foi nessa batalha para atingir a segunda meta do meu trabalho que vi surgir minha grande chance de pôr em prática uma antiga idéia sempre muito debatida: a ilustração do livro infantil.

A ilustração em relevo para o livro infantil em Braille foi idealizada com o objetivo de dar à criança a mesma condição de igualdade a que é dada à portadora de visão normal no que tange ao incentivo e motivação à leitura recreativa.

Na fase de iniciação à leitura, a criança que enxerga normalmente, conta com o recurso de livros infantis de textos curtos, poucas palavras em cada página, bastante ilustração e muito colorido



que a encanta e diverte, compensando-a do esforço dispendido no exercício da leitura.

E é exatamente esse mesmo resultado que buscamos proporcionar aos pequenos deficientes visuais, com a ilustração em relevo de seus livros de histórias. Dessa forma, a criança sente-se naturalmente levada a virar a página e continuar lendo até descobrir o final da história.

Durante muito tempo, discutiu-se sobre até que ponto seria válido ilustrar os livros infantis em Braille.

O lado desfavorável à idéia, alega a dificuldade para a representação em relevo de qualquer figura e o seu reconhecimento através da percepção tátil.

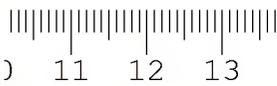
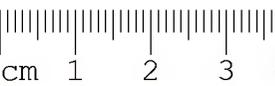
Por outro lado, vários fatores que contribuem para a defesa da idéia devem ser considerados.

O primeiro deles e o principal, não é só levar à criança uma figura clara e definida em sua primeira percepção, mas sim, uma ilustração interessante e agradável a seu tato. Uma figura que pode ser explorada à vontade ou sob a orientação do professor, do bibliotecário, de um familiar, ou mesmo de um amiguinho que esteja próximo no momento da leitura. O resultado que se obtém através desta motivação é exatamente o esperado - uma reação semelhante à de uma criança portadora de visão normal: virar a página com maior entusiasmo e tentar descobrir a figura representada na ilustração seguinte, e para facilitar a descoberta tenta decifrar as palavras escritas, e assim vai dando continuidade à leitura até chegar ao final da história.

Nesse processo cada ilustração identificada significa mais motivação, mais divertimento e um novo conhecimento adquirido, seja de algo que nunca viu, nem ao vivo e nem desenhado, ou ainda da diferença de um objeto observado ao natural e o mesmo desenhado no papel.

Sentimos assim que a leitura ilustrada em relevo não deixa de ser um recurso de apoio à formação da bagagem cognitiva da criança cega.

Outro fato importante a ser considerado e que encerra a questão, é que os professores especializados, no momento de passarem a seus alunos deficientes visuais conhecimentos difíceis de serem transmitidos



apenas pela teoria, acabam aderindo e improvisando desenhos pontilhados e bordados, os quais são muito bem aproveitados pelos alunos.

Os mapas geográficos utilizados pelos estudantes cegos também pontilhados e traçados em alto relevo com as legendas correspondentes em Braille, são difíceis de serem entendidos, principalmente quando complementados por muitos detalhes, mas, com a orientação do professor auxiliam bastante no aprendizado da geografia.

Na alfabetização, as cartilhas geralmente são ilustradas em alto relevo. Quanto a isto, posso pessoalmente comprovar o efeito motivador causado pelas ilustrações e a eficácia dos resultados, pois ainda me lembro claramente da cartilha que usei na época da minha alfabetização.

Lembro-me exatamente deste momento da minha aprendizagem, por causa das ilustrações que eu gostava tanto de manusear e que ainda recordo uma a uma. As que eu mais gostava eram o gato e o rato feitos em camurça marrom, o papagaio e o macaco em feltro e o bico de chupeta feito em pontilhado cheio.

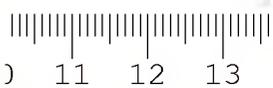
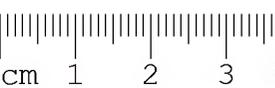
Das frases que compunham seu texto, eu me lembro mais ou menos. Seu título, infelizmente, eu não consigo recordar. Devo ter aberto a cartilha na página de rosto poucas vezes. As figuras bonitas da mesma, era o que realmente me interessava.

Com embasamento em todas essas reflexões, a Biblioteca Braille do Centro Cultural São Paulo realizou, no dia 14 de novembro de 1991, o lançamento de sua primeira coleção de livros infantis com ilustrações em relevo.

Foi uma manhã de autógrafos que contou com a participação de dois autores da coleção apresentada: Mary França e Eliardo França, que depois de assinarem os exemplares de sua autoria conversaram bastante com as crianças e participaram do coquetel, a nível infantil, servido na ocasião.

A aceitação e o interesse pela coleção superaram a expectativa.

O entusiasmo das crianças era tal que foi difícil para professores e responsáveis convencê-las a se retirarem da biblioteca sem poder levar para casa um livro ilustrado. O empréstimo ainda não havia sido liberado, pois as obras ficariam em exposição durante uma semana.



O evento foi documentado pelo jornal “A Folha de São Paulo” e seu sucesso comprovado pelo interesse das crianças.

3. PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO DOS LIVROS

O trabalho é realizado por pessoas voluntárias. Por vezes, o próprio copista que faz a transcrição de um livro infantil se interessa em fazer a sua ilustração.

É uma elaboração totalmente artesanal, sem especialização ou técnica alguma em artes plásticas. É feito antes de tudo com muito carinho, boa vontade, criatividade e aquele dom natural e desprezioso pelos trabalhos manuais, simplesmente pelo prazer de colaborar com a biblioteca num trabalho que considera bonito e importante e pelo qual acaba se empolgando à medida que percebe o resultado gratificante que este pode lhe trazer.

O voluntário prepara as ilustrações em sua própria casa. O material utilizado é fornecido pela biblioteca. Mas o que ocorre, na maioria das vezes, é que o ilustrador acha mais prático ir buscando esse material nas suas reservas caseiras, de acordo com as necessidades que vão surgindo no decorrer do trabalho. Nem sempre o voluntário se limita àquilo que ficou programado para a ilustração.

3.1. Projeção da Ilustração

Na própria biblioteca nos reunimos, o ilustrador, eu e sempre que possível mais uma ou duas pessoas.

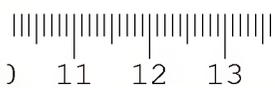
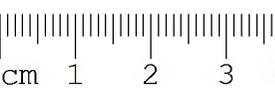
Tomamos o original do livro a ser ilustrado e o analisamos detalhadamente:

- quanto ao texto - tema, quantidade, conteúdo, personagem ou objetos principais e a essência de cada página;

- quanto à ilustração - cenário, cenas, figuras em maior destaque e o estilo dos desenhos (simples ou estilizados).

Com essa análise podemos sentir até que ponto a ilustração original pode servir de base para a adaptação da ilustração em relevo.

Há casos em que a ilustração é tão complexa, com muitas cenas e figuras estilizadas que se torna impossível aproveitá-la. E é nesses casos



que a minha imaginação tem que entrar e funcionar e a criatividade do ilustrador também, resultando numa ilustração totalmente adaptada.

Em se tratando de um primeiro trabalho realizado pelo voluntário ele recebe toda orientação básica necessária e também detalhes específicos sobre os quais ele deve ser alertado, como por exemplo:

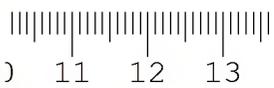
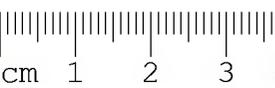
- os contornos das figuras devem ser bem simples;
- os detalhes ou acessórios que compõem a ilustração, como um chapéu, a blusa ou a saia da menina, laços de fitas, um sapato ou ainda uma bolsa devem ser sobrepostos à base da figura e de preferência com material de textura diferente;
- os traços em pontinhos que delineiam a saia de uma menina ou a manga de sua blusa podem ser facilmente confundidos com o contorno do corpo da menina ou com a divisão de seu braço com a mão. Por esse motivo damos preferência ao processo de colagem em texturas variadas para que os diversos contornos que compõem o desenho fiquem bem destacados e as diferentes texturas se aproximem o máximo possível do original da figura que está sendo representada.

Sinto que através do processo da colagem, a criança ao tatear o desenho tem a sensação de algo mais concreto, mais real; ela consegue aproximar-se um pouco mais da idéia real da figura ali simbolizada. Todavia, temos constatado que mesmo os desenhos produzidos em linhas pontilhadas também são muito bem aceitos e apreciados, embora exijam maior apoio de pessoas que enxergam para que os deficientes visuais consigam reconhecer a sua simbolização.

Outro detalhe importante ao qual o ilustrador estreante deve ser alertado é com relação ao colorido da ilustração. Em primeiro lugar, porque este trabalho também é dirigido para crianças de visão reduzida, e estas por sua vez têm como um dos passatempos mais agradáveis, o tentar descobrir as cores dos objetos que manuseiam. Para elas, o colorido é muito importante e muito atrativo também.

Em segundo lugar, porque não podemos esquecer que esta ilustração é apreciada também por pessoas que enxergam normalmente e as cores representam, sem dúvida, o arremate de um trabalho.

Assim, durante o processo da projeção da ilustração em relevo, o ilustrador e eu vivenciamos momentos agradáveis, de uma interessante troca de idéias e conhecimentos.



Enquanto eu transmito detalhes sobre a percepção de uma pessoa cega, ele passa para mim, enquanto descreve as ilustrações originais, várias idéias quanto a perfis e perspectivas, o que posso considerar um verdadeiro aprendizado. Enquanto exercitamos a imaginação na busca de diferentes texturas que se aproximem mais da figura real a ser simbolizada no papel, nos divertimos bastante também.

O momento de avaliação do trabalho também é muito interessante: nós, que não enxergamos, servimos de cobaia ao ilustrador, que, numa expectativa ansiosa, de olhos pregados em nosso rosto e nossas mãos, tenta descobrir se o resultado foi positivo ou não. Dificilmente é negativo. Consideramos que em 98% das vezes esse resultado é mais que positivo.

3.2. Material Utilizado na Confeção das Figuras

Para as bases dos desenhos, principalmente figuras humanas, utilizamos papel cartão, cartolina ou papelão.

Para revestimentos de bases e para acessórios: papel espelho, papel laminado, papel camurça, crepom, celofane, papel marmorizado, papel de seda, algodão, e tecidos como: veludo, camurça, plush, seda e outros.

Para contornos e detalhes: tinta plástica, barbante, fio de lã, linha palha e até galhos finos recortados.

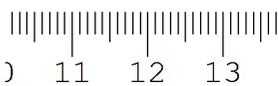
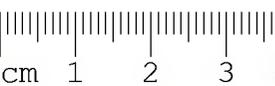
Na configuração de animais e superfícies que lembrem leveza e maciez é usado o algodão, veludo, plush, camurça, feltro e até retalhos de carpete.

Para representar superfície de água, mar, rios e lagos são utilizados o papel laminado e celofane.

Para superfícies ásperas: lixas, folhas finas de cortiça e isopor.

As lantejoulas, missangas, vidrilos e botões também entram em cena quando é necessário.

A cola utilizada é a comum, encontrada em qualquer mercado ou papelaria.



4. ACERVO

A coleção ilustrada produzida pela biblioteca constitui-se atualmente de 27 títulos e suas respectivas cópias.

Considerando-se numericamente, a coleção é pequena, todavia, temos conseguido dar à mesma, uma rotatividade satisfatória para o atendimento dos nossos usuários.

Estamos também aproveitando esta circunstância para trabalhar junto à crianças a conscientização quanto ao valor dessas obras, o cuidado que devem ter para com elas e ainda a responsabilidade sobre a regularidade do prazo para devolução desses livros para que todas as crianças interessadas tenham a oportunidade de lê-los.

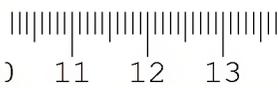
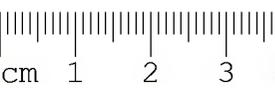
Complementando esse acervo, temos 21 títulos e 63 exemplares de obras infantis com ilustrações em relevo pontilhado, produzidos e doados pela Fundação Dorina Nowill Para Cegos.

Sempre que possível é feita a transcrição do texto em Braille para a escrita em tinta, para que familiares e professores, que não saibam o sistema Braille, possam fazer o acompanhamento da leitura com a criança.

5. CONCLUSÃO

O resultado positivo da ilustração em relevo de livros infantis para crianças cegas, já era esperado sem dúvida, mas, bem a longo prazo. Todavia, desde que a Biblioteca Braille colocou os livros ilustrados em circulação, o interesse e a procura pelos mesmos têm sido crescente.

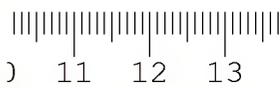
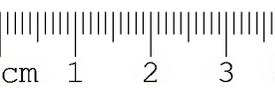
Esta forma agradável de leitura tem atraído não só os pequenos leitores de pré-escola e 1ª série, como também os de níveis mais adiantados, incentivando-os a uma aproximação maior e espontânea de todos os livros que compõem o acervo infantil da biblioteca. Com isso, descobrem a variedade de gêneros literários constantes desse acervo, com textos mais longos, de histórias bonitas e autores muito importantes, e cuja leitura só pode aumentar a bagagem cultural dos nossos pequenos usuários.



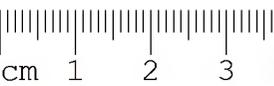
Para os jovens e adultos, que estão iniciando no sistema Braille, este tipo de material representa uma forma prática e divertida para o seu treinamento de leitura.

Com este retorno, obtido pela ilustração em relevo, estamos atingindo uma das metas principais do nosso trabalho, que é o incentivo à leitura.

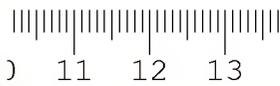
Assim, reforçamos o fato que já é sabido de todos nós, atuantes na área da deficiência visual, do qual não podemos esquecer em momento algum, seja para qualquer ponto onde desejamos chegar no desenvolvimento de todo o potencial da pessoa portadora de cegueira: o caminho a seguir é explorar ao máximo o recurso da estimulação tátil.



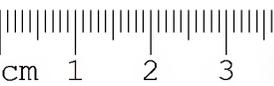
**MESA REDONDA: Formas de Leitura para as
Necessidades do Usuário Cego: Livro e/ou Texto
Falado**



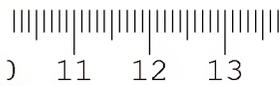
Digitalizado
gentilmente por:



A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DA BOA LEITURA NO RIO DE JANEIRO



Digitalizado
gentilmente por:



A Experiência do Clube da Boa Leitura no Rio de Janeiro

Elôra de Souza Leão Andrade

O Clube da Boa Leitura foi fundado em janeiro de 1970, pelo professor aposentado do Instituto Benjamin Constant, Benno Arno Marquardt e outros professores, e é uma biblioteca gravada em fitas K7, para atender aos deficientes visuais. Não tem fins lucrativos, não exige contribuição de seus sócios, recebendo apenas auxílio dos que desejarem auxiliar.

Não conta com auxílio governamental, e nem tem sede própria, tendo sido abrigada por longos anos pela “Legião Brasileira de Assistência”, e por extinção dessa Entidade, continuando no mesmo local, por solidariedade da Prefeitura do Rio de Janeiro, e a mais carinhosa hospitalidade.

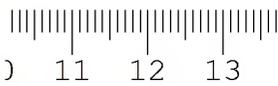
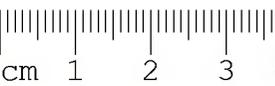
O trabalho é todo executado por voluntários, e ele funciona diariamente de 14 às 17 horas e também às 2^{as} e 6^{as} pela manhã de 10 às 13:30h. Às 14 horas, nesses dois dias, ela reabre com outra equipe de atendimento, e permanece aberto até as 17 horas.

Os livros gravados são os mais variados em assuntos, autores, havendo literatura clássica ou atual, e os últimos lançamentos de valor!

A biblioteca dispõe de poucas obras didáticas, mas oferece seus préstimos para fazê-las se o sócio oferecer as fitas K7, mas se o assunto puder ser de interesse de muitos, no caso, o Clube oferece as fitas, o sócio que pediu o livro ouve e depois devolve à biblioteca.

Atualmente dispomos de aproximadamente mil caixas, contendo 18 fitas, às vezes 19 fitas, distribuídas para a gravação de um, dois, ou mais livros.

As obras mais modernas e de grande procura o C.B.L., procura fazê-las para atender ao deficiente visual. O livro sobre Chateaubriand, levou 38 fitas e “Lanterna na Pôpa”, 3 caixas, com 19 fitas K7 cada; perfazendo 57 fitas!



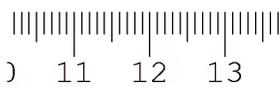
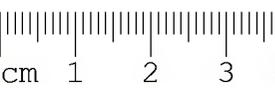
A biblioteca dispõe de romances, policiais, ficção científica etc., e ainda tem uma série de livros suaves e românticos (ao agrado de senhores idosos e jovens) que recebeu o título de “Anos Dourados”.

Os sócios têm o direito de permanecer com uma caixa por 30 dias, com direito a prorrogar por mais 15. Na Biblioteca, os sócios não podem ouvir os livros, por isso são levados para o uso em casa, o que aliás, lhes proporciona mais conforto.

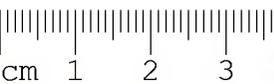
A Biblioteca está servindo a quase todos os Estados do Brasil, através do serviço do Correio, que faz esse transporte pelo sistema de CECOGRAMA, o que é feito de forma muito satisfatória! As caixas vão e retornam dessa forma.

A Biblioteca é “Pessoa Jurídica”, tem seu título de utilidade pública e mantém seu grupo de trabalho participante comparecendo às Assembléias e às Reuniões da Diretoria.

Sua Presidente é Elôra de Souza Leão Andrade.



RETROSPECTIVA DO SERVIÇO BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB



Digitizado
gentilmente por:



Retrospectiva do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB

*Marília Mesquita Guedes Pereira**
*Paulo da Silva Chagas**

1. INTRODUÇÃO

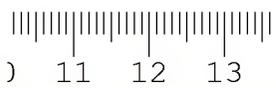
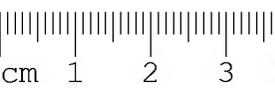
Nesta palestra resumimos aspectos considerados importantes relativos a experiência à frente do Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba.

Como se pode observar, através da literatura percebe-se, nas duas últimas décadas, tem se intensificado os estudos e pesquisas na área do atendimento às necessidades especiais dos portadores de deficiências e, é do nosso conhecimento, que muitas instituições de ensino superior, no Brasil, estão interessadas e trabalhando nessa área, apesar das dificuldades de toda ordem, particularmente de recursos humanos e materiais.

Considerando-se as decisões internacionais e nacionais referentes à igualdade de oportunidades como direito de todos (Conferência Mundial de Educação para Todos, Jomtiem - Tailândia, 1990), Encontro Internacional para Discussão das Políticas de Atendimento aos Portadores de Necessidades Educativas Especiais, Salamanca - Espanha, 1994, é que o Serviço Braille a partir de 1978 vem desenvolvendo e consolidando atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na área do portador de deficiência visual, impondo ações, no sentido da melhoria de qualidade de vida desses cidadãos.

* Bibliotecária do Serviço Braille - UFPB. Mestre em Biblioteconomia - UFPB

* Bibliotecário - Serviço Braille - UFPB



2. CARACTERIZAÇÃO DO SERVIÇO BRAILLE

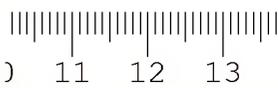
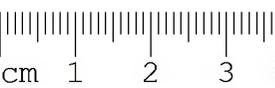
Antes de iniciar a abordagem do tema específico deste trabalho, é indispensável sem pretensão de aprofundamentos teóricos, que se conceitue e se identifique o Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos programas de extensão nas instituições de Ensino Superior Brasileiras, visto acreditarmos que a Universidade Brasileira se inclui como uma dessas organizações, capaz de realizar análises críticas e propor alternativas para viabilizar uma sociedade mais justa.

Ressalte-se, primeiramente, para a definição do que consiste o Serviço Braille da Biblioteca Central desta Universidade, subordinada à Seção de Coleções Especiais da Divisão de Serviços ao Usuário - DSU, a qual tem sido apontado como um órgão auxiliar e facilitador na integração social do portador de deficiência visual.

Outro aspecto de bastante significância é que devemos considerar o seguinte princípio: “toda pessoas tem direito a educação, ao ensino e a pesquisa”. O Serviço Braille vem se empenhando nesta luta, pois sempre está revendo o seu papel de mediador no processo de transformação social, passando dessa forma a atuar decisivamente na superação de preconceitos. É nosso dever como cidadão lutar pela integração do portador de deficiência visual no contexto social.

É de fundamental importância destacar que o Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB não funciona como uma instituição fechada em si mesmo, que apenas produz e fornece material ao usuário passivo, funcionando como um instrumento vivo e ativo de informação à comunidade universitária e/ou local. Necessário se faz completar a responsabilidade do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB com o deficiente visual, que através da ação e reflexão assume um papel de agente questionador do seu “modus vivendi” e da realidade a qual pertence.

Numa primeira instância é possível afirmar que o Serviço Braille vem participando como agente de transformação sócio-cultural-político, tornando-se visível a comunidade universitária e/ou local dos portadores de deficiência visual.



3. ATIVIDADES OFERECIDAS PELO SERVIÇO BRAILLE

O Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB deve ser visto como parte da sociedade na qual está inserido e envolvido na ação de desenvolvimento preocupando-se dessa maneira com o portador de deficiência visual.

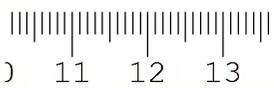
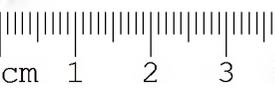
Sob esta orientação o Serviço Braille vem implementando ações para a melhoria da vida desse segmento social, justificando que a nossa Universidade está interessada e trabalhando com o intuito de desencadear nessa área, apesar das dificuldades de toda ordem, ações em prol da igualdade de direitos dos deficientes visuais, injustiçados na medida em que são segregados e estigmatizados.

Destaque para as atividades oferecidas pelo Serviço Braille, a saber:

a) empréstimo do acervo bibliográfico junto à comunidade cega universitária e/ou local com referência a livros e periódicos. Convém salientar que o seu acervo é um dos melhores do Nordeste, recebendo doações de instituições nacionais e estrangeiras, tais como: Fundação Dorina Nowill para Cegos, em São Paulo; Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro; Fundação Hilton Rocha, em Belo Horizonte; Santa Casa de Misericórdia do Porto e Câmara Municipal de Lisboa, em Portugal, Fundación Braille del Uruguay, National Library Service for the Blind and Physically Handicapped, em Washington; Illinois Department of Rehabilitation Services, em Marion, Illinois;

b) gravação de livros, periódicos e texto das necessidades imediatas do portador de deficiência visual. Esta ação surgiu da necessidade de servir como mecanismo alimentador a uma categoria carente de necessidades e interesses nos aspectos informacional, bibliográfico, cultural e de lazer, visto que o acervo existe e não atende satisfatoriamente às suas necessidades. É essencial, tomar consciência e esclarecer que a produção das Imprensas Braille Brasileiras atendem apenas à demanda do ensino básico (1º e 2º graus);

c) atendimento da clientela cega "in loco". O trabalho é realizado com os alunos cegos de graduação desta Universidade, do Instituto dos Cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha", alunos da Universidade Autônoma e a clientela cega local no sentido de orientação das suas tarefas



2. CARACTERIZAÇÃO DO SERVIÇO BRAILLE

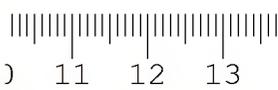
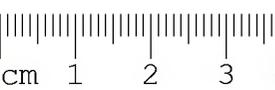
Antes de iniciar a abordagem do tema específico deste trabalho, é indispensável sem pretensão de aprofundamentos teóricos, que se conceitue e se identifique o Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos programas de extensão nas instituições de Ensino Superior Brasileiras, visto acreditarmos que a Universidade Brasileira se inclui como uma dessas organizações, capaz de realizar análises críticas e propor alternativas para viabilizar uma sociedade mais justa.

Ressalte-se, primeiramente, para a definição do que consiste o Serviço Braille da Biblioteca Central desta Universidade, subordinada à Seção de Coleções Especiais da Divisão de Serviços ao Usuário - DSU, a qual tem sido apontado como um órgão auxiliar e facilitador na integração social do portador de deficiência visual.

Outro aspecto de bastante significância é que devemos considerar o seguinte princípio: “toda pessoas tem direito a educação, ao ensino e a pesquisa”. O Serviço Braille vem se empenhando nesta luta, pois sempre está revendo o seu papel de mediador no processo de transformação social, passando dessa forma a atuar decisivamente na superação de preconceitos. É nosso dever como cidadão lutar pela integração do portador de deficiência visual no contexto social.

É de fundamental importância destacar que o Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB não funciona como uma instituição fechada em si mesmo, que apenas produz e fornece material ao usuário passivo, funcionando como um instrumento vivo e ativo de informação à comunidade universitária e/ou local. Necessário se faz completar a responsabilidade do Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB com o deficiente visual, que através da ação e reflexão assume um papel de agente questionador do seu “modus vivendi” e da realidade a qual pertence.

Numa primeira instância é possível afirmar que o Serviço Braille vem participando como agente de transformação sócio-cultural-político, tornando-se visível a comunidade universitária e/ou local dos portadores de deficiência visual.



3. ATIVIDADES OFERECIDAS PELO SERVIÇO BRAILLE

O Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB deve ser visto como parte da sociedade na qual está inserido e envolvido na ação de desenvolvimento preocupando-se dessa maneira com o portador de deficiência visual.

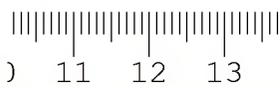
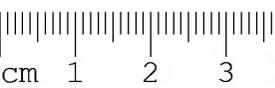
Sob esta orientação o Serviço Braille vem implementando ações para a melhoria da vida desse segmento social, justificando que a nossa Universidade está interessada e trabalhando com o intuito de desencadear nessa área, apesar das dificuldades de toda ordem, ações em prol da igualdade de direitos dos deficientes visuais, injustiçados na medida em que são segregados e estigmatizados.

Destaque para as atividades oferecidas pelo Serviço Braille, a saber:

a) empréstimo do acervo bibliográfico junto à comunidade cega universitária e/ou local com referência a livros e periódicos. Convém salientar que o seu acervo é um dos melhores do Nordeste, recebendo doações de instituições nacionais e estrangeiras, tais como: Fundação Dorina Nowill para Cegos, em São Paulo; Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro; Fundação Hilton Rocha, em Belo Horizonte; Santa Casa de Misericórdia do Porto e Câmara Municipal de Lisboa, em Portugal, Fundación Braille del Uruguay, National Library Service for the Blind and Physicall Handicapped, em Washington; Illinois Department of Rehabilitation Services, em Marion, Illinois;

b) gravação de livros, periódicos e texto das necessidades imediatas do portador de deficiência visual. Esta ação surgiu da necessidade de servir como mecanismo alimentador a uma categoria carente de necessidades e interesses nos aspectos informacional, bibliográfico, cultural e de lazer, visto que o acervo existe e não atende satisfatoriamente às suas necessidades. É essencial, tomar consciência e esclarecer que a produção das Imprensas Braille Brasileiras atendem apenas à demanda do ensino básico (1º e 2º graus);

c) atendimento da clientela cega "in loco". O trabalho é realizado com os alunos cegos de graduação desta Universidade, do Instituto dos Cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha", alunos da Universidade Autônoma e a clientela cega local no sentido de orientação das suas tarefas



escolares. Utilizamos a máquina Braille e voluntários, funcionários, leitores a fim de que leiam para os cegos;

d) atendimento e/ou aconselhamento nas residências das pessoas deficientes visuais, que não tem maiores condições de acesso ao Campus Universitário. A esses contingentes cegos aplicamos a Biblioterapia numa tentativa de contribuir para a melhoria das condições psicológicas, educacionais e sociais dos portadores de deficiência visual;

e) produção de livros infanto-juvenis. Este serviço é embrionário e estamos contando com a boa vontade de uma estagiária-aluna do Curso de Geografia da UFPB;

f) apresentação da hora do conto com as crianças do Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgiza Cunha”. O que se vem observando é que essa apresentação tem sido realizada esporadicamente, uma vez que primeiramente deveremos fazer um trabalho com os professores e funcionários daquele Instituto a fim de que haja um trabalho sincronizado. A nossa intenção é dar oportunidade ao autor paraibano de questionar o seu livro com a clientela cega infanto-juvenil tendo um compromisso com a transformação e a consciência social;

g) contatos mantidos com a imprensa falada e escrita no sentido de uma maior divulgação;

h) contatos através de projetos com instituições fomentadoras com o objetivo de encontrar meios alternativos de recursos financeiros;

i) elaboração de cursos de Técnica Braille, cursos de Dicção, Seminários, Fórum de Debates;

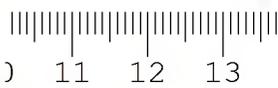
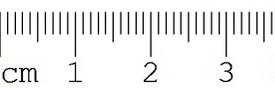
j) elaboração de artigos para serem apresentados em Congressos, Seminários, em revistas de Educação e Jornais locais;

k) produção de livros e anais;

l) implantação, em fase inicial, da automação para o portador de deficiência visual.

4. CONCLUSÃO

Este texto limitou-se a uma avaliação da ação do Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba como agente de transformação. De imediato, é possível discutir que o Serviço Braille



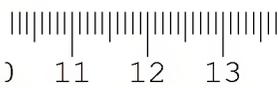
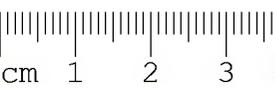
para que desempenhe o seu papel com eficiência deverá estar ligada à implementação das seguintes características: capacidade de pesquisa, de liderança, de planejamento, de avaliação externa, administrativa e auto-avaliação, conforme descrito por SOUZA¹⁴. Podemos afirmar que, partindo-se da premissa de se ver o Serviço Braille como permanente, com vida anterior e posterior então essas capacidades e orientações tendem a ser convenientemente utilizadas, gerando assim produtos e serviços, atitudes e ações marcantes e a seu sucesso estará garantido como agente de transformação.

No que diz respeito à biblioteca universitária inserida nos programas de extensão, justificamos ser suficiente, para este momento de trabalho, que o nosso Serviço Braille pode e deve entrar socializando o saber de seus profissionais, oferecendo encaminhamentos para soluções e abrindo perspectivas às vezes insuspeitadas por quem é condenado a lutar para sobreviver. Deste ir-e-vir fecundo entre pensamento universitário e saber popular pode surgir um novo tipo de desenvolvimento adequado à cultura local e ao ecossistema regional. A partir desta prática, a Universidade Pública resgatará seu caráter público, será servidora da sociedade e não apenas daqueles privilegiados que conseguem se inscrever nela. É aqui que a Universidade deve se abrir e se inserir¹.

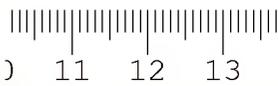
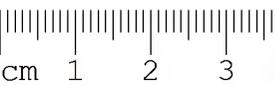
Reportando-se ao pensamento acima referenciado, as agências de ensino universitário, no caso os profissionais de Biblioteconomia, mais uma vez podem ser chamados a observar que há possibilidade de levar as pessoas que se expõem à sua influência, a uma prática de serviço à comunidade portadora de deficiência visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

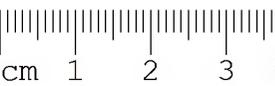
1. BOFF, Leonardo. A função da Universidade na construção da soberania nacional e da cidadania. **Cadernos de Extensão Universitária**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 9-36, 1994



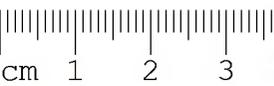
2. DEFICIENTES terão livros em Braille. *Correio da Paraíba*. João Pessoa, 11 jun, 1996, p. 6.
3. FERREIRA, Marcos Ribeiro. BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Deficiência física e inserção social: a formação dos recursos humanos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1984. 218p.
4. PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **A biblioterapia em instituições de deficientes visuais: estudo de caso**. João Pessoa, 1988. 31p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba).
5. _____. O biblioterapeuta: educação e treinamento. *O Norte*, João Pessoa, 17 jan. 1993 Biblioteca. Cad. 3, p.6.
6. _____. Especialistas reúnem-se para discutir bibliotecas em Braille. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 14 out. 1995. p. 2.
7. _____. João Pessoa sediará em outubro I Seminário de Bibliotecas Braille. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 9 julho de 1995, p. 7.
8. _____. As prateleiras do saber: surge um novo tipo de bibliotecário. *O Norte*, João Pessoa, 27 jan, 1993. Biblioteca. Cad. 3, p. 2.
9. _____. I SENABRAILLE vai analisar novas tecnologias. *O Norte*, João Pessoa, 8 out. 1995, p.6.
10. _____. Proposta para implantação de um programa de biblioterapia para cegos no Instituto dos Cegos "Adalgisa Cunha". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991. Salvador. Anais ... Salvador, 1991. P 741-763.



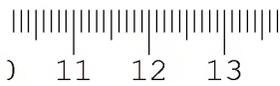
11. _____. Texto falado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991. Salvador, Anais ... Salvador, 1991, p. 463-480.
12. _____. Projeto de automação: Serviço Braille da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5, 1994. São José dos Campos. Anais ... São José dos Campos, 1994, p. 101-109.
13. _____. SILVA, Ezequiel Theodoro da. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo : Ática, 1991. 128p.
14. SOUZA, Francisco das Chagas. A biblioteca e o bibliotecário como agente de transformação. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993. p. 25 – 48. Biblioteconomia, Educação e sociedade.



TRABALHOS APRESENTADOS EM POSTER



Digitalizado
gentilmente por:



COMUNIDADE DOS DEFICIENTES VISUAIS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS E O SETOR BRAILLE DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SC.

*Alzemi Machado**
*Maria Lourdes Blatt Obira***

INTRODUÇÃO

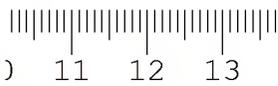
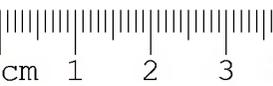
Feche os olhos. Agora caminhe em torno de sua casa ... Vá para as ruas ... para o trabalho ... Aproxime-se das pessoas para conversar, entre numa loja, num escritório ... Vá à banca de revistas ... Você deve ter percebido que algo mudou.

Ao nos defrontarmos no dia a dia com deficientes visuais, temos a sensação de pena, de querer fazer as coisas para ele. Podemos até pensar que estes cidadãos são pessoas incapazes. No entanto, o deficiente visual é um ser capaz, dotado de capacidade intelectual e racional, de senso crítico, igual a qualquer pessoa. Contudo existem barreiras, preconceitos e desinformações que o impedem de uma efetiva socialização e reintegração na sociedade.

Pensando neste segmento da população, apresentamos este estudo que tem como objetivo saber quem é o deficiente visual da região da Grande Florianópolis, como ele se posiciona na sociedade, seu nível de escolaridade, como também, verificar como utiliza os serviços e recursos oferecidos pelo Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado e, se este setor supre as suas necessidades e expectativas em relação a informação.

* Aluno do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Trabalho apresentado à disciplina estudo de comunidade, como parte integrante do conteúdo programático.

** Professora do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Curso de Especialização pela Universidade Federal de Santa Catarina.



O presente projeto de pesquisa foi elaborado como requisito final da disciplina “Estudo de Comunidade” ministrada no curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina.

REVISÃO DE LITERATURA

No Brasil são poucas as pesquisas efetuadas a respeito da comunidade de deficientes visuais.

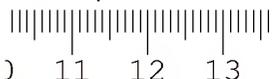
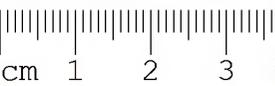
O deficiente visual não pode ser considerado como ser incapaz, ele é apenas portador de uma deficiência, possuindo a mesma capacidade para participar do desenvolvimento sócio-econômico e cultural, do seu país.

Rabelo (1989), “observa que durante vários anos os deficientes físicos e mentais não eram considerados cidadãos, não tinham acesso à educação e ao trabalho e, portanto, não possuíam direitos políticos e sociais”. Percebe-se pela afirmação do autor que os deficientes ao longo dos anos, foram vítimas, por parte da sociedade, de ações marginalizadas, excluindo-os de uma integração cultural, social e econômica.

A partir da promulgação da Constituição Brasileira em 1998, foi assegurado a todos os deficientes igualdade de direitos no trabalho, proteção e integração social, educação especial entre outros. Isto autoriza dizer que os deficientes ocuparam um espaço político na sociedade, conquistando o direito legítimo de cidadãos, pelo menos dentro do campo jurídico.

Veiga (1983) salienta que: “O Brasil pode orgulhar-se de ter sido o primeiro país da América a ter a educação dos cegos decretada pelo governo. No plano de concessões de direito, a legislação brasileira é satisfatória. No nível de regulamentação as lacunas são numerosas”. Concordando com o autor, observa-se uma distância muito grande entre a realidade vivenciada pelo deficiente visual, na medida que

“No Brasil de hoje, a educação especial em suas linhas gerais, visa os mesmos objetivos da educação geral, ou seja, visa usufruir e formar o deficiente de forma integrada, desde o jardim de infância até a Universidade,



proporcionando condições que favoreçam a integração do deficiente visual na sociedade, onde irá conviver e trabalhar. Para que esta educação possa ocorrer, alguns requisitos são necessários: um professor habilitado, conteúdo curriculares adequados, metodologia e/ou técnicas metodológicas específicas e materiais ou equipamentos apropriados de ensino” (Rabelo apud Gouvea, 1986)

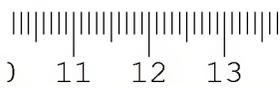
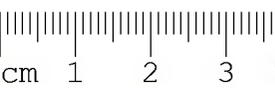
A prática nos mostra que, a realidade nem sempre atende os requisitos previstos na lei. O estudo de Ventura (1993) vem comprovar nossa colocação.

“Em 1970, foi matriculada na Escola Básica Barreiros Filho, em Florianópolis, a primeira aluna cega na rede regular de ensino. Houve muita resistência da direção, do corpo docente e discente. Não bastassem estes transtornos as primeiras salas de recursos implantadas foram destinadas as piores dependências da escola, como sótão, junto a banheiros e aqueles espaços que todos rejeitavam, com instalações precárias e inadequadas, despreparo de professores e a falta de material didático-pedagógico”.

Veiga (1983) acrescenta que “em todos os níveis de ensino o deficiente se depara com um problema básico: a existência de material não compatível com sua limitação”. A aplicação de determinadas ações educativas, envolve os aspectos sociais, psicológicos, políticos e profissionais, cuja soma vai dar a cidadania aos indivíduos.

A partir desta afirmação, pergunta-se: será que a sociedade de maneira global (estado, instituições, empresas, comunidade, família, bibliotecas etc) estão permitindo que os deficientes visuais tenham acesso à educação, cultura, profissão e lazer?

Segundo dados fornecidos pela Associação Catarinense para Integração dos Cegos/ACIC, existem em Florianópolis três salas de



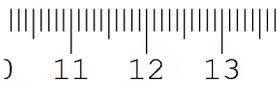
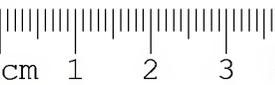
recursos acoplados nas escolas básicas, que prestam atendimento educacional especializado ao deficiente visual. Apesar de alguns esforços percebe-se que o estado não oferece as condições mínimas (equipamentos, material didático, etc) restringindo o acesso ao conhecimento e ao saber, impedindo-o de uma integração cultural, econômica e social.

Este problema torna-se maior na educação superior, onde o acesso dos deficientes visuais às profissões liberais é limitado entre outros fatores, pela falta de material didático de nível superior e a quase total ausência de apoio institucional ao universitário. Algumas Universidades já demonstram a preocupação com o universitário deficiente visual, através da implantação de programas específicos.

A Universidade Federal da Paraíba, em recente evento da área de Automação de Bibliotecas, apresentou um projeto que tem como objetivo a Automação do Serviço Braille da Biblioteca Central daquela Universidade, com a operacionalização de Videotexto e Audiovideotexto direcionados para a educação, a cultura, a informação e o lazer. (Pereira, 1994)

Encontramos nesta Biblioteca, o projeto “Texto Falado” que pretende dinamizar o desempenho operacional do Serviço Braille, a fim de oferecer um serviço centralizado e eficaz de informações no que se refere a textos gravados em fitas cassetes, atendendo desta forma, a clientela cega universitária e/ou local e os interesses das pessoas portadoras de deficiência na tentativa de diminuir a limitação do acervo cultural das bibliotecas em Braille. (Pereira, 1991) Em decorrência das dificuldades encontradas pelos deficientes visuais em adquirir livros didáticos, literários e outros materiais tão necessários para suprir as suas necessidades de informação, educação escolar, recreação, surge a Biblioteca, que através do Serviço Braille tem a função de fornecer serviços e recursos informacionais a este segmento da população.

“As bibliotecas constituem-se os meios mais eficientes para reintegração do cego à vida ativa, e a realização de um trabalho útil dentro de suas possibilidades intelectuais e psíquicas... a biblioteca para cegos apresenta

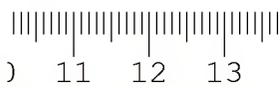
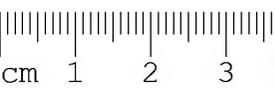


características peculiares quanto a objetivos, acervo, serviço e pessoal”. (Jaeger, 1985)

“A Biblioteca Braille, como qualquer outro tipo de biblioteca, deve ser um centro de informação e lazer que visa atender as necessidades informacionais da comunidade, neste caso específico, a comunidade deficiente visual. Devido ao seu tipo de usuário, a biblioteca deve atuar para a integração do deficiente na comunidade em que vive e oferecer oportunidade de desenvolvimento intelectual e social” (Nagahama, 1986).

Percebemos através dos conceitos, que a Biblioteca Braille assume importância fundamental na vida escolar e mesmo social, do deficiente visual, oferecendo através dos diversos serviços, condições para o desenvolvimento e aprimoramento cultural. A Biblioteca Braille deve possuir um acervo de materiais especiais que proporcione ao deficiente momentos de lazer e de instrução, como jogos, máquinas de datilografia especiais com adaptação para o Braille, aparelhos para o uso de deficientes visuais (calculadoras e computadores que reproduzem a fala humana). Para isto deverá acompanhar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nesta área.

Algumas iniciativas já demonstraram as tentativas de aprimorar os serviços prestados aos usuários deficientes visuais, destacando-se o convênio formalizado em 1992 entre a Universidade de São Paulo e a Prefeitura do Município de São Paulo, através da Biblioteca Braille, instituiu o Programa Disque Braille que tem como objetivo formar um catálogo coletivo de obras aos portadores de deficiência visual da grande São Paulo, pretendendo-se uma expansão a outras regiões do Estado. O Programa se propõe a atender consultas por telefone, correspondência ou pessoalmente para localização das informações bibliográficas das referidas obras. (Krzyanowski, 1994)



A implantação de programas de Biblioterapia, definida como “um processo onde o deficiente visual lê materiais biográficos ou autobiográficos sobre cegos com o propósito de examinar a situação de sua própria vida em vista do que lê “é preocupação do Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha da Paraíba. A implantação de um programa de Biblioterapia que proporcionará à comunidade cega um maior conhecimento de Biblioterapia, no sentido de lhes oferecer subsídios para uma melhor resolução de seus problemas e necessidades. (Pereira, 1991).

O Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, criado no início da década de 70, conta em seu acervo obras de cunho didático para o primeiro e segundo graus, literatura infantil e adulto, dicionários e revistas, além de jogos recreativos (dominó e dama). Atualmente oferece também o estúdio de gravação que tem a função de colocar ao deficiente visual fitas cassetes (livro falado) e literatura brasileira e catarinense.

DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

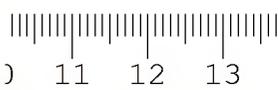
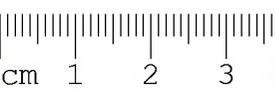
Associação Catarinense para Integração dos Cegos - ACIC

ACIC - Associação Catarinense para Integração dos Cegos, é uma entidade civil fundada em 18 de julho de 1977 com sede e fórum na cidade de Florianópolis - SC. Tem por objetivo congregar os deficientes visuais de todo estado, acima da faixa etária de 14 anos, prestando assistência social, educativa, jurídica e profissional. Objetiva também a integração e a reabilitação do cego na sociedade. O quadro associativo é composto cerca de 280 deficientes visuais, sendo que 150 estão localizados na região da grande Florianópolis.

Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado

A Biblioteca Pública é uma instituição governamental, fundada em 31 de maio de 1984, sendo vinculada á estrutura organizacional da Fundação Catarinense de Cultura, e localizada à rua Tenente Silveira, 69, Centro, Florianópolis-SC.

De acordo com as informações constantes no relatório da Biblioteca Pública (1994), o Setor Braille foi criado no início da década de 70, pertencente a Biblioteca Pedagógica. A partir de 1979, passa a



fazer parte da Biblioteca Pública do Estado, resultado da fusão entre as mesmas.

Situada no terceiro pavimento, seu horário de funcionamento é de segunda a sexta feira, das 13:30 às 19:00 horas. Instalada numa sala de 40 m², sob a coordenação de uma funcionária (não bibliotecário) que presta atendimento aos usuários.

O seu acervo é composto de 1862 livros, contendo obras de cunho didático (1º e 2º graus) literatura infantil e adulto, dicionários e revistas, além de jogos recreativos (dominó e dama).

A partir de 1889, inaugurou um estúdio de gravação, tendo a função de gravar fitas cassetes (Livro Falado), serviço efetuado por voluntários. Conta anualmente com 30 títulos, sendo que 11 títulos de literatura brasileira e 19 títulos de literatura catarinense. O usuário pode solicitar também empréstimo de livro falado cedido pela Fundação Dorina, localizada em São Paulo, via Setor Braille.

Entre os seus equipamentos, constam duas máquinas de escrita Braille; duas máquinas (elétrica e manual) denominadas Reglete e Punção, utilizadas para quem não domina a datilografia e duas unidades Sorobã - instrumento que auxilia na efetuação de contas matemáticas.

O Setor Braille conforme dados estatísticos do ano de 1994, registrou 20 leitores, 247 consultas e 115 empréstimos.

OBJETIVOS

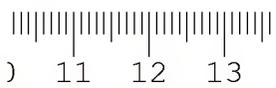
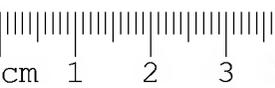
Objetivo Geral:

- Identificar e caracterizar a comunidade de deficientes visuais da grande Florianópolis, dentro do ponto de vista sócio-econômico e de suas demandas e expectativas em relação ao Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Objetivos Específicos

- Conhecer o deficiente visual, caracterizando-o e identificando-o do ponto de vista sócio-econômico;

- Conhecer os serviços e recursos oferecidos aos deficientes visuais pelo Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado;



- Identificar suas demandas e expectativas em relação aos serviços oferecidos pelo Setor Braille da Biblioteca Pública.
- Detectar que tipo de informação ele busca e seu interesse pela Biblioterapia.
- Propiciar a leitura de informações utilitária e de lazer à comunidade de deficientes visuais.

DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Estudo de Comunidade: Estudo de comunidade é uma investigação de primeira mão, uma análise e coordenação dos aspectos econômicos e sociais e de outros aspectos interrelacionados, de um grupo selecionado (Figueiredo, 1979).

Comunidade: Comunidade pode se considerada como uma reunião total de idéias, interesses e recursos, em determinado espaço, em que as pessoas buscam soluções dos seus problemas para realização do bem comum (Duckworh, 1991).

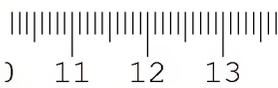
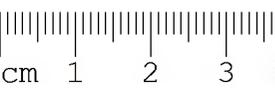
Educação Especial: É o ramo da pedagogia que estuda e reúne os métodos e processos adequados aos indivíduos que não podem se beneficiar apenas do ensino comum, pois necessitam de orientação e de recursos especiais para atingirem o rendimento máximo de suas potencialidades. (Machado, 1971).

Deficiente: É aquela pessoa portadora de um conjunto de características anátomo-fisiológicas e/ou psicológicas, que afinal caracteriza o quadro de deficiência dela. (Omote, 1987).

Deficiente Visual (cego): São pessoas que têm pouca visão remanescente útil, que necessitam usar o Sistema Braille para ler.

Sistema Braille: Produção de material informacional, ou seja, a transcrição de livros comuns para o Sistema Braille de escrita.

Biblioteca Pública: É uma instituição democrática de educação, cultura e informação, deve atingir todas as categorias da população a partir de suas necessidades. Deverá oferecer informações sob qualquer forma, respondendo as demandas da população. Deverá propiciar a todos o livre acesso aos registros do conhecimento, das idéias do homem e as expressões de sua imaginação criadora. (UNESCO)



Serviços e Recursos Informativos: São todas as atividades desenvolvidas na Biblioteca, tendo como objetivo atender aos usuários na busca de informações. Produção de material informativo, ou seja, a transcrição de livros comum para o sistema Braille de escrita, e a gravação de livros em fitas cassetes.

Biblioteca Braille: A Biblioteca Braille, como qualquer outro tipo de biblioteca, deve ser um centro de informação e lazer que visa atender às necessidades informativas da comunidade. Neste caso específico, a comunidade deficiente visual. Devido ao seu tipo de usuário, a biblioteca deve atuar para a integração do deficiente na comunidade em que vive e oferecer oportunidade de desenvolvimento intelectual e social (Nagahama, 1986).

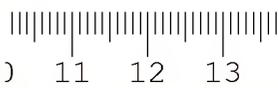
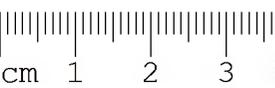
Setor Braille: É um dos setores existentes nas bibliotecas públicas tendo a função de atender aos usuários com deficiência visual. Deve estar estruturado para fornecer informações através de equipamentos e materiais especiais.

Biblioterapia: É um processo onde o deficiente visual lê materiais biográficos ou autobiográficos sobre cegos com o propósito de examinar a situação de sua própria vida em vista do que lê. Método importante tanto para o aumento do acervo de informação de um cego como para a sua motivação, vivência e adequação ao seu próprio ambiente psicossocial.

METODOLOGIA

Para melhor conhecimento da comunidade de deficientes visuais da Grande Florianópolis, foram realizadas entrevistas em caráter informal com lideranças e profissionais de comprovada atuação na área de estudo, como o presidente da ACIC, e duas funcionárias vinculadas à respectiva Associação, que prestaram informações muito valiosas contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa.

O acesso a dados cadastrais da comunidade a ser investigada proporcionou maiores informações em relação às necessidades e problemas dos deficientes visuais, além das ações de trabalho que são desenvolvidas pela entidade.



A análise documental compreendendo a leitura de artigos de periódicos da área, livros, relatórios da Biblioteca Pública e o cadastro da ACIC, permitiram melhor compreensão da realidade do deficiente visual, tão marginalizado pela nossa sociedade.

Instrumento de Coleta de Dados:

Para a obtenção dos dados, será utilizado a entrevista estruturada, consistindo na aplicação de um Formulário (em anexo), agrupando-se as variáveis a serem investigadas em três módulos distintos, dentro dos objetivos que requer o estudo:

- Identificação e caracterização da comunidade: sexo, idade, naturalidade, local de residência, grau de instrução, renda, número de dependentes, profissão, estado civil.

- Identificação das necessidades de informação, lazer e cultura: tipo de informação, forma de utilização dos recursos informacionais, preferências literárias.

- Serviços e recursos oferecidos pelo Setor Braille: frequência à biblioteca, serviços mais utilizados, motivo que utiliza a biblioteca e se esta supre as necessidades e expectativas dos deficientes visuais.

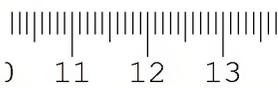
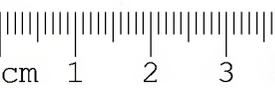
População e Amostra

O Banco de Dados existe na ACIC, registrou um universo populacional em torno de 150 deficientes visuais com idade superior a 14 anos, residentes na região da Grande Folorianópolis.

A população que será investigada, através da aplicação de Entrevistas, acompanhada do Formulário, será de 60 deficientes, selecionados através da amostra aleatória (ordenação numérica dos cadastros dos deficientes) totalizando uma amostragem de 40% do universo populacional.

CONCLUSÃO

A oportunidade de se realizar uma pesquisa desta natureza, como uma atividade prática desenvolvida durante o Curso de Graduação em Biblioteconomia, proporciona ao aluno melhor formação profissional e



vem reforçar o papel da Universidade como um centro de ensino, pesquisa e extensão, na qual se propicia o conhecimento e a propulsão do saber, com função social de repassar a sociedade os estudos e experiências desenvolvidas em seus laboratórios e em salas de aula.

Pretendemos com os resultados desta pesquisa, levantar alguns tópicos para reflexão, e propor sugestões para que os serviços oferecidos pela Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina aos deficientes visuais, possam receber do Estado, instituições governamentais e privadas, Cursos de Biblioteconomia e da sociedade em geral, apoio em todos os aspectos visando uma melhor integração desta comunidade à sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, S.C. Crianças cegas e amblópes. In: DUN, L.M. Crianças excepcionais. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1976. v. 2, p. 309.

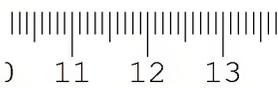
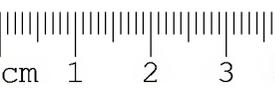
ASSOCIAÇÃO Catarinense para Integração dos Cegos. Cadastro de associados, Florianópolis: ACIC, 1995.

DUCRWORTH, A.M. et al. Biblioteca Pública e Comunidade: prestação de serviços de utilidade pública. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, Salvador, 1991. Anais ... Salvador: APBEB, 1991. v. 1, p. 211-233.

FIGUEIREDO, N. Estudo de Comunidade. In: Avaliação de coleções e estudos de usuários. Brasília: ABDF, 1979. p. 46-75.

JAEGER, L.G. et al. Uma biblioteca de livre acesso para cegos. BIBLOS, v. 1, p. 9-21, 1983.

KRZYANOWSKI, R.F. et al. Programa Disque Braille. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8, 1994, Campinas. Anais ... Campinas: UNICAMP, 1994. p. 349.



MACHADO, M.T, de C. ALMEIDA, M.C.D. Ensinando crianças excepcionais. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1971. 94 p.

NAGAHAMA, M.C. O deficiente visual e a biblioteca Braille. Rev. Brasil. Bibliotec. e Documen. v. 19, n. 1/4, p. 6-17, dez. 1986.

OMOTE, S. Esteriótipos a respeito de pessoas deficientes. Didática, São Paulo, n. 22/23, p. 167-180, out. 1987.

PEREIRA, M.M.G., HENRIQUES, E.J. da S. Automação: Setor Braille da Biblioteca Central da UFPB. SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5, 1994, São José dos Campos. Anais ... São José dos Campos, 1994, p. 101-109.

_____. Projeto texto falado. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. Anais ... Salvador: APBEB, 1991, v.1, p. 463-480.

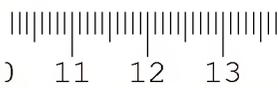
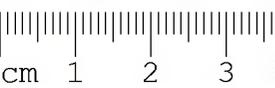
_____. Proposta para implantação de um programa de biblioterapia para cegos no Instituto dos cegos "Adalgisa Cunha CONGRESSO BRASIL DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. Anais...Salvador: APBEB, 1991, v.1. p.463-480

RABELLO, O.C.P. O deficiente visual e a biblioteca pública estadual Luiz de Bessa. Rev. Esc. Bibliotec. UFMG, b. 18, n. 1, p. 39-60, mar. 1989.

SANTA CATARINA. Biblioteca Pública do Estado. Relatório Anual. Florianópolis, 1994.

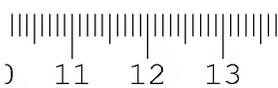
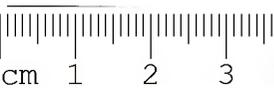
SILVA, I. P. Et al. Subsídios para organização da biblioteca Braille. Rev. Bras. Biblioteca. e Docum. v. 14, n. 3/4, p. 139-152, jul/dez. 1981.

VEIGA, J.S. O que é ser cego. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.



VENTURA, A. Qualquer coisa é coisa alguma. Vivência, Florianópolis,
v. 14, p. 18-19, 1993

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA
CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Rua Saldanha Marinho, 196 - Centro
88.010.000 FLORIANÓPOLIS - SANTA
CATARINA
Telefone: (048) 222-5722 Fax: (048) 222-5356



PRODUÇÃO DO LIVRO BRAILLE: PROCESSO DEMORADO. VAMOS AGILIZAR OU AUTORIZAÇÃO PARA TRANSCRIÇÃO DO LIVRO BRAILLE NA PRÓPRIA OBRA.

*Vânia Mara M. Oberdá**

1. INTRODUÇÃO

Existe um grande anseio do cidadão cego pelo lazer e cultura proporcionados pela leitura, mas esse anseio é reprimido pela escassa disponibilidade de títulos em Braille e pela dificuldade de produção.

As instituições que produzem o livro em Braille enfrentam um fato que dificulta ainda mais essa produção: a necessidade de autorização da Editora para a reprodução de cada título em Braille.

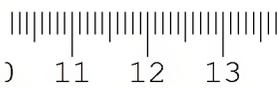
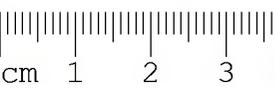
2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

2.1. Algumas editoras demoram a liberar a autorização, provocando a paralisação do processo de produção, por si só já bem demorado. Outras vezes restringem o uso do livro ao âmbito da instituição produtora, impedindo a distribuição.

2.2. O livro Braille não é comercializado e portanto sua produção e distribuição não influem na arrecadação financeira dos direitos autorais nem do ICM.

2.3. Com a atual tecnologia de computadores e impressoras Braille potentes pode-se produzir grande número das cópias para

* Chefe da Divisão Braille da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa - Belo Horizonte - Minas Gerais



distribuição, principalmente para bibliotecas, aumentando-se desta forma o número de títulos à disposição do cidadão cego.

3. PROPOSTA

Nossa sugestão está resumida na seguinte proposta:

- alteração na lei ordinária nº 5988 de 14.12.73 que trata dos direitos autorais, autorizando a transcrição das obras literárias para o Braille e a distribuição pelas instituições sem fins lucrativos produtoras desta modalidade de impressão.

4. A PROPOSTA, SE ACEITA, PODERÁ SER DESENVOLVIDA NAS SEGUINTE ETAPAS:

a) adesão dos participantes e representantes dos órgãos presentes ao I SENABRAILLE, através de assinaturas em abaixo-assinado solicitando a alteração da referida lei, que será encaminhado pela presidência e Comissão Organizadora do Seminário ao Congresso Nacional, onde tramita um projeto de reforma de lei de direitos autorais.

b) Movimentação política de adesão à proposta junto aos parlamentares através das entidades que trabalham com o cidadão cego.

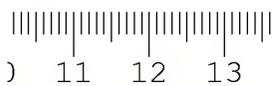
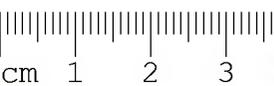
c) Conseguida a alteração, o próximo passo será o contato com editoras e livreiros divulgando a nova lei e propondo a inclusão, em cada obra literária a ser editada, de um selo ou marca identificando a liberação para transcrição para o Braille.

Anexo 1 - Sugestão do símbolo ou selo a ser incluído no verso da folha de rosto dos livros liberando a transcrição da obra para o Braille.

Anexo 2 - Abaixo-assinado a ser preenchido pelos participantes do I SENABRAILLE a ser entregue no Congresso Nacional.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Leis e Decretos - Lei nº 5988 de 14.12.73.



PROJETO LUZ & AUTOR EM BRAILLE

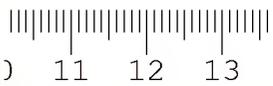
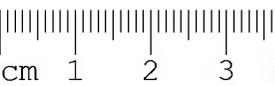
*Dinorá Couto Caçado**

É o ano I deste Projeto que promete revolucionar Taguatinga. A Biblioteca Braille Dorina Nowill, a 2ª do DF, foi inaugurada em 17.05.95. Está situada na Escola Classe 06, ao lado do SESC. Em sua inauguração houve o lançamento do Projeto Leitor & Criador em Braille pelas coordenadoras de Bibliotecas da DRET, professoras Dinorá Couto Caçado e Maria das Graças B. Alves, com o livro “Fazendo Encanto” da escritora local Luci G. Watanabe, transcrito em Braille.

A partir disso, a responsável pela Biblioteca Braille, Maria Dalila de Lara Brito passou a transcrever em Braille textos de escritores de Taguatinga para enriquecer o acervo e lançar a estante dos escritores do DF, em Braille. Um Projeto se fez necessário, um Projeto que ativasse mais a Biblioteca. E foi isso que Dinorá Couto Caçado, dinamizadora e colaboradora em Bibliotecas fez! Criou o Projeto, a partir de experiências bem sucedidas com o Projeto Leitor & Criador e Integração com a Academia Taguatinguense de Letras: um projeto que vem sendo desenvolvido nesse 2º semestre de 95, culminando em 27.10.95 com um momento imperdível: o encontro de mais de quinze escritores do DF com os deficientes visuais, que se inspiraram da LUZ que os textos lhes proporcionaram, possibilitando também a sua criação literária, que será apresentada nesse encontro (poemas, músicas, desenhos, comentários, análises, dramatizações ...).

O Projeto LUZ & AUTOR EM BRAILLE fará parte do Livro “Revolucionando Bibliotecas” que será lançado em breve e conta ainda com nove objetivos, destacando-se a divulgação da Biblioteca Braille a todo o DF, a integração dos escritores com os deficientes visuais e também dos órgãos envolvidos na execução do Projeto, fortalecendo mais a parceria entre as Bibliotecas: SESC x BRAILLE x E.C. 06.

* Autora do PLAB



A exposição de textos dos escritores do DF, transcritos em Braille, será o ponto alto do encontro, pois reunirá trabalhos de escritores já consagrados, como também dos deficientes visuais que criarão seus próprios textos.

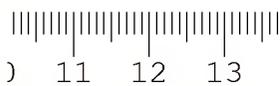
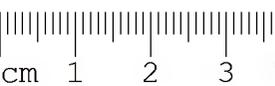
O AUTOR EM BRAILLE será o próprio escritor, como também o leitor que criará o seu trabalho. LUZ será o escritor que inspirará o leitor e este, por sua vez, mesmo com dificuldades, iluminará a obra do escritor já consagrado. Por isso, o nome do Projeto: LUZ & AUTOR EM BRAILLE, criado a pedido de Dalila, que a cada dia quer mais ação na Biblioteca, onde é auxiliada por duas deficientes visuais, funcionárias da SCE, Noeme Rocha da Silva e Neuma Miriam Pereira que têm se empenhado maravilhosamente na execução do Projeto.

Nas primeiras atividades, mais especificamente na 1ª reunião com os leitores (em 23/08/95 - E.C. 06) constatamos com grande alegria a presença de deficientes, não só de Taguatinga, como também do Gama, Ceilândia, Recanto das Emas, Santa Maria; já é o projeto se estendendo além de Taguatinga, com a Biblioteca Braille sendo útil a outras cidades. Isso é fabuloso!

A parceria e a integração com o SESC, na pessoa da Bibliotecária, Maria das Graças Lima, será enriquecida ainda mais com a realização de um COQUETEL LITERÁRIO, quando serão apresentados números especiais, que com certeza, emocionarão os presentes. As três Bibliotecas (Braille/E.C. 06/SESC) poderão ser conhecidas por todos os convidados que participarão desse Momento Literário em Braille, em comemoração à Semana da Biblioteca (23 a 29/10/95).

Um conto do escritor "Jacinto Guerra" publicado na Revista DF Letras da CLDF, já foi transcrito em Braille.

- | | |
|------------------------|---------------------------------|
| 1 - Aglaia Souza | 10 - Margarida Drumond |
| 2 - Cassiano Nunes | 11 - Margarida Patriota |
| 3 - Claudio B. Menezes | 12 - Nara do Nascimento e Silva |
| 4 - Guido Heleno | 13 - Newton Rossi |
| 5 - Hilda Mendonça | 14 - Oldina Eustórgio |
| 6 - Izemar Fernandes | 15 - Ronaldo Mousinho |
| 7 - Jacinto Guerra | 16 - Stela Maris |
| 8 - J. Simões | 17 - Wilson Pereira |
| 9 - Luci G. Watanabe. | |



Quase todos já confirmaram sua presença ao encontro no dia 27/10/95.

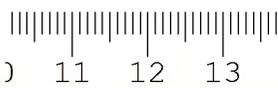
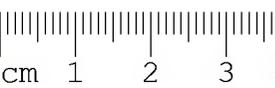
Na equipe de execução do Projeto, além da Biblioteca Braille (Dalila, Neuma e Noeme), da idealizadora do Projeto (Dinorá) coincidentemente se destacam 03 GRAÇAS:

- Maria das GRAÇAS Bechepeche Alves - Coordenadora de Bibliotecas/DRET

- Maria das GRAÇAS de Lima - Bibliotecária do SESC

- Maria das GRAÇAS Silva - Diretora da E.C. 06.

E assim sendo, com tantas GRAÇAS participando efetivamente, o Projeto Luz & Autor Braille tem tudo para dar certo e ter continuidade a partir deste Ano I.



PROJETO PARA A INTEGRAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL À UFMG

*Robelina Zeferino**

INTRODUÇÃO

Este projeto foi realizado para a Disciplina Estágio Supervisionado B do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O tempo gasto neste estudo foi de cinquenta dias, no período de 23 de Outubro a 11 de dezembro de 1994.

É um projeto sobre a integração do Deficiente Visual à UFMG, onde foram feitas entrevistas com estudantes, ex-estudantes, professores, instituições que lidam com o Deficiente visual, além de contatos com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e com uma empresa que vende equipamento para deficientes visuais.

A finalidade deste projeto é a de proporcionar a melhoria das condições de aprendizado e ensino aos alunos portadores de deficiência visual da UFMG, como também atuar como referencial pra consultas, pois nele constam nomes de alunos, ex-alunos, instituições, etc.

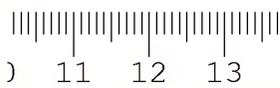
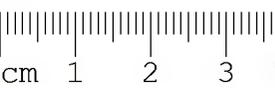
OBJETIVOS

Foram estabelecidos alguns objetivos, que nortearam o trabalho:

Objetivo geral

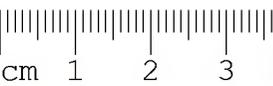
Integrar o deficiente visual às atividades acadêmicas através dos métodos, técnicas, equipamentos de ensino e atividades de pesquisa da UFMG.

* Rua Manoel da Nóbrega, 320 - Bairro Bandeirantes - Contagem - MG. CEP 32.240-530 - Fones: (031) 201-3276 R. 2058 / (031) 295-3503.



Objetivos específicos

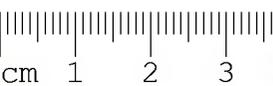
- Diagnosticar as iniciativas que já vêm sendo tomadas na UFMG para atender ao deficiente visual;
- Conhecer as dificuldades enfrentadas pelos estudantes através de entrevistas;
- Sensibilizar e conscientizar a Universidade no sentido de capacitar os professores a lidarem com técnicas e metodologias que facilitem a integração dos deficientes visuais à sociedade acadêmica;
- Contactar o pessoal do Setor de Atendimento ao Deficiente Visual, instalado na FAFICH, visando uma integração entre unidades e uma possível ampliação do que já é oferecido (gravação de fitas, leitura de textos, cópia e orientação de trabalho);
- Contactar pessoas envolvidas com a questão do deficiente, na comunidade universitária, e instituições que lidam com a questão;
- Atuar como ponto referencial para consultas e fonte de informações.



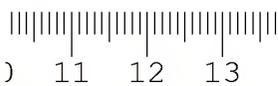
CURSO DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL DO CEGO

MINISTRADO POR PROF. GARRY BOWMAN

TRADUÇÃO: VÂNIA DE BRITO
Ex-Integrante do Quadro de Docentes
de Língua Inglesa do Departamento
de Letras Estrangeiras Modernas da
Universidade Federal da Paraíba.



Digitalizado
gentilmente por:



UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CEGUEIRA

Garry Bowman*

A cegueira tem sido uma das mais temidas deficiências em toda história humana (Carroll, 1961). Quando uma pessoa que vê perde a vista parcialmente e/ou totalmente, mudanças profundas ocorrem, tanto na parte funcional quanto na psicológica. Usando-se o modelo de níveis lógicos de Dilts (1990), pode-se entender melhor essas mudanças.

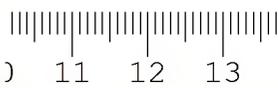
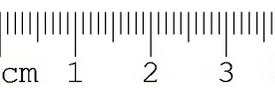
Dilts propõe que do ponto de vista psicológico, parece haver cinco níveis que são encontrados com frequência. Estes são os níveis em ordem de influência psicológica, da área mais alta para a mais baixa;

1. Identidade
2. Crenças
3. Capacidades
4. Comportamentos
5. Ambiente

De acordo com Dilts (1990), o ambiente é constituído pelas restrições ao seu redor. Você afeta o ambiente por meio de seu comportamento. Este é direcionado / guiado por seus mapas mentais e estratégias que definem as suas aptidões. Estas são organizadas por sistemas de crenças que, por sua vez, são organizados pelo seu conceito de identidade. Cada nível opera por meio de regras diferentes, com os níveis mais altos exercendo mais influência psicológica sobre a pessoa do que os níveis mais baixos.

A maioria das crenças que as pessoas têm sobre cegueira são de limitação, abandono, desamparo, pena etc. As experiências comuns em

* Mestre em Ciências, médico e professor, trabalha como instrutor de reabilitação dos Cegos e portadores de deficiência visual, no Estado de Illinois, no Departamento de Serviços de Reabilitação. Pode ser contactado nesse Departamento, situado no endereço: 4 Doctors Park Road, blt. Vernon, IL 62864 (618)244-2650.



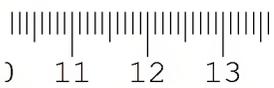
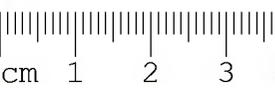
nossa cultura, como brincar de "cabra-cega", reforçam essas crenças sobre impotência e dependência de outras pessoas. Há muitas crenças falsas, convencionais, sobre cegueira. Por exemplo, muitas pessoas acreditam que uma pessoa, totalmente cega, não enxerga coisa alguma exceto escuridão. O que é visto, contudo, não é escuridão total, preto, mas um cinza claro, ou neutro, parecido com a visão que se tem no meio de uma nebulosidade.

Uma outra crença falsa é que o cego automaticamente desenvolve habilidades sensoriais acuradas, para compensar a perda da visão. Embora seja verdade que, com a prática, possa a pessoa cega aprender a fazer distinções sensoriais das quais ela não tinha consciência anteriormente, isto não ocorre automaticamente. Para muitos "ver é crer" (é preciso ver para crer). Quando não é mais possível se ver, então acreditar torna-se muito difícil, e a informação obtida por meio dos outros sentidos é geralmente objeto de dúvidas (Carroll, 1961). Isto é bem verdade para aqueles que têm a visão como o seu sistema de representação preferido. Conseqüentemente, quando uma pessoa perde parte ou toda a sua visão, essas crenças, limitadas e pré-existentes sobre cegueira, agem como profecias de auto-realização. Um círculo de crença limitada é criado, onde essas crenças limitadas, sobre a própria pessoa, servem para limitar sua aptidão e as opções de comportamento. As limitações ambientais e comportamentais que são vivenciadas, devido à cegueira, por sua vez, reforçam essas crenças.

Como um professor de reabilitação, trabalha com pessoas e suas famílias, que tenham sofrido perda da visão, dando-lhes aconselhamento para adaptação, treinamento sensorial, e treinamento em técnicas de vida independente. Com o treinamento em consciência sensorial e técnicas de habilidade de adaptação, há muito pouco que uma pessoa cega possa fazer exceto, talvez, dirigir um carro.

Durante meu treinamento, comecei a focalizar minha atenção nos clientes e companheiros que haviam conseguido uma adaptação positiva à cegueira. Muitos desses indivíduos citavam experiências que chamavam de "mudanças de curso/rumo", que os ajudaram a lidar de uma forma construtiva com sua perda visual.

Quando estudei essas "mudanças de rumo" (ponto crítico) percebi que essas experiências eram novas concepções que envolviam



uma mudança do referencial para a segunda (o outro) ou terceira (o observador) posição. Esta nova perspectiva alterou o sentido de cegueira e abriu novas possibilidades. Os exemplos que se seguem ilustram este padrão de uma maneira distinta.

JC: UMA ESTÓRIA DE NATAL

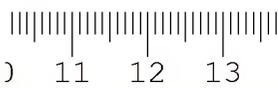
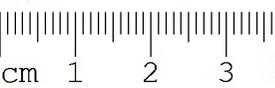
Jack é um professor de reabilitação que não permite que sua cegueira interfira em sua tentativa de experimentar coisas novas. Alguns anos atrás ele quebrou a perna quando caiu de uma escada da qual estava descendo.

Ele havia estado no telhado, colocando telhas! Mas ele não era assim tão independente, sempre, como um cego, nem fora sempre um cego.

Há alguns anos, quando estava indo de carro para o trabalho, numa firma de construção, sua visão ficou embaçada. Em poucos meses tinha apenas pouca percepção, e, então, nada mais. Não tendo como sustentar sua família (esposa e três filhos pequenos) foi forçado a receber ajuda pública. A cegueira afetou não apenas seus olhos mas seu coração e sua mente, uma vez que não podia perceber o seu valor como marido, pai e mantenedor da família. O resto da estória, ele mesmo conta, como ele mesmo me narrou.

"Acordei numa manhã de Natal, o pior dia de minha vida. O meu primeiro Natal sem minha visão. Senti-me um ser desprezível, inútil, um fracasso total como ser humano. Nunca havia me deixado abater por qualquer coisa antes, mas não tinha, naquele momento, a menor idéia de como lidar com a cegueira.

Meus três filhos vieram, correndo, para o meu quarto, com a intenção de me fazer levantar da cama, a mim e a Deb, para começar a abrir os presentes. Mas recusei-me a levantar e juntar-me à minha família, para os festejos ao redor da árvore de Natal, a qual eu não podia mais enxergar. Em vez disto, fiquei me revirando na cama, cada vez mais profundamente no meu inferno particular. Deb sabia que tinha que fazer alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. Não podia suportar me ver naquele estado, sabendo quão independente eu fora antes. Então fez a



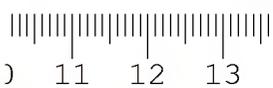
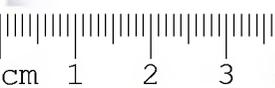
única coisa que chegou ao seu pensamento, para me fazer deixar a cama: puxou-me, prá fora da cama.

Isto fez com que eu mudasse meu humor para pior; fiquei louco de raiva. Levantei-me mas recusei participar das festividades de celebração do Natal, na sala da frente. Fiz Deb me levar até a cozinha para fumar um cigarro e tomar uma xícara de café. Enquanto eu estava lá, sentado, sem esperança, imobilizado pela minha dor e raiva, não tinha a menor idéia de que estava a ponto de experimentar uma reviravolta na minha adaptação à cegueira.

Meu filho de três anos, Theron, na ânsia de continuar com a séria ocupação de abrir os presentes, puxou-me pelo braço. Finalmente, frustrado com a falta de resposta, subiu ao meu colo e disse estas palavras que tiveram o poder de alterar a minha vida; 'Papai, eu sei que seus lindos olhos estão quebrados, mas você ainda pode usar o resto do seu corpo. Quero que você use os seus dedos para ver o que Papai Noel me deu de presente.' Naquele instante, pareceu-me estar olhando para o meu filho e me vendo em seus olhos, e vi que, mesmo que uma parte não estivesse funcionando, o resto ainda estava. Descobri que se ele podia confiar em mim daquela maneira, então eu podia fazer uso do resto do meu corpo".

JS: O JANTAR DE AÇÃO DE GRAÇAS

"Depois de ter perdido grande parte de minha vista, senti-me profundamente deprimida. Sempre tinha sido capaz de me sair de situações difíceis antes, mas ser parcialmente cega era algo que nunca esperei. Era a minha vez de oferecer o jantar de Ação de Graças em minha casa, à toda família. Vários membros dela, que deveriam me ajudar a prepará-la, telefonaram dizendo que não podiam me auxiliar, inclusive minha mãe. Eu pensei que eles não podiam suportar a perda de minha visão. Sabia que não podia fazer a refeição sozinha e comecei a chorar. Podia me ver tentando cozinhar e ver tudo queimando e virando uma grande bagunça. Na minha mente eu me via, sentada num banquinho, entregando lápis e pedindo esmolas. Isto me enfureceu. E disse a mim mesma, 'Esta não é você. Tem mais coisas que você pode



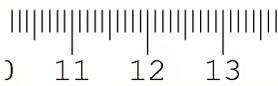
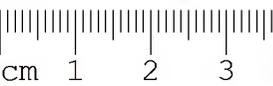
fazer, em vez de vender lápis e pedir esmolos'. Comecei a pensar como minha própria mãe havia aceito um convite para outro lugar e me deixado só. Comecei a ficar zangada com minha família por me ter abandonado. Quanto mais eu pensava naquilo, mais zangada ficava; comecei a pensar no que de diferente eu poderia fazer. Detestava ser inútil, pois sempre havia valorizado a minha independência.

Falei com o meu marido e ele me disse, 'Você já sabe tudo o que tem que fazer. Diga-me o que precisa, que eu vou ser os seus olhos e, nós dois juntos, vamos fazer o que é preciso.' Foi o melhor jantar de Ação de Graças que já tivemos na vida, com velas, decorações e tudo mais.

Depois dessa experiência eu vi do que eu era capaz de fazer".

Das experiências acima, e outras semelhantes, desenvolvi o seguinte padrão que me tem sido útil e a muitos dos meus clientes. Envolve a quebra do círculo limitado da cegueira, mencionado inicialmente, através da intervenção a nível de crença e comportamento.

"Aprender é a arte de ignorar"
- Elias Cavetti



NOVA CONCEPÇÃO DE CEGUEIRA - A TÉCNICA

1) Tenha acesso a um exemplo, ou exemplos, de experiências passadas significativas das quais uma pessoa tenha se saído melhor do que esperava. Ajude a associar ambos (pessoa e experiência) e então tome a posição segunda ou terceira, a que seja mais adequada. Desta nova perspectiva, encontre as coisas valiosas que ela viu ou conheceu. Tome este estado como fundamento. Se houver mais de uma experiência, vá empilhando os estados, fixando-os no mesmo local.

2) Use parte de suas experiências passadas que enfatizem o fato de que há muitos aspectos que lhe são inerentes como pessoa, que há mais nelas do que podem enxergar. Que, embora uma parte não funcione bem, o resto das outras partes pode ainda funcionar bem. Fixe este estado ao fundamento anterior.

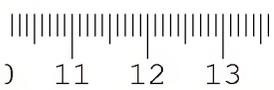
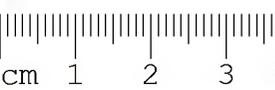
3) Ensine uma habilidade que as pessoas não creiam que poderão desenvolver por serem cegas, ou deficientes visuais, e junte essa experiência à anterior. Minhas habilidades favoritas são enfiar linha na agulha e identificar dinheiro. Se as pessoas são parcialmente cegas, eu as mando fechar os olhos, enquanto aprendem a habilidade, para depois transformarem-na em um caso dramatizado em que essas habilidades possam ser aprendidas. Essas mudanças a nível de comportamento ainda desafiam as crenças sobre capacidades e o ego.

A seguir está um exemplo do uso desta técnica com um cliente.

Lyman, um electricista aposentado de 72 anos, havia se tornado um solitário, com depressão, depois de ter desenvolvido degeneração macular, e estava pensando em ir para um abrigo de idosos. Devido à insistência de sua esposa, concordou em me ver mas avisou-a que não estava pensando em aprender aquela coisa de "sentir pelo tato".

Disse ser um homem idoso, inútil, cego, que não podia fazer mais nada.

Na minha primeira visita à sua casa, estabeleci uma harmonia ao juntar o tom da voz ao ritmo, predicados, cadência de respiração e postura (ele ainda tinha uma certa visão periférica). Por meio de etapas regulares, cuidadosas e indução, consegui conduzir a minha entrevista, perguntando, com frequência, sobre os "velhos bons tempos".



Isto pareceu aprofundar mais o relacionamento e afastá-lo de seus sentimentos atuais de sofrimento e desamparo, ligados á perda da visão. Durante a entrevista fiquei sabendo que ele tivera uma experiência, oito anos antes, em que um médico lhe dissera que ele tinha um câncer, em estado terminal e que não podia ser operado. Mas, por insistência de um amigo, foi consultar um outro médico do qual teve um diagnóstico mais favorável. Foi tratado com sucesso e desde então o câncer tinha diminuído.

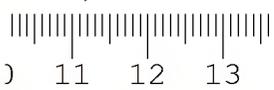
Na minha segunda visita, depois de estabelecer o relacionamento, cuidadosamente e por indução, eu o levei a associar-se à sua experiência na qual ele havia superado o câncer. Então eu lhe disse, "Aquele médico viu em você alguma coisa que você está esquecendo".

Depois de trinta segundos, ele perguntou o que era. Eu disse, "você teve a experiência de ver ou entender alguma coisa do ponto de vista de outra pessoa?" Bem, imagine que, de uma certa forma, você pode se ver exatamente como o médico lhe vê agora. De uma certa forma, você pode olhar para você mesmo, com seus próprios olhos, pode ouvir você mesmo, como ele lhe ouve. Vagarosamente e indutivamente eu o levei à segunda posição.

Eu lhe perguntei o que o segundo médico tinha visto, ou ouvido, dele, que o primeiro médico não tinha. Já tinha uma idéia do que ele ia me responder, por causa de uma conversa anterior. Depois de um minuto ou mais, de silêncio, ele disse, "Ele percebeu que fazer alguma coisa é melhor que não fazer coisa alguma. Disse-me que se eu começasse a pensar que iria ser possível ser curado, então já seria meio caminho andado, para obter a cura. Acho que ele soube como me envolver e eu consegui derrotar a doença. "Está certo", disse-lhe, tocando no seu braço. "nunca se sabe o que se pode fazer até que se tente".

E continuei: "Lyman, como eletricista, você teve muitas habilidades e trabalhou com muitas ferramentas, porque uma só não poderia fazer todas as coisas que você queria. Aposto que muitas vezes, em anos, você teve que enfrentar situações em que não tinha a ferramenta ou a habilidade necessária, mas foi capaz de usar outras habilidades, ou instrumentos, para fazer o trabalho desejado."

Concordou e me deu vários exemplos. Quando ele se achava totalmente envolvido com essas experiências, toquei no seu braço,



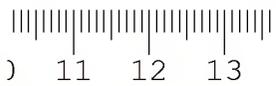
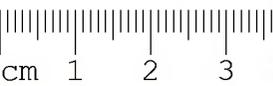
fixando estas experiências à anterior, dizendo: "Nunca se sabe, até que se tente."

"Quando você perde parte de sua vista é como se houvesse perdido parte de suas ferramentas mais importantes, e você se sente inútil. Há poucos minutos atrás, estava dizendo que é melhor fazer algo do que não fazer coisa alguma. Você está querendo tentar alguma coisa?" Perguntei-lhe, enquanto tocava seu braço, ao me reportar à experiência anterior.

Lyman concordou e pude ensiná-lo a identificar dinheiro corretamente, uma coisa que ele tinha dito não poder mais fazer, por não enxergar. Primeiramente mostrei-lhe como dobrar o papel-moeda para identificá-lo. Então, trabalhamos com moedas, de um quarto de dólar, de níquel, um pêni (um centavo) e moeda de dez centavos de dólar. O erro mais comum entre as pessoas é confundir níqueis (moeda de 5 centavos) e de um quarto de dólar, uma vez que elas são grandes, e os pênis e dimes são ambas pequenas. As de um quarto e as dimes podem ser identificadas por suas bordas serrilhadas, que podem ser sentidas com as unhas. O níquel e o pênis têm ambas as bordas lisas.

Depois de ter podido identificar cada uma das moedas, com base na borda serrilhada, o fiz comparar o níquel com o pêni, pelo tato, para determinar que o níquel era maior. Eu trocava as moedas várias vezes e, toda vez, acertava, pelo tato; ele disse: "Não tem problema algum. Qualquer pessoa pode sentir a diferença." Respondi: "É verdade. O níquel é maior que o pêni. Mas aposto que você nunca se deu ao trabalho de medi-las, para ver essas diferenças. Eu já. O níquel é exatamente 1/16 de polegada maior, no seu raio, do que o pêni. Pesa exatamente 1/5 de uma onça a mais que o pêni, e é apenas 0020 de polegada mais grosso que ele. Agora, para uma pessoa que pensa que seu tato não funciona bem, eu acho que você se saiu muito bem, não?" Disse-lhe, tocando o seu braço, e juntando esta experiência à anterior.

Firmando a fundamentação, disse-lhe: "Hoje usamos algumas das ferramentas e habilidades que você ainda tem, sua habilidade de aprender, de construir imagens em sua mente e seu sentido de tato. Mesmo que você ache que os outros sentidos não trabalham bem, com alguns minutos de treinamento você pode fazer coisas que não se achava capaz de fazer com a sua visão parcial. Você tem uma caixa cheia de



ferramentas e de habilidades à espera de uso; precisa descobrir o que fazer com elas. Pergunto-me quantas coisas mais você pode fazer agora e que ainda não sabe? Afinal, você nunca sabe de que é capaz, antes de experimentar."

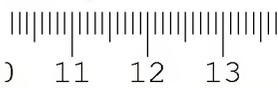
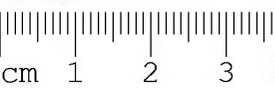
RESUMO

Após esta visita, Lyman continuou a aprender muitas habilidades. Em vez de ir morar num asilo, tem, mais uma vez, participação ativa na vida social, cuida de um jardim e vai pescar nas horas de folga.

Geralmente faço uso desta técnica na primeira visita, ou mesmo na segunda, ou quando quer que se estabeleça um relacionamento harmonioso e tenha informação suficiente para aplicar esta técnica. O objetivo é ter um ponto de partida no processo de reabilitação, assim como um ponto para uma mudança radical. Durante sua aplicação tenho encontrado clientes muito mais receptivos ao treinamento sensorial e à aprendizagem de técnica de adaptação que compensam a perda da visão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARROL, T.J. Blindness: What it is, what it does and how to live with it. Little, Brown and Company, Boston, 1961.
- DILTS, R. Changing belief systems with NLP. Meta Publications, Cupertino, CA, 1990.



USANDO A METÁFORA TERAPÊUTICA NO ACONSELHAMENTO DE AJUSTAMENTO

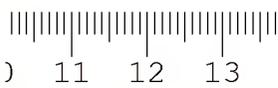
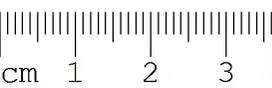
*G. Bowman**

Resumo: Este artigo apresenta uma visão geral do processo de preparação e uso de metáforas no aconselhamento de ajustamento, por professores e outros profissionais que trabalham com pessoas que são cegas. As estórias metafóricas aqui contidas foram extraídas do trabalho deste autor, nos casos de reabilitação, por ele vivenciados, como professor.

Desde o começo dos tempos, têm-se usado metáforas e estórias para se transmitir tradições importantes e se aprender sobre a vida na maioria das culturas e contextos terapêuticos (Gordon, 1978). A experiência do autor, ao assistir vários programas de treinamento para professores de reabilitação (RTs) e conferências para profissionais, é que as estórias e metáforas sobre a experiência de um ou de outros, com pessoas cegas, é um componente integral no aconselhamento de ajustamento desses profissionais. Este artigo oferece algumas orientações para o planejamento, de estórias e ilustrações metafóricas, no aconselhamento que visa o ajustamento.

A abordagem sugerida neste artigo é a da metáfora terapêutica, usada pelo autor, com sucesso, nos últimos quatro anos. Uma metáfora terapêutica é uma estória, uma anedota ou expressão idiomática, em que uma coisa é expressa, usando-se os termos de uma outra para trazer/produzir um novo entendimento da situação-problema (Gordon, 1978). Seu uso pode ser considerado como uma forma de Biblioterapia. Biblioterapia é o processo pelo qual um cliente ouve um material

* Gary Bowman, M.S. Professor de Reabilitação do Departamento de Reabilitação em Illinois, situado a 4 Doctors Park Road, Mt. Vernon, Il. 62864.



gravado, autobiográfico ou biográfico, de pessoas que são cegas, para examinar sua situação de vida a vista do que ele/ela leu. (Roberts, 1984).

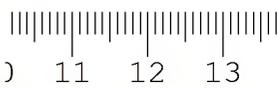
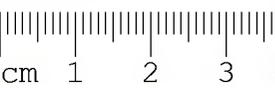
A diferença entre Biblioterapia e metáfora terapêutica é que, com a Biblioterapia, o professor de reabilitação (RT) recomenda livros, artigos etc., para o cliente, que lhe pareçam relevantes à sua situação. Os livros gravados são sempre usados com este objetivo e são habitualmente lidos na ausência do RT. Com a metáfora terapêutica, o RT cria ou usa uma estória, anedota ou expressão idiomática para um problema específico do cliente, a quem o RT conta essa estória.

Combs e Freedman (1990) propuseram que o poder de uma metáfora terapêutica advém de sua habilidade em se aproximar do problema indiretamente. Por exemplo, é mais fácil fazer com que as crianças durmam, ao se dizer: "Vamos contar uma estória para a hora de dormir" do que se dizer "Vão prá cama."

Porque a metáfora não declara as coisas "como elas são", ela tende a deixar de lado objeções reflexivas, conscientes que possam ser feitas às idéias ou intervenções. Os clientes encontram significação na metáfora, ao refletirem sobre suas experiências e entendimento e ao formarem novas associações que podem ser usadas para resolver suas dificuldades atuais. Sempre que um cliente aparece com uma "solução", que tem como base seu próprio entendimento/compreensão, ele se inclina mais a aceitá-la. Este método é semelhante ao socrático, no qual os alunos são levados a procurar respostas que os levem ao uso da imaginação e do conhecimento, para descobrirem novas idéias ao fazerem novas associações.

DESENVOLVENDO UMA METÁFORA

Parte do processo de preparação de uma estória metafórica envolve a identificação da área problemática. Dilts (1990) propôs cinco níveis de intervenção, a serem considerados quando se desenvolve uma estratégia terapêutica. Os níveis mais altos têm um impacto psicológico maior e exercem mais influências que os de níveis mais baixos. Os níveis estão classificados por ordem de influência, sugerida por Dilts, sendo o primeiro o mais influente.



1. Nível de identidade (quem)
2. Nível de crenças-valores (por que)
3. Nível de capacidades (como)
4. Nível de comportamento (o que)
5. Nível ambiental (onde, quando).

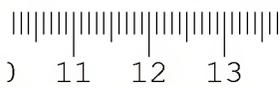
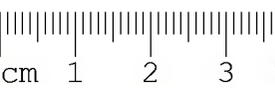
Levamos em consideração um exemplo hipotético com um cliente cego, adulto, que está com dificuldade em aprender Braille. No nível ambiental o cliente poderá dizer "Eu não sei ler Braille porque os pontos são muito pequenos e muito próximos uns dos outros". Em outras palavras, o problema está com o Braille (ambiente), não com o aluno. A intervenção nesse nível pode incluir a introdução de Braille com pontos enormes.

No nível de comportamento o professor pode determinar que o problema deve-se à pouca prática. A intervenção poderia incluir prática mais freqüente. Ao definir o problema como sendo de comportamento, coloca-se a responsabilidade no aluno, em vez de no ambiente.

No nível de capacidade o cliente poderá dizer "Eu sempre tive problemas com leitura, mesmo quando eu enxergava. Talvez aprender a ler em Braille não seja diferente." Em outras palavras, o cliente poderá não ter habilidade de ler em Braille, mesmo que intensifique a prática. É neste nível que o ensino de habilidades e aconselhamento para ajustamento são provavelmente necessários.

Ao nível de crenças-valores o cliente poderá dizer "Eu não acho que Braille seja importante. Eu posso usar livros gravados e desenvolver minha memória de uma melhor forma." Esta declaração vai além da declarada dificuldade em aprender Braille; implica numa crença no valor de Braille que tem desdobramentos maiores do que as implicações de comportamentos ou capacidades necessárias para se aprender Braille.

Ao nível de identidade o cliente poderá dizer "Eu não posso aprender Braille porque estou muito velho prá isto. Quando você fica velho, você não aprende mais nada." Esta declaração vai além de uma crença sobre o fato de ser idoso; chega a uma declaração sobre a identidade do cliente como uma pessoa, ("Eu sou uma pessoa velha que não sabe aprender") que vai afetar muitas áreas da vida do cliente, além daquela de aprender Braille.



Aplicar-se o modelo de Dilts, de níveis para o aconselhamento de ajustamento, pode fornecer aos RTs um instrumento útil de diagnóstico. As perguntas e declarações do cliente podem indicar em que nível, ou níveis, está a dificuldade. Por exemplo, as perguntas e declarações a nível de identidade têm a ver com quem é a pessoa; a nível de crenças-valores, o por que uma pessoa pensa e se comporta como ele/ela; e no nível de capacidades, com a maneira como a pessoa deve, ou não, realizar/fazer coisas.

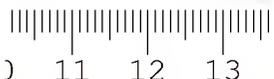
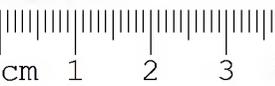
PREPARANDO A METÁFORA

Uma metáfora terapêutica deveria ser estruturada à semelhança da situação-problema e deveria modificar essa situação, fornecendo-lhe uma situação a partir de um ponto de vista alternativo, avaliado pelo próprio cliente. De acordo com Gordon (1978) semelhança estrutural significa que a metáfora preserva dentro dela as interrelações e os padrões de compreensão/percepção que operam ou existem dentro do "verdadeiro" problema, embora o contexto seja diferente.

Reconstruir ou reformar envolve ligar uma situação-problema a um contexto que o cliente valorize muito, a fim de se emprestar uma "perspectiva" diferente ao problema. O Rt constrói possíveis combinações do contexto valorizado e a situação-problema, para determinar se há uma possível associação. Caso haja, ele/ela poderá desenvolver uma estória estruturalmente semelhante, tendo este novo ponto de vista como resultado. A ênfase na reforma não está em oferecer ao cliente novos fatos, mas em apresentar nova perspectiva, ou modo de perceber os fatos conhecidos.

USANDO UMA METÁFORA NUM CONTEXTO TERAPÊUTICO

O caso que se segue demonstra o uso de uma metáfora estruturalmente semelhante aos níveis de capacidade / crenças.



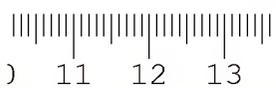
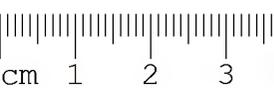
Sr^a B

A Sr^a B, que ficou cega recentemente, era muito independente e tinha dificuldade em aceitar qualquer instrução que eu lhe desse, porque eu era "do estado" e ela não se sentia bem em ter alguma coisa sem ter que pagar por ela. Quando ela estava tentando alguma coisa e não conseguia realizar a tarefa, a sua reação habitual era parar e dizer que não estava interessada naquilo. Em várias ocasiões ela declarou que "se não podia fazer alguma coisa sozinha" (nível de capacidade), então "não adiantava ir além" (nível de crença).

A Sr^a B fazia comida de forno quando ela não era cega, e tinha muita satisfação nisto e em dividir com outras pessoas as coisas que ela preparava no forno. Ela tentara fazer bolinhos sem ajuda e sem orientação com técnicas adaptadas, e sempre terminava coberta de farinha de trigo, muito mais que os bolinhos. Dizia que a cozinha estava "branca de farinha como se uma nevasca tivesse invadido a cozinha" e, depois de toda a confusão, ela dizia que estava decidida a não mais fazer comida de forno.

Depois de refletir, eu contei a seguinte estória:

"No inverno passado, um homem que eu conhecia ficou preso durante uma tempestade de neve, numa vala. Ele tentou tirar o carro, mas ficou coberto de neve, como resultado de seu esforço. Ele viu uma casa de fazenda à distância, mas achou ser bobagem dar conhecimento a outras pessoas de que estava preso e que precisava de ajuda. Debateu-se por algum tempo sobre o que fazer e decidiu que desistir e não fazer coisa alguma não iria resolver nada. Com renúncia, dirigiu-se à casa e encontrou o fazendeiro, trabalhando num telheiro onde ficavam as máquinas, com roupas adequadas para o tempo. Com a sua ajuda puderam tirar o carro da vala. Ele tentou pagar, mas o fazendeiro não aceitou qualquer dinheiro, dizendo: 'De tempos em tempos precisamos de ajuda, todos nós'."



Eu perguntei à Sr^a B o que ela achava desta experiência, e ela disse que as pessoas não deveriam deixar que o orgulho as fizesse desistir de procurar ajuda quando necessitassem. Eu lhe perguntei como as pessoas sabem que o seu orgulho está lhes causando problemas. Respondeu, "Quando começam a dar desculpas e desistem de alguma coisa que querem fazer". Perguntei-lhe se poderia me dar um exemplo. Ela começou a falar mas parou. Ela disse, "Eu sei onde você quer chegar." Eu perguntei "onde?" e ela disse que talvez estivesse desistindo de fazer comidas de forno muito facilmente, uma vez que era uma coisa que ela gostava muito de fazer.

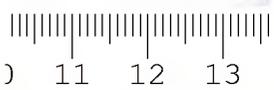
Na estória anterior, o padrão era estruturalmente semelhante à experiência do cliente. Tanto o homem da estória como a Sr^a B estavam fazendo algo sozinhos, ficaram presos e frustrados, cobertos de neve (farinha) e pensaram em desistir. A reformulação foi feita ao se dar uma solução à estória em que o homem decidiu que desistir não iria resolver nada e, então, procurou ajuda. Com o auxílio de alguém, o problema foi resolvido.

O pagamento foi oferecido mas recusado, porque "Nós todos precisamos de ajuda de tempos em tempos." Com uma série de perguntas fiz a Sra. B aplicar suas crenças sobre orgulho à sua própria experiência, ao lhe pedir exemplos.

O exemplo seguinte ilustra o uso de uma intervenção metafórica ao nível de crença.

Sr. H

O Sr. H era um carpinteiro de setenta anos, aposentado, que tinha desenvolvido uma degeneração muscular. Quando eu mencionei bengala para caminhada, em minha primeira visita, ele reagiu negativamente, dizendo que não ia usar "bengala para aleijado". Disse: "Somente os aleijados usam bengala (crença), e eu não estou pronto pra ser um aleijado." Na minha visita seguinte, discutimos sobre ferramentas de carpintaria, um assunto do qual ele era um conhecedor. Discutimos sobre como o uso de uma ferramenta adequada pode economizar tempo e esforço e produzir um trabalho de alta qualidade, da mesma forma que o contrário pode produzir efeitos indesejáveis e possivelmente perigosos. Durante a conversa ele me deu informações sábias, provenientes de sua experiência profissional: "Um bom carpinteiro não põe a culpa em suas



ferramentas quando as coisas não saem certas." Um pouco mais tarde dirigi a conversa para os problemas gerais de mobilidade, e ele se queixou de que sua vista deficiente o fazia tropeçar nas coisas ao seu redor. Disse-lhe: "Um bom carpinteiro não põe a culpa nas ferramentas quando as coisas não saem certas." Ele me perguntou o que eu queria dizer com aquilo, e eu respondi que se ele queria fazer um bom trabalho ao caminhar, com segurança, precisaria usar a ferramenta correta para o trabalho. Ele disse que entendia o que eu pensava sobre o assunto.

A palavra "bengala" nunca foi mencionada. Na visita seguinte o Sr. H, pediu orientação e treinamento para se locomover com uma "ferramenta para se movimentar para toda parte."

A reformulação/reconstrução se efetuou ao se ligar o problema (Sr. H cria que o uso de uma bengala o tornaria um aleijado) a um contexto altamente valorizado (ferramentas). A própria lógica do Sr. H (anedota) foi usada para atingir o objetivo e dar-lhe uma nova perspectiva de "bengala" como um instrumento valorizado.

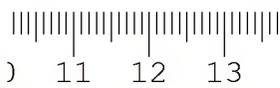
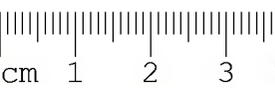
O caso seguinte ilustra o uso de intervenção metafórica a nível de identidade.

Sr^a G

Sr^a G, de 86 anos, ainda era forte, apesar de sofrer de câncer e ter passado por quimioterapia e, mais recentemente, cegueira. Ficou viúva recentemente, depois de 60 anos de casamento e de ter criado oito filhos adotivos. Vivia em uma cadeira de rodas, sozinha, no interior.

Foi uma boa aluna mas trabalhou muitíssimo e terminou internada em um hospital, várias vezes, com estafa própria de uma síndrome de pós-pólio. Enquanto falávamos sobre isto, e da necessidade dela de diminuir o seu ritmo de trabalho, a Sr^a G. começou a xingar o seu próprio corpo, referindo-se a ele como "um bocado de lixo". Mais tarde conversamos sobre coisas que ela valorizava e ela me contou como os seus amigos foram maravilhosos, visitando-a e ajudando-a. Ela disse que no interior as pessoas sempre se ajudam, e que ser amigo é tão importante quanto se ajudar um amigo.

Eu disse, "Sim, você tem o direito de ser grata aos amigos; você tem lutado muito na vida e os amigos estão aí, para ajudá-la, do mesmo modo como você os tem ajudado." Ela concordou, com certeza. Então eu



disse: "É muito ruim que você esteja desprezando o amigo que você conhece há tanto tempo."

Ela endireitou-se na cadeira de rodas e pareceu estar chocada. Eu disse: "É verdade. Eu conheço alguém que tem sido seu amigo toda a sua vida e agora precisa de ajuda e você o ignora". Ela me disse que isto nunca tinha acontecido e exigiu que eu dissesse quem era essa pessoa.

Eu respondi, "Sr^a G., o amigo de quem estou falando é o seu corpo. Ele está com a Sr^a, prá o que der e vier. Ele está aleijado pela pólio, mas, apesar das dificuldades, ele lhe deu 86 anos de serviço. Deu-lhe um casamento que durou 60 anos, com amor e carinho de oito filhos. Ajudou-a a ficar em casa, e ser independente, quando os seus amigos mais jovens estão em casas para idosos ou no cemitério. Agora, este amigo com quem você tem lutado lado a lado, nestes anos todos, não tem mais a energia que costumava ter no passado e está precisando de ajuda e compreensão. Você vai ajudá-lo?"

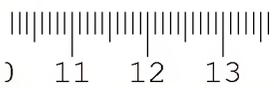
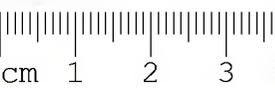
A Sr^a G. disse-me nunca haver pensado em seu corpo nesses lernos, e que iria fazer o melhor possível a partir de então. Na minha visita seguinte ela tinha feito um bocado de pãezinhos quentes, e estava me esperando para me mostrar o que ela havia aprendido. E eu, para provocá-la, lhe perguntei se ela mesma havia feito tudo sozinha. Ela deu umas pancadinhas no lado do seu corpo e disse: "Meu amigo aqui e eu os fizemos."

A metáfora foi criada pela identificação de um contexto valorizado (amigos) e a criação de um cenário em que o contexto valorizado (amigos) e o problema (corpo de lixo) se ajustavam para, juntos, constituírem uma visão positiva para o cliente.

CONCLUSÃO

O novo campo de terapia de Biblioterapia sugere o uso de ilustrações metafóricas com crianças e adultos. Este método deveria ser usado bem mais no ensino de reabilitação, como uma ferramenta de aconselhamento.

A experiência do autor demonstra o sucesso do seu uso no ensino de reabilitação, mas deve ser considerado em contextos tais como



orientação, mobilidade e colocação em empregos, também. Há provas de que as metáforas são destinadas a fins educacionais, para estudantes que apresentem problemas de aprendizagem, e que podem ser úteis na introdução de novos conceitos matemáticos e gramaticais, sem provocarem os antigos resultados desestimuladores (Kline, 1988).

A coleta de dados e as pesquisas dos métodos aplicados deveriam ser uma parte integral do uso de metáforas como um instrumento terapêutico, no campo de reabilitação de crianças e adultos com deficiência visual.

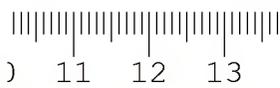
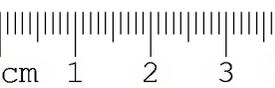
BIBLIOGRAFIA

COMBS & FREEDMAN, J. (1990) Symbol, story and ceremony: using metaphor in individual and family therapy. New York: W. W. Norton.

DILTS, R (1990). Changing belief systems with NLP, Cupertino, CA: Meta Publications.

GORDON, D. (1978). Therapeutic metaphors. Cupertino, CA: Meta Publications.

ROBERTS, A. H. (1984). Bibliotherapy: a technique for counseling blind people *Journal of Visual Impairment & Blindness*, 78, 197-199.



CALOUROS UNIVERSITÁRIOS INCAPACITADOS E NÃO-INCAPACITADOS: MAIS SEMELHANÇAS DO QUE DIFERENÇAS *

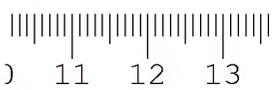
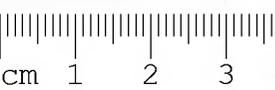
O número de estudantes universitários com incapacidade tem aumentado substancialmente nos últimos anos e na maioria das áreas suas atuações e preocupações são semelhantes àquelas de seus colegas não-incapacitados, de acordo com uma pesquisa feita pelo American Council on Education (Conselho Americano de Educação). Quase 1 em 11 de todos os calouros com tempo integral (8,8%) matriculados na Universidade, em 1991, declararam ter um tipo de incapacidade - um aumento considerável desde 1978, quando a proporção era de 1 em 38, ou 2,6 por cento.

COMPARAÇÕES

Ambos os grupos, os incapacitados e os não-incapacitados, apresentavam semelhanças nas proporções que mostravam quais eram os membros de minorias étnicas, nas proporções daqueles cujos pais viviam juntos e naquelas em que os pais eram separados ou divorciados. O nível educacional dos pais dos dois grupos também era semelhante. Igualmente se assemelhava à média de salário dos pais. Contudo, os alunos incapacitados tendiam a pertencer a famílias de renda mais baixa.

As experiências da escola secundária dos alunos incapacitados eram semelhantes às dos outros. A maioria havia freqüentado escolas públicas, mas uma percentagem menor de incapacitados tinha conseguido média A, e uma grande proporção havia conseguido as médias B e C. Os

* Reproduzido com permissão do JOURNAL OF VISUAL IMPAIRMENT AND BLINDNESS, publicado pela AMERICAN FOUNDATION FOR THE BLIND, situada no endereço 15 West 16th Street, New York 10011.



incapacitados tinham menos oportunidades de serem eleitos para os cargos de honra das sociedades acadêmicas.

Os motivos mais numerosos apontados pelos estudantes, para ingresso na Universidade, foram os mesmos para ambos os grupos. Mas os incapacitados deram mais peso a outros três motivos do que os outros alunos: o desejo de melhorar a habilidade de leitura/de estudos, o desejo de sair de casa e a dificuldade de achar um emprego. Três características sobre a escolha de uma Universidade foram mais significativas para os incapacitados do que para os seus pares: a oferta de programas especiais, aconselhamento por orientadores e conselhos emitidos por parentes.

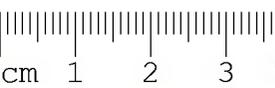
Os incapacitados eram considerados como aqueles que levariam mais tempo para atingir os seus objetivos educacionais. Também eram apontados como aqueles que mais provavelmente completariam um doutorado. O interesse por títulos profissionais era o mesmo nos dois grupos. Os incapacitados eram um pouco menos otimistas quanto ao seu sucesso futuro em acharem emprego em suas áreas específicas.

Uma proporção menor de incapacitados se auto-classificaram como acima da média em auto-confiança social e intelectual e em desempenho acadêmico; contudo, um percentual maior se identificou como aqueles que estão acima de média em habilidades mecânicas e artísticas.

Em muitas respostas recentes, as lacunas em relação a gênero eram mais amplas que as diferenças relacionadas a status de incapacidade. Por exemplo, tanto as mulheres incapacitadas como as não-incapacitadas eram mais passíveis de pertencerem a um grupo minoritário e serem mais velhas do que os homens. Elas também tendiam a obter notas mais altas na escola secundária, a pertencerem a uma família com apenas um dos pais, a freqüentarem uma faculdade que ficasse mais perto de suas casas, a virem de famílias de renda mais baixa e de receberem crédito educativo do governo federal.

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Aproximadamente um quarto (25,2%) dos calouros com deficiência declararam-se cegos, ou portadores de deficiência visual, o



que os tornou o maior grupo, seguido de perto pelo grupo de estudantes, que apresentaram deficiências de aprendizagem, que perfaziam 24,9%. Em vários aspectos, os deficientes visuais eram os que mais se destacavam, em média. Eram mais capazes que os outros alunos, incapacitados ou não, por terem conseguido média A na escola secundária e por terem tido um membro de honra em uma sociedade acadêmica da escola secundária, entre os seus. Dentre os que eram portadores de incapacidade, os deficientes visuais estavam entre os que estariam freqüentando uma Universidade pelo período de quatro anos e que se classificavam como os que estavam acima da média, ou os que apresentavam os mais altos índices de habilidades acadêmicas e matemáticas e de saúde emocional. Eles eram os que menos precisavam de supervisão de tutores ou de trabalho suplementar, para sanar as dificuldades, e os que apresentavam o mínimo de incapacidade.

Para maiores informações, consultar "COLLEGE FRESHMEN WITH DISABILITIES: a statistical profile." (Calouros universitários com incapacidades: um perfil estatístico). Cópias podem ser oferecidas a \$ 10 cada, no Conselho Americano sobre Educação, Departamento FD, One Dupont Circle, Washington, DC 20036; 202-939-9320 ou 202-833-4760.

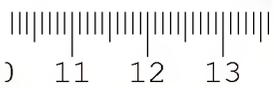
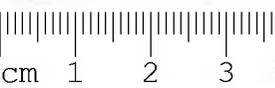
Material para ser distribuído no Curso de Psicologia Social.

GUIA DE AVALIAÇÃO FUNCIONAL - CSVH

Nesta seção estamos tratando dos problemas funcionais do estudante, relativos à perda da visão e de algumas soluções para esses problemas.

A adaptação emocional e física a uma deficiência visual estão tão inter-relacionadas que não podem ser separadas, a não ser com o objetivo de discussão.

A reabilitação de uma pessoa com deficiência visual envolve tanto as adaptações físicas quanto as reações emocionais por todo o processo. Seria difícil, na verdade, desenvolver um forte sentido de autoconfiança, para se lidar com situações pessoais, sociais e econômicas,



sem as habilidades da comunicação escrita, orientação, locomoção, atividades da vida diária, etc.

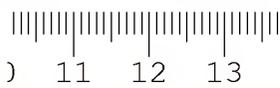
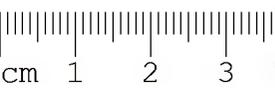
Por outro lado, uma pessoa, que não se sente plenamente confortável com sua deficiência visual, freqüentemente passa por stress emocional ao aprender a usar as habilidades da adaptação que a identifiquem como uma pessoa portadora de deficiência visual. A redução do stress emocional, criado pela perda da visão, pode facilitar a aprendizagem de habilidades de adaptação, e o sucesso no uso dessas habilidades pode facilitar a adaptação emocional à perda da visão. Como consequência, o professor de reabilitação deverá ser flexível ao assistir o estudante no seu trabalho de relacionar a discussão de técnicas de adaptação com as áreas de entrosamento emocional e social, quando da perda de visão, já apresentadas na seção anterior sobre reações emocionais à perda da visão.

A) ORIENTAÇÃO E LOCOMOÇÃO

Neste seção as questões têm como objetivo ajudar a identificar alguns dos sentimentos que limitam a aquisição e o uso das técnicas de orientação e locomoção pelos alunos. A fim de facilitar a instrução, pode haver a necessidade de uma discussão realista das preocupações dos estudantes. Por exemplo, quando alguém se perde, há a sensação esmagadora de não se estar no controle das coisas (por exemplo, medo). O instrutor poderia perguntar qual é a pior coisa que pode acontecer numa situação dessas. Depois que o estudante tivesse expressado suas preocupações, o professor poderia sugerir estratégias gerais que incluiriam o escutar para ouvir indícios auditivos e o mover-se vagarosamente, enquanto se faria uso de técnicas de proteção, até que se localizasse o conhecido ponto de referência.

NOTA DA TRADUTORA

A letra (I) que aparece ao lado das questões, que aparecem a seguir, significa IDENTIFICAÇÃO, e o (S), SOLUÇÃO.



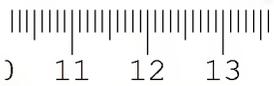
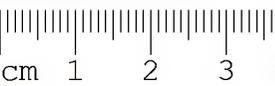
Por outro lado, o estudante pode se sentir auto-consciente e excessivamente dependente, quando estiver usando um guia com visão. Depois de ter especificado o problema, o professor pode verificar se as técnicas corretas estão sendo empregadas pelo estudante, e sugerir que a técnica usada possa ser integrada à auto-imagem. A sugestão de carregar uma bengala, enquanto se faz uso de um guia com visão, deixaria claro, para o público, que há a necessidade de segurar o braço do outro e também, de diminuir as preocupações do guia com visão e/ou da pessoa com deficiência visual.

1. Você tem dificuldade em se movimentar dentro de sua casa sem ajuda? (I)
2. Alguma vez você se sente perdido, ou desorientado na sua casa ou vizinhança? (I)
3. Para onde você gosta de ir e para onde você tem que ir com uma pessoa que tem visão? (I)
4. Como você chegou lá? (I)
5. Como você chega aonde você quer ir agora? (I)
6. Gostaria de aprender algumas técnicas de adaptação que lhe (possibilitariam locomover-se em sua casa, vizinhança e comunidade? (S)
7. Como se sente quando anda na companhia de uma pessoa com visão? (I)
8. Como se sente ao usar os acessórios de locomoção, tais como bengala ou um cão-guia? (I)

B) CONDUTA PESSOAL

A incapacidade em realizar tarefas de conduta pessoal tende a criar sentimentos de dependência e pouca auto-estima. Aprender as técnicas de conduta pessoal freqüentemente elimina esses sentimentos e pode promover a auto-confiança e motivação para aprender outras habilidades de adaptação.

1. Sua perda de visão lhe provocou dificuldades para comer, tais como localização da comida, cortar carne, derramar bebidas,



despejar líquidos, deixar cair comida sobre a mesa ou na sua roupa? (I)

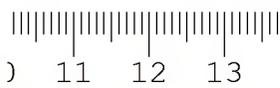
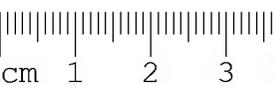
2. Tem dificuldade em identificar e fazer combinar as suas roupas? (I)
3. A sua visão deficiente interfere com o seu uso de cosméticos, com o fazer a barba, cuidados com os cabelos, ou cuidado com as unhas? (I)
4. Tem dificuldade em identificar moedas ou papel-moeda? (I)
5. Tem dificuldade em encontrar itens pessoais, tais como: escova de dentes, chaves de portas, remédios, jóias, e documentos importantes? (I)
6. Acha que há meios de superar essas dificuldades? (S)
7. Gostaria de ter ajuda para achar soluções para estes problemas? (S).
- 8.

C) COMUNICAÇÕES ESCRITAS

c) COMUNICAÇÕES ESCRITAS

Inicialmente o estudante pode se sentir incapaz de escrever à mão, e que aprender a escrever à máquina parece uma possibilidade remota, principalmente se a pessoa não sabia datilografia antes, quando tinha visão. Até mesmo depois de introduzidas as técnicas de escrita manual, o estudante pode sentir que sua escrita não é legível e que não reflete a sua personalidade, como antes. O ensino de técnicas e a retroalimentação proveniente da família ajudam a suscitar confiança e habilidade na área da expressão escrita. Poderia se sugerir que na área de datilografia o datilógrafo não olha para o teclado, habitualmente.

1. Tem dificuldade em escrever a sua assinatura? (I)
2. Quando tinha visão, você se correspondia escrevendo à mão ou à máquina? (I)
3. Como você se comunica com parentes e amigos agora? (I)
4. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe ajudassem a desenvolver estas habilidades? (S).



D) BRAILLE

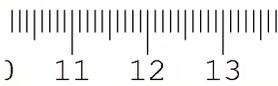
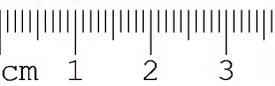
Estas perguntas exploram as possibilidades do uso de Braille como um substituto parcial da palavra impressa, e a reação do estudante à idéia de aprender Braille, assim como sua reação aos sentimentos dos amigos em relação a este assunto. O professor precisa estar consciente das preocupações em potencial dos estudantes, quanto ao uso de Braille, tais como: auto-percepção, sentimentos de isolamento, de ser diferente, ou sentir-se separado daqueles que têm visão; e o tempo envolvido na aprendizagem de Braille.

1. De que modo você usava o material impresso, ou manuscrito, quando você enxergava? (I)
2. Que acha de usar Braille como um substituto parcial para a escrita impressa? (S)
3. Você se sente auto-consciente ao usar os meios tácteis de leitura e de escrita? (I)
4. Como a sua família e seus amigos se sentiriam ao saber que você estava aprendendo Braille?

E) TAREFAS DOMÉSTICAS

Neste assunto, como em todas as outras áreas, o conhecimento das atividades do estudante antes da perda da visão vão orientar e dar ênfase ao planejamento do programa de reabilitação. Ocasionalmente a perda da visão causa uma alteração de papéis nas responsabilidades domésticas. Em tais casos, a aprendizagem de habilidades básicas e de adaptação na administração dos assuntos domésticos pode ser indicada. Em casos de troca de papéis (tais como o do mantenedor passar a fazer as tarefas do lar) o professor poderia perguntar como ele se sente com a mudança de papéis.

1. Quando você tinha visão você preparava as refeições, limpava, engomava, etc? (I)
2. Como uma pessoa com visão deficiente, você tem dificuldade em fazer as tarefas mais simples, do dia-a-dia, tais como:



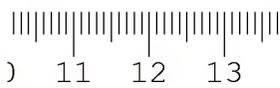
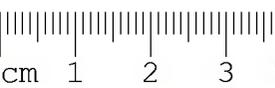
despejar líquidos, enfiar linha na agulha, forrar a cama, etc?
(I)

3. Como se sente, tendo perdido o seu papel de uma pessoa que faz as coisas dentro de casa? (I)
4. Os outros membros da família temem por sua segurança quando você faz algum conserto? (I)
5. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe permitissem fazer alguns consertos em casa? (S)

F) ATIVIDADES DAS HORAS DE LAZER

Alguns dos objetivos das atividades de lazer são: alcançar a sensação de se ter conseguido sucesso, aprender a reunir informações fornecidas pelo tato, e recuperar a finesse e a aceitação sociais. Nessas atividades de lazer, preocupamo-nos com dois tipos de funções; atividades individuais, tais como artesanato, e atividades sociais, tais como boliche ou jogos de cartas. Ao planejar um programa de hora de lazer o instrutor deve explorar juntamente com o seu aluno, os tipos de recompensas pessoais e sociais que são esperadas como decorrentes dessas atividades. Desde que muitas dessas atividades são consideradas sociais por natureza, o instrutor poderá recorrer à seção F, sobre a Avaliação das Respostas emocionais aos Cegos.

1. Como uma pessoa que podia enxergar você gostava de algumas atividades sociais tais como dançar, jogar boliche, jogar baralho e outros jogos? (I)
2. Prefere atividades individuais, físicas, tais como tricotar, fazer crochê, ou brincar num caça-níqueis? (I)
3. Você gostava de atividades físicas, como ciclismo, caminhada, natação ou equitação? (I)
4. Estaria interessado em ser informado sobre as partidas e jogos esportivos em que pessoas com deficiência visual podem participar, e na realidade participam? (S)



5. Quais eram os seus passatempos quando você enxergava, e ainda se dedica a eles? (I)
6. Estaria interessado(a) em retomar passatempos anteriores ou aprender novos? (S)

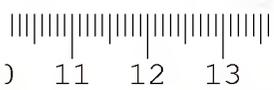
G) CONSERTOS EM CASA

A maioria das pessoas, em alguma ocasião, precisam de ter habilidades básicas para fazer consertos em casa, como trocar lâmpadas ou apertar trincos. A inabilidade nesta área pode produzir sentimentos de inferioridade e de dependência. Uma auto-imagem positiva e sentimentos de independência são, até certo ponto, recuperados quando uma pessoa domina as técnicas de adaptação nesta área.

1. Você trocava lâmpadas, substituía fios, pendurava quadros, etc? (I)
2. Quando é preciso, como você realiza estas tarefas agora, como uma pessoa que não vê? (I)
3. Quando está fazendo reparos em casa você tem medo de se ferir? (I)
4. Os membros de sua família temem pela sua segurança quando você faz reparos em casa? (I)
5. Gostaria de aprender alguns métodos que lhe permitissem fazer consertos em casa? (S)

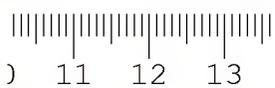
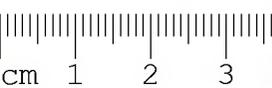
H) USO DE UMA VISÃO PARCIALMENTE DEFICIENTE

Muitas pessoas, com a visão deficiente, ainda têm um pouco de visão funcional. Eles se dão melhor com métodos visuais de funcionamento, e preferem continuar a realizar tarefas fazendo uso intensivo da visão. A fim de conseguir isto, é importante para o indivíduo compreender os princípios básicos de ampliação e aceitar o uso de técnicas de adaptação para o uso de visão restante. É um engano crer-se que uma pessoa que usa óculos vá ter condições de fazer as coisas do



mesmo modo que fazia antes de perder a visão. A velocidade na leitura, a paciência, e a distância em que o material que se está lendo, fica, do rosto, são aspectos que freqüentemente são afetados quando se faz uso da ampliação. O uso de materiais e de técnicas para a visão curta precisa estar associado à realização de tarefas específicas.

1. Gostaria de aprender a usar a sua visão restante para fazer coisas que você fazia antes? (I)
2. Em que a ampliação lhe ajuda a fazer coisas em casa e no trabalho? (S)
3. A sua aparência, enquanto você está usando recursos ópticos, lhe causa preocupação? (I) Se preocupa em ser visto(a) como sendo uma pessoa diferente, ao usar esses recursos? (I)
4. Está sentindo vontade de mudar seu modo de fazer as coisas, a fim de se adaptar à sua deficiência visual? (S)
5. Está com vontade de aprender a usar lentes de aumento (lupas), mesmo que este método para ler possa parecer mais difícil e que lhe faça parecer diferente? (S).



GUIA DE AVALIAÇÃO DE ACONSELHAMENTO - CSVH

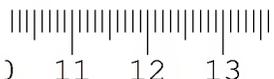
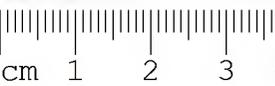
*Departamento de Serviços de Reabilitação de Illinois
7 de junho de 1994*

INTRODUÇÃO

Desde o advento do ensino de reabilitação têm ocorrido mudanças sutis no conceito do processo de instrução todo. Nos últimos anos, a direção do Bureau of Blind Services (Agência de Serviços para Cegos) tem se dedicado a definir o fator de aconselhamento que é inerente ao programa de instrução. Nossos pioneiros no campo do ensino de reabilitação ensinaram comunicações, artesanato, e algumas técnicas de locomoção. Estamos conscientes de que a relação estudante-instrutor também constitui uma oportunidade de aconselhamento. Cremos que a instrução e o aconselhamento se entrelaçam para formar o processo de ensino de reabilitação.

Quando se leva em consideração alguns dos elementos de aconselhamento, deve-se ter sempre em mente que o escutar com eficiência é essencial. Os estudantes em perspectiva podem sentir a necessidade freqüente de falar sobre eles próprios. Essa é uma oportunidade para falarem, com detalhes, sobre as circunstâncias que cercaram a perda da visão, tais como; a extensão da acuidade visual e perda do campo de visão, relacionamento com o oftalmologista, reação da família e dos companheiros, e as dificuldades encontradas no fazer das atividades diárias.

Estas descrições podem fornecer dados importantes para se avaliar as necessidades e para planejar o programa de aconselhamento para adaptação. Por meio de discussões, o estudante pode reconhecer que o instrutor/conselheiro pode ajudar a resolver seus problemas. Eles devem se sentir seguros quanto ao interesse demonstrado pelo conselheiro em solucioná-los. Um outro fator importante, para que se estabeleça um relacionamento favorável para a avaliação e o planejamento, é um clima harmonioso de solidariedade.



Isto pode ser feito/alcançado pela demonstração de preocupação genuína com o indivíduo.

A habilidade dos instrutores em reconhecerem os problemas, para os quais não estão profissionalmente equipados para tratar, é um elemento essencial no processo de avaliação.

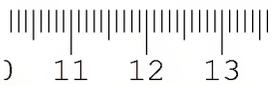
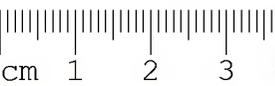
Este capítulo apresenta questões que facilitam a identificação de problemas de adaptação, enfrentados por uma pessoa que experimentou a perda da visão, e o desenvolvimento de um plano para tratar destes problemas. As perguntas, ou questões (identificadas com um "I", para identificação, e com um "S" para solução) podem, ou não, ser aplicáveis, dependendo da situação de cada estudante, individualmente. As perguntas são de natureza exploratória e são apenas roteiros que podem ser expandidos pelo instrutor.

AVALIAÇÃO DA RESPOSTA EMOCIONAL À PERDA DA VISÃO

As pessoas que têm visão recebem aproximadamente cinquenta imagens visuais por segundo, as quais elas usam para orientá-las no desempenho de suas atividades físicas e sociais. A falta total ou parcial destas imagens visuais causa ruptura no funcionamento físico, e essa é geralmente acompanhada de stress emocional. Nesta seção estamos basicamente preocupados com os sentimentos da pessoa, em relação à sua deficiência visual. As perguntas explanatórias que se seguem podem ajudar, se esses sentimentos interferem ou aumentam a aprendizagem de habilidades pessoais e sociais.

A. ATITUDES

Estas perguntas têm como objetivo assistir o indivíduo na identificação de atitudes em relação a eles próprios, como pessoas que são, portadoras de deficiência visual, e que podem limitar suas opções para se ajustar à perda da visão. Se uma pessoa determina que essas atitudes são permitidas para limitar as opções de se lidar com a perda da visão, o conselheiro de adaptação da cegueira pode precisar de avaliar a



validade dessas atitudes e desprezar aquelas que interferem na realização de objetivos e aspirações.

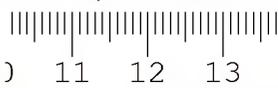
1. O que lhe causa mais frustração na perda da visão? (I)
2. Como você lida com isto? (S)
3. Acha que há uma maneira mais eficiente? (S)
4. De que você mais sente falta por não poder ver? (I)
5. Pode imaginar uma maneira de retomar o que você sente falta? (S)
6. Já havia visto ou conhecido alguém com deficiência visual, antes de você perder a sua vista? (I) Caso afirmativo, quais foram as suas impressões e seus sentimentos? (S)
7. Qual é a sua atitude ao aceitar os serviços prestados por uma agência que atende pessoas com deficiência visual? (I)
8. Como se sente sobre o uso de bibliotecas, parques, escolas e outras instalações públicas? (S).

B. MEDO E PENA

As perguntas nesta parte ajudam o estudante a explorar duas respostas em potencial à perda da visão - medo e pena. Deve-se ter em mente que há outras respostas em potencial, tais como culpa, raiva, dependência, e negação, que também necessita de tratamento.

O professor pode precisar de expandir uma certa resposta, de uma pessoa, sobre a perda da visão, a fim de ajudá-la a lidar com essa resposta. Por exemplo, se a pessoa expressa um medo de "ser excluída", uma discussão mais detalhada pode revelar que essa pessoa está reagindo a uma perda de segurança física e emocional, anteriormente assegurada pelo contacto visual, constante, com o ambiente. Nesse ponto, o instrutor pode querer introduzir técnicas não-visuais para avaliar o ambiente, daí reduzindo o isolamento sensorial. Por outro lado, se alguém com deficiência visual está limitando as opções de reabilitação, por causa da auto-piedade, mais discussão poderá ajudar a entender que essa atitude de limitação não necessita ser guardada.

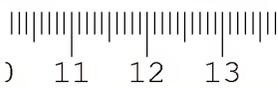
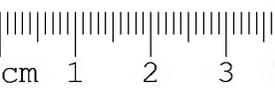
1. O que mais lhe assusta na perda da visão? (I)



2. Você tem medo de: (a) ficar sozinho, (b) sentir-se excluído (solidão); (c) o escuro; (d) queda; (e) falta de atratividade física? (I)
3. Quando você podia ver, sentia pena das pessoas que não enxergavam? (I)
4. Caso afirmativo, você achava que esses sentimentos eram normais? (S)
5. Acha que as pessoas sentem pena de você? (I)
6. Caso afirmativo, qual é a sua reação? (I)
7. É possível que o que você interpreta como pena possa ser também uma expressão verdadeira de preocupação e um desejo genuíno de ajudar? (S)
8. É possível que você às vezes interprete mal o comportamento e as atitudes de outras pessoas, em relação a você? (S)
9. Já pensou que as pessoas que têm visão possam ter uma concepção errada, ou estejam mal informadas sobre a perda da visão? (S)
10. É capaz de informar aos outros, quando for preciso, que você é um deficiente visual? Como você se sente com isto? Como você se beneficia dessa informação dada a outras pessoas? (S).

C. MOTIVAÇÃO

Seria útil para o instrutor entender se o estudante percebe a vida como sendo inicialmente controlada por forças externas e circunstâncias, ou por esforços pessoais (motivação externa ou interna). O problema de ser controlada por forças externas ou internas envolve um estilo básico de vida. O professor deve ouvir comentários como os seguintes: "A vida me deu um golpe cruel" ou "o que foi que eu fiz para merecer isto?" Todos estes tipos de comentários podem ser indicações de uma filosofia que diz, na sua essência, "Eu sou controlado por forças externas e tenho muito pouco, ou nada, a ver com isto. Já que é assim, não posso assumir responsabilidade alguma, por mim mesmo." Por outro lado, declarações começando com "EU", tais como: "Eu não sei o que vou fazer sem minha



vista", podem indicar uma motivação interna. O método empregado num programa de reabilitação pode depender significativamente da motivação interna ou externa do estudante.

1. Como foi que você chegou até onde está, na vida? (I)
2. Habitualmente você faz o que quer, ou o que os outros querem? (I)
3. Você crê que as coisas acontecem a você, ou você as faz acontecer? (S)
4. Antes da sua perda visual, alguma vez você quis mudar alguma coisa, ou realizar alguma coisa, e conseguiu? (S)
5. Sente vontade de ter oportunidades de atingir uma meta? (S).

D. VALOR PESSOAL

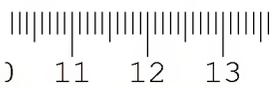
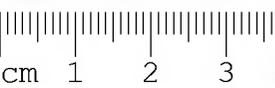
As perguntas daqui estão baseadas na suposição de que dois fatores são determinantes essenciais dos sentimentos de auto-conceito:

- (a) o auto-conceito é baseado na interpretação da pessoa, de como ela é avaliada pelos outros;
- (b) o auto-conceito é baseado na auto-avaliação de sua competência em lidar com outras pessoas e com o ambiente.

Se uma pessoa, deficiente visual, crê que a perda da visão reduziu sua habilidade de funcionar, a pessoa pode vir a concluir que os outros também desvalorizam o seu auto-conceito, porque vêem a pessoa deficiente como menos capaz de administrar o ambiente e realizar intercursos sociais.

Em tais casos, o professor e o estudante podem discutir as estratégias e técnicas para restaurar a função social e física. Em alguns casos, o instrutor pode precisar de ajudar o estudante a avaliar sua habilidade de interpretar, como avaliar a si mesmo e como se é avaliado pelos outros.

1. O que você gostava de fazer quando era uma pessoa que enxergava? (I)
2. E fazia isso bem? (I)
3. E os seus amigos achavam que você se saía bem? (I)

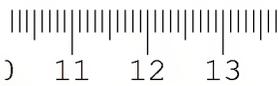
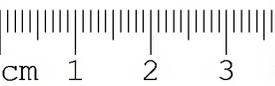


4. Você ainda pode fazer esta atividade? (I)
5. Você ainda pode fazer isto bem? (I)
6. Se você ainda está participando da mesma atividade, você parece ser diferente dos outros do grupo? (I) E é bom ser diferente? (S)
7. Você ainda tem muitos amigos, tantos quantos você tinha quando podia ver? (I)
8. Eles vão lhe ver com a mesma freqüência que iam quando você tinha a visão? (I)
9. Você sempre os visita quando é possível? (I)
10. Quais são os sentimentos que você pensa que eles têm por você, como uma pessoa com a visão deficiente? (I)
11. Seus sentimentos sobre eles mudou desde que você perdeu a visão? (I)
12. Seus sentimentos sobre você mesmo mudou desde que você perdeu a visão? (I)
13. Se você acha que as pessoas lhe tratam diferente desde que você perdeu sua visão? (S).

RELACIONAMENTOS FAMILIARES

Estas perguntas visam ajudar o deficiente visual a verbalizar sua interpretação da resposta da família diante da perda de visão e de seus esforços em se reabilitar. Se a perda da visão criou barreiras na comunicação, e isto interfere na reabilitação, os membros de família podem estar envolvidos no processo de aconselhamento. Isto pode incluir discussões de atitudes que atrapalham a reabilitação e a demonstração de técnicas usadas para aliviar os problemas de comunicação criados pela perda da visão.

Outras razões para que uma família resista ao envolvimento do deficiente num programa de reabilitação são: (a) medo de ser ferido; (b) medo que os amigos pensem que a família o está forçando a fazer muitíssimo sozinho; (c) falta de confiança na eficácia das técnicas de adaptação.



A exploração de atitudes e a demonstração de técnicas de adaptação são os métodos eficazes de reduzir essa resistência e contar com o apoio e a participação no processo de reabilitação.

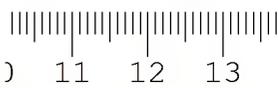
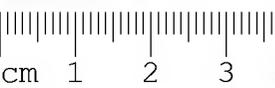
1. Como sua família se sente sobre a sua deficiência visual? (I)
2. Eles procuram lhe ajudar muito ou não? Como você se sente sobre isto? (I)
3. Você acha que em alguns casos de perda de visão a comunicação cria stress e ansiedade que não existiam antes? Caso afirmativo, como isto chega até você/lhe é transmitida? (I)
4. Já tentou discutir estes problemas com sua família? Caso sim, qual foi a reação deles? (S)
5. Você acha que talvez a comunicação visual poderia ser compensada por, no mínimo, aumento da verbalização e/ou gestos com uso do tato, tais como o toque de uma mão, etc? (S).

ATIVIDADES SOCIAIS

Os objetivos destas perguntas são: identificar as atividades sociais anteriores à perda da visão, determinar se a pessoa continua com essas atividades mesmo depois de ter perdido a vista, e saber se a retomada das atividades sociais anteriores é uma coisa desejada. As respostas podem revelar um desejo de retomar certas atividades sociais, mas com relutância em fazê-lo, mesmo depois de se ter aplicado as técnicas de adaptação. Em tais casos, mais discussão pode identificar a base dessa ambivalência.

A pessoa pode sentir que as técnicas de adaptação tornaram o problema de deficiência visual mais evidente. Pode sentir que, ao aceitar ajuda de companheiros que têm visão, para realizar atividades sociais, vai colocar mais ênfase na sua dependência, ou pode sentir que a sua simples presença vá interferir na alegria dos outros participantes.

Quando o instrutor e o aluno têm idênticas fontes de ambivalência em relação à retomada das atividades sociais, o instrutor pode precisar de dirigir a discussão para uma exploração de motivação e

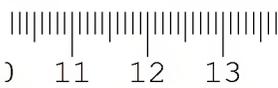
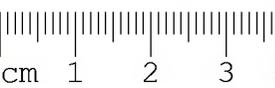


sentimentos de sua auto-estima (Seções C e D). A fim de colocar um alicerce na construção da auto-confiança, expressões válidas de tranquilização, enunciadas por participantes do grupo social, onde a participação é desejada, podem ser válidas para resolver a ambivalência sobre as atividades sociais.

1. O que você apreciava, como meio de diversão, quando podia ver? (I)
2. O que você aprecia agora? (I)
3. Você tinha uma participação ativa, quando podia enxergar, em atividades como votar, participar de atividades de um clube, etc? (I)
4. Gostaria de se envolver nesses tipos de atividades agora? (S)
5. Como uma pessoa que podia enxergar, você jantava fora com frequência? (I)
6. Você tem dificuldades em dominar técnicas como pedir/escolher uma refeição num restaurante, pagar com cheque, conversar com outras pessoas ao seu redor, aceitar ajuda durante a refeição, etc? (I)
7. Gostaria de aprender algumas técnicas que possam fazer com que as suas saídas, para jantar fora, sejam mais confortáveis e prazerosas para você? (S)
8. Pode fazer sugestões ao seu grupo social, ou indivíduos, de como a atividade pode ser adaptada, de modo que você possa participar? (S).

G. COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

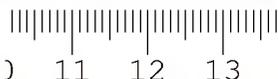
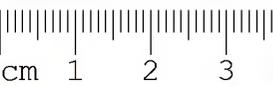
Um componente vital de comunicação interpessoal está na forma de mensagens não-visuais (linguagem do corpo). A seguir vão alguns exemplos de como a deficiência visual tende a interromper a comunicação não-verbal: (a) a pessoa deficiente pode não receber mensagens transmitidas por gestos, postura, expressões faciais, estilo de roupas, etc.: (b) pessoas que enxergam podem experimentar frustração na comunicação não-verbal com aquelas deficientes visuais que não estão



respondendo às mensagens visualmente transmitidas, tais como o contacto com os olhos; (c) às vezes as pessoas com deficiência visual transmitem mensagens não-verbais que estão em desacordo com a mensagem que pretendem comunicar.

As perguntas seguintes podem ajudar o instrutor e o aluno a identificar problemas em comunicação interpessoal e procurar soluções para eles através de aconselhamento e instrução. A pessoa visualmente deficiente pode aprender a usar dicas auditivas, tácteis e olfativas para receber a comunicação não-verbal. O aconselhamento com a família do estudante e seus companheiros pode capacitá-los a encontrar meios para compensar os aspectos não-verbais de comunicação.

1. Você sente que sua perda de visão afetou a comunicação entre você, sua família e seus amigos? (I)
2. Caso afirmativo, de que forma? (I)
3. Pode achar qualquer substituto para a comunicação visual? (S)
4. Sente-se confortável descrevendo sua condição visual a outras pessoas? (I)
5. Ajuda, em futuras comunicações, se a outra pessoa souber da extensão e natureza da perda da visão? (S).



CONTANDO ESTÓRIAS QUE MUDAM VIDAS

Definição:

Metáfora terapêutica é uma estória, anedota ou expressão idiomática em que se expressa uma coisa, usando-se outros termos, a fim de dar uma nova compreensão à situação problemática. (Gordon, 1978).

Biblioterapia é um processo pelo qual um cliente escuta um material biográfico, ou auto-biográfico gravado, sobre pessoas cegas, com o objetivo de que ele/ela possa examinar sua situação de vida à vista do que foi lido (Roberts, 1984).

Estado Atual.....Estratégia.....Estado Desejado

DILTS (1990) NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

Identidade

Crença/Valores

Capacidades

Comportamentos

Ambiente

Uma metáfora terapêutica:

1. É estruturalmente semelhante à situação problemática
2. Dá um novo contorno à situação problemática.

ESTRUTURALMENTE SEMELHANTE quer dizer

1. As relações interpessoais dentro da situação-problema são mantidas dentro da estória
2. Os padrões atuais com que os clientes estão lidando são apresentados dentro da estória
3. O conteúdo e o contexto podem ser totalmente diferentes daqueles da situação-problema.

NOVO CONTORNO envolve

1. A utilização da 'situação problemática' ligando-a a uma idéia ou crença altamente valorizada, de uma maneira plausível.



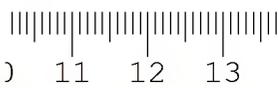
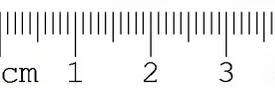
2. O fornecimento de uma solução passível de ser trabalhada com base no novo ponto de vista.

QUANDO SE CONTA A ESTÓRIA:

1. Se possível, usar uma linguagem (palavras ou expressões) que seja semelhante àquela usada pelo cliente normalmente
2. Adotar posturas semelhantes, assim como gestos, quando for possível e em situações adequadas.

REFERÊNCIAS

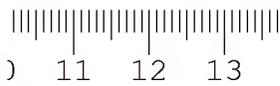
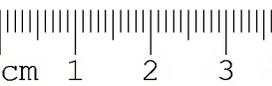
- COMBS, G. & Freedman, J. (1990). Symbol, story & ceremony: Using metaphor in individual and family therapy. New York: Norton & Co.
- DILTS, R.(1990). Changing belief systems with nip. Cupertino, CA: Meta Publications.
- GORDON, D. (1978). Therapeutic metaphors. Cupertino, CA: Meta Publications
- ROBERTS, A.H. (1984). Bibliotherapy: a technique for counseling blind people. Journal of Visual Impairment and Blindness, 78, 197-199.
- BOWMAN, G. (1992). Using therapeutic metaphor in adjusting counseling. Journal of Visual Impairment and Blindness, 86, 440-442.
- WIGLESWORTH, M. (1991). Developing metaphors for children. NLP Connection. V6, 1, 13-17.
- KLINE, P. (1988). The everyday genius: restoring childrens' natural joy of learning - and yours too. Great Oceans Publishers, Arlington, VA.



ALFABETO MANUAL

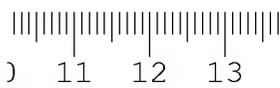
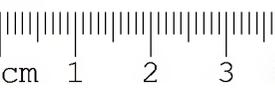
A	B	C	D	E	F	G	H
I	J	K	L	M	N	O	P
Q	R	S	T	U	V	W	X
Y	Z						

Algumas pessoas surdas e cegas lêem este método



PREDICADOS DO SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO

<u>Visuais</u>	<u>Auditivos</u>	<u>Cinestésicos</u>	<u>Gustativos/Olfativos</u>
enevoado	ouvir	sentir	saborear
obscuro	escutar	aquecido	sabor
escuro	conversar	toque	gosto de
opaco	harmonia	manuseio	condimento
embaciado	barulhento	agarrar	com travo
perspectiva	chamar	macio	gostoso
escuridão	alto	apertado	ficar com o gosto de
foco	gritar	liso	odor
gravura	dito	rústico	cheiro
visionar	desafinação	firme	aroma
pressentir	ressonância	pressão	faro
visão	prestar atenção	tenso	pungente
ponto de vista	ampliar o som	concreto	fedor
cenário	cadência	ferido	catinga
aparência	trepidar	de forma imperfeita	localizar pelo cheiro
olhar fixamente	lamento	sem jeito	deixar um gosto
iluminar	choro	relaxado	ruim (na boca)
perceber por um instante	chiado	inchação	
ilustrar	gemido	tremer	
perceber	voz	calafrio	
observar	acústica	agitar	
	sons	penetrar	
	parecidos/de/ como se	absorver	
examinar de perto	fossem	tatear	
medir, vistoriar	grito	mexer	
visível	silêncio	agitado	
olhar de relance	melodia	cortante	
clarão	timbre	brilho incandescente	
olhar fixo	berro	rubor	
mostrar		coceira	
bonito/a		arrepios	
quadro			
claro			
brilho			
incandescente			



Como se pode deduzir desta relação incompleta, nossa língua está cheia de predicados que estão diretamente ligados à descrição de tipos particulares de representações nos diferentes sistemas sensoriais.

O passo seguinte é ouvir esses predicados em contextos conhecidos. A seguir vão alguns exemplos. Numa ocasião ou outra já os ouvimos todos. Desta vez podemos reconhecer a comunicação falha, ouvindo-os sob um novo prisma, ao tempo em que o falante nos oferece informações sobre suas experiências internas e externas.

EXEMPLOS DE PREDICADOS EM CONTEXTOS

VISUAIS:

"Estou vendo o que você quer"

"Parece bom"

"Esta idéia não está clara"

"Estou um pouco confuso sobre isto" ("...sem ver direito...")

"Deu-me um branco por um instante"

"Vamos jogar luz neste assunto" (...esclarecer...)

"Precisa de uma nova perspectiva"

"Eu vejo desta forma"

"Olhando de novo para isto, parece ser outra coisa diferente"

"Foi um exemplo brilhante e colorido"

AUDITIVOS:

"Estou ouvindo você"

"Me deu um estalo"

"Me soa bem" ("Pelo som/barulho me parece bom")

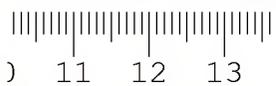
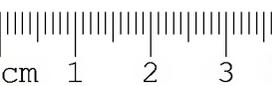
"Imediatamente tudo ficou claro" (porque me deu um estalido/click)

"Pergunte a si próprio" (Ouça sua própria voz)

"Esta idéia está rondando a minha cabeça" (...martelando na...)

"Alguma coisa está me dizendo para ter cuidado"

"Realmente posso me sintonizar com você".



CINESTÉSICOS:

"Se você sentir que está tudo bem, vá em frente"

"Não posso mexer nisso"

"Pegou o conceito básico?" (...entendeu...)

"Mantenha-se em contato" ("Fique ligado")

"Tenho um entendimento/compreensão sólida"

"Fico martelando neste problema" (insisto)

"Talvez você possa mudar/trocar de atitude/postura"

"Você é tão insensível"

"Tenho uma sensação de que você está certo"

"Estou encurralado num beco sem saída".

OLFATIVOS/GUSTATIVOS:

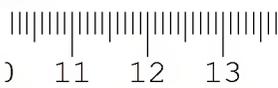
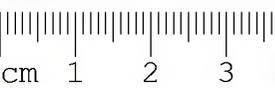
"Alguma coisa nisto me cheira bem"

boca) "O comentário que ela fez deixou-me com um gosto ruim" (na

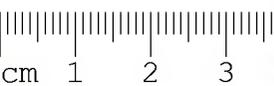
"Gostaria de saborear este momento"

"Farejei a solução há um minuto atrás".

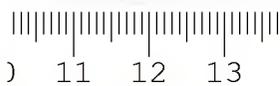
Antes de recorrer aos exemplos gravados no tape/fita, devemos alertá-lo da existência de uma quinta classe de predicados: os que não estão ligados aos sentidos, precisamente.



CURSO: GRUPOS DE AUTO AJUDA
MINISTRANTE: PROF^a JANE BOWMAN



Digitalizado
gentilmente por:



GRUPOS DE APOIO

A - Características pessoais de um líder efetivo do grupo

(Este material segue-se ao esboço da Parte II-A de Liderança de Grupo)

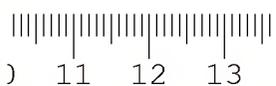
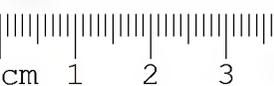
O líder de um grupo tem um papel importante na maneira como este funciona e na ajuda prestada para estabelecer um clima favorável aos encontros. Apesar da história educacional do líder, ele/ela precisa ter uma consciência plena das características pessoais de um líder de grupo eficiente. É meu objetivo que uma pessoa que esteja desejando iniciar um grupo de apoio examine esta lista e estude estas características com extremo cuidado e reflexão. A lista não apresenta seus itens em ordem de importância.

1. Estar com disposição para seguir um modelo - Um dos melhores caminhos para se aprender uma habilidade é observá-la enquanto está sendo moldada. O líder deverá estar com toda a disposição para demonstrar as habilidades e modelar o comportamento adequado ou os exemplos de linguagem quando a necessidade aparecer.

2. Coragem - Esta parte de coragem é a disposição para admitir e reconhecer aquelas áreas em que você cometeu um erro. Além disto, é essencial ter boa vontade para compartilhar seus sentimentos quanto ao grupo e como parte dele, para estar com eles fisicamente e emocionalmente enquanto lidam com os seus problemas.

3. Abertura - É importante para você estar aberto a novas experiências e a vê-las sob uma nova perspectiva. Ser cuidadoso no compartilhar experiências com o grupo e deixá-los saber que você é uma pessoa real/de verdade. Não é necessário você se revelar a cada situação que ocorra.

4. Presença - Esta característica envolve o estar presente emocionalmente no grupo. Experimentar e dividir as alegrias, tristezas, altos e baixos com eles. Embora você esteja vivenciando suas emoções, tenha cuidado e não se identifique demais com elas; mantenha sua objetividade.



5. Boa vontade e carinho - Seja honesto em seu interesse por eles. Se não for autêntico, isto vai ser percebido. Uma atitude de carinho vai promover confiança. Mostrar a uma pessoa que você está com ela emocionalmente e lhe dar a liberdade de decidir até que ponto ela pode compartilhar com satisfação os seus problemas, vai demonstrar boa vontade para com o grupo inteiro.

6. Crença no processo de grupo - Você precisa acreditar no que está fazendo.

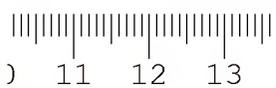
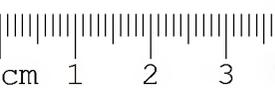
7. Não ficar na defensiva ao lidar com ataques - A maioria vai ter que possivelmente experimentar crítica até certo ponto. Admita-a e a examine abertamente e honestamente. As características da coragem e tolerância vão ser refletidas nesta hora.

8. Poder pessoal - Esta parte tem dois componentes a serem considerados. Como um líder, os membros de um grupo vão vê-lo como modelo e isto vai acarretar uma certa quantidade de influência sua sobre eles. Tenha ética e não os manipule para obter seus próprios objetivos. A segunda área envolve sua personalidade, o quão confortável você se sente consigo próprio e o seu grau de confiança pessoal. Seja honesto consigo mesmo e examine seus pontos fortes e os seus fracos, tenha a disposição de compartilhar isto com o grupo.

9. Resistência - Tenha consciência dos altos e baixos ao liderar um grupo e mantenha um ritmo para as necessidades e estágios de um trabalho com ele; isto vai lhe ajudar a ter força de liderança e manter-se consistente por toda a existência do grupo.

10. Disposição para buscar novas experiências - As experiências que nós temos influenciam e moldam os nossos valores, crenças, caráter e personalidade. Quanto mais experiências temos, mais vamos querer narrá-las e nos identificar com o grupo. Nessas experiências temos limitações mas, assumindo a postura de quem quer aprender alguma coisa, podemos intensificar a nossa liderança. Lembre-se que você está tentando fazer com que os membros do grupo aprendam novas habilidades; assim, estar com vontade de aprender é modelar uma habilidade que você quer que eles aprendam.

11. Auto-consciência - Pense em todas as coisas que o tornam único. Isto inclui sua identidade, objetivos, valores, experiência cultural,



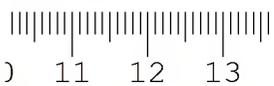
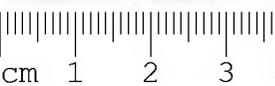
motivações, fraquezas, força, necessidades, sentimentos e problemas. Você pode realçar seu auto-conhecimento, ao se tornar parte de um grupo de terapia, como indivíduo ou como parte de um grupo. Sua filosofia pessoal e motivação para querer liderar um grupo precisam ser examinadas.

12. Senso de humor - Senso de humor sobre você mesmo é de muita valia no trabalho com o grupo. Ser capaz de ver a si mesmo por diferentes perspectivas e de ver o lado humorístico da natureza humana podem ser um instrumento valioso de ensino e aprendizagem.

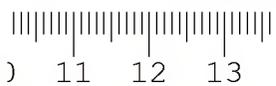
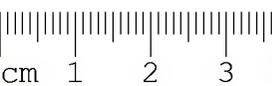
13. Espírito inventivo - Seja criativo e flexível! Às vezes, e usualmente no início, os membros do grupo ficam hesitantes e cautelosos ao se expressarem. Eles também podem não ter a habilidade de saberem comunicar suas idéias e sentimentos. É essencial que o líder os ouça com atenção e os ajude a aprenderem a se expressar de diferentes formas. A criatividade produz a aprendizagem. Tenha cuidado para que o seu grupo não se torne previsível e rígido na forma.

HABILIDADES DE LIDERANÇA DE GRUPO HANDOUT PARA A PARTE II - B

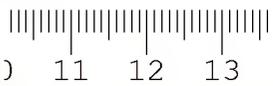
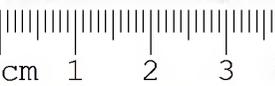
Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Escuta ativa	Encarregar-se de aspectos verbais e não-verbais sem julgar nem avaliar.	Encorajar confiança, auto-revelação/transparência e estudo/exame.
Reformulação	Dizer, usando palavras ligeiramente diferentes o que um participante tem de dizer para tornar claro o seu significado.	Determinar se o líder entendeu claramente a declaração do cliente; dar apoio e esclarecer.
Esclarecimento	Dominar a essência de uma mensagem, tanto no nível de sentimento quanto no de pensamento; simplificar as declarações dos clientes, focalizando o centro da mensagem.	Ajudar o cliente a resolver conflitos e sentimentos e pensamentos confusos; chegar a uma compreensão, significativa do que se está comunicando.



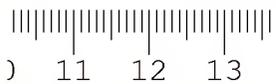
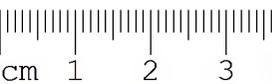
Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Resumo	Reunir os elementos importantes de uma interação ou sessão.	Evitar a fragmentação e dar um direcionamento à sessão; promover a continuidade e a significação.
Questionamento	Fazer perguntas que sejam abertas e que levem à autoexploração / ao auto-exame do "que" e do "como" do comportamento.	Promover mais discussões; conseguir informação; estimular o pensar; aumentar a clareza e o foco; propiciar um auto-exame mais completo.
Interpretação	Oferecer certas explicações para certos comportamentos sentimentos e pensamentos.	Encorajar um auto-exame profundo; fornecer uma nova perspectiva para se estudar e compreender o comportamento.
Confrontação	Desafiar os membros (o grupo a encarar as discrepâncias entre suas palavras e ações ou mensagens verbais ou corporais; apontar informações conflitantes, ou mensagens contraditórias.	Encorajar uma auto-investigação honesta; promover uso total de potenciais; propiciar a conscientização das auto-contradições.
Reflexão sobre os sentimentos	Comunicar a compreensão do conteúdo dos sentidos.	Fazer com que os membros do grupo saibam que eles são ouvidos e entendidos além do nível de palavras.
Apoio	Promover encorajamento e reforço.	Criar uma atmosfera que encoraje os membros a continuarem comportamentos desejados; ajudar os clientes quando estiverem enfrentando batalhas difíceis; criar confiança.



Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Empatia	Identificar-se com os clientes, aceitando suas estruturas de referência.	Favorecer a confiança no relacionamento terapêutico; transmitir compreensão; encorajar os níveis mais profundos de auto-exploração / exame / análise.
Facilitação	Abrir uma comunicação direta e clara dentro do grupo, ajudar os membros a assumir responsabilidade pela direção do grupo.	Promover comunicação eficaz entre os membros; ajudá-los a alcançar seus próprios objetivos no grupo.
Iniciação	Promover a participação do grupo e introduzir novos direcionamentos no grupo.	Evitar perda de tempo e de ação dentro do grupo; aumentar o ritmo do processo.
Fixação de objetivos	Planejar objetivos específicos para o processo de grupo.	Dar direcionamento às atividades de grupo; ajudar os membros a selecionar e tornar os objetivos.
Àvaliação	Avaliar o andamento do processo do grupo e a dinâmica individual e de todo o grupo.	Promover uma melhor auto-conscientização e compreensão do movimento e direção do grupo.
Retro-alimentação	Expressar reações concretas e honestas com base no comportamento observado.	Oferecer uma visão externa de como uma pessoa parece ser, aos olhos de outras; aumentar a auto-conscientização do cliente.
Sugestões	Oferecer conselho, informação, direção, e idéias para um novo comportamento.	Ajudar os membros a desenvolverem caminhos alternativos para o pensamento e a ação.
Proteção	Salvaguarda dos membros de riscos psicológicos desnecessários no grupo.	Prevenir os membros de possíveis riscos na participação do grupo; reduzir estes riscos.



Habilidades	Descrições	Objetivos e resultados desejados
Auto-revelação	Revelar as reações dos eventos de aqui e agora no grupo.	Facilitar níveis mais profundos de interação de grupo; angariar confiança; estabelecer meios de revelar-se aos outros.
Modelo	Demonstrar o comportamento desejado através de ações.	Dar exemplos de comportamento desejável; inspirar os membros para que desenvolvam plenamente seus potenciais.
Ligação	Conectar o trabalho que os membros realizam sobre um tema comum no grupo.	Promover interações de membro a membro; encorajar o exercício de coesão.
Bloqueio	Intervir para fazer parar um comportamento contra-produtivo no grupo.	Proteger os membros; aumentar o fluxo do processo de grupo.
Conclusão	Preparar o grupo para o fechamento de uma sessão ou de sua existência.	Ajudar os membros a assimilar, integrar e aplicar a aprendizagem adquirida no trabalho do grupo à vida cotidiana.



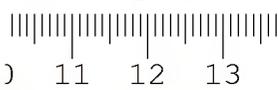
GRUPOS DE APOIO

(Este material fotocopiado - que deve ser distribuído - segue-se ao esboço da Parte III das Considerações Éticas)

A. Sigilo é o resultado de uma conversa compartilhada numa relação de confiança. Ambas as partes têm participação na relação, mas os detalhes específicos pertencem ao cliente. Nas sessões de grupos, o líder enfatiza a necessidade de sigilo e informa ao grupo que ele/ela espera sigilo total de todo e cada um dos participantes. Nos ambientes de reuniões de grupos o sigilo não pode ser assegurado.

B. Assuntos éticos, relevantes ao aconselhamento de grupos, envolvem o consentimento declarado, o sigilo, os direitos dos clientes e as responsabilidades dos líderes nas sessões de grupos. O consentimento declarado ocorre quando o conselheiro comunica ao aconselhado informações que são pertinentes ao grupo e suas práticas. Esses tópicos devem incluir:

- o tipo de grupo e seu objetivo
- expectativas reais sobre o grupo
- treinamento e qualificações de líder / líderes
- taxas e pagamento programado (calendário de pagamento)
- lugar, tempo e local de sessões, assim como sua duração
- procedimentos que podem ser aplicados
- disponibilidade do líder para consultas entre uma sessão e outra
- o direito do aconselhado de se retirar do grupo
- o direito do aconselhado de compartilhar, ou não, das informações particulares
- os direitos, papel e responsabilidades do aconselhado como membro
- restrição de abuso verbal ou físico
- informação ao cliente de que existem riscos dele se sentir desafiado e desconfortável, por causa dos assuntos trazidos à baila pelo grupo, ou por lembranças que eles possam suscitar
- limitações de sigilo e exceções e as responsabilidades do líder do grupo



- se as sessões serão usadas para quaisquer fins; se serão observadas por outros; se servirão para pesquisas ou gravadas
- se menores estão envolvidos, e os direitos do conselheiro de proteger e de trabalhar na defesa de seus mais legítimos direitos
- o conselheiro deve respeitar a privacidade do grupo e manter-se à distância, quando fora do grupo. Não é permitido contacto sexual
- ao conselheiro solicita-se que esteja consciente das leis e práticas instituídas no estado e na localidade onde ele/ela está atuando.

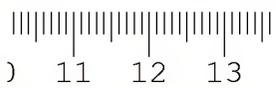
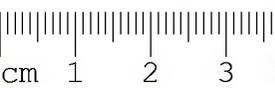
GRUPOS DE APOIO

(Este material fotocopiado segue-se ao esboço da Parte IV de "Começo do Fim")

1. Quando um conselheiro forma um grupo há várias áreas a serem levadas em consideração. Separei as sub-divisões em quatro categorias: planejamento, pré-grupo, sessões do grupo atual e avaliação. No planejamento o conselheiro tem muitas perguntas a serem respondidas.

Estágio de Planejamento:

1. Que assuntos as suas propostas vão esclarecer, ou responder?
2. Que tipos de clientes, ou grupos, vão ser escolhidos para que neles se concentre o trabalho?
3. Que objetivos, ou alvos, você espera atingir?
4. Os objetivos são mensuráveis?
5. São realistas?
6. Onde serão realizados os encontros?
7. A que horas serão os encontros?
8. Com que frequência serão realizados?
9. Quanto tempo eles vão durar?
10. Você tem um plano para alcançar os seus objetivos?
11. Como você vai avaliá-los quando atingi-los?

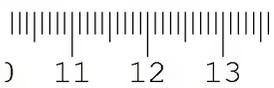
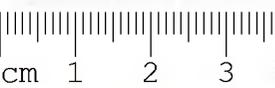


12. Você vai ter um vice-líder? Caso afirmativo, como ele/ela se sente em relação aos itens acima?
13. O grupo vai ser aberto ou fechado?

Estes itens devem ser bem elaborados, de modo que possam ser escritos/ anotados e apresentados a quem quer que seja. No estágio do pré-grupo, o do planejamento precisa ser posto em prática. Além disto, estas áreas devem ser trabalhadas e implementadas.

1. Como conseguir clientes: Como você vai fazer a propaganda?
2. Como selecionar clientes: você precisa ter algumas diretrizes para saber quem vai, ou não, beneficiar-se do tipo de grupo que está se formando.
3. Que tipo de prática, ou método, está usando para introduzir o consentimento declarado?
4. Você permite que os possíveis membros lhe avaliem? Está lhes dando as informações que eles precisam?
5. Você está fornecendo aos membros as informações que eles precisam para conhecer o grupo atual? Seus objetivos? Sua duração? Seus direitos e deveres?
6. O que os membros podem, ou não, esperar do grupo?
7. Espera-se que se guarde sigilo, mas não se pode garanti-lo
8. Possibilidade das sessões serem observadas por outros, usadas em pesquisas e/ou gravadas
9. A responsabilidade dos membros, o que se espera deles/que eles façam ou qual a sua contribuição.

O ambiente e o tipo de grupo vão determinar os tipos de respostas às perguntas anteriores. Algumas dessas coisas precisam ser escritas/ anotadas como informações a serem portadas pelos clientes. Planejamento cuidadoso e reflexão vão minimizar as surpresas. Assegure-se de que as regras básicas sejam entendidas. Alguns assuntos podem envolver a participação do grupo nos primeiros encontros. Poderão surgir perguntas dos membros do grupo, ou informações que



precisem de esclarecimentos. É melhor ser aberto e franco com todos, numa tentativa de reduzir ou eliminar, quaisquer mal-entendidos.

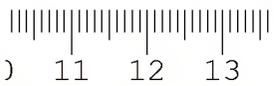
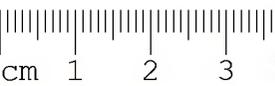
As atuais sessões de grupo se sobrepõem/coincidem parcialmente com o estágio de pré-grupo, porque a fundamentação estabelecida nesse estágio vai afetar muito o restante dos encontros do grupo. Os estágios das sessões de grupo são: Inicial, Transição, Estágio de Trabalhos/Funcionamento e Encerramento de um grupo; eles não são claramente definidos, mas se desenvolvem livremente.

C.1. As funções da liderança durante o estágio inicial de um grupo incluem Modelo/Padrão, Ensino, Responsabilidade e Estrutura. O comportamento demonstrado pelo líder no estágio inicial ajuda a determinar o nível de confiança e de coerência em que o grupo vai funcionar. As áreas de modelo/padrão são verbais e não-verbais, e é vital que não haja discrepâncias entre o que se diz e a linguagem do corpo que se está descrevendo/retratando.

Ser autêntico e coerente são habilidades que precisam ser observadas e aprendidas pelos membros do grupo. O modelo pode ser efetivamente visto, à medida que você escuta com atenção o que se diz, observando o que se diz verbalmente, juntamente com a linguagem corporal não verbal e com o que não está sendo dito. Ouvir e responder com modos que demonstrem respeito, ausência de julgamento, aceitação de valores, os quais são considerados sensíveis e genuínos/autênticos. Outros modelos, digo, outras formas de modelo envolvem a maneira pela qual você mostra ter empatia e o uso apropriado da auto-transparência. Os membros do grupo também precisam observar o conselheiro, em que ele/ela tenha que demonstrar ação imediata e confrontação, de uma forma, cuidadosa e sensível.

O líder precisa ajudar os clientes a reconhecerem muitas destas habilidades, provendo uma retro-alimentação adequada e direta. Ele/ela pode também destacar as inconsistências daquilo que o grupo está dizendo, de uma forma carinhosa. Isto vai ajudar os outros membros do grupo a identificarem outras formas de se responder corretamente.

Responsabilidade é uma outra função que tanto precisa ser modelada pelo líder como aprendida pelo grupo. A responsabilidade precisa ser compartilhada por todos, para que se tenha um grupo ativo, em que todos os participantes alcancem os objetivos que estabeleceram



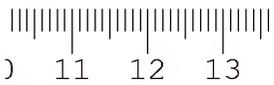
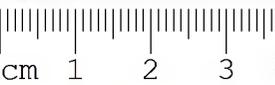
para eles próprios. Ligado à responsabilidade está o grau de estrutura que o líder fixa, e que deve ser mantido. Estrutura em excesso pode inibir o fluxo do grupo; pouquíssima estrutura pode causar erros. O líder precisa avaliar, continuamente, a dinâmica e os objetivos do grupo, durante a sua existência. Nem todo estágio de processo do grupo vai exigir a mesma quantidade de estrutura e, por volta da última etapa do grupo, os seus membros precisam ter mais responsabilidades e envolvimento no processo. Eles precisam seguir os padrões comportamentais do líder, até certo ponto, no seu relacionamento com os seus companheiros.

Finalmente, o modo como o líder abre e fecha os encontros de grupos influencia a produtividade de cada um deles; deve haver uma orientação para a abertura de uma sessão, para se descobrir o que os membros desejam discutir, ou em que vão trabalhar. Uma maneira de se resumir o que acontece em uma sessão é benéfica ao processo de aprendizagem e os ajuda a focalizar o que eles querem e precisam, como dever de casa.

2. Estágio de Transição: Durante o período de transição de um grupo a sua dinâmica está em processo de mudança, desde o estágio inicial. A confiança está sendo construída neste período, por esta razão, mais transparência se verifica, pois os membros estão querendo se expor cada vez mais. No diagrama de Johari o nível de risco/confiança, envolvendo o lado dos cegos que está surgindo, pode mudar a auto-imagem. A princípio, isto pode produzir auto-defesa, negação, silêncio, e até mesmo mentira. Confrontar é emergir e crescer no estágio de transição, e isto pode ser usado com eficácia nos assuntos em que uma pessoa cega pode estar envolvida.

Os membros estão se envolvendo e se comunicando de uma maneira menos defensiva e hostil. Estão usando habilidades que foram usadas e ensinadas pelo líder. Um exemplo disto pode ser constatado quando ele/ela lhes pede que repitam comentários que fizeram, ou quando um membro faz declarações, sem usar a primeira pessoa do singular, EU, nem fala se dirigindo diretamente a um outro membro do grupo.

Este é um exemplo de como aprendemos a nos expressar, de forma que os outros nos escutem e não fiquem na defensiva.



O líder pode ficar sob o ataque do grupo neste estágio, principalmente se há problemas associados ao grupo. Medo é um elemento importante na dinâmica do grupo. Está ligado a risco e auto-transparência/abertura/revelação.

Os fatores são: arriscar minha identidade; como os outros vão me julgar; medo de rejeição; medo de mudanças na vida; medo de intimidação; de intimidade e de ser magoado.

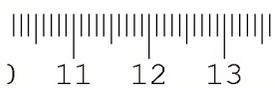
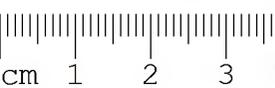
Livrar um membro de uma catarse ou interferir quando um estiver se sentindo triste ou infeliz, interfere no crescimento do indivíduo. Os membros devem estar lá, com ele, para apoiá-lo, sem se afastarem, ou tentarem dar um basta à sua tristeza.

3. Estágio de Trabalho/Funcionamento: A dinâmica de grupo neste estágio envolve bem menos o líder. Os membros participam mais da responsabilidade e do controle. Há um nível maior de confiança, interação e honestidade. O risco é relativamente alto no que concerne ao nível de rejeição. Os membros vão aumentar suas respostas espontâneas. O conflito é reconhecido e discutido. Pode-se lidar com ele e resolvê-lo, mesmo que seja apenas para concordar ou discordar. Os membros vão se confrontar mutuamente, quanto à maneira como reagem, assim como quando demonstram inconsistência, ou incoerência, entre o que fazem e o que dizem.

As habilidades de comunicação progredem, ou estão progredindo, para um nível mais alto e mais direto do que nos estágios anteriores. Isto envolve declarações mais diretas, o ouvir e o atender, o concentrar-se no aqui e agora. As habilidades de resposta estão aumentando, com a progressão da honestidade e a eliminação dos ataques pessoais e dos rótulos.

Uma outra característica do grupo de trabalho é quando os membros são capazes de receber um feedback do próprio grupo, filtrando o que se diz e não ficar simplesmente na defensiva.

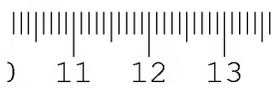
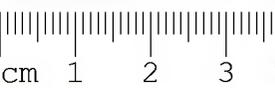
Os objetivos são fixados pelos membros e podem ser compartilhados e avaliados pelo grupo todo. Os participantes estão querendo trabalhar fora do grupo e se sentem apoiados para experimentar novos comportamentos. O nível de coerência aumenta juntamente com o senso de participação e afeto, empatia, conveniência e posse. Os membros baseiam-se na filosofia que trata do conhecido versus



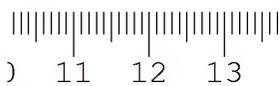
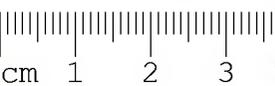
conhecedor. O conhecido é o que eu sei sobre mim, minha aparência física e meu comportamento. O conhecedor é minha filosofia sobre quem eu sou realmente em meu espírito, e que não posso ser violentado, rejeitado, ferido, etc. Altruísmo e universalidade estavam presentes em outros níveis e permanecem também no estágio de trabalho e funcionamento. Estas coisas, você as pode e, igualmente, dá-las ao grupo para aumentar a sua dinâmica.

4. O papel do líder e as responsabilidades envolvidas no término do grupo podem ser vistas como um processo de conclusão, e isto não ocorre de repente. Enquanto o grupo de trabalho está envolvido nas suas atividades, o líder tem um papel menos ativo. Agora, que se aproxima a hora de encerrar os trabalhos do grupo, o líder começa a assumir um papel mais ativo. Este é diferente daquele assumido no início dos estágios. Uma área é para preparar o indivíduo para processar as emoções que está experimentando. Essas, quer sejam tristezas, medo, perda, sentimento de vazio, dor, alívio e/ou raiva, são todas permitidas, assim como é permitido manter-se em contacto com esses sentimentos. Uma outra área pode ser um negócio não concluído. Isto poderá ser algo entre os seus membros, entre esses e o líder, ou mesmo envolvendo um assunto. É preciso haver um tipo de fechamento desse negócio não-concluído. Não é o caso em que todos sejam forçados a concordar, mas que todos respeitem uns aos outros, seus direitos, suas opiniões, e que nem sempre tenham que concordar, inteiramente, em determinados assuntos.

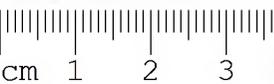
É preciso haver integração e consolidação da experiência de aconselhamento para o membro. Ele deve pensar no que a experiência significa e como poderá fazer uso dela, cognitivamente, ou o que ele aprendeu para usar no futuro. O líder pode reforçar as mudanças que os membros têm realizado e ajudá-los a perceberem que tem informações e recursos que os capacitam a promovê-las no futuro, pode ser possível desenvolver um contrato, experimentar novos comportamentos e realizar novas tarefas. Essas podem ser maneiras práticas de promover mudanças. Pensar seriamente o que será fazer todas essas coisas, e outras mais, sem contar com o apoio do grupo. Os membros vão se retirar emocionalmente do grupo. Precisam saber reconhecer e discutir esses assuntos.



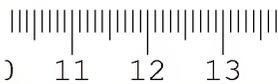
O acompanhamento e a avaliação são as últimas coisas a ocorrer. Pode ser possível a realização de sessões de acompanhamento, três ou seis meses mais tarde. Isto poderá ser um grande impulso para o grupo e uma boa oportunidade para se verificar como estão se saindo os membros, na realização de seus contratos. Alguns podem até precisar de aconselhamento particular, em condições limitadas, depois que o grupo tiver concluído o seu trabalho. O líder deve estar consciente dos recursos de referência, para que os membros façam uso deles, quando se fizer necessário.



**RECOMENDAÇÕES APROVADAS NA SESSÃO
PLENÁRIA DE ENCERRAMENTO DO I
SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS
BRAILLE, PROMOVIDO PELO SERVIÇO
BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB**



Digitalizado
gentilmente por:



RECOMENDAÇÕES APROVADAS NA SESSÃO PLENÁRIA DE ENCERRAMENTO DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE, PROMOVIDO PELO SERVIÇO BRAILLE DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, NO PERÍODO DE 18 A 20 DE OUTUBRO DE 1995, NO CENTRO DE CONVENÇÕES DO HOTEL TAMBAÚ NA CIDADE DE JOÃO PESSOA.

Considerando-se o diagnóstico preliminar dos serviços bibliotecários oferecidos aos portadores de deficiência visual no Brasil que demonstrou a necessidade do aperfeiçoamento desses serviços e a importância da leitura e informação para o exercício da cidadania, os participantes do I SENABRAILLE, reunidos em Assembléia, recomendam a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que divulgam entre as lojas franqueadas, as disposições legais referentes aos cecogramas para se evitar constrangimentos às entidades prestadoras de serviço e aos usuários portadores de deficiência visual.

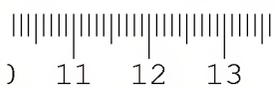
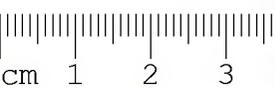
À Associação Brasileira de Escola da Biblioteconomia e Documentação que estimule as escolas a incluir em seus programas de educação de graduação e pós-graduação os serviços para os portadores de deficiência visual.

Para que se encaminhe aos Cursos de Biblioteconomia do país a recomendação de que sejam incluídas, nos conteúdos programáticos, questões relativas ao acesso à informação à Biblioterapia e ao atendimento ao usuário portador de deficiência visual, bem como as demais deficiências, nos diversos tipos de unidades de informação.

À Fundação Biblioteca Nacional que envide esforços no sentido de publicar uma listagem dos livros em Braille e livros falados constantes dos cinco últimos anos da bibliografia nacional para distribuição pelas bibliotecas do sistema que possuam serviços para portadores de deficiência visual.

- Que o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional:

1) Colabore com o Disque Braille, incentivando a coleta e o uso de informações referentes aos acervos dos serviços Braille das bibliotecas públicas visando a formação do catálogo nacional de livros



em Braille e livros falados destinados aos portadores de deficiência visual, com atenção especial a produção própria das bibliotecas;

2) Publique o diretório dos serviços de bibliotecas para portadores de deficiência visual.

À Universidade de São Paulo, que possibilite a ampliação da ação do Disque Braille para a formação do catálogo coletivo nacional e que este catálogo se torne acessível via RENDE.

Ao Ministério de Educação e Desporto que através da FAE e Secretaria de Educação Especial - SEESP que elabore uma política de publicação de obras prioritárias em formatos adequados para estudante de 1º, 2º e 3º Graus.

Que se crie uma forma de divulgação e comunicação sobre fatos, eventos, encontros, seminários, acontecimentos relacionados aos deficientes visuais.

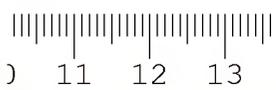
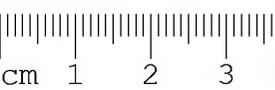
Aos órgãos federais de educação específica para os portadores de deficiência visual - Coordenadoria Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, do Ministério da Justiça e a Secretaria de Educação Especial - MEC, envidem esforços no sentido de tomar medidas que visem o aperfeiçoamento dos serviços existentes e definição de uma política dos serviços de bibliotecas, leitura e informação do portador de deficiência visual.

À Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB que estimule a implantação de uma Sub-Comissão Brasileira de Bibliotecas em Braille com a finalidade de coordenar a comunicação entre os serviços existentes e que se publique na Revista da FEBAB os Anais do I SENABRILLE.

À Câmara Brasileira do Livro que incentive às editoras associadas a agilizar o processo de autorização de transcrição em Braille ou gravação em fitas de obras ou partes delas para utilização do deficiente visual.

Que seja feito, via Ministério de Educação e Cultura, Secretarias Estaduais de Educação um levantamento do número de deficientes visuais a níveis de unidades federadas, para que tenhamos dados quantitativos reais dessa população no Brasil.

Que a Fundação Dorina Nowill para Cegos de São Paulo mantenha atualizado o catálogo de livros reais de cada biblioteca



cadastrada como também uma divulgação das obras impressas pela Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Que seja encaminhado através do Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, um projeto ao Ministério de Educação e Desporto - Secretaria de Educação Especial/SEESP, com vistas a publicação dos Anais, assim como trabalhos selecionados deverão compor a Revista Integração.

Ampliação do universo pesquisado e aprofundamento dos dados levantados, assim como, estudo de novo questionário a ser aplicado para o levantamento de dados que permitam tomadas de decisões em relação a políticas para os serviços de bibliotecas e informações para o portador de deficiência visual.

Desenvolver um intercâmbio com organismos internacionais de apoio às Bibliotecas Braille.

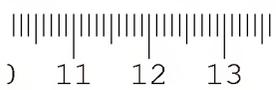
Promover estudos conjuntos entre os Ministério da Educação e Desportos, Ministério da Cultura, Coordenadoria Nacional de Integração da Pessoa Portadora da Deficiência, e pelo menos quatro instituições especializadas na educação de portadores de deficiência visual, a fim de que se proponham medidas disciplinadoras para importação de aparelhos, equipamentos e recursos voltados à integração educacional, cultural e profissional das pessoas acima referidas.

Que se crie em cada região do Brasil uma Imprensa Braille com o objetivo de facilitar a informação rápida e precisa para o portador de deficiência visual.

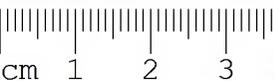
Às organizações nacionais não governamentais de portadores de deficiência visual que apoiem e aperfeiçoem os serviços de suas bibliotecas.

Que seja realizado um convênio entre o Programa de Intercâmbio UFPB/Illinois Department of Rehabilitation Services.

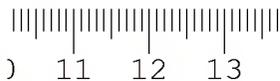
Enviar ao Congresso Nacional a alteração da Lei ordinária nº 5980 de 14/12/73, que trata dos direitos autorais, autorizando a transcrição das obras literárias para o Braille e a distribuição pelas instituições sem fins lucrativos produtoras desta modalidade de impressão.



RELATÓRIO FINAL DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE



Digitalizado
gentilmente por:



Realizou-se o I Seminário Nacional de Bibliotecas Braille - I SENABRAILLE no período de 18 a 20 de outubro de 1995 no Centro de Convenções do Hotel Tambaú, João Pessoa - Paraíba.

Tema: Bibliotecas Braille: Os desafios do século XXI

A Sessão de abertura contou com as presenças de:

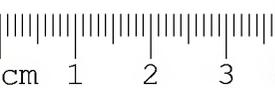
- Professora Carmen Isabel Ribeiro Silva, Sub-Secretária de Educação, representando o Governador do Estado, sua Excia. José Maranhão e o Secretário da Educação e Cultura, Prof. Iveraldo Lucena. A Sub-Secretária de Educação e Cultura trouxe mensagem do Governador e do Secretário ressaltando o interesse de ambos em apoiar as atividades relativas ao deficiente visual e a importância das Bibliotecas Especiais como as mantidas pela Universidade Federal da Paraíba.

- Professor Jáder Nunes de Oliveira, representando o Magnífico Reitor da Universidade Federal da Paraíba, Prof. Neroaldo Pontes de Azevedo. O Professor Jáder Nunes de Oliveira discorreu sobre a importância da realização do Seminário na Paraíba e abordou a dificuldade de acesso de alunos à Universidade, em especial, dos alunos com deficiência visual. Ressaltou o perfil da Biblioteca Braille na Universidade e o papel que presta aos deficientes visuais no Estado.

- O Diretor de Ação Social da FAE - Federação de Assistência ao Estudante de Brasília, Dr. Fernando Barreiros, discorreu o papel da FAE no apoio complementar às atividades de ensino e aquisição de livros didáticos. Ressaltou a importância de trabalhar em conjunto com as entidades voltadas para o deficiente visual na produção de livros em Braille e fitas gravadas.

- A Professora e Jornalista da Universidade Federal da Paraíba, Joana Belarmino, discorreu sobre o Estado da Paraíba dentro do cenário geopolítico brasileiro. Enfatizou o acesso de deficientes visuais aos altos escalões da sociedade civil organizada. Ressaltou a necessidade de modernização dos produtos em Braille e a maior participação dos deficientes visuais na produção de livros em Braille ou falados para os portadores de deficiência visual.

- A Presidenta do I SENABRAILLE, Marília Mesquita Guedes Pereira deu as boas vindas aos participantes, falou da importância da realização pela primeira vez no Brasil de tal evento, onde seriam



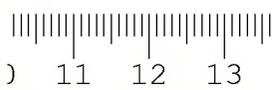
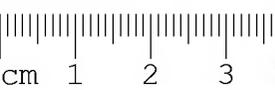
discutidos os problemas referentes aos serviços de Bibliotecas para portadores de deficiência visual, a troca de experiência e a sedimentação de ações que venham otimizar as Bibliotecas Braille, com os desafios do século XXI. Enfatizou que há necessidade de se fomentar uma política nacional para o portador de deficiência visual. Destacou que a Biblioteca Braille tem o compromisso social de mostrar à comunidade sua importância como elo aglutinador dos programas de ensino, pesquisa e extensão e seu compromisso natural com a informação, a cultura e o lazer. Deve, portanto, o bibliotecário ser o elemento vivo no processo de democratização do país. É ele o elemento mediador e catalizador de diálogo da ação biblioterapêutica. Finalizou afirmando ser a informação "direito de todos".

- A relatora, Elizabet Maria Ramos de Carvalho, como Presidente de Mesa, abordou a função do Bibliotecário no atual contexto informacional brasileiro, que deve ser livre, aberto, democrático, possibilitando a formação de massa crítica e ativa e ainda a efetiva participação de todos os segmentos da sociedade e de todo tipo de usuários.

Após o encerramento foi apresentado o Vídeo do Centro Cultural de São Paulo da Biblioteca Braille.

Na sessão da tarde do primeiro dia foi proferida a Conferência "Diagnóstico Preliminar das Bibliotecas e/ou Setores Braille" pela senhora May Brooking Negrão, Vice-Presidente do I SENABRILLE e Assessora do Escritório Regional da IFLA para América Latina e Caribe. Discorreu sobre a Metodologia de aplicação e tabulação de questionário para o levantamento dos dados e analisou alguns aspectos importantes do levantamento, a saber:

- Existência de duplicidade de esforços.
- Falta de órgãos coordenadores a nível nacional, estadual e local.
- A inexistência de Catálogo Coletivo Nacional de obras em Braille.
- Realidade das Bibliotecas Braille, algumas não possuindo sequer máquinas de datilografia Braille para fazer seus cadastros.
- Falta de registro de frequência, cadastro de usuário.



- Baixo índice de empréstimo inter bibliotecas Braille.
- Ausência de estatística.

Finalizou sua exposição nomeando alguns pontos de reflexão que fazem parte do elenco de recomendações deste Seminário.

O Dr. Francisco Sérgio Menezes Lucena, Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos da Paraíba, esclareceu sobre a franquia postal e procedimentos para sua utilização, divulgando assim a isenção de taxas de correio para a remessa de livros em Braille.

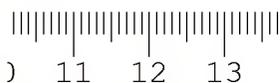
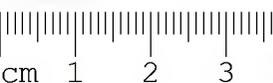
Dia 19/10

Mesa Redonda - Novas Tecnologias (uso de computadores para os portadores de deficiência visual)

- O primeiro conferencista foi José Valter Arcaño Ponte. O mesmo discorreu sobre a RENDE - Rede Nacional de Comunicação entre Portadores de Deficiência, um projeto coordenado pela Universidade de São Paulo, através da CECAE - Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais, inserido no âmbito do Programa de Cooperação Universidade-Comunidade. É uma rede eletrônica de Comunicação e Informação de / para portadores de deficiências. A RENDE dissemina informações sobre todas as deficiências, sendo um fórum privilegiado de discussão para os portadores de deficiências e seus familiares, profissionais da área e o poder público. Atualmente a RENDE dispõe de base de informações com aproximadamente 3.000 registros bibliográficos, contendo os localizadores, índice por palavras-chaves e resumos abrangendo todas deficiências, com publicações em português, espanhol, francês e inglês de diversos países.

A RENDE tem mapeado centenas de endereços eletrônicos na Internet, estando apta a realizar pesquisa sobre qualquer domínio ligado à deficiências. Dissemina a Mensagem de Agência do Estado de São Paulo. Possui Núcleo de Demonstração DOSVOX, Letra VOX e Disco VOX.

Distribuí formulário de solicitação de adesão a RENDE. Os usuários têm como obrigação arcar com os custos de comunicação e se comprometer a não cobrar pelo acesso das informações disponíveis pela Rede.



• A segunda palestrante da Mesa Redonda foi Raimunda Miguelina Alves Slexa da Faculdade da Educação da USP, Disque-Braille. Este serviço se propõe a atender consultas por telefone, correspondência ou pessoalmente para localização de informações bibliográficas dos acervos das bibliotecas e instituições da cidade de São Paulo, através de uma Central automatizada. Discorreu sobre a sua implantação e, instituições participantes, esclarecendo que possui 1600 informações sobre obras em Braille e livros falados. Citou as consultas mais comuns: instituições que trabalham com deficientes, equipamentos e treinamento (Cursos e Escolas). Demonstrou a importância de integração Biblioteca Pública X Comunidade.

A terceira exposição foi a do Prof. Eduardo José Henrique da Silva sobre o Videotexto no Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba.

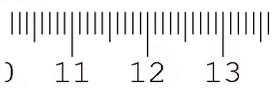
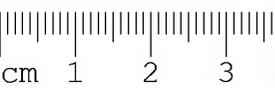
Expôs sobre as facilidades do sistema Videotexto, desenvolvido na França, pelo Minitel, sua tecnologia e aplicação práticas, ressaltando as facilidades de implantação e consulta por não serem necessários conhecimentos específicos de computação para sua utilização.

Nomeou as Instituições que utilizam o Videotexto no Brasil e o estímulo da Embaixada da França para educação à distância, e o convênio com a TELEBRÁS.

Apresentou um novo aparelho de Videotexto com preço acessível na França, com possibilidade de acoplamento de sintetizador de voz. O Videotexto está sendo implantado como Projeto Piloto no Parque Tecnológico de Campina Grande, Paraíba.

A quarta exposição foi da Professora Maria Cristina Godoy Cruz Felipe - Coordenadora do Serviço de Doação e Biblioteca da Fundação Dorina Nowill de São Paulo sobre a Experiência da Automação da Fundação Dorina Nowill em São Paulo.

Enfaticizou a evolução da Imprensa Braille, hoje computadorizada, desde sua criação em 1946 até a data de hoje. A fundação conta com a Assessoria Técnica do Dr. John M. Gill, Gerente do Departamento Técnico de Pesquisa, Royal National Institute for the Blind, Londres, Inglaterra, para atualizar e aperfeiçoar o sistema de transcrição, tornando-o mais rápido e eficiente através de conversores Braille. A Fundação contou também com o apoio da Imprensa Oficial do Estado na



elaboração de um programa conversor que transforma automaticamente, textos fornecidos pelas Editoras em disquetes, para o sistema Braille, padrão utilizado no Brasil, com a finalidade de produção das matrizes, otimizando o processo de transcrição.

Atualmente a Fundação em colaboração com a SONIX está aprimorando o programa conversor Braille, e continua contando com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo para a manutenção dos equipamentos especiais para a impressão Braille.

Discorreu sobre equipamentos, programas e sistemas de produção de livros Braille e os serviços oferecidos com a nova tecnologia. Apresentou produção e distribuição dos livros em Braille em 1995, compreendendo 51 títulos, 19.382 exemplares, 26.191 volumes, num total de 2.404.154 páginas impressas, obras didáticas e literatura.

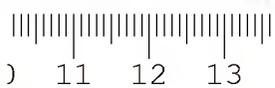
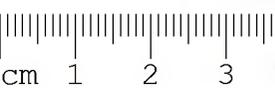
A Fundação Dorina Nowill de São Paulo mantém um cadastro de 660 organizações e um cadastro de 3.580 leitores deficientes visuais.

Abordou como último aspecto a perspectiva para o deficiente visual com as novas tecnologias nomeando o sintetizador de voz, o display Braille, agendas eletrônicas, impressoras Braille, aparelhos conjugados e software aplicados à informática, recursos que possibilitam e facilitam o acesso de pessoa deficiente de visão ao mundo de computação e o acesso a redes remotas.

A Fundação Dorina Nowill grava, em fita cassete, a Revista VEJA, que é distribuída para os usuários semanalmente. O atendimento é para 117 leitores, que recebem em suas residências, as fitas gravadas.

A quinta exposição foi a do professor Luzimar Alvino Sombra, que discorreu sobre a Experiência da Automação no Instituto Benjamin Constant. Apresentou histórico sobre o Instituto, o mais antigo da América Latina, e enfatizou a implantação da automação na Imprensa Braille daquele Instituto, incluindo a aquisição de equipamentos, os problemas enfrentados na instalação, a utilização das máquinas que vieram sem software, a divergência de compatibilidade, formatação e linguagens, tipo de papel necessário para impressão em Braille e outros.

Informou sobre a Lei 9.045 de 18/05/95 que garante o direito de transcrição em Braille dos livros editados no Brasil, sem fins lucrativos. O material gravado (livro gravado) não é coberto pela lei.



Dia 19/10 - Sessão da Tarde

Mesa Redonda: A Biblioterapia como elemento facilitador para a integração do portador de deficiência visual. Conferencista Prof. Garry Bowman, professor do Departamento de Reabilitação e de Serviços de Comunidade, Illinois, Estados Unidos.

Expôs sobre a importância de leitura e a necessidade do conselheiro conhecer bem as obras que indica para os deficientes visuais.

Relatou estudos de casos e abordou as resistências apresentadas pelos pacientes.

Dia 20/10

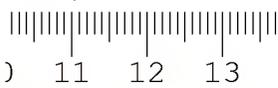
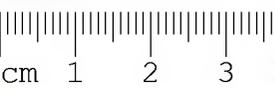
Mesa Redonda: A Importância da informação em Bibliotecas e/ou Setores Braille na luta pela cidadania dos portadores de deficiência visual.

A palestrante Prof^a Joana Belarmino antes de discutir a especificidade da temática contextualizou-o dentro de um fenômeno bem mais amplo: a sociedade industrial e a sua mais nova viagem (a sociedade pós-industrial).

O acesso à informação escrita a partir da invenção e adoção do sistema Braille, essa foi, de fato, a chave que permitiu nos indivíduos cegos uma perspectiva de vida dentro das fronteiras da "normalidade". Essa é a chave que os têm conduzido (em pequeno número, é bem verdade) ao núcleo da sociedade pós-industrial, no contato com sua matéria mais básica e mais importante: a informação.

Depois questionou o que é cidadania. O que é ser cidadão na contemporaneidade? Mostrou que além de todos os direitos que a cidadania envolve ao nível da lei (os direitos civis, os direitos políticos e o amplo capítulo dos direitos sociais), o ser cidadão, na atualidade, envolve ainda o direito de se poder influir livremente na informação, matéria mais básica e mais importante das sociedades moderna, complexas em seu mais recente desenvolvimento.

Para os deficientes visuais, a informação trafegando nessas gigantescas ondas cibernéticas, coloca-se como uma espécie de "primeira visão" da história, da ciência, e da cultura em geral.



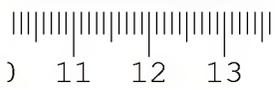
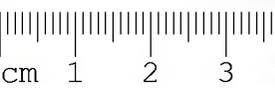
Como debatedor contou-se com a participação do Dr. Jório Machado, Secretário de Cidadania, Justiça e Meio Ambiente da Paraíba. Discorreu sobre "Cidadania, ou seja, como consciência, como indivíduo dos seus direitos e deveres na sociedade".

Comunicou que foi iniciado o Programa Cidadania, na Paraíba, que pretende distribuir de 400 a 500 mil documentos para esclarecer o papel do cidadão no seu Estado. Não se pode chamar de cidadão quem não tem documento, quem não tem saneamento básico, quem não tem emprego. A consciência do cidadão de que tem este direito de que necessita lutar pelas suas conquistas e trabalho que deve ser feito.

Abordou que a tecnologia tem contribuído para evitar a segregação do deficiente visual e que o sistema Braille foi uma revolução para o mundo e a abertura do espaço do deficiente visual na sociedade. Ressaltou o brilhantismo da Prof^ª Joana Belarmino ao expor a sua conferência.

Informou que o Estado da Paraíba está desenvolvendo "Plano de desenvolvimento sustentável" e sugeriu que a Presidente do Seminário encaminhasse projetos para incluir recursos destinados a favorecer os deficientes visuais. Este Projeto deve ser encaminhado à Secretaria de Cidadania para ser incorporado ao Plano.

O segundo debatedor, Senhor Ironides Dias de Barros, da Companhia das Américas, relatou a experiência de sua convivência, quando garoto, com uma tia que era cega desde os 5 anos de idade. Ela não usufruiu do direito de dizer que era cega e se como possuindo visão normal e não discutia o seu problema. Ela se destacava sob muitos aspectos quando ela mudou-se para uma nova casa questionava porque da instalação da energia elétrica. Fazia cálculos de memória com extrema facilidade, dizia o dia da semana e qualquer data, as fases da lua, identificava as pessoas com maior facilidade, as roupas e até a cor era identificada. Imaginou quanto esta senhora teria se desenvolvido se contasse com a oportunidade de utilizar os meios de comunicações atuais para deficientes visuais. Daí ver o crime que cometem as autoridades de não cuidar dos portadores de deficiência, que possuem um potencial enorme. O debatedor relatou que colaborou nos primeiros estudos da Fundação de Portadores de Deficiência - FUNAD. Como engenheiro discutiu o projeto e trouxe em 1989 um especialista em Educação



Especial dos EUA, Dr. Briggs. Realizou, naquela ocasião, um Seminário e ficou surpreso com a existência de 15 instituições que cuidavam de portadores de deficiência no Estado. Foi feito um levantamento das necessidades dessas instituições para servir como subsídio para a Fundação (FUNAD) que congrega as políticas públicas do Estado (Saúde, educação e profissionalização dos portadores de deficiências).

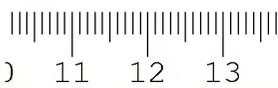
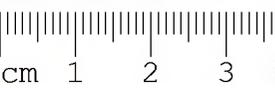
O outro debatedor - Rubens Nóbrega, Jornalista, Assessor de Comunicação Social da UFPB, afirmou que o Estado da Paraíba deveria prover as necessidades do deficiente visual, sem apoio. Concordou com as colocações da conferencista, especialmente no que se refere ao acesso à informação.

A Presidente da mesa, Prof^a Maria Helena Costa de Barros enfatizou que as Universidades dão acesso a todos os indivíduos, entretanto a maioria delas não possui nenhuma estrutura e nem bibliotecas com acervo em Braille para o deficiente visual. Ressaltou a necessidade do envolvimento das Escolas de Biblioteconomia com o problema dos portadores de deficiência visual.

A conferencista Ivani Pires da Silva, Bibliotecária da Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo apresentou a palestra sobre Produção do Livro Infante-Juvenil relatando experiências pessoais e que o trabalho vem sendo utilizado desde 1991 com ilustração em relevo dos livros infantis. Demonstrou que existe interesse e demanda desses livros ilustrados de usuários das pré-escolas e 1^a série. Abordou que em 1991 foi lançada a coleção de livros infantis em relevo. Manhã de autógrafos e o entusiasmo das crianças cegas foi total. O acesso de coleção ilustrada produzida pela Biblioteca consta de 27 títulos. Possui também 21 títulos de obras infantis com ilustração em relevo pontilhado doado pela Fundação Dorina Nowill para cegos. Sempre que possível é feita a transcrição do texto em Braille.

Concluindo, afirmou que há um resultado bastante significativo em relevo de livros infantis e sugeriu que o caminho a seguir é explorar ao máximo o recurso de estimulação tátil.

A professora Elôra de Souza Leão Andrade, conferencista, discorreu sobre a sua experiência no Clube da Boa Leitura, no Rio de Janeiro, enfatizando que foi fundado por um cego aposentado do Instituto Benjamin Constant.



É uma entidade sem fins lucrativos, não possuindo taxa de inscrição, sendo mantida por um grupo de colaboradores possuindo um total de 2.256 fitas gravadas. O clube dispõe de poucas obras didáticas, mas oferece seus préstimos para fazê-lo.

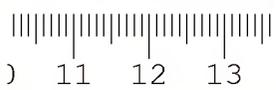
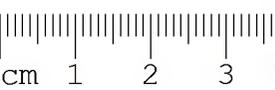
Já a bibliotecária Marília Mesquita Guedes Pereira relatou todo o trabalho que vem fazendo junto ao Serviço Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. Fez toda uma retrospectiva das atividades em Braille oferecidas à comunidade universitária e/ou local.

A Professora Marilene Ribeiro dos Santos, Secretária de Educação Especial do MEC na sua palestra sobre "Instituições Governamentais: Política de fomento para Bibliotecas e/ou Setores Braille" enfatizou que a missão da Secretaria de Educação Especial do MEC que coordena é garantir a educação especial a todos os portadores de deficiência, mostrando que a política do MEC compreende sete linhas de ação.

Abordou que apesar dos avanços conseguidos nos últimos anos, constata-se que existe falta de livro didático em Braille, de literatura e demais impressos no sistema Braille, e, também, a escassez de serviços de apoio pedagógico e de Bibliotecas Braille em todos os Estados do País. Entretanto a SEESP-MEC vem implementando uma série de medidas para minimizá-los, tais como:

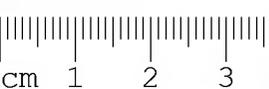
- A inclusão desse alunado no Programa de Material Didático da FAE - Fundação de Assistência ao Estudante, com a concessão de kits de materiais didáticos. Esses kits são compostos de bengala, sorobã, reglete, punção, assinador e papel Braille, beneficiando aos alunos de 1ª a 4ª séries. A meta é atingir 100% dos alunos atendidos pelo sistema educacional brasileiro.
- A criação de Centros de Apoio ao Deficiente Visual em cada unidade da Federação.

Além dessas ações a Profª Marilene Ribeiro dos Santos enfatizou que o Ministério de Educação e Desportos através do FNDE e da FAE poderá apoiar não só projetos de ação comunitária, como também projetos oriundos das unidades federadas, objetivando a implantação de Setores Braille nas bibliotecas escolares, universitárias ou comunitárias.

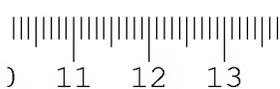


Finalizando, ressaltou o imenso prazer de estar participando do Seminário, dando ênfase para o pleno sucesso.

Após a Conferência da Prof^a Marilene Ribeiro dos Santos foi apresentada pela Presidenta do I Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, Marília Mesquita Guedes Pereira as recomendações aprovadas na Sessão Plenária de encerramento do I SENABRAILLE.



Digitalizado
gentilmente por:



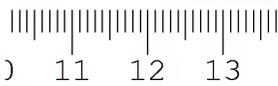
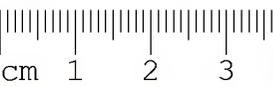
Esta publicação é fruto do nosso trabalho à frente da SUB-COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS BRAILLE, subordinada à Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas da FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.

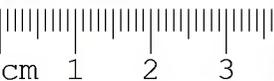
SUB-COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS BRAILLE

*Presidente: Marília Mesquita Guedes Pereira
Vice-Presidente: Raimunda Miguelina Alves Flexa
Secretária: Maria de Fátima Costa
Tesouraria: Gláucia Silveira Silva
Consultoria: José Elias Barbosa Borges
May Brooking Negrão
Roseli Cecília Rocha de Carvalho Bonmel
Ana Maria Gonçalves dos Santos Pereira*

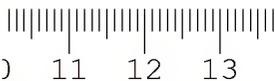
ENDEREÇO:

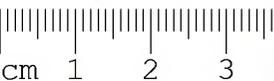
*Universidade Federal da Paraíba
Biblioteca Central
Divisão de Serviço ao Usuário
Seção de Coleções Especiais
Serviço Braille
Cidade Universitária
CEP 58.051.900 - João Pessoa - Paraíba
Telefone: (083) 216-7101
Marília@bc.biblioteca.ufpb.br*



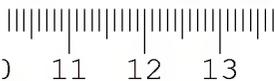


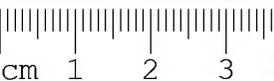
0 1 2 3
Digitalizado
gentilmente por:



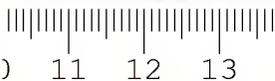


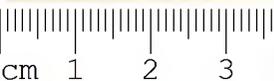
**Digitalizado
gentilmente por:**



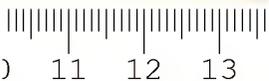


Digitalizado
gentilmente por:



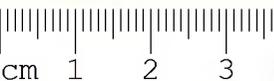


Digitalizado
gentilmente por:





UFPB/Editora Universitária



Digitalizado
gentilmente por:

